

ARIANE FONSECA

TODAS AS
mentiras
QUE CONTEI



TODAS AS
mentiras
QUE CONTEI

Copyright @2024 por Ariane Fonseca.

Capa: MRyu designer

Foto: Depositphotos

Diagramação: Ariane Fonseca

Ilustrações: @lobitchan_real / @julio_drawn_arts / @iranzinartz

Revisão: Barbara Pinheiro

Betagem: Danielle Barreto, Daisy Capistrano, Elida da Silva e Pollyana
Fonseca

Site da autora: www.autoraarianefonseca.com.br

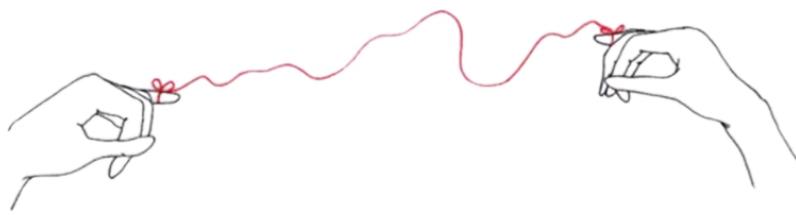
Esta obra segue as regras do Novo Acordo Ortográfico.

Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com nomes, datas e
acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

É proibido o armazenamento e/ou reprodução de qualquer parte desta obra
através de quaisquer meios sem o consentimento da autora.

A violação autoral é crime, previsto na lei nº 9.610/98, com aplicação legal
pelo artigo 184 do Código Penal.



Para você que tem uma grande história de amor sem ponto final. Se for para ser (saudável e verdadeiro), não importa o tempo que passa ou as circunstâncias que tentam separá-los, o destino sempre dará um jeito de se unirem novamente.

Nem todas as verdades são para todos os ouvidos,
nem todas as mentiras podem ser reconhecidas como tais.

Umberto Eco

SUMÁRIO

[Nota da autora](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Epílogo](#)

[Bônus](#)

[Agradecimentos](#)

[Quem sou](#)





Se este é o primeiro livro meu que você está lendo, seja bem-vinda ao Ariverso! Espero que goste e continue comigo. Se já leu outras obras minhas, obrigada por voltar. Significa muito o carinho de vocês com meus personagens.

“Todas as mentiras que contei” é um enredo antigo, que ronda a minha cabeça desde 2022 (a data das músicas na [playlist do Spotify](#) não me deixa mentir). Acabei juntando a ideia inicial, com outra também na fila de espera, e, nossa, que aventura incrível!

Eu amei dar vida à Hazel e ao Eduardo, tomara que vocês sintam tudo que eu senti escrevendo. Este enredo me trouxe uma empolgação e um friozinho na barriga como há muito tempo não acontecia.

Aqui temos personagens fora do padrão comum da Amazon, mas igualmente apaixonantes. Eles viveram um sentimento intenso na adolescência, e agora, 18 anos depois, ambos com cerca de 35, terão a chance de recomeçar o que ficou perdido no passado.

Para melhor compreensão, aviso que os pequenos trechos antes do nome do personagem do capítulo, fazem parte de cartas escritas por Eduardo na prisão e nunca enviadas à sua amada.

Gatilhos: luto, abuso de álcool, relação tóxica familiar, amaxofobia (medo irracional de conduzir ou de estar dentro de um veículo) e uma cena sensível de gordofobia (preconceito contra corpos gordos).

Boa leitura!

Com carinho,
Ariane Fonseca



“Espero que meus pais perdoem minha sinceridade, mas descobri que a dor de perder alguém pra vida é ainda pior do que perder pra morte.”

Trecho da carta nº 1

*Eduardo Barrett
Passado*

A garota que eu amo vai se casar e a porra do sortudo no altar não sou eu.

Fecho os dedos em punho, soltando o ar bruscamente pela boca, na vã tentativa de me acalmar. Meu corpo queima desesperado para cruzar o gramado enorme à minha frente e deixar bem claro para o noivo que, se ele a machucar, eu vou acabar com sua vida miserável.

Só que não posso fazer isso, não tenho esse direito. Não quando eu fui o responsável por feri-la tão profundamente e o filho da puta esteve ao seu lado o tempo inteiro.

Caleb nunca escondeu para ninguém que a queria, desde o maldito dia que o conheci. Mesmo sedento para socar a sua cara, e não confiando que o seu sentimento chega perto do meu, preciso engolir o meu ciúme e aceitar essa merda.

Haz merece ser feliz.

A pontada no meu peito, pela constatação de que não posso ser essa pessoa para ela, faz minha boca salivar de vontade de apagar toda essa dor. Enfio uma das mãos trêmulas no bolso da calça jeans surrada e seguro firme minha ficha de sobriedade.

Não posso ir por esse caminho. Principalmente, não depois de vê-la e saber que perdi a chance de estar no altar por causa do álcool e da minha irresponsabilidade.

Evite o primeiro gole.

Só por hoje...

O som de violino arrepia minha coluna e eu pisco duas vezes, mudando o foco dos meus dedos agarrando a ficha para o final da fileira de cadeiras onde todos os convidados viram a cabeça para olhar.

Por trás de um biombo branco de madeira, a garota que não sai dos meus pensamentos, por mais que eu me esforce para expulsá-la, surge no meu campo de visão.

A adrenalina da raiva rapidamente perde o seu lugar e entra em cena aquela energia do caralho que faz meu sangue correr mais rápido pelas veias e meu coração socar no peito de tão forte.

Meu corpo queima ainda mais intenso, só que agora por um motivo totalmente diferente. Fixo o olhar no tecido branco contornando suas curvas e subo até os fios ruivos que caem nas costas em cascata.

Haz está deslumbrante vestida de noiva.

A essa distância, não consigo enxergar se suas lindas sardas estão à mostra, mas a visão mental delas é tão vívida no meu cérebro querecio cada uma.

Quando ela sorri para uma criança que passa saltitante ao seu lado, e a pequena joga pétalas de rosas no gramado, é como se eu recebesse um soco no estômago. A realidade faz um bolo se alojar na minha garganta e um filme passar na minha cabeça.

As duas são idênticas; o mesmo formato do rosto, o mesmo ruivo, o mesmo sorriso. Se eu não soubesse que teve uma filha enquanto estive fora, não teria dúvidas ao vê-las juntas neste momento.

Muitas coisas aconteceram nos três anos que fiquei preso e nos últimos meses que tentei me manter distante desde que fui solto. Eu queria

que nossa história tivesse sido diferente para ser eu o cara que vai segurar sua mão e dizer “sim” em instantes.

Eu daria tudo para que essa fosse a nossa família.

— Já passou cinco minutos. — A mão firme que toca meu ombro não me faz perder o foco dela. Eu queria tanto, tanto, poder mudar nosso passado. — Está na hora de ir.

— Só mais...

— Não! — Tuck nega antes mesmo que eu termine a frase, me forçando a virar para ele e encarar seus olhos cansados atrás da armação de óculos desgastada. — A gente nem deveria estar aqui. Você prometeu que seria cinco minutos e nada mais. Se alguém te pega, isso vai virar um pandemônio.

Não quero mais nenhuma confusão, principalmente, porque Haz precisa de paz. Também não quero causar preocupação no Tuck, ele já está velho demais para tanta dor de cabeça comigo.

— Você está certo, vamos embora.

— Nós vamos pra valer, Edu — ele diz sério, me fazendo engolir em seco a bola ainda alojada na minha garganta. — Já conversamos sobre isso e reforço pela última vez. Você não pode mais ficar à espreita acompanhando a vida dessa garota, seja de longe ou de perto. Sabe que isso não tem volta, precisa seguir em frente!

Eu sei. O sensato é sumir daqui e tentar seguir minha vida mesmo que grande parte de mim nunca mais seja a mesma. O foda é fazer meu peito sufocado entender isso. Cada partícula do meu organismo não quer dizer o adeus definitivo.

Olho mais uma vez para Haz, fazendo meus batimentos dispararem de novo, e inspiro fundo registrando um pouco mais dela na minha mente. Isso é o máximo que poderei ter.

Uma lembrança.

Sinto os olhos embaçarem e desvio o foco antes que faça alguma merda que eu vá me arrepender depois. Já causei sofrimento demais, tenho que ir antes que atravesse este gramado ou acabe tão machucado com essa visão que não resista a beber.

Viro de costas, esbarro no Tuck e caminho a passos largos o mais rápido que consigo – o mais longe possível dela.

Meu coração fodido precisa aceitar que Hazel Waters não é minha. Nunca foi, na verdade; nem nunca será. Seu único sentimento para a história que vivemos é ódio. E é melhor que fique assim para o seu próprio bem.



“Não tenho direito de te pedir nada, só que mesmo assim, no silêncio da minha cela, eu peço todos os dias que um dia possa me perdoar.”

Trecho da carta nº 6

Hazel Waters
Presente

Deixo o trigo e o cacau em pó na bancada junto com os demais ingredientes que já separei, e quando retorno para o armário a fim de procurar o fermento, percebo que está vencido há seis meses.

Em pensar que antes um recipiente não durava uma semana... eu amava fazer bolos em cada momento vago do dia e presentear toda vizinhança com os mais variados sabores.

Faz tanto tempo dessa antiga Hazel que parece outra vida.

Atualmente, só vou para a cozinha em duas datas específicas: no aniversário da minha filha e no aniversário da minha irmã caçula. Somente elas, com seus olhos pidões, conseguem me fazer abrir exceções.

Embora a dor de fazer isso tenha diminuído com o passar dos anos, a confeitoraria perdeu o sentido para mim. Prefiro me ocupar de outras formas, é como se meu cérebro insistisse que é errado me sentir bem entre os utensílios e os ingredientes.

Jogo o fermento vencido no lixo e sigo pelos corredores de casa procurando pela Margot. Logo a encontro na sala, em cima de uma escada enorme, limpando os vidros das amplas janelas de madeira.

— Por que você está mexendo com isso de novo? — pergunto, parando no pé da escada e olhando para cima. — Já não tinha feito faxina dos vidros no começo do mês?

— O senhor Brydges pediu pra dar uma geral minuciosa na casa inteira.

Ah, merda, quando meu marido faz isso é porque vamos receber a visita dos seus pais. Deve ser por esse motivo que está estranho nos últimos dias, mais nervoso e agitado do que o normal. Ele nem costuma me avisar com antecedência porque sabe que meu humor muda drasticamente. É insuportável lidar com a interação deles.

Caleb fica o tempo inteiro querendo fingir perfeição para impressioná-los, e o meu sogro arruma desculpa a cada minuto que está presente para criticar algo ou compará-lo com os irmãos mais velhos.

Os Brydges são conhecidos em todo Estado na área de agricultura e pecuária. Possuem três fazendas, que hoje em dia são administradas pela quarta geração da família. Esta onde moramos é a menor das propriedades, com plantação de citros. Há outra só focada em algodão, que se expandiu para o dobro do tamanho na última década; e uma terceira milionária que é do filho mais velho, e o grande exemplo a ser seguido, focado na produção de leite e carne.

Caleb quer tanto se destacar que com frequência mete os pés pelas mãos e comete erros graves. A última, e o motivo pelo qual o seu pai provavelmente vem aqui, é ter comprado produtos de qualidade inferior que ajudaram na proliferação de uma praga na nova safra.

O negócio já estava com algumas dificuldades financeiras e agora vai ficar ainda pior. Serão, com certeza, dias infernais pela frente.

— Você precisa de algo senho... Hazel? — Eu tive que insistir muito para ela me chamar pelo primeiro nome, odeio essas formalidades que o Caleb insiste em manter com os funcionários.

— Eu ia pedir pra você ir no mercado comprar fermento. Vou fazer um bolinho de chocolate com mousse de menta pra gente comer mais tarde com a Naomi. Mas pode deixar que eu mesma vou.

— Tem certeza? Eu posso parar aqui sem problemas. — Ela tenta descer da escada e eu faço um sinal com a mão para que fique no lugar. — Quer que eu veja se alguém lá fora consegue dar um pulinho, então?

Margot sabe que saio pouco da fazenda. Quando não estou aqui, no máximo vou visitar a Annie ou o meu pai. Se o pessoal não estivesse tão ocupado tentando combater a praga a fim de não atrapalhar ainda mais a colheita, eu até pediria mesmo.

— Todos vocês estão muito ocupados, eu vou rapidinho e volto antes da Naomi acordar.

Minha filha está aproveitando as férias de verão e não levanta cedo de jeito nenhum. Ela está irritada com todos nós e evita ficar por perto. Principalmente, com o pai e os avôs que foram categóricos em recusar que se mudasse para Phoenix a fim de concluir o último ano do Ensino Médio.

A treinadora do time de futebol feminino da sua escola conseguiu emprego em uma instituição muito melhor na capital e insistiu que Naomi se transferisse para aperfeiçoar sua técnica. Segundo a professora, há uma grande chance de bolsa universitária se for para uma equipe maior. Minha garotinha tem talento com a bola, tenho que admitir.

O motivo da negativa dos homens da família é porque querem forçá-la gostar da fazenda para assumir os negócios no futuro, assim como suas primas têm feito e orgulhado os Brydges na área administrativa. Sem contar que consideram que esporte no geral não é uma profissão, muito menos, “coisa de mulher” – sendo que somos o país que mais investe no futebol feminino no mundo. Meu pai, que sempre quis que eu ficasse com Caleb por status social, acha um absurdo a neta não honrar seu legado.

Quando era menor, Naomi amava sair correndo pela propriedade com um cestinho para colher limões e laranjas. Só que isso rapidamente mudou assim que conheceu a bola. Não quero que desista dos seus sonhos, mas também não consegui nem dormir por uma semana imaginando-a sozinha em Phoenix.

A pequena Sedona, onde vivi a minha vida inteira e a criei, tem pouco mais de dez mil habitantes. É pacata e segura, mesmo que hoje em dia muitos turistas venham contemplar a beleza da natureza e seu

misticismo. Já a capital do Arizona é a quinta cidade mais populosa dos Estados Unidos; morro de medo de algo acontecer sem ninguém por perto.

É muito fácil se deixar envolver pela pessoa errada – sei com propriedade dessa merda. Minha filha pode se viciar em álcool ou em drogas; pode se colocar em risco iminente.

Puxo ar pelo nariz, esfregando a mão suada no jeans enquanto pego minha bolsa no aparador da sala e saio até o jardim. Eu não... meu Deus! Não consigo nem imaginar algo de ruim acontecendo ou a história se repetindo.

Parece que foi ontem que ela nasceu e hoje já está completando 17 anos. Sua chegada foi inesperada, em uma época conturbada da minha vida. Me arrependo de como e quando aconteceu a gestação, nenhuma garota no fim dos 16 está pronta para essa notícia, e muito menos dar à luz com 17, contudo, é impossível me arrepender dela.

Apesar de todas as dificuldades e da maturidade precoce que precisei adquirir na marra para lidar com tudo, Naomi é, sem dúvida, a melhor parte de mim.

— Bom dia, Bruce! — cumprimento, assim que avisto o funcionário perto da garagem. — Se você vir o Caleb por aí, avisa que fui no mercadinho e já volto, por favor?

— Bom dia, Hazel! Claro, aviso, sim. — Eu o ajudo com as questões administrativas da fazenda e a cada cinco minutos vem me perguntar algo. — Capaz que o encontre na porteira, agora há pouco o vi do pomar conversando com um casal na entrada da propriedade.

Aceno em agradecimento e entro na garagem aberta, seguindo direto para o fundo onde pego minha bicicleta que está espremida entre ferramentas velhas. Para a confeitaria, eu até consegui voltar vez ou outra sem ter uma crise de ansiedade, agora dirigir... estou com 34 anos e sequer tolero entrar em um carro. Alguns traumas nos marcam tanto que nem o tempo é capaz de curar.

Balanço a cabeça, afastando os pensamentos antes que viajem para onde fujo a todo custo.

Focada no presente, pedalo pelo gramado e passo pela porteira sem encontrar Caleb. Vejo que tem um veículo diferente estacionado meio torto por ali, mas não há ninguém por perto. Mal sigo o caminho, tentando aproveitar a paisagem linda com pinheiros verdejantes por toda parte, e me deparo com vozes alteradas e três pessoas discutindo no meio das árvores; bem próximo da estrada de terra.

Meu marido é uma delas, e está com um cara mais alto e forte estufando o peito na sua cara. Que droga está acontecendo agora?

Diminuo a velocidade para escutar melhor o que estão conversando; todos estão tão concentrados no momento que não reparam que tem alguém se aproximando. Caleb deve ter vindo andando até aqui para não chamar a atenção dos funcionários, normalmente este caminho é bem vazio e só usado por nós.

— Se eu fosse você, não continuava negando na minha cara, seu filho da puta — o careca mal-encarado esbraveja. — Se não assumir a merda que fez por bem, eu vou garantir que faça por mal.

— Deve ter dado algo errado, é impo... impossível isso ser verdade.
— É visível o tom de nervosismo na resposta. — Temos que fazer de novo!

— Não tem como dar resultado errado — a mulher se intromete, irritada. Reparo no seu rosto e não parece tão mais velha que a Naomi a essa distância. — Pare de arrumar outras desculpas e pague logo os 100 mil.

Franzo o cenho, parando a bicicleta de vez. Meu Deus, por que Caleb está devendo 100 mil dólares para essas pessoas? É muito dinheiro!

— Eu não... não tenho essa quantia agora, George. Mas posso... posso bancar o procedimento, por ora.

— Foda-se de onde vai tirar, e eu já disse que ela não vai fazer um aborto! — *Aborto*. A palavra ecoa no meu cérebro, me deixando boquiaberta.

Fico tão atônita com o que o homem diz que o guidão escorrega da minha mão e acaba fazendo barulho quando a bicicleta cai, chamando a

atenção dos três. Caleb é o primeiro a olhar na minha direção, completamente pálido.

— Hazel, eu posso explicar, querida! Não... não é o que você está pensando.

Ele tenta vir até mim, no entanto, é barrado com um tapa no seu peito. Meus olhos vão diretamente para a barriga da garota. Não está grande, mas dá para notar que está grávida.

Grávida do meu marido?!

— Suponho que você seja a esposa trouxa desse imbecil. É bom que esteja aqui e conheça seu marido de verdade. Vai me poupar o trabalho de invadir sua propriedade e ir atrás de você pra fazê-lo pagar o que deve à minha irmã.

— Não mete a minha mulher nisso, eu vou resolver — Caleb pede e vejo suas mãos trêmulas tentando afastar as do cara do seu peito. — Vai pra casa, Hazel, depois a gente conversa.

— O que está acontecendo aqui? — Minha voz sai menos firme do que gostaria. Acho que ainda estou em choque com essa descoberta totalmente inesperada.

Ignorando o pedido do meu marido, saio de perto da bicicleta caída dando um passo para frente.

— Vai pra casa, por favor, eu juro que vou explicar tudo — tenta de novo.

Dou mais um passo, meu olhar varrendo os três rostos como um jogo de pingue-pongue.

— Pega seu telefone, me faz a transferência aqui mesmo que eu deixo a merda pra você resolver. Senão...

— Eu não tenho tudo isso na conta disponível pra saque assim, George. Juro que...

— Seu marido trepou com a minha irmã de 22 anos e a engravidou — o homem me diz secamente, fazendo Caleb alcançar um tom mais

branco de palidez. Prendo a respiração, imóvel, mesmo que meu cérebro já tenha assimilado essa possibilidade. — E ela não é a primeira que ele te trai, não. Desde que começou a frequentar a *Lucky bet* sempre desfila com uma diferente.

— *Lucky bet?* — checo para ver se entendi direito. — A rede de cassinos?

— Essa mesmo! Seu marido vai até Prescott todo mês pra apostar há, no mínimo, uns sete anos.

O tal George explica que é segurança antigo do cassino, por isso, o conhece há tanto tempo, mas meu cérebro vai longe pensando em todas as vezes que Caleb viajou alegando fechar novas parcerias de venda das frutas produzidas na fazenda.

Ele nunca gostou desse contato direto com clientes e, de repente, começou a fazer questão de ir pessoalmente. Achei que era mais uma das competições com seus irmãos, que são bons nesse quesito.

Pelo jeito, achei muito errado.

Os problemas financeiros que temos passado não são somente por causa das burradas que ele cometeu no trabalho e, sim, porque também está desperdiçando dinheiro com apostas.

Bufo, passando a mão no cabelo para tentar me manter calma.

— Minha irmã acabou de se formar e voltou pra cidade caindo na lábia do imbecil sem que eu soubesse. Queremos os 100 mil dólares pra garantir os primeiros cuidados com a criança.

Sabe-se Deus se realmente não sabia de nada ou se armaram um golpe da barriga juntos – voto na última opção. O que é uma certeza é o fato que esse valor não vai parar aqui. “Primeiros cuidados” é um indício claro. Só com o parto gastarão cerca de 15 mil. Os dois vão usar a criança para explorar um ganho fácil, nenhum deles tem cara de santo.

— Fiz o teste de DNA com 12 semanas e foi confirmado a paternidade ontem — a garota volta a falar, apontando um envelope na minha direção. Deve ser por causa do teste e da espera do resultado que

Caleb estava tão esquisito nos últimos dias. — Se não me derem o que pedi, eu vou acabar com a reputação dos Brydges na mídia. Sei muito bem o quanto a família é discreta e vai odiar essa exposição.

— Não façam isso! Eu vou pagar, vou... vou resolver tudo! — o idiota do meu marido exclama, desesperado.

É claro que ele jamais vai deixar a sua família saber. O imbecil prefere se deixar levar pela ameaça para manter as aparências. O certo seria assumir a criança e lhe dar a atenção devida como o outro filho que ele tanto insistiu para ter. Apesar de amar Naomi profundamente, nunca tive a intenção de ter mais e deixei isso muito claro desde o início, para o desgosto do meu pai que queria que eu fosse uma parideira. Especialmente, com netos homens.

— Você tem cinco dias pra resolver, se até o fim de semana não tiver meu dinheiro, já era sua preciosa reputação. Acredite, não vai querer me ter como inimigo.

Merda, se ele desse um soco no Caleb capaz que o desmontasse inteiro. Seu olhar é frio como gelo. Sem dizer mais nada, o cara pega na mão da garota e os dois saem pela estrada nos deixando sozinhos entre os arbustos.

— Hazel, não é nada do jeito que ele falou. — Meu olhar se desvia para frente assim que a voz aflita me atinge. — Eu não tive muitas mulheres, foi só essa. E uma vez! Tem festas na casa e nunca vou, só que nesse dia estava injuriado com os problemas da fazenda, bebi demais e acabei...

— Me poupe desse discurso, Caleb — corto-o antes que continue gastando saliva à toa.

— Eu juro! Ainda acho que esse teste é um golpe, quero fazer de novo, é impossível que uma vez...

— É claro que é possível, não seja mais burro do que foi e está sendo.

Normalmente, uma mulher quando descobre uma traição fica arrasada ou puta da vida por ter sido enganada. Estou mais irritada com o fato dele ter fingido trabalhar enquanto gastava dinheiro com um vício que pode se tornar perigoso, não só para ele, como para todos nós.

George pode ser violento na gana por mais dinheiro. A fazenda pode ficar em risco e temos dezenas de funcionários que dependem dela para sobreviver.

— Não conta para o meu pai — apela, apressando o passo até mim, quando percebe que não vai adiantar tentar me enrolar. — Eu faço tudo que for preciso pra você me perdoar e manter isso em segredo.

— Era só o que me faltava! — brado, descrente com sua cara de pau.

Não aguento e acabo soltando um sorriso sarcástico, que o faz me observar impaciente.

— Quem vê pensa que eu sou o amor da sua vida e você está desolada...

— Não ouse jogar isso na minha cara quando o errado é você. — Dou um passo para trás, séria, mantendo distância dele.

Eu nunca amei Caleb, e ele sabe disso assim como o meu desejo de não ter mais filhos. Fui sincera todas as vezes que me pediu em casamento desde que descobrimos a gravidez. Estava tão reticente de aceitar que demorei anos para dizer sim.

Ele falou que me amava por nós dois, e apenas ter meu carinho era o suficiente. Não foi uma vida emocionante juntos, mas eu me esforcei para fazer dar certo.

Para variar, homens são todos mentirosos. Eu que sou lerda para perceber suas reais intenções – ou finjo não enxergar porque me é cômodo, o que é pior.

Caleb precisava de uma esposa-troféu para exibir e eu, na época, era o melhor partido da cidade por ser linda e filha de um policial amigo dos seus pais. Nossas famílias tinham história e sobrenome. Sempre nos

empurram um para o outro desde que vinha apenas passar férias de verão em Sedona, antes de se mudar de vez no final da sua adolescência para assumir a fazenda.

— Desculpa, estou nervoso. Não quis dizer isso. — Suas mãos ansiosas esfregam o rosto e depois o cabelo. — Foi apenas sexo, Hazel, eu não quero estragar o que temos por uma diversão passageira e imprudente.

— Não é passageira se já faz anos, Caleb. E ainda gerou uma criança! Sexo não era problema pra nós. — Inclusive, foi um dos principais motivos para a nossa relação ir para frente. Temos química juntos, a adrenalina de uma boa transa fez o tempo passar mais rápido. — Desde que casamos, eu me dediquei a essa família e ao seu negócio. Nunca te traí, você foi meu primeiro e único até agora. Achei que pelo menos respeito tínhamos em recíproco.

Se eu for sincera comigo mesma, faz muito sentido os sete anos que George mencionou. Bate justamente com a época que comecei a engordar e ter dificuldades de manter o corpo que ele tanto apreciava. Quando não atendi mais às suas expectativas, ele foi procurar fora de casa.

Tentei ignorar esses sinais e apenas seguir os dias me aliviando sozinha, no entanto, é uma realidade inquestionável. Era nítido no seu olhar, e na diminuição drástica das vezes que me procurava, como não estava aprovando essa mudança.

De acordo com os médicos que fui, o motivo do ganho foi uma desregulação hormonal devido à insônia que sempre tentei esconder. Dormir mal cobrou seu preço e se tornou um problema crônico. Tomei indutor por um tempo e tentei implementar as táticas de higiene do sono, só que não funciona totalmente. Continuo dormindo menos do que o adequado, embora, um pouco melhor do que antes. O meu peso normal nunca voltou.

— São muitas informações pra assimilar, vou respeitar seu espaço pra pensar com calma. Por favor, só pondera tudo que passamos. São muitos anos pra jogar fora.

Quem tinha que ter pensado nisso é ele! Aposto que está com esse discurso apenas por medo de criar um caos com seu pai. Inspiro fundo,

cansada mentalmente de tudo que descobri, e fico quieta enquanto pego a bicicleta no chão e subo nela. O melhor que eu faço agora é ir comprar o fermento e fazer o bolo para a minha filha.

O aniversário dela é a prioridade.

Volto a pedalar sem dirigir meu olhar novamente para Caleb. A maior parte de mim tem certeza que a decisão certa é me divorciar e ir cuidar da minha vida. Só que tem um problema: como vou recomeçar com quase 35 anos? Não faço ideia do que fazer se sair da fazenda.

Já fizeram merda muito maior com você e esteve prestes a perdoar o imperdoável. É melhor continuar fingindo que está tudo bem do que correr riscos a essa altura.

A voz da consciência causa um arrepião no meu braço e eu acelero o movimento das pernas, balançando a cabeça com mais força do que antes para tirar qualquer resquício dele da minha mente.

Independente de qual decisão eu tomar, não quero que tenha nada a ver com Barrett.

Ele morreu para mim, e jamais permito que volte para me assombrar.



“Tenho consciência que fodi com tudo e que me odeia agora. Espero que a raiva seja tanta que esqueça que existi na sua vida. Vai ser melhor assim. Pelo menos, pra você, minha linda.”

Trecho da carta nº 9

*Eduardo Barrett
Presente*

O falatório alvoroçado atrás das paredes desgastadas do galpão faz minha corrente sanguínea se agitar e começar a preencher com adrenalina o espaço vazio no meu peito que se viciou, anos atrás, na sensação de euforia momentânea.

Por algumas semanas, esse reabastecimento será suficiente para me deixar em paz até que eu volte para o mesmo ciclo. Pelo menos, a dependência atual é mais controlada e não fode com a minha vida.

— Estamos com o melhor público do mês — Tom avisa orgulhoso, enquanto passa pela porta de madeira quebrada e me alcança no vestiário improvisado. Seu filho e seu sobrinho vêm junto. — 81% das apostas estão no Brazuca, nosso melhor veterano!

— Porra, pai, assim você me ofende. — Drew dá um soco no ombro do seu velho, deixando a máscara da falsa irritação cair com o sorriso que surge no seu rosto em seguida.

— Eu te amo, garoto, mas sabe que não minto.

Participo de lutas clandestinas com a família Kind desde que saí da prisão, há 15 anos. Se não é fácil a ressocialização do preso hoje em dia,

naquela época era pior ainda por ter ficha criminal e ser imigrante. Eu não estava conseguindo emprego em lugar nenhum e precisava me reerguer.

Conheci Tom durante meu tempo de detenção, ele foi uma espécie de protetor no quesito mais amplo da palavra. Se não fosse por ele, é possível que eu já estivesse morto.

Quando fui preso, estava cheio de ódio da vida, de mim, de tudo que tinha acontecido, e meu temperamento instável alcançou níveis preocupantes de insanidade. Na primeira noite que fui transferido para o presídio aqui em Phoenix – muito maior e com criminosos perigosos – simplesmente caí na porrada com outros detentos até perder a consciência.

Eu não queria que alguém me tocasse intimamente, então, como não tinha mais nada a perder, liguei o foda-se para impor meus limites. Era brigar pelo resto de dignidade que me restou ou morrer de uma vez por todas. Em lugares assim, mostrar fraqueza é dar abertura para ser massacrado.

Tom me viu lutando até o último soco para ser respeitado e me colocou sob sua proteção assim que saí da enfermaria, independente da minha cor. Havia uma separação clara de pretos e brancos onde fiquei, contudo, ele não se importou com isso ao abrigar um branquelo como eu.

Com uma pena de 12 anos, meu amigo já tinha cumprido metade e era respeitado pelos demais. Tom foi preso porque arcou com as consequências de um comércio paralelo que seu irmão mais velho quis implantar junto com as lutas iniciadas por seu pai, anos atrás. O primogênito virou um traficante em ascensão e ainda usou a oficina mecânica da família para lavar o dinheiro.

Estava tudo indo de vento em popa até serem pegos e se tornarem viciados no próprio produto. Depois que cumpriram as sentenças, os dois se separaram de vez. Tom ficou transtornado e quis sair desse meio porque sua mãe faleceu duas semanas depois que foram detidos. De culpa eu entendo muito bem, consigo mensurar a dor que o fez mudar sua vida.

Durante nossa convivência na prisão, percebi que fui salvo por causa do seu filho que se tornou meu melhor amigo logo que fiquei livre.

Apenas três anos mais novo que eu, Tom enxergava seu moleque adolescente em mim.

Os Estados Unidos passaram por uma fase de tolerância zero para crimes no passado. Não importava se já era um adulto, jovem ou ainda uma criança. Eu não fui nenhum inocente, sei das minhas merdas, porém, aos 17 anos podia ter me tornado alguém muito pior se Tom não me estendesse a mão e eu acabasse uma hora ou outra sendo tragado pelo sistema.

— Que eu me lembre, está 10 a 3 — provoco Drew, afastando o pensamento de como poderia ter sido meu futuro. Ele sempre me leva a outro caminho, para uma reflexão dolorosa do que teria acontecido se eu não fosse um idiota e sequer tivesse sido preso. — Você está longe de alcançar minha invencibilidade.

— Suas últimas dez lutas foram muito mais fáceis que as minhas! Esse pessoal novo é cheio de energia.

— Porra, Drew, que desculpa esfarrapada! — seu primo ralha, gargalhando. — Em todos esses anos, o Brazuca sempre ficou na sua frente, com várias sequências de invencibilidade.

É claro que eu não consigo vencer todas, ainda mais depois de tanto tempo. Mas é verdade: tenho orgulho da minha sequência de vitórias. Por muitas vezes, consigo acumular altos números antes de perder.

— Só porque tá se achando, vou colocar você com todos os adversários que o Edu ganhou nos últimos meses e veremos quem vence.

Abro um sorriso convencido junto com Tom e meu amigo faz uma careta, mexendo os ombros como se já sentisse a dor das porradas que irá receber. Modéstia à parte, e apesar da família dele estar nesse negócio há quatro décadas, eu sou mesmo melhor por causa da força do meu gancho de direita. Meus socos são certeiros e, se eu conseguir encaixar certo, não há chance para o adversário.

Seria hipócrita se dissesse que aceitei participar das lutas clandestinas apenas por causa da dificuldade de arrumar um emprego. Eu precisava liberar de alguma forma o monstro que criei dentro de mim e encontrei nelas um jeito seguro de fazer isso.

Tom começou a me treinar dentro da prisão e transformei a raiva desmedida de tudo em técnica para vencer e ganhar algo bom com meus punhos.

Hoje eu tenho meu próprio negócio, um restaurante pequeno e aconchegante de comida brasileira como minha mãe sonhou, e não precisaria fazer isso, só que lutar me deixa relaxado. É como se fosse uma válvula importante para me manter são e nos eixos. Com 35 anos, meu corpo não aguenta tantos combates seguidos como antigamente, no entanto, pelo menos uma vez por mês estou competindo.

Gosto de pensar que, de alguma forma, eu também permaneço na área do esporte com esse vício – mesmo que não seja tão ortodoxo. Meu pai era um atleta de basquete promissor antes do meu nascimento. Eu estava indo pelo mesmo caminho e teria tido sucesso se ele não morresse no início da minha adolescência.

Depois que ele se foi, tudo se tornou um borrão sem sentido e ficou ainda pior com a morte da minha mãe pouco tempo depois que completei 16 anos.

— Três minutos para o início do combate principal da noite, abram espaço no centro do galpão! — Escutamos a voz estridente do narrador ao longe e eu pego a garrafa de água que eu tinha deixado no banco ao meu lado, virando o resto do líquido em um gole.

Se tudo der certo, em no máximo dois minutos consigo um nocaute, minha dose de adrenalina mensal e posso voltar para casa.

— Não termine a luta tão rápido desta vez, Edu, as pessoas gostam do show! — Tom alerta, como se tivesse lido meus pensamentos.

Ok, então, terei que ficar pelo menos cinco minutos na ativa.

— Pode deixar, chefe.

Dou um tapa amigável nas suas costas e saio caminhando com os três de escolta até a porta que me separa da multidão. Está realmente lotado, vou ter que me espremer no meio das pessoas para chegar ao centro.

Tom organiza as lutas em várias regiões de Phoenix, mas principalmente no seu reduto no subúrbio leste da cidade. Elas são sempre feitas em áreas espacosas e abandonadas, que não chamam a atenção da polícia. Para facilitar a fuga em caso de batida, sequer chegam a montar ringues. É tudo livre – assim como os golpes.

Ele é tão focado nesse negócio que mantém a divulgação das pontuações e dos próximos embates em um site online que precisa de acesso para entrar. Há várias disputas acirradas entre bairros rivais que trazem ainda mais público e dinheiro para o seu bolso.

Eu fico despreocupado em participar porque é realmente para lutar. Não tem nada de festas, nem de drogas ou álcool como acontece em outros grupos. A chance de dar merda é bem menor assim.

Além de meu protetor, ele também foi uma espécie de padrinho para a minha sobriedade. Limpo quando eu ingressei no presídio, Tom me ajudou a parar de beber e fez até fichas improvisadas para comemorar os meses sem o álcool. A prisão por si só não iria me fazer parar porque os detentos conseguem contrabandear de tudo lá dentro com o suborno adequado aos agentes penitenciários.

Até hoje, eu não bebo nenhuma gota de álcool.

O narrador avisa que os desafiantes estão prontos e nos chamam para o início da disputa. Sendo ovacionado ainda mais pelos presentes, estico um dos braços para o alto e abro caminho entre os corpos suados e amontoados como se eu fosse uma espécie de rei.

Quando estou quase chegando ao meu destino, paraliso totalmente com a imagem de uma garota ruiva sorrindo para mim. Por um instante, um milésimo de segundo, eu apenas enxergo seu cabelo e outro rosto toma conta da minha imaginação.

Como se eu ainda fosse um jovem e tivesse vivido toda nossa história semana passada, não há cerca de 18 anos, Hazel invade minha mente e a sensação de vê-la feliz me inunda inteiro.

Porra, essa merda nunca passa. Sempre que eu vejo uma ruiva acontece a mesma coisa. De todas as dores que vivi, ela é única que ainda

não cicatrizou. Na verdade, parece que a ferida fica cada vez mais exposta me corroendo por dentro mesmo que eu tente fingir que não está ali.

Eu não a vejo desde o seu casamento, mas se fechar os olhos agora consigo me lembrar de cada uma das suas sardas. Eu podia ter voltado para a Califórnia ou ido para qualquer outro lugar assim que fui libertado, só que não consegui sair do Arizona. Phoenix está a cerca de duas horas de carro de Sedona e meu lado irracional de alguma forma queria estar perto.

— Bora, Brazuca. — Drew me empurra sutilmente a fim de me tirar do estupor. — É hora de detonar!

Inspiro fundo e desvio o olhar da garota, forçando minha perna seguir em frente. Meu amigo sabe muito pouco sobre a existência da Haz na minha vida, mesmo assim, quase sempre é quem me traz de volta para a realidade quando fico paralisado.

Embora eu tente evitar esses pensamentos para não surtar, me lembrar do meu passado, dos meus pais e, principalmente, dela será bom para a luta.

Com os punhos comichando para sufocar a minha história, o adversário de hoje não terá chance nenhuma contra mim.

Não há dúvidas de que ficarei invicto pela décima primeira vez.



“Sempre achei a história de amor dos meus pais melosa e inverossímil. Quem se apaixona à primeira vista? Hoje eu sei com conhecimento de causa que pode, sim, acontecer.”

Trecho da carta nº 14

*Eduardo Barrett
Passado*

— Vou parar pra abastecer e comprar mais água. Você quer alguma coisa da conveniência?

Balanço a cabeça em negativa, mantendo minha boca fechada igual as últimas quatro horas que estamos na estrada. Pela visão periférica, noto Tuck me encarar como se estivesse se arrependendo da sua escolha enquanto estaciona perto da bomba no posto.

Antes de descer, ele me observa mais uma vez e tira a chave da ignição. Não posso julgá-lo por isso, já passou pela minha cabeça, no mínimo umas cem vezes, dar um perdido no velho e voltar para terminar a conversinha com meu padrasto.

Aquele filho da puta!

Assim que estou sozinho, reparo nos nós esfolados dos meus dedos e fecho a mão dolorida em punho; louco de ódio do desgraçado. Se eu continuasse batendo nele, não estaria me sentindo tão vazio.

Se ele tivesse escutado a minha mãe, ela ainda estaria viva...

Desvio a atenção para a janela e fito o céu nublado do lado de fora. O tempo está como meus olhos: cinza e sombrios. No final das contas, acho

que meu professor de arte estava certo quando debateu na aula que “os olhos são o espelho da alma”. Desde o nascimento, já estava predestinado que minha vida seria fodida e sem vida.

— Por que vocês me deixaram, porra? — digo em um sussurro, que mistura raiva e tristeza.

Pensei que perder meu pai com 12 anos em um assalto seria a maior merda que eu teria que enfrentar, mas estava fodidamente enganado. Há três dias, eu vivencio uma dor ainda pior: sou completamente órfão agora. Clarissa e Rowan nunca mais voltarão para mim.

Talvez meus avós não estivessem errados quando disseram que não deveriam ficar juntos.

Meus pais se conheceram durante uma viagem de férias do Rowan ao Brasil. Cansei de ouvir a história melosa de como se apaixonaram à primeira vista, mesmo eu não acreditando nisso; e de como viveram três semanas arrebatadoras juntos antes dele voltar para os Estados Unidos.

Na época, o computador não era uma realidade acessível na comunidade do Rio de Janeiro onde Clarissa morava, então, se comunicavam por carta ou por ligação telefônica que meu pai bancava porque sua situação financeira era melhor.

Assim que a barriga apareceu e descobriram a gravidez, tanto os meus avós maternos como os paternos não quiseram que ficassem juntos porque ainda eram menores de idade e estavam em países diferentes. Do lado dele foi ainda pior com o preconceito de uma imigrante e pobre. Achavam que minha mãe estava mentindo para ganhar cidadania americana.

Ela esperou completar 18 anos lá, e ele a maioridade aos 21 aqui, e quando eu tinha sete meses, largou tudo no Brasil. Rowan não a decepcionou, estava apaixonado de verdade, e também fez escolhas difíceis. Meu pai se afastou da família que não concordava com a união e abandonou uma carreira que poderia ser promissora para assumir o filho e o relacionamento. Se tivessem permanecido cada um no seu canto, ainda estariam vivos.

Mas você não teria sido criado por pessoas tão fodas e sido tão amado.

Inferno! Isso é verdade. Apesar de tudo, não consigo fingir que seria melhor eles não terem ficado juntos.

Os dois eram daquele tipo de casal raro; realmente companheiros. Morávamos em uma casa simples no subúrbio de Los Angeles para pagar aluguel mais barato, nunca pudemos esbanjar com nada supérfluo, no entanto, tínhamos todo necessário.

Minha mãe cozinhava muito bem e iniciou um negócio pequeno na garagem oferecendo almoço fresco e caseiro com o tempero do seu país. Fez tanto sucesso que, aos poucos, pôde ampliar para um espaço exclusivo. Ela ficava responsável pelos pratos e meu pai pelo caixa; tenho muitas memórias felizes correndo de um lado para o outro entre as cadeiras.

Quando estávamos prestes a entrar na melhor fase, um cara tentou roubar nossa casa e o homem mais incrível que já conheci reagiu por causa de uma televisão e um aparelho de DVD. Eram novos, ele tinha acabado de comprar de presente de Dia de São Valentim para a sua amada.

Uma TV e um DVD custaram sua vida.

Rowan recebeu um tiro no meio da sua cabeça que nem deu chances de sobrevivência. Estava fazendo compras no supermercado com a minha mãe, e ao voltarmos, demos de cara com dezenas de carros de polícia na rua.

Nunca mais serei capaz de esquecer o cheiro ferroso de sangue que ficou na sala por dias, tampouco, o grito estridente de dor que ouvi dela ao ser informada que perdeu para sempre o seu marido.

A comunidade do bairro se comoveu muito com a morte, meus pais eram queridos por sempre darem as sobras de comidas no final do dia para as crianças carentes ou pessoas em situação de rua; além do projeto social que Rowan começou para ensinar basquete para a molecada. Só que nem todo apoio foi suficiente para nos ajudar a superar de verdade uma perda dessa magnitude.

Minha mãe se retraiu engolindo toda tristeza a fim de me dar forças; e eu finge para ela que tudo ia ficar bem.

Nunca ficou.

Os últimos quatro anos foram o caralho de uma confusão de sentimentos e só piorou com a interferência de Kurt Kober. Sempre achei seu sorriso exagerado demais e a fala mansa falsa.

Eu deveria ter feito alguma coisa ao invés de permitir que entrasse na nossa casa, tomasse o lugar do meu pai e se aproveitasse da minha mãe.

Eu queria poder matá-lo três dias atrás quando tive a chance.

O som da voz do Tuck guardando a bomba de gasolina me faz desviar a atenção do céu nublado e voltar a jogar o corpo no banco do passageiro. Estava viajando tanto nos meus pensamentos que nem o escutei se aproximar antes.

Logo o homem calvo, que está na minha vida desde que me lembro por gente, entra no carro e seu olhar vai diretamente para as minhas mãos. Só então reparo que meus punhos ainda estão fechados.

— Comprei pra você, toma um pouco!

Tuck tira uma garrafa de chá gelado da sacola e joga no meu colo ignorando que eu disse silenciosamente que não queria nada. Chá é o seu vício. Reparo no rótulo e vejo que é de camomila, o mesmo que ele levava todo santo dia para minha mãe desde que meu pai morreu. Ele foi o primeiro funcionário contratado no restaurante, Clarissa o tratava como um pai e acabou que adquiriu um carinho de avô na sua pessoa.

Eu respeito como Tuck cuidou da minha família e me deu atenção como nenhum dos meus avós verdadeiros sequer fez algum dia; e só por isso eu o escutei quando me arrancou de cima do Kober antes que não tivesse mais volta.

— Garoto, eu sei que está sendo difícil e você está com raiva — diz sem me olhar, dando partida no carro e saindo do posto de volta à estrada.

— Não vou prometer que tudo ficará bem num passe de mágica, você já sabe como é lento o processo do luto. Só que se não conseguir se controlar

vai acabar sendo preso ou coisa pior. Neste instante, você só não está atrás das grades porque eu convenci Kober a não dar queixa da agressão.

Não foi nenhum lapso de gentileza.

O filho da puta fez isso porque Tuck jurou me levar para bem longe dele e dos seus planos com a empresa e a boa índole dos meus pais. Aquele verme é um parasita explorador. Mudou todo um trabalho de anos para seu benefício próprio.

— Clarissa e Rowan te amavam mais que tudo, com certeza não iam querer esse destino para o filho — continua o discurso, e noto sua voz mais grave. Sei que sente a falta dos dois de verdade. — Se não pode confiar nos seus instintos ainda, tente pensar neles. Aproveite esse recomeço em outro Estado para dar orgulho aos seus pais e a você mesmo.

Caralho, eu queria isso. Queria muito, só que o vazio que ficou em mim com a morte do meu pai está virando um abismo rápido demais depois de outra perda tão essencial na minha vida.

Abro a garrafa de chá e tomo um longo gole, imaginando que é minha vodca, sem responder. Apesar de todo respeito que sinto por Tuck, mudar de cidade não vai resolver nada.

Minha passagem por Sedona será temporária.



Sete horas e meia.

Minhas pernas compridas estão doendo, por ficarem espremidas no carro, quando finalmente Tuck chega ao nosso destino. Estou exausto física e mentalmente. Minha mãe foi enterrada cedo e, em seguida, pegamos a estrada. Quase não consegui ficar no mesmo espaço que o Kober no velório e no enterro, não teria condições de passar mais cinco minutos na sua presença sem voltar a afundar meu punho no seu nariz.

Desço do veículo, mal-humorado pela viagem longa, e estico o corpo enquanto meus olhos inconscientemente reparam melhor na vista que estava evitando, com um falso sono, para não ouvir mais sermões.

As formações rochosas que cercam a cidade parecem ter sido salpicadas com páprica, são quase em sua totalidade vermelhas. Também há alguns cânions ao longe que contrastam com pinheiros altos e bem verdes na paisagem desértica.

A natureza aqui é abundante e surpreendente, não posso negar, ainda mais com o entardecer tão próximo. Porém parece que viemos parar no fim do mundo. Quase não escutei barulho de carro ou de pessoas na última meia hora.

De onde estou parado, não encontro vizinhos de nenhum lado.

— A cidade é pequena, mas não é tão vazia assim — Tuck comenta ao me ver observando quieto. — A casa da minha família que é afastada do centro. Meu pai sempre gostou de sossego, terra e mato.

Porra, bota sossego nisso! Eu não imaginei que fosse assim, estou acostumado com muito barulho e agitação.

Quando Tuck resolveu me tirar da Califórnia às pressas não chegou a falar muito do lugar que viríamos. Eu reconheci o nome, como sendo o local onde nasceu e viveu durante a juventude, porque o vi conversando com a minha mãe a respeito uma vez.

Se eu me lembro bem, ele só voltou para cá duas vezes em anos: na morte do pai e depois na morte da mãe. Seu gesto diz muito sobre seu carinho com minha família e a vontade de me proteger.

— Ele chegou! Ele chegou! — Uma senhora baixa sai apressada, da casa simples de tijolos à vista, toda soridente.

— Ah, minha querida, que saudade! — O abraço deles é apertado; confirmando os anos separados. — Ligações não fazem jus ao contato presencial.

— Estava morrendo de saudade de você também, toda vez tenho vontade de entrar no aparelho pra te sentir perto.

Eles parecem ter quase a mesma idade, entre 55 e 60 anos. Um senhor se junta a nós no gramado acompanhado de um homem que não deve ter mais de 35. Tuck os apresenta como sua irmã Cath, seu cunhado Briam e seu sobrinho mais novo Ethan.

Apenas cumprimento com um balançar sutil da cabeça.

— Como estão todos? E as netinhas, continuam fazendo muita bagunça?

Tuck se atualiza sobre os outros sobrinhos casados e seus filhos e eu percebo o olhar avaliativo de Briam em mim como se lesse “problema” estampado na minha testa. De novo, não posso julgar. Tenho 1,90 de altura, minha cara não é nada simpática e estou com uma marca vermelha no braço por causa da tatuagem recente que fiz ontem.

Não serei tão bem-vindo, pelo jeito.

— Vamos entrar, eu separei o quarto que tem banheiro só para o Eduardo; assim ele fica mais à vontade.

Que alívio por isso. Tudo que eu não preciso é outra pessoa tentando me avaliar ou puxar conversa.

Por mim, eu arrumava um emprego integral para juntar grana e parava de estudar, mas Tuck já foi categórico que vou terminar o Ensino Médio. Não quero foder nossa relação, farei isso por enquanto. O escutei fazendo umas ligações ontem e pelo jeito, na segunda-feira, terei que frequentar a escola local. De qualquer forma, pretendo conseguir algum bico no contraturno porque não quero um dólar do meu padrasto. Tudo que era da minha família o filho da puta infectou com sua ganância e manterei distância.

Todos ajudam com a bagagem e Cath apresenta a casa que é simples e aconchegante, como era a minha na época que meu pai estava vivo. Logo que tenho a primeira oportunidade, tranco a porta do meu quarto temporário, coloco as malas em um canto qualquer e me ajoelho no chão para procurar meu cantil.

Preciso fuçar bem no fundo para encontrar o recipiente de inox e as seis garrafas de vodca que eu tinha em casa e embrulhei em toalhas de banho para não fazer barulho na viagem.

Há meses, eu mantinha meus vícios escondidos da minha mãe para não a preocupar.

Para manter a discrição com Tuck, vou ter que dar um jeito de arrumar uma pessoa neste fim de mundo para comprar cigarros e bebidas para mim. Tenho uma identidade falsa da Califórnia, mas aqui com certeza não vai funcionar. Os moradores de Sedona ficarão de olho no visitante inusitado como toda cidade pequena faz.

Viro o líquido garganta abixo e deixo para pensar no que vou fazer depois. Agora eu só preciso da sensação de queimação na minha garganta, seguida da liberação rápida de adrenalina para depois ficar com os pensamentos anestesiados.

Eu preciso... preciso me anestesiar, senão desmorono de vez.



— Boa noite, Edu. Estou indo deitar, qualquer coisa me chama no quarto no final do corredor — Tuck avisa do lado de trás da porta.

— Ok — respondo sucinto e me sento na cama, quase soltando fogos de artifício porque, finalmente, ele vai dormir.

Os outros já foram há cerca de duas horas, menos Tuck que ficou assistindo à televisão na sala que é bem próximo do cômodo que me deram. Aposto que, assim como teve receio com a chave do carro, ele está me vigiando para saber se farei merda.

Não pretendo fugir daqui por enquanto, mas preciso urgente sair um pouco no ar fresco.

Estou louco para fumar, só o álcool não está me ajudando muito hoje. Ficar parado no carro por horas, e depois trancado aqui para não

precisar conversar, me fez reviver muitas memórias com meus pais, e pior, a visão estática e fria da minha mãe no caixão.

Tenho que liberar mais adrenalina urgente.

Por muitas vezes, quando ficava com insônia à noite, eu saía de fininho pela janela do meu quarto e corria por horas até chegar à exaustão. Assim minha mente não pensava em nada e meu corpo cansava o suficiente para apagar um pouco.

Troco de roupa sem fazer barulho, guardo um maço e um isqueiro no bolso do short, e coloco um tênis confortável. Enquanto espero mais alguns minutos para não dar bandeira também passo uma pomada cicatrizante na tatuagem do meu braço.

Ela começa na altura do meu ombro e vai até próximo do cotovelo. É metade da asa de um anjo; está fechada e envolve o corpo de uma mulher e de um homem representando meus pais.

Essa não é a primeira que eu tenho. Quando eu fiz 13 anos, tatuei um olho na minha coxa esquerda que está dentro de um relógio romano. Os ponteiros marcam a hora da morte do meu pai.

Ninguém em casa viu essa antes; Clarissa me mataria. Ainda mais se soubesse o lugar e a cara de quem fez. Andar com os *bad boys* da minha antiga escola me rendeu muitos contatos.

Assim que voltei do tatuador, anteontem, depois de passar quase sete horas fora transtornado de ódio do Kober, Tuck logo percebeu o que fiz porque no braço não dá para esconder. Apesar do choque inicial, assim que viu o que era seus olhos marejaram e não houve sermão. Ele só me perguntou se foi seguro.

Menti que sim para não o preocupar também.

Quando noto que a barra está limpa, me esgueiro para o lado de fora em silêncio. Fiquei olhando pela janela por horas mais cedo a fim de guardar todas as referências da redondeza. Minha memória é muito boa – o que é uma bênção e uma maldição. Muitas coisas eu queria esquecer para não me machucar tanto diariamente e não consigo.

Saio do jardim devagar para não fazer barulho e, assim que estou na estrada de terra por onde viemos, sigo uma linha reta. A falta de prédios e a pouca luz artificial ao redor torna o céu um espetáculo impossível de não se ver. Não é necessário nenhum poste, a claridade das estrelas e da lua, mesmo a minguante, ilumina todo trajeto.

Corro.

Corro sem parar.

Corro até perder meu fôlego.

Assim que estou pingando suor e minhas pernas não aguentam mais, desacelero as passadas e começo a caminhar devagar para retomar a respiração. Quase perco o ar mais uma vez ao chegar à reta final do caminho e perceber que parei no alto de uma colina.

Caralho, definitivamente, a natureza deste lugar é espetacular. De onde estou, vislumbro um azul-brilhante acima contrastando com um verde-vivo embaixo. Há dezenas de topos de árvores a se perder de vista no horizonte. Mais perto da colina, há um pequeno lago, uma espécie de jardim em volta rodeado de vegetação, flores e...

Aquilo é uma garota?

Semicerro os olhos, forçando minha vista para o pontinho parado na grama. Ela está de costas para mim com o cabelo solto, e a julgar pelas curvas da sua cintura e a forma como seus ombros sobem e descem desenfreados, é uma garota, sim.

Uma garota chorando.

Por hábito, dou uma outra observada ao redor para ver se avisto mais alguém por perto. Deve ser quase duas horas da manhã. Se fosse na Califórnia, com certeza, seria perigosíssimo uma menina frágil estar sozinha no meio do mato.

O que será que aconteceu com ela? Mesmo à distância dá para perceber que seu choro é profundo. Daquele tipo que cada partícula do corpo sente os tremores e a dor.

Eu já chorei assim.

Agora, por mais que doa, não consigo colocar para fora. Eu lido melhor com a raiva do que com a tristeza, então, decidi me segurar na primeira.

Sem pensar demais no que estou fazendo, sento em uma pedra próxima e tateio o bolso do short para pegar o cigarro e o isqueiro. Acendo o primeiro e trago a fumaça com os batimentos ainda agitados da corrida.

Dois, cinco, sete... Meu coração vai se estabilizando e minha mente se aquietando. Fumo metade de um maço quieto, olhando fixamente para a visão da garota.

Ela não para de chorar o tempo todo.

Isso estranhamente me conforta e me intriga ao mesmo tempo.



“Você é forte pra caralho, Haz. Nunca mais deixe que ninguém te diga o que fazer. No fundo, seu bom coração sempre sabe o caminho a seguir.”

Trecho da carta nº 17

Hazel Waters
Presente

Minha postura ereta e o rosto sério, assim que entro no escritório sem bater, fazem os dois funcionários que estão conversando com Caleb rapidamente se despedirem, passarem por mim com um aceno tímido e nos deixarem a sós.

Geralmente, eu sou muito educada e simpática com o pessoal que trabalha na fazenda. Também odeio misturar coisas pessoais com o negócio. Só que ele já esgotou minha paciência. Estou puta por fingir que nada aconteceu a fim de me manter na sua farsa.

— Você acha que se esconder de mim vai resolver magicamente suas merdas?

Essa é a primeira vez que Caleb aparece aqui em três dias; inventou um monte de compromissos fora. Sequer entrou em casa depois de ser desmascarado e tem ignorado meus pedidos para uma conversa definitiva. Se nossa filha não estivesse tão reclusa no seu quarto, ainda com raiva por não poder mudar de escola, com certeza teria percebido que tem algo errado.

Acredito que ele tem dormido na cidade vizinha. Jamais iria para uma pousada no centro, ou para a casa de algum amigo, que criasse a

possibilidade de gerar fofoca entre os moradores. Os funcionários, Caleb pode controlar com um emprego, a boca de quem está do lado de fora não.

— Estou falando com você! — Aumento o tom de voz e paro na frente da sua mesa, fechando a tela do notebook que está mexendo, como se fosse a coisa mais importante do mundo.

— Fala baixo, Hazel, vão escu...

— Foda-se quem escutar! — Mantenho a voz alterada para mostrar que não vou sair daqui e seus olhos se arregalam ao, finalmente, me encarar. Eu não sou de me exaltar em público e ele sabe bem disso. O escritório fica no segundo andar do galpão que usamos para separar as frutas, há muita gente zanzando por perto. — Você vai conversar comigo agora e iremos resolver isso de uma vez.

— Está recente demais, Haz, fica calma.

Lá vem a apelação com voz mansa e olhos cálidos.

— Ficar calma? — Esfrego a mão no rosto, ainda me surpreendendo com sua insolência. — Se em algum momento, desde que descobri suas mentiras e sua traição, eu pensei em deixar para lá por comodismo, já foi totalmente esquecido pela sua insistência em me enrolar.

Chegou a passar pela minha cabeça na segunda ignorar o que descobri; não nego. A possibilidade de mudar de rota me assusta demais. Só que ainda à noite naquele dia eu percebi que não poderia fazer isso.

Ficar com alguém que não amo é uma coisa; perder a amizade, o carinho, o respeito e a confiança é totalmente diferente. Eu me conheço, se tornaria insuportável a convivência.

A gota d'água para a minha paciência foi saber há pouco pela Margot que seus pais ainda virão no fim de semana – mesmo com a minha clara revolta com sua atitude e a ameaça de George.

Isso quer dizer que ele acha que eu vou ficar aqui fazendo papel de trouxa, pois jamais iria arriscar um escândalo matrimonial na frente da família perfeita. Deve ter conseguido a grana também, ou parte dela, e pensa que tem tudo sob controle.

— Eu estou sendo respeitoso, esperando a poeira baixar pra não tomarmos decisões precipitadas.

— Você pode mentir pra si mesmo se quiser, mas a verdade é que está ganhando tempo porque acha que vou passar pano e deixar por isso mesmo. Naomi e eu somos a sua última preocupação, você teme apenas não dar mais um motivo para decepcionar os seus pais.

— É claro que eu me preocupo com a minha filha! — Ele se levanta da cadeira e muda a postura de calmo para a defensiva.

— Você estava aqui de manhã no dia do aniversário dela e nem a viu porque estava com medo de entrar em casa e deixar escancarado nossa situação. Mandou parabéns pelo telefone, e não ficou para comer o bolo com a gente, inventando que tinha um compromisso que nunca existiu — jogo a verdade na sua cara e ele fica inquieto, andando de um lado para o outro. — Fora que, se realmente se preocupasse, jamais a colocaria em risco com pessoas como George. Se você acha que ele vai parar de pedir dinheiro, é mais idiota do que imaginei.

Estive refletindo nesses últimos dias e, assim como aconteceu comigo, Caleb também se afastou da Naomi depois que a nossa filha mostrou interesse no futebol e perdeu a vontade de trabalhar na fazenda.

Enquanto somos ou fazemos o que ele espera, é uma pessoa, quando sai do seu controle, mantém distância. A única coisa constante é seu negócio e sua vontade de ser maior que os irmãos.

— Não precisa se preocupar com o George, conversei com seu pai e ele vai se envolver mostrando que tenho respaldo policial. Nossa família ficará segura.

É claro que Caleb falou com meu pai, apostei inclusive que ele apoia sua atitude. Eu, que sou sua filha, nem uma mensagem recebi.

— Não tem como comparar um policial aposentado de Sedona com pessoas que George pode arrumar em uma cidade cinco vezes maior. — Solto uma risada abafada, colocando a mão na cintura. Ele acha que sou trouxa e tapada, não é possível. — Só no cassino deve ter um monte de contatos perigosos.

— Eu já disse que não precisa se preocupar, estou resolvendo tudo.

Não adianta tentar conversar, ele sempre será o certo e não vai admitir seus erros sem arrumar uma desculpa. O jeito é ser objetiva de uma vez e dizer logo minha decisão. Se quer fazer merda, que faça sozinho longe de mim e da Naomi.

Apesar do medo do que virá, não há dúvidas do que preciso fazer neste momento.

— Bom, espero que resolva mesmo, porque os funcionários desta fazenda são muito dedicados e precisam do emprego. Não afunde um negócio de anos com seu vício e burrice! — Ao perceber meu tom sério, ele tenta se aproximar de mim e eu desvio. — Quero o divórcio, Caleb.

— Haz, por favor, não faça isso. Pensa bem!

— Já pensei muito bem e não vou mudar de ideia — aviso, categórica. — Falei com a minha irmã ontem por telefone e vou ficar na casa dela até decidir que rumo tomar.

— Fica pelo menos no fim de semana, meus pais insistiram muito pra vir por causa da praga na safra...

Estava demorando para o seu real motivo de desespero ficar evidente. É impressionante como a gente empurra fatos para debaixo do tapete quando não quer ver a verdade.

— Isso é problema seu, Caleb. Eu estou indo ainda hoje para a casa da minha irmã e vou levar a Naomi. Minha filha não vai ficar aqui na fazenda com um cara enorme ameaçando você.

— Não, a Naomi, não! Aí que meus pais irão desconfiar mesmo.

— Se eu fosse você, jogava limpo de uma vez antes que piora para o seu lado. Se perguntarem pra mim, direi que pedi o divórcio. Aliás, eu vou contar pra nossa filha exatamente o motivo da mudança. Tanto a parte da sua traição e do filho, como o vício nas apostas. Você pode vir comigo e dar alguma explicação pra ela ou pode continuar se escondendo.

— Não faça isso comigo, porra! — ele se exalta, pegando no meu pulso com força. — Por favor, Hazel, eu imploro pra esperar pelo menos o fim de semana.

Puxo meu braço da sua mão e viro de costas sem comentar mais nada. Vou em direção à porta sem ouvir um passo seu atrás de mim.

Pelo jeito, Naomi saberá a verdade apenas pela minha boca.



Passo pela porta da sala com duas malas. Naomi vem logo atrás, pisando duro, e carregando outro par. Contei tudo a ela como disse que faria e minha filha está revoltada com a atitude do pai. Principalmente, porque o covarde deu um jeito de sumir da fazenda de novo para não a confrontar.

— Me desculpe pelo incômodo, Annie, prometo que não vamos ficar muito tempo.

Não sei ainda como resolver meu problema rápido, mas vou dar um jeito. Fiquei tão acomodada nos últimos anos que não fiz nenhuma reserva particular de dinheiro. Nunca tive um salário como funcionária da fazenda, agora será um grande problema para conseguir um cantinho só meu.

Terei que arrumar um emprego aqui no centro o quanto antes. Não tenho dúvidas que Caleb vai dificultar o máximo possível minha vida na intenção que eu volte para a sua aba.

— Obrigada por nos dar abrigo temporário, tia An. — Naomi desfaz a carranca por um momento para dar um beijo e um abraço nela.

— Para com isso, gente! Minha irmã e minha sobrinha podem ficar quanto tempo for necessário. Vou amar a companhia de vocês. — O sorriso enorme nos lábios da caçula da família Waters me mostra que está sendo sincera. Também a beijo e a abraço, agradecida pelo apoio. — Deixem as coisas no quarto de hóspedes e venham jantar primeiro. Não tenho muito talento na cozinha, mas preparei com carinho uma refeição de boas-vindas. Depois ajudo vocês a se acomodarem direito.

Aceno com a cabeça e vou guardar as malas com minha filha. Deixamos tudo em cima da cama e voltamos para a sala a tempo devê-la carregando uma panela enorme – e quente – de risoto no colo. Suas pernas e suas mãos estão protegidas com um pano grosso, porém, mesmo assim, meu cérebro grita perigo.

Fecho a boca e esfrego as mãos na calça jeans para controlar a vontade de oferecer ajuda ou pegar o utensílio dela. Sei que não precisa desse cuidado exagerado.

Annie tem paraplegia, usa uma cadeira de rodas desde os sete anos e é totalmente independente – tanto que mora sozinha desde que completou a maioridade. Ela nunca teve dificuldade para se adaptar, na verdade, quem teve mais bloqueios fui eu. Como irmã mais velha, o instinto de proteção aflorou e continua sendo complicado me conter até hoje.

É um exercício constante me policiar, tanto para não podar a sua capacidade de seguir a vida sozinha, como para não me deixar levar por lembranças de como ficou assim.

Álcool.

Briga.

Escuridão.

Acidente.

Maldito Barrett!

Afundo as unhas curtas na calça disfarçadamente e me sento na mesa posta puxando ar para os pulmões.

— Hazel Waters, você enlouqueceu? — A voz grossa do meu pai, e o barulho alto da porta sendo aberta e batida, me traz de volta à realidade em um sobressalto na cadeira.

Apesar de saber o motivo da sua raiva, e o incômodo no meu peito não passar com a mudança de foco, nada é pior do que voltar ao passado.

Nada.

A sua ira será bem-vinda no momento.

— Boa noite para o senhor também — Annie cumprimenta, irônica.
— É claro que a primeira vez em semanas que aparece aqui é para implicar com alguém.

Minha irmã e o meu pai tiveram dificuldades de se entender depois do acidente, ele meio que a isolou por não saber lidar com a sua nova condição. Foi por baterem tão de frente que resolveu alugar esta casa logo que juntou dinheiro suficiente.

Fica a apenas três quadras do lugar que Anthony mora com meu avô Robert, no entanto, ele realmente não é de visitar muito. Nem lá na fazenda, puxando o saco do Caleb, costuma aparecer com frequência.

Agora que está aposentado, meu pai ajuda meu avô e meu irmão do meio a administrar quatro escritórios, abertos aqui e em cidades próximas, que atendem a clientes que precisam de auxílio jurídico para seus imóveis.

— Não se meta nisso, estou decepcionado demais com você! — ele a repreende e a encara por alguns segundos. — Ao invés de colocar juízo na cabeça da sua irmã, resolveu pôr mais lenha na fogueira?

— Para um segundo e escuta o absurdo que está dizendo — Annie mantém o tom firme, deixando a panela de risoto perfeitamente na mesa. — Sua filha foi traída pelo marido. Sua filha! Ele colocou a família e os negócios que você tanto admira em risco por causa de apostas e fogo no rabo.

— Foi um erro idiota, ele está arrependido!

A defesa do meu pai é tão rápida que me causa um aperto na garganta. Forço a saliva descer, tentando não demonstrar como me afeta. Caleb provavelmente ligou para Anthony assim que o confrontei mais cedo, avisando da minha decisão, e sequer recebi uma mensagem perguntando se estou bem.

Aposto que ele também achou que eu ia ignorar, por isso, não agiu antes. Quando não teve jeito e resolvi sair da fazenda, largou tudo e veio correndo em favor do genro.

Ex-genro.

— Pai, não adianta ficar bravo comigo, muito menos com a Annie, que está apenas nos recebendo na sua casa. — Volto a me levantar e caminho na sua direção. — Eu pedi o divórcio, sim, saí da fazenda e não vou voltar.

— É claro que vai! — ele desdenha totalmente minha fala. — E vai hoje ainda antes que a cidade inteira se empesteie de fofocas. Já basta o show que deu passando igual uma tartaruga pelas ruas de Sedona, sentada na caçamba de uma caminhonete cheia de malas. Acabei de chegar e foi a primeira coisa que me perguntaram.

Por não conseguir ficar dentro de nenhum veículo fechado e ter pavor de alta velocidade, Bruce me trouxe bem devagar na caçamba. Já fiz isso outras vezes, mas é claro que os moradores que amam falar da vida dos outros não iam deixar passar as malas.

— O pessoal vai falar uma hora ou outra, pai. Melhor tirar o curativo de uma vez. Minha decisão está tomada e não há brecha pra discussão.

— Não tem cabimento nenhum largar tudo a essa altura, você está velha e quase não sai daquela fazenda! — ele se exalta, passando a mão no cabelo ralo e grisalho. — Eu vou cuidar do tal George, o homem não vai ficar ameaçando vocês. O problema do dinheiro também foi resolvido, seu avô e eu emprestamos metade para o Caleb. Os pais dele nem vão ficar sabendo.

— O quê? — a pergunta sai tão baixa que quase eu mesmo não me escuto.

— Isso só pode ser brincadeira! — Annie comenta nervosa, se aproximando de mim com a cadeira de rodas. — Deu o dinheiro da nossa família para o Caleb encobrir um filho e um vício da família dele?

— Já disse pra não se meter!

— Pelo amor de Deus, é vergonhoso, pai! — ela não escuta sua reprimenda e continua falando. — Tudo isso por status social? Para ter o

sobrenome Waters ligado com os Brydges?

A ligação entre as famílias começou com meu avô Robert, que não quis trabalhar no campo como seus pais, lutou para ganhar uma bolsa de estudos e se formou advogado especialista em direito imobiliário. Queria cuidar da terra de outra forma.

Ele era bom no que fazia, mas no começo estava com dificuldade de arrumar clientes e estabelecer seu nome em um mercado competitivo sem verba. Foi aí que o avô do Caleb entrou no seu caminho.

Naquela época, a maior fazenda dos Brydges, a que produz carne e leite, estava passando por um problema seríssimo na documentação que poderia levá-los a perder o terreno.

Robert soube do entrave jurídico, por intermédio de um colega da faculdade que morava na mesma cidade que os empresários, e foi lá pessoalmente se apresentar para ajudar no processo de usucapião, que era considerado complicado por outros profissionais.

O resumo da história é que meu avô venceu o caso e conquistou a gratidão eterna dos Brydges por terem apego emocional com o imóvel, além do já notável lucro no local. Depois disso, Robert ganhou um cliente fixo influente e um amigo pessoal rico. Meu avô intermediou a compra das outras duas fazendas e conseguiu reconhecimento na área.

Não me estranha meu pai querer acobertar Caleb oferecendo dinheiro para abafar seus erros. Ele faria de tudo para não manchar uma parceria que só traz frutos positivos para os Waters há anos.

— Vergonhoso é ter o nome da minha filha na boca do povo de novo, manchando nossa reputação. A primeira vez consegui controlar antes que causasse danos graves, agora quer colocar tudo a perder por algo que ela mesmo causou.

— Então a culpa é minha? — consigo indagar, mesmo com o aperto na garganta se intensificando.

— Homem é visual, Hazel, achou mesmo que seu marido tão bem-afeiçoadão não ia se sentir atraído por outras quando tem uma gorda em

casa? Você relaxou demais!

Pensei que meu pai ia jogar na minha cara, assim como Caleb fez, que nunca o amei de verdade, então, não seria um problema perdoar. Só que ele foi muito além. Merda, além em um ponto que faz minhas mãos suarem e o coração disparar.

Não chorei nenhuma vez desde que descobri a verdade, no entanto, neste instante, as lágrimas nublam minha visão e preciso fazer um esforço enorme para contê-las. Não vou baixar a guarda na frente dele; não darei o gostinho de me dizer mais uma vez para engolir o choro, como vivia mandando na juventude.

— Chega dessa conversa, você extrapolou todos os limites. — A voz alta da Annie ecoa na sala e nos meus ouvidos deixando clara sua irritação com o comentário. — Por favor, vá embora!

Ele não se move do lugar e, quando abre a boca para retrucar, Naomi aparece do meu outro lado.

— Eu já sabia que tinha um avô machista, não foi novidade te ouvir defender o erro do meu pai. Só que menosprezar a minha mãe pra isso, eu não vou escutar quieta, não!

Observo-a e quase perco a luta contra o choro. Minha garotinha está séria, encarando Anthony como uma mulher decidida. Ela é muito parecida comigo na adolescência – fisicamente falando: alta, corpo esguio e cabelo longo. Seu diferencial é que puxou os olhos azuis do Caleb e seu tom de ruivo ficou mais claro com o passar dos anos, como da minha bisavó.

Na personalidade, ainda bem, Naomi está mais para a tia. Enquanto guardo tudo dentro de mim, ela não consegue disfarçar o incômodo.

— Não se mete você também, mocinha, me respeite!

— Se quer respeito, dê respeito em troca, oras! Quem chegou aqui fazendo escândalo e dizendo absurdos foi o senhor — revida de imediato e vejo pelo canto de olho Annie sorrir com sua atitude. — Apoio totalmente a decisão da minha mãe, e a única pessoa que está perdendo é o meu pai. Foi por suas escolhas que não terá mais uma companheira linda, inteligente e

dedicada, que fez tudo pela família. Por mim, ela iria para o mais longe possível daqui para recomeçar.

— Não entre em conversa de adulto pra virar o assunto pra você, Naomi. Pensa que sou idiota? É claro que vai querer que sua mãe se mude, assim pode encher a cabeça dela e ir pra Phoenix jogar a merda do seu futebol.

— Eu não pensei nisso em nenhum momento, mas agora que disse, não é que é uma excelente ideia?! — Minha filha se vira na minha direção e pega a minha mão.

— Hazel não irá se mudar pra Phoenix de jeito nenhum, pode tirar essa loucura da cabeça. — Meu pai vem até nós e separa nosso contato. Estou tão atônita que meu corpo mal reage. — Nenhuma das duas irá a lugar nenhum!

— Se ela quiser ir, é claro que vai! — Annie reforça diante do meu silêncio. — Eu mesma serei a primeira a apoiar. Haz merece ser feliz longe dessa loucura e, de quebra, ajudará Naomi seguir seu sonho.

Minha irmã só não se mudou porque tem uma ligação enorme com a parte mística da cidade, assim como nossa mãe tinha, além de um namorado e seus alunos de pintura. Ela começou a atividade como terapia, por minha insistência, e descobriu um talento nato inspirador.

Annie não depende do nosso pai para nada. Banca todos os seus gastos com a mensalidade dos cursos que oferece no ateliê da sua garagem e com os quadros que vende para turistas e pela internet.

— Com o meu dinheiro e do seu avô não irá nem na esquina, e aposto que do Caleb muito menos! — ele brada, sem abrir espaço para a possibilidade.

— Com o meu vai, se for da sua vontade. — O rosto do meu pai fica tão vermelho de fúria que, se fosse possível, estaria saindo fumaça da sua cabeça. — Você acha que estou brincando de desenho e nunca valoriza meu trabalho... olha só a surpresa, eu tenho um negócio próspero também.

— Antes que faça mais ameaças vazias saiba que, se minha mãe quiser ir e vocês tentarem impedir com jogo baixo, eu vou pessoalmente atrás dos meus avós paternos — Naomi declara pegando Anthony de surpresa. Ele arqueia a sobrancelha e troca o peso de uma perna para outra.

— Vou contar tudo que aconteceu e dizer que tentou acobertar por interesse próprio.

— Está me ameaçando, mocinha?

— Entenda como quiser, vô. — Minha filha dá de ombros, voltando a segurar minha mão.

Annie empurra a cadeira de rodas até a porta e a abre, apontando a saída antes que uma nova discussão se inicie.

— Por hoje, já chega dessa conversa, pai. Boa noite!

Silêncio.

Por cerca de meio minuto, ninguém fala nada, esperando-o sair. Ele nos encara furioso mais uma vez e vai embora pisando duro, exatamente como a neta estava fazendo, minutos atrás.

Assim que ficamos a sós novamente uma lágrima traiçoeira escorre pelo meu rosto. Inspiro fundo e seco com pressa, querendo evitar a exposição mesmo na frente da Annie e da Naomi.

— Não liga pra nada que ele disse, mãe, você é incrível. Te amo! — minha filha endossa, deixando um beijo na minha bochecha.

Faço um carinho nos fios ruivos, focando no cabelo para não olhar nos seus olhos e chorar ainda mais.

— Obrigada, meu amor. Obrigada a vocês duas por todo apoio. — Annie se aproxima e acaricia meu quadril. — Ele me pegou... me pegou desprevenida com o comentário. Fiquei sem reação.

— Nosso pai já disse muitas coisas idiotas, mas isso... nossa, sinto muito por ter que escutar tamanho disparate. — Esfrego a mão no rosto, me afastado delas para controlar as outras lágrimas que querem descer. — Eu

falei sério, viu! Se quiser ir pra Phoenix com a Naomi, eu empresto o dinheiro com todo prazer.

— Até parece, Annie, não é o dinheiro que está guardando para a escola de artes que quer abrir?

— Esse é um projeto para os próximos dois anos, você e minha sobrinha são a prioridade agora. Tenho uma boa reserva, daria para se ajeitarem nos primeiros meses enquanto arruma um emprego.

— Não quero soar egoísta ou falsa, mãe; juro que nem tinha pensado nisso, porém, no fim das contas, é uma excelente ideia. — O sorriso de felicidade da minha garotinha me quebra um pouco e me faz pensar na ideia. — Eu sei que a senhora só não permitiu com medo de que eu ficasse sozinha em uma cidade tão grande; você acredita no meu potencial.

— É claro que acredito — reforço, precisando que ela jamais tenha dúvidas disso.

— Então, pensa com carinho. A escola é pública como aqui, a gente se vira e economiza com o restante dos gastos básicos.

Se... se eu embarcasse nessa loucura... realmente teríamos que economizar. Caleb além de não aceitar a mudança, muito provavelmente passará os próximos meses quebrado para pagar George e contornar o problema da praga na safra.

Meu pai, meu avô e Connor também não serão uma opção. Meu irmão do meio pensa exatamente igual aos homens da família, iria me julgar. Minha única rede de apoio financeiro seria Annie.

— Nada vale nossa paz, Haz. Aqui você vai ter que aguentar nosso pai, o Caleb e os fofoqueiros de plantão se metendo o tempo inteiro. Com a sacada da Naomi de ameaçar contar aos avós paternos, eles vão se controlar mesmo com ódio.

— Não acredito que ficarão de braços cruzados, até porque terão que justificar nossa ausência aos Brydges sem dizer a verdade.

— Eles vão tentar tramar algo, é um fato, só que você estará a milhas de distância. Depois que estiverem estabilizadas e se adaptarem à nova rotina, não tem nada que as pare mais. Vão voar juntas!

— Ah, mãe, eu ia amar tanto. Tanto, tantooooo. A tia An está certa!

— Naomi abre mais um sorriso largo e estica os braços para exemplificar como iria adorar. — Tenho certeza que a treinadora Fisher nos ajudaria a achar um lugar confiável e também a agilizar a matrícula antes do início das aulas.

— Deixa ela decidir com calma, querida. Sua mãe já sofreu pressão demais, sempre vivendo em função de outras pessoas. Precisa escolher sozinha desta vez.

Fito o chão para controlar o aperto no peito; não quero chorar mais na frente delas. Não gosto de pensar nisso, no entanto, é uma verdade dolorosa. Há muitos, muitos anos, tenho me mantido trancada dentro de mim. Talvez não seja tão ruim me mudar para Phoenix e começar do zero.

Você já tentou se libertar uma vez e sua vida virou um caos ainda pior!

A voz da consciência retorna trazendo o medo do novo, e a constatação de que realmente tentei. Pensei que tinha chegado perto e era uma ilusão. Só que agora é diferente, um início com minha filha.

Não tem como dar errado. Tem?



“De todos os medos que sinto aqui dentro, o maior deles é que eu esteja te fazendo chorar escondido no meio da noite. Não desperdice suas lágrimas, minha linda, eu não as mereço.”

Trecho da carta nº 22

*Eduardo Barrett
Passado*

Eu imaginei que não seria bem-recebido em uma cidade tão pacata pelo meu estilo, mas pelo jeito que as pessoas estão encarando o carro e cochichando enquanto passamos pelas ruas do centro, parece que não serei o único indesejado.

Seja lá o que foi que aconteceu no passado, houve um bom motivo para o Tuck vazar de Sedona e ir para o mais longe possível na Califórnia.

Observo o banco do motorista e meus olhos se fixam nos seus dedos segurando firme o volante. Ele está ansioso com essa atenção ou com raiva. Provavelmente, seja um pouco dos dois, me acostumei até demais com esses sentimentos para não os reconhecer.

Agora entendi porque não vi Tuck sair nenhuma vez da casa da irmã desde que chegamos, na sexta-feira. Se confiasse um pouco mais em mim, com certeza teria me dado a chave e me deixado vir sozinho para a escola a fim de evitar tanta exposição.

Assim que ele estaciona na frente do prédio de dois andares, onde dezenas de estudantes passam apressados pelo gramado, o barulho de algo batendo na lataria do veículo chama nossa atenção.

Olhamos ao mesmo tempo pelo espelho retrovisor e percebo o uniforme azul-escuro de um policial se aproximando.

— Dropa, pelo jeito o inferno vai continuar. — O desabafo sai baixo e entrecortado junto com uma lufada de ar, só que consigo escutar.

— O quê? — Finjo que não ouvi para ver se me dá mais informação.

Eu evito interagir e fazer perguntas a qualquer um para não dar abertura de fazerem o mesmo comigo. Porém, desta vez, admito estar curioso. Tuck é gente boa, nunca o vi sequer levantando a voz para alguém. Por que os moradores daqui agiriam dessa forma?

— Não é nada, só se mantenha em silêncio como sempre. Eu me resolvo com ele.

— Ora, ora. Veja se não é Tuck Elms, quase não acreditei quando me avisaram há pouco pelo rádio que te viram no semáforo da floricultura da Polly. — O sorriso nos seus lábios é tudo, menos simpático. — Ainda com essa lata velha? Pelo jeito, os anos não te fizeram bem. Está parado no tempo.

O chevette dourado é seu xodó. Um modelo antigo que ele limpa e lustra como se fosse top de linha. Ficava sempre estacionado na mesma vaga do restaurante da minha mãe, embaixo da única sombra no local.

Tuck não cai na provocação dele e fica quieto.

— Alguém finalmente cortou sua língua afiada, Elms? O que está fazendo na cidade, depois de tanto tempo?

Pelo jeito que está interrogando Tuck, acho que quando voltou para o enterro dos pais, ele só ficou enfurnado na casa da irmã para não ser visto.

— Vim deixar o garoto na escola. Se nos dá licença, estamos com pressa — desconversa, ligando o motor para dar partida na primeira oportunidade.

Só então o policial nota a minha presença no carona. O sorriso morre e o homem me encara de cima a baixo, focando especialmente na

ponta da tatuagem que surge da manga da camiseta preta.

— Quem é esse cara? Resolveu voltar e trazer mais confusão?

— Não queremos confusão nenhuma, ele só vai estudar.

— Documento, rapaz.

— É sério isso, Waters? — Tuck resmunga, esfregando a mão no rosto. — Já se passaram anos da briga com sua família, voltei numa boa. Só quero seguir meu rumo em paz.

Briga de família? Interessante.

— Documento, rapaz! — o policial ordena mais uma vez, sem deixar de me fitar.

Abro a parte da frente da mochila, pego minha carteira e estico a mão para entregar o que pediu pela janela do motorista. Não me passa despercebido seu olhar de ainda mais desprezo ao conferir os dados.

— Eduardo Freitas Barrett. Imigrante. — O estalo da sua língua ao dizer em voz alta a última palavra demonstra o motivo do desconforto.

Tinha uns idiotas na Califórnia que não gostavam de imigrantes, em especial os latinos, por acharem pessoas inferiores que “tomam” espaço de americanos no país. O Arizona é um Estado conservador, o policial claramente faz parte do time de babacas.

— Ele é legalizado desde bebê no país, Waters. Mais alguma coisa? Eduardo precisa ir pra aula antes que se atraso no primeiro dia.

O silêncio impera por um momento. Nós três nos encaramos em uma espécie de jogo para ver quem pisca primeiro.

— Ficarei de olho nos dois, Sedona não é pra marginais! — ameaça e minha sobrancelha automaticamente se arqueia.

A vontade de socar o seu nariz empinado aumenta a cada segundo de conversa indesejada. Tuck dá uma cotovelada discreta na minha costela e eu tento disfarçar minha irritação, guardando na carteira o documento que me devolve.

O filho da puta ainda nos analisa de novo com soberba antes de virar as costas e voltar para a calçada. Pelo espelho retrovisor lateral, observo que há um carro de polícia estacionado próximo.

— Qual é a desse imbecil? — questiono, sem conseguir me conter.

O policial deve ter pedido o documento para ver meu nome completo, não duvido que esteja levantando meu histórico neste instante.

— Longa história. O importante é você se manter longe de qualquer um com os sobrenomes Waters e Brydges. As pessoas só estranharam meu retorno. Se ficar na sua, daqui a pouco as coisas se ajeitam.

Nem ele mesmo está acreditando nas suas palavras. Pela recepção nada calorosa, acho que Tuck subestimou a decisão de me trazer para este fim de mundo.

— Por favor, mantenha distância dessa gente que ficará tudo bem. Ok? — insiste, buscando meu olhar.

Aceno com a cabeça para encerrar logo o assunto, já que não me dirá nada útil; ajeito a mochila nas costas e saio do carro de uma vez. Tuck dá partida no mesmo instante, como se estivesse fugindo antes que o policial babaca resolva voltar.

Mal dou cinco passos pelo gramado, cabeças se viram chocadas na minha direção. Garotas demonstram susto e curiosidade ao mesmo tempo. Garotos parecem intimidados com meu tamanho.

Começar em uma escola nova já é um saco. No meio do ano letivo, então? A porra de um pesadelo! Se eu me sentir sufocado nada de bom sairá disso. Aqui em Sedona não vou conseguir extravasar arrumando briga escondido sem chamar atenção. Assim como não queria preocupar a minha mãe, não quero foder o cara que está fazendo de tudo para me ajudar.

Haja álcool, cigarro e corrida noturna para me anestesiar.

Um sinal sonoro toca, avisando sobre o início do turno, e eu tiro o papel que guardei no bolso para conferir a primeira sala que preciso ir. Como a escola é muito menor em comparação de onde eu estudava até semana passada, não tenho dificuldade alguma em localizá-la.

Logo que chego à porta avisto um amontoado de alunos pulando e batendo palmas. O som de “feliz aniversário” desafinado ecoa pelas paredes e pelos meus ouvidos. Merda, será pior do que imaginei aguentar o dia...

Estou prestes a ignorar a cena, e sentar o mais fundo possível a fim de ficar invisível, quando saem de cima da pessoa no centro da roda e meus olhos são capturados por um longo cabelo ruivo.

O tamanho dos fios, quase batendo na sua bunda; e as curvas da cintura e do quadril são iguais... é ela.

A desconhecida é virada para receber um abraço do cara que está de costas na minha direção, e por um momento nossos olhares se conectam. Minhas pernas param de andar, não consigo desviar.

Porra!

Da colina, eu não tinha enxergado a cor das mechas nem reparado que era tão alta – pelo menos para os padrões femininos. O cabelo é liso e possui algumas ondas que deixam seu rosto ainda mais chamativo. Os cílios longos se destacam, junto à boca carnuda e as maçãs proeminentes. Ela é linda de perto e à luz do dia.

Linda pra caralho.

Não é só a sua beleza que me intriga, no entanto. Eu saí para correr três dias seguidos de madrugada e, durante todo fim de semana, a menina estava no mesmo lugar. Fazendo a mesma coisa.

Observando seus olhos castanhos sem nenhuma olheira do choro profundo, e o sorriso no rosto agradecendo aos colegas, quase me pergunto se estou me confundindo.

Não. Eu tenho uma estranha certeza. É a garota chorona do lago!

As olheiras estão camufladas pela maquiagem forte no seu rosto. E o sorriso... bem, eu também já sorri assim. Fiz muitas vezes, aliás, perto da minha mãe para disfarçar que estava superando.

A desconhecida é uma boa atriz.

— Bom dia, pessoal! — A voz aguda de uma mulher interrompe nosso contato e chama a atenção dos outros alunos. — Sentem-se nos seus lugares em silêncio, já sabem como gosto de disciplina na minha aula.

Ao invés de obedecer ao pedido da professora, um outro burburinho se inicia quando duas garotas me veem e cutucam outras ao seu lado. Ser invisível não é mais uma opção, o foco muda totalmente para a minha figura parada perto da parede.

“Quem é esse?”

“Caramba, como ele é alto!”

“Olha essa tatuagem.”

“Muito gatinho.”

— Desculpa, senhora Boseman. — O cara que estava abraçando a garota se afasta dela, mas não a solta completamente. Os braços ainda permanecem nos seus ombros enquanto me fita com certo ar de superioridade. — Nos empolgamos um pouco porque Haz está completando 16 hoje.

— Ok, já chega de falação, gente! — a mulher novamente imposta a voz e deixa sua pasta em cima da mesa. — Parabéns, Waters, pelo aniversário; e bem-vindo, Barrett, a essa escola. Mas agora deixem pra festear com a colega ou fofocar do aluno novo no intervalo, precisamos seguir com a teoria das probabilidades.

O estalo da sua mão batendo uma na outra, para enfatizar sua ordem, não me faz agir de imediato. Por um instante, ainda fico parado, voltando a encarar a ruiva. Ela está disfarçando e finge não me notar enquanto se senta.

Waters? É claro que a garota chorona, e mais linda que já vi, seria justo alguém proibido. Sondá-la de longe, tanto na sala como na colina, ainda é manter distância como Tuck pediu, certo?



“Lembra quando você me contou da energia mística que envolve Sedona? Admito que não levei a sério, parecia uma lenda boba. Só que cada vez mais acho que sua mãe estava certa. Hoje a irmã do Tuck veio me visitar e trouxe um saquinho com aquela terra vermelha das rochas. Não sei explicar direito, mas senti algo diferente; um formigamento na pele que renovou minhas forças para aguentar viver aqui.”

Trecho da carta nº 29

Eduardo Barrett
Presente

Porra, estou ficando mesmo velho!

Aperto o botão do terceiro andar, apoio meu peso na lataria do elevador e fecho os olhos por um momento. Em todo final de expediente, eu volto correndo para casa a fim de desacelerar a mente como eu fazia antes, só que meu corpo não está colaborando mais. Qualquer pequena mudança tem me deixado morto.

Aumentei o trajeto em meia hora hoje, porque houve um acidente de trânsito na rota que eu costumo fazer, e parece que disputei a Maratona de Boston^[1]. Minha respiração está ofegante e meu peito ardendo de incômodo pelo esforço.

Quando o oponente é cheio de energia, e a luta se estende um pouco mais do que meu normal de nocaute, também tem acontecido isso. Talvez eu precise parar de fumar de vez, ao invés de apenas diminuir os maços; meu pulmão e meu condicionamento físico vão agradecer.

— Caralho, Bailey, assim fica difícil te defender!

Escuto a voz do Kieran, logo que saio do elevador, e paro em frente à porta do meu apartamento para recuperar o restante do fôlego. Se ele me vir dessa forma, ficará preocupado demais sem necessidade. Vou procurar um médico para fazer um check-up nos próximos dias.

Crescer sem saber quem é o pai biológico, ser deixado pela mãe que foi viver a vida em outro Estado e perder a avó para um câncer o traumatizaram com abandono. Kieran sempre acha que as pessoas irão embora, seja por escolhas ou por alguma desgraça qualquer.

Sua neurose é tão intensa que ele nunca assistiu às minhas lutas desde que veio morar comigo, aos dez anos. O garoto tem medo de que eu apanhe demais – o que raramente acontece – e acabe gravemente ferido. Tuck também não é fã de socos e sangue, o que me deixa sem nenhuma torcida de dentro de casa.

Sorte que o Brazuca tem muitos fãs externos.

Esfrego a mão no peito para aliviar a pressão e inspiro devagar. Assim que o fôlego se restabelece, abro a porta e dou de cara com Bailey esparramada no tapete e rodeada de vários pedaços de borracha.

— Não é possível, eu comprei essa merda ontem. Não faz nem 48 horas, menina! — Tiro a mochila das minhas costas e jogo no aparador ao lado da porta, apressando o passo até a meliante.

O lado bom de encontrá-la fazendo bagunça é que desvio a atenção do meu cansaço exagerado com Kieran.

— Não vem com essa cara de coitada, não! — ele a repreende diante dos olhos caídos e fofos, apontando para o estrago. — O que foi que conversamos milhares de vezes? Não pode estragar as nossas coisas.

Bailey é uma cadela vira-lata de quatro anos que mora conosco há três. Kieran a encontrou abandonada perto do trailer onde o seu tio vive e não resistiu em resgatá-la. Já a levamos em cinco adestradores no decorrer do tempo que convivemos, só que a sua fase comportada não dura muito.

Ela teve a época de vício em cereal, rolos de papel higiênico, meias e agora chinelos. E olha que não é carência nem tédio. Somos três homens

aqui completamente rendidos nessa bagunceira: afeto e diversão têm de sobra.

— Será que Tuck não conseguiu levá-la pra passear na vizinhança?

Ele é responsável pelo passeio noturno, enquanto Kieran e eu nos revezamos de manhã e de tarde de acordo com nossas agendas. Se a cadela fica sem um dos três, ninguém aguenta a energia acumulada. Tuck só falha quando está se sentindo muito mal.

Se estou ficando velho, meu amigo, então, chegou na fase crítica das dores diárias na coluna e nos joelhos. Só que é teimoso como eu para sossegar; nós somos do tipo de pessoa que precisa estar 100% na ativa.

— Conseguiu, sim. Na hora que eu cheguei do Clarissa's, ele estava indo deitar e avisou que tinha levado.

Também nos dividimos nos afazeres do restaurante, que não poderia ter outro nome além de quem me inspirou e me ensinou a cozinhar. No almoço, Tuck me auxilia no caixa e no salão organizando tudo; e no jantar Kieran faz as honras.

O meu dom acaba no preparo dos alimentos. Ao contrário da minha mãe, que amava conversar com todo mundo, eu só gosto mesmo é de fazer os pratos e promover um lugar aconchegante para comer.

Não deixo Tuck ficar o dia inteiro, apesar de ele insistir, porque seria muito exaustivo para a sua idade. E Kieran também não pode porque está concluindo o Ensino Médio. Atrasado um ano por ter reprovado antes de ficar comigo, eu faço questão agora que tenha a formação básica, pelo menos.

Quem me viu, quem me vê. A gente paga a língua quando amadurece.

O garoto não é muito chegado a estudar, prefere mil vezes ficar no restaurante. Achei um milagre que nessas férias de verão perguntou se podia fazer um curso intensivo de português e espanhol para conversar melhor com os clientes latinos.

Minha mãe me ensinou desde pequeno o português e foi natural; tentei com o Kieran, só que para idioma sou um péssimo professor. A língua é difícil de explicar.

— O que a gente faz com você, menina? — Não resisto a cara de moleca arteira e me ajoelho no chão para acariciar sua pelagem, que mistura tons de marrom-claro, marrom-escuro e branco. — Será que contratamos um sexto adestrador?

Bailey é tão sem-vergonha que apoia a cabeça na minha mão, se esfregando para aproveitar o carinho e me amolecer mais.

— Talvez seja a hora de trocar o apê por uma casa com quintal como já falamos algumas vezes — Kieran comenta, recolhendo os restos do chinelo espalhados no tapete. — Seria o ideal para um animal desse porte.

— É, talvez a gente precise mesmo... — A cadela é grande, realmente, iria se sentir bem melhor em uma casa.

— Porra, que ânimo! — ele tira sarro. — O que te prende aqui pra enrolar tanto quando tocamos nesse assunto?

— Sinceramente, não sei.

Tuck mora neste apartamento desde a época que fui transferido para a prisão de Phoenix. Ele levou muito a sério a missão de me proteger depois que fiquei órfão, e não deixou de me visitar em nenhuma oportunidade no tempo que estive detido.

Ao ser liberado, vim para cá e permaneci por todos esses anos. Não sou rico nem esbanjo dinheiro, longe disso, contudo, com a grana que ganho hoje em dia eu poderia ter saído do aluguel e comprado algo próprio para nós.

A questão é que sempre enrolei, não parecia necessário. Apesar de antigo, o apartamento é bem localizado, em uma área que valorizou muito nos últimos anos, e era espaçoso até a chegada da Bailey.

— Além do espaço maior e mais moderno, tem a distância como pró na mudança — o garoto lembra.

Aceno com a cabeça em concordância. No bairro vizinho, onde está o restaurante, foi construído um condomínio com várias residências à venda. Seria uma boa oportunidade para ficar mais perto do trabalho, pois atualmente, enfrentamos cerca de meia hora de trânsito para chegar lá.

— Será que sua falta de empolgação é porque moramos na rua da *Child's future* e você criou um apego muito grande no projeto?

— Pode ser. — Isso com certeza conta muito.

Além de continuar o legado da minha mãe, eu também fiz questão de seguir o do meu pai. Três vezes por semana, eu dou aulas gratuitas de basquete e boxe para crianças carentes que participam das atividades de uma ONG a duas quadras de casa.

Vou para o restaurante cedinho, deixo tudo pronto, e no início da tarde volto para atender aos alunos antes de retornar para o jantar. Eu sou professor voluntário e, inclusive, ajudei ativamente na construção do ginásio coberto que nem existia no espaço. Foi Drew quem me apresentou para a direção do instituto, a família dele os conhece de longa data por trabalhos sociais pela cidade.

Se eu não tivesse me encantado com a iniciativa, Kieran nunca teria entrado na minha vida.

O garotinho era tímido e introspectivo quando o conheci. Não gostava de praticar nenhuma atividade física e foi uma dificuldade ganhar sua confiança com o basquete. Naquela época, já era cuidado apenas pela avó que estava com sérios problemas de saúde.

Eu gosto de todas as crianças, me abro mais com elas do que com qualquer outra pessoa, mas Kieran foi diferente desde o começo. Sentia uma necessidade enorme de colocar um sorriso no seu rosto triste e isso me fez encontrá-lo quase que diariamente fora da ONG. Ele vinha na minha casa, eu o visitava na sua e me tornei um apoio para a sua avó.

Na semana que ela piorou e sabíamos que não aguentaria mais, o pedido para proteger o seu neto tocou profundamente meu coração. Vi a chance de fazer por Kieran o que Tuck fez por mim.

Não podia adotar legalmente por causa dos antecedentes criminais, no entanto, podia ser uma espécie de tutor clandestino. O seu tio, que ficou com a guarda após a morte, não tinha a mínima condição de criar uma criança.

Viciado em drogas e com moradia precária, até hoje vive mais apagado do que são. Nós o visitamos às vezes, só que não tem como ajudar alguém que não quer ser ajudado.

Não me arrependo nenhum momento da escolha que fiz em acolhê-lo.

Além de salvá-lo dessa realidade, eu amo esse garoto que acabou se tornando um filho para mim. O dia que me chamou de pai pela primeira vez – e eu nunca imaginei que isso iria acontecer – foi o mais feliz da minha vida em muitos anos.

— Mudar daqui não vai te afastar da criançada. — Kieran se levanta com o lixo na mão e eu faço o mesmo, deixando mais um carinho na Bailey.
— Com o carro ou a sua moto pode ir e vir quando necessário. Se alguém precisar da sua ajuda, também pode falar com você pelo celular; caso tenha esquecido.

Reviro os olhos para o seu sorrisinho sarcástico; ele fica indignado que eu tenho um aparelho antigo que mal funciona a internet. Não sou nem um pouco ligado com tecnologia, quem cuida da divulgação do restaurante é somente o Kieran. Se dependesse da minha iniciativa, teríamos apenas os clientes que passam pela rua do estabelecimento.

Ao me mudar, no entanto, isso vai ter que mudar também. Muitas crianças, e até mesmo seus pais, vêm com frequência aqui em casa para conversar ou pedir ajuda para extras que a ONG não consegue auxiliar.

— Vou marcar com o corretor uma visita nossa no condomínio. — Tiro a camisa suada do corpo, já me preparando para encerrar a conversa, ir tomar um banho e deitar. A corrida cumpriu sua missão e estou começando a ficar sonolento. — Se depois dos chinelos, essa esfomeada resolver cismar com a coleção de chevlettes em miniatura do Tuck, vamos perder dois entes queridos.

— Nem brinca, seria o apocalipse!

Nós dois rimos, imaginando o caos sendo instaurado neste apartamento, e eu sigo pelo corredor enquanto Kieran vai jogar o chinelo destruído no cesto da cozinha.

Encarando as paredes largas que levam até meu quarto, e o carpete acinzentado no chão, algo me diz que não é só o costume ou a proximidade da ONG que me prendem aqui.

Tem mais alguma coisa neste lugar. Alguma coisa que não sei explicar.



Pego um pouco da comida borbulhante com uma concha e passo a mão por cima do utensílio trazendo o aroma gostoso direto para minhas narinas. O cheiro está perfeito! Com uma colher, experimento para saber se o sabor também será aprovado.

Ao confirmar que está delicioso, retiro o ramalhete de temperos que coloquei para cozinhar junto, deixo a tampa semiaberta para engrossar o caldo e diminuo o fogo. Amarrados com um barbante tem alecrim, folha de louro, aipo e tomilho que fazem toda a diferença no produto final.

A primeira memória que eu tenho com minha mãe cozinhando é aos cinco anos fazendo feijoada. Se tornou uma comida afetiva que eu adoro reproduzir aqui no Clarissa's exatamente como sua receita. Ela sempre me deixou ficar por perto e tinha uma paciência enorme para explicar cada processo.

Eu amava o basquete, e pensei que seguiria essa carreira no passado; só que a culinária sempre ficou como uma segunda opção muito viável. A única época da vida que eu não queria saber de nenhum dos dois foi quando estava afogando o luto no álcool.

— Daqui vinte minutos, tire a orelha, o rabo e o pé — aviso ao novo auxiliar que entrou semana passada e está ao meu lado me observando

atentamente. — Não esquece disso! Ontem um turista devolveu o prato porque ficou com nojo da aparência. Eles só servem para encorpar o sabor, espero não repetir essa ordem.

— Não vou cometer o erro de novo, *chef*.

— Só Edu, já te disse.

— Desculpa, Edu. Pode deixar que ficarei de olho.

Aceno com a cabeça e continuo conferindo os outros acompanhamentos do prato: o arroz está soltinho, a farofa de banana com bacon saborosa, a couve bem refogada, o torresmo crocante e o molho de pimenta...

— Aqui está faltando um pouco de acidez. Coloca o suco de mais um limão e deixe curtindo no fogo baixo — oriento Eric, um dos funcionários mais antigos que temos.

— Ok! — Ele pega um limão na despensa e aproveita para me trazer um pedaço da costela que está assando. — Experimente o ponto dela.

Mastigo e, porra, está derretendo na boca.

— Maravilhoso, cara, já pode tirar!

Continuo cozinhando e conferindo tudo tão concentrado que nem reparo a hora passar. Quando dou por mim, o salão está cheio atrás do vidro que nos separa, e deu quase a hora da minha aula com as crianças na *Child's future*.

O restaurante é simples e sem nenhuma sofisticação, porém, levamos muito a sério o conceito de comida caseira e espaço acolhedor, por isso, todos os dias lota rápido.

Minha mãe ficou muito incomodada quando veio para os Estados Unidos e percebeu que os americanos se entupiam de congelados e mal se sentavam para comer. Ela considerava o alimento sagrado e quis começar seu pequeno negócio.

Em comparação com o antigo restaurante da minha família, este é até grande. Não deu tempo de crescer como merecia, e com certeza teria

acontecido, se meu pai estivesse vivo.

Estamos localizados em uma área comercial com muitos latinos, nosso foco é atender aos trabalhadores no seu horário de folga; americanos das redondezas que querem comida fresca ao invés de congelados ou um simples lanche; e turistas que estão passeando.

Servimos almoço *self-service* das 11h30 às 15h30. O jantar no mesmo modelo de atendimento começa a ser oferecido a partir das 18h às 22h. Para quem continua optando pelos lanches mais leves, há também algumas opções que podem ser solicitados em qualquer horário sem intervalo.

Entre os queridinhos dos clientes, estão churrasco, feijoada, picadinho de carne, bobó de camarão e pão de queijo. Nossa carro-chefe são os pratos salgados, de sobremesa eu não sou muito bom e simplificamos oferecendo um creme maravilhoso que minha mãe fazia acompanhado de frutas típicas do Brasil – geralmente, papaia, manga, abacaxi e morango.

Uma vez por semana temos ainda um cardápio especial com menus de outros países mundo afora. Essa ação tem surtido muito resultado em vendas e deixado até filas para entrar.

— Edu, o Tuck está te chamando — Nadine avisa da porta da cozinha.

— Agora? Tenho que sair em no máximo cinco minutos.

— Tem um cliente querendo te conhecer.

Ah, que merda! Se eu pudesse, fugia sempre dessa parte de interação com os clientes. Não sou um homem de muitas palavras. Afasto-me das panelas e me aproximo dela.

— Acho que é coisa boa pelo menos, eles estão conversando animados lá no caixa — alerta, sorridente, enquanto desamarro minha touca e tiro o dólmã.

Eu conheci Nadine por intermédio das lutas, ela namorava um cara da equipe do maior rival do Tom. Há cerca de sete anos, o filho da puta a

espancou na frente de um monte de testemunhas durante a prévia de um combate.

Drew e eu a acolhemos e descobrimos que não tinha sido a primeira vez. A garota estava afundada em um relacionamento abusivo.

Na época, eu já tinha inaugurado o restaurante e ofereci um emprego de garçonete para que pudesse se manter financeiramente e dar um pé na bunda do agressor. Não foi imediata sua libertação, mas aos poucos conseguiu se livrar dele com a minha ajuda. Inclusive, a auxiliei nos primeiros aluguéis de um apartamento no mesmo prédio que o meu – onde mora até hoje. Queria que ficasse por perto para não ser ameaçada de novo.

Nadine é uma boa garota. Trabalhadora, linda, companheira. Em uma realidade alternativa, em que eu conseguisse me envolver emocionalmente de novo, com certeza seria alguém ideal.

Chegamos a transar por alguns meses ano passado, alegando casualidade, porém, eu percebi que não estava sendo apenas físico para ela, e achei melhor manter nossa relação apenas na amizade.

— Vou falar com ele rapidinho e já sair pra não me atrasar. — Deixo o uniforme em um armário perto da porta e pego minha mochila. — Fica de olho na cozinha, por favor.

— Vai tranquilo, a gente dá conta de tudo.

Eu sei que sim. Nadine ajuda muito tanto no salão como na cozinha se for necessário. Tuck e o Kieran a adoram e vivem jogando indiretas para que a gente fique junto.

Sigo para o salão e logo noto que o homem no caixa é um engravatado. Ele não consegue disfarçar a surpresa ao se virar e ver que não faço muito o estilo cozinheiro, pelo tamanho e o corpo cheio de tatuagens.

— A vibe do Fogaça, adorei! — Já tive muitos clientes brasileiros que me compararam com o *chef* Henrique Fogaça por causa da aparência. A diferença gritante entre nós é que a culinária que pratica é a alta gastronomia. Eu estou longe disso, na verdade, nunca nem tive vontade de

me enveredar para esse lado. — Sou Miguel Fontes, muito prazer, Eduardo. Seu amigo já me falou muito de você.

— O prazer é meu. Obrigado por almoçar no Clarissa's! — Estico a mão para cumprimentá-lo e forço um sorriso para não parecer antipático. — Espero que tenha gostado da nossa comida.

— Ele amou tanto que está me falando sobre uma proposta irrecusável! — Tuck entra na conversa.

— Proposta irrecusável? — Arqueio a sobrancelha, atento ao homem.

— Eu tenho três empresas aqui na área de tecnologia e estou organizando a primeira edição de uma feira de negócios com startups brasileiras que buscam espaço no mercado americano. O evento vai acontecer em Los Angeles daqui a duas semanas. — Fui no Brasil três vezes nos últimos anos para me aprofundar na culinária, mas nunca mais pisei na Califórnia desde que saí de lá. — Contratamos um buffet para atender os empresários, só que provando a sua comida deliciosa, me veio uma ideia magnífica. Nada melhor do que oferecer quitutes do país para a experiência de imersão se tornar ainda mais marcante. Queria muito que fosse lá preparar um menu com nossa equipe. São apenas dois dias, no sábado e domingo. Preciso que chegue na sexta para organizar o que for necessário e na segunda cedo está de volta.

— Daqui a duas semanas? — A ideia é muito interessante, eu já trabalhei em alguns eventos antes, porém, o prazo está apertadíssimo.

— Eu sei que está em cima, acredite, queria muito ter conhecido esse restaurante antes. Se aceitar, pago muito bem. Passagens e hospedagem são por minha conta. Sem contar que será o início de uma parceria que pode oferecer muitas outras oportunidades no futuro.

— Kieran, Nadine e eu damos conta de tudo, Edu. O Eric é um ótimo cozinheiro e mostrou em outras oportunidades que coordena a cozinha sem problemas na sua ausência.

Ele é ótimo mesmo, confio no rapaz. Apesar do Tuck se desdobrar toda vez que saio e cansar o triplo do normal, sei que posso ficar

despreocupado com a equipe.

— Eu tenho um compromisso inadiável agora e preciso ir, você consegue voltar aqui no final da tarde ou enviar algum assistente? — pergunto olhando no relógio de parede que fica atrás do caixa e percebendo que estou no limite para chegar no horário. — Conversamos melhor sobre o menu que pensou e como é a equipe que contratou. Dependendo de como for, a gente fecha.

— E perder a oportunidade de comer mais dessas maravilhas? Pode apostar que vou arrumar tempo, Edu.

— Então, ótimo. — Sorrio sincero desta vez e aperto sua mão em despedida. — Até logo!

Se eu pretendo assumir a compra de uma casa em breve, é bom que eu não perca nenhuma oportunidade de negócio próspera. Voltar a Los Angeles depois de todo esse tempo não vai mais me machucar como machucaria antes.



“Hoje eu sonhei com você e uma criança linda de cabelo ruivo. Era verão, um dia muito quente. Estavam no lago e tinha uma toalha de piquenique estendida no chão. Lembro de cupcakes com ganache de chocolate em uma cestinha e um livro de capa azul ao lado. Vocês passaram horas nadando e pareciam tão felizes que acordei sorrindo – e isso tem sido mais raro do que antes de te conhecer. Eu queria ter tido o privilégio de ter uma família com você.”

Trecho da carta nº 34

Hazel Waters
Presente

Naomi e eu vamos nos mudar para Phoenix.

Amanhã!

Caramba, não estou acreditando que farei mesmo isso. As mãos suadas guardando as roupas na mala, e o coração acelerado ecoando no meu peito, são provas da minha ansiedade. Ainda estou morrendo de medo, acredito que vai demorar para essa sensação passar. Só que ao mesmo tempo tenho certeza de que fiz a escolha certa.

Tive um mês na casa da minha irmã para pensar com calma e tomar uma decisão. A resposta veio depois da primeira semana, quando se tornou insustentável as visitas do meu pai, do meu avô e do Caleb fazendo pressão psicológica. Não mereço ouvir tantos absurdos se a única coisa que fiz nos últimos anos foi me dedicar à família – tanto a Waters como a Brydges.

Permanecer em Sedona se tornaria um martírio de cobranças e de fofocas, eu preciso de distância dessa confusão. Para justificar que estou na casa da Annie, Anthony espalhou para todo mundo que viemos ajudar no

curso de verão. Minha irmã está entrando na onda para não criar mais confusão para nós.

Ajudar minha filha realizar o seu sonho no processo só torna a viagem mais acertada. No fim das contas, meu pai fez um favor ao deixar a ideia no ar quando tentou me desvalorizar.

— Col acabou de confirmar que vem pra cá às oito. — Minha irmã passa pela porta do quarto de hóspedes e se aproxima da cama com a cadeira de rodas. — Dirigindo na velocidade mínima permitida na estrada, e fazendo as paradas pra você se manter calma, ele acha que chegamos por volta da uma da tarde no endereço do apê.

Três horas a mais do que uma viagem normal.

Annie e seu namorado têm nos ajudado com toda loucura da mudança, desde dinheiro a questões burocráticas e empacotar nossos pertences. Por causa da minha fobia, terei que viajar de moto bem devagar com Colman. Minha irmã vai nos acompanhar de carro levando nossa bagagem e a minha filha. Eu prefiro não andar de jeito nenhum em qualquer veículo motorizado, porém diante da necessidade, se eu estiver ao ar livre não é tão sufocante.

O meu problema maior é ficar fechada com o automóvel em movimento. Eu já tentei superar esse pavor na fase adulta e tive a mesma reação de quando era jovem. Simplesmente não dá. Minha respiração falha e não consigo puxar ar ao nariz de jeito nenhum. As lembranças vêm tão fortes que me sinto como se estivesse sendo queimada viva.

— Tem certeza que não vai ficar uma viagem longa demais pra você dirigir?

Naomi até tem carta e dirige o carro do pai às vezes, mas só adquiriu experiência nas estradas calmas daqui. Ela e eu ficaríamos apavoradas se tivesse que lidar com a quantidade de veículos indo em direção à capital.

— Pode ficar tranquila, Haz, eu fiz trajetos mais longos passeando com o Col. — O seu carro é adaptado e muito seguro, sei disso. Contudo, além do meu receio normal com o meio de transporte, também fico

preocupada que se esforce demais por minha causa. — Estaremos sempre perto no caminho, qualquer coisa eu aviso.

Aceno com a cabeça, não querendo cismar com isso, e fecho a última mala. Peguei o resto das nossas coisas na fazenda, anteontem, e tive que espremer para caber tudo no carro da Annie.

O pai do Colman nos emprestou um maleiro que será a salvação para fazer apenas uma viagem. Já guardamos o grosso; amanhã é só levantar, resolver detalhes, tomar café e sair.

Por sorte, o apartamento que arrumamos está completo. Não precisamos levar quase nada de móveis ou eletrodomésticos. A treinadora Fisher foi um anjo nessa mudança, sem ela provavelmente não teríamos conseguido um lugar tão bom antes de começar as aulas daqui a vinte dias.

Ela garantiu a matrícula, a vaga no time de futebol e nossa nova moradia com a prima de outra professora da escola. A mulher foi no início da semana fazer intercâmbio na Europa e vai ficar seis meses fora. Não é muito tempo, no entanto, nos dará uma folga para respirar e nos acostumar com a cidade.

Annie fez a transferência total do valor para garantir nosso semestre e assinei o contrato online mesmo. Para economizar e agilizar os processos, nem chegamos a ir em Phoenix.

A treinadora Fisher quem visitou a casa e fez uma chamada de vídeo para nos mostrar. Eu adorei, Naomi quase entrou no aparelho de tão animada. Dá para ver a escola da janela do terceiro andar, onde ficaremos hospedadas.

Obviamente o lugar não é grande como estávamos acostumadas na fazenda, mas, é espaçoso para um apartamento e bem aconchegante.

Na segunda-feira, assim que estivermos bem acomodadas, irei resolver as últimas questões da matrícula. Só faltará arrumar um emprego para tudo entrar nos eixos. Espero que em meados de agosto, quando as aulas se iniciarem, eu já esteja empregada.

— Pai, dá um tempo! Eu não vou desistir de ir, entenda de uma vez por todas!

Ao escutar a voz alterada da Naomi, Annie e eu saímos do quarto e vamos até a sala a tempo de vê-la fechar a porta, estressada. Ela tinha ido se despedir de algumas amigas antes da viagem, pelo jeito Caleb não está dando sossego nem na véspera da mudança.

Ele me ligou a semana inteirinha e não atendi nenhuma vez. Esperei para ir à fazenda no horário que saiu para um compromisso; Margot estava de vigia para mim.

Ninguém mais apareceu aqui depois que Annie ameaçou fazer um escândalo na vizinhança se viessem dizer mais desafetos.

— Não é problema meu se a vó está torrando sua paciência. Inventou uma historinha ridícula pra se safar, agora aguenta o falatório. Seria muito mais digno da sua parte assumir os seus erros do que inventar mais mentiras.

— *Touché!* — minha irmã sussurra, rindo para mim. — Essa menina é meu orgulho.

Naomi não está mentindo, seria muito mais digno.

Caleb justificou a minha falta e da filha durante a última visita dos seus pais com a invenção do curso da Annie. Como os Brydges a tratam como uma “coitadinha”, devido a situação da paraplegia, não criaram caso.

Já prevendo fofocas futuras do motivo de sairmos de mala e sumirmos da cidade, agora ele disse que autorizou Naomi mudar de escola com a condição que eu fosse junto.

Ele inventou que iria lá nos visitar toda semana e que só fez isso porque a menina estava ficando muito irritada e temia que perdesse de vez seu interesse pela fazenda se não tentasse seu sonho.

Segundo sua explicação idiota – essa parte contada pela Margot porque o desgraçado jamais nos falaria –, uma vez que minha filha visse que não é tão boa quanto imagina, e se decepcionasse por falhar em uma escola grande, iria voltar e seguir seu caminho. O filho da puta teve

coragem de mentir aos pais que o problema da safra aconteceu porque ele precisou fazer um alto investimento para termos qualidade de vida em Phoenix.

Aposto que essa historinha baixa teve ajuda do meu pai e do meu avô na invenção. Só não fui eu mesma lá desmenti-lo porque, como diz minha irmã, enquanto meu ex se lasca aguentando os pais criticando sua decisão, eu e Naomi teremos paz.

Embora meus sogros não sejam de falar muito comigo para resolver problemas, tenho certeza que se soubessem do pedido de divórcio, iriam me atazanar como minha família por causa do legado da fazenda.

Iriam encher o saco da Naomi também dia e noite.

Mesmo concordando que é ridículo essa história, pelo menos, minha filha terá o seu último ano do Ensino Médio para se concentrar só nos estudos e no seu sonho. Quando a verdade vier à tona, será tarde demais para interferências de terceiros – sejam eles meus parentes ou do Caleb.

Minha garotinha vai calar a boca de quem não acredita nela e terá ido ainda mais longe com uma bolsa universitária para jogar futebol.



Exaustiva física e mentalmente, não tem como descrever melhor a viagem do que essa palavra. Andar devagar e com a tensão dos outros veículos passando o tempo todo foi desgastante. Minha coluna está dolorida de tão ereta que permaneci, e minhas mãos rígidas por apertar incessantemente o suporte da moto a fim de me segurar.

Faz anos que não saio de Sedona, e jamais havia ido tão longe, mesmo quando ainda não tinha a fobia.

Olho no relógio do celular e percebo que são 15h15. Tivemos que fazer mais paradas que o previsto para eu poder respirar fundo e pisar no chão firme. Não pretendo sair deste lugar tão cedo, não aguentarei mais viagens longas por um bom tempo.

— Ai que fofo, eu amei!

Apesar do cansaço, sorrio com Naomi ao observar o prédio. Ele é de um estilo arquitetônico mais antigo, com janelas semiovais e escadas de incêndio à mostra do lado de fora.

Normalmente, eu não acharia marrom e roxo duas cores bonitas para uma fachada, no entanto, neste caso é bem agradável de se olhar. O roxo é usado apenas como detalhe nas bordas laterais e no telhado. Deixou a estrutura charmosa, parece um lugar calmo de viver.

— Tirando a cor, parece o lar de idosos perto da sua casa, amor. Só faltou uns arabescos de decoração na escada de incêndio e uns arranjos de flores nas janelas.

— Pior que é verdade, parece mesmo! — Annie ri do comentário do namorado e sobe sem dificuldade por uma rampa na calçada espaçosa.

Pelo jeito, no quesito acessibilidade a cidade grande é muito melhor que a pequena. Em Sedona é uma dificuldade para minha irmã caminhar sem empecilhos no caminho.

— Naomi, que alegria te rever, querida! — A voz melodiosa de uma mulher desvia nossa atenção para a direita.

É a Fisher.

Minha filha avisou da nossa chegada há menos de cinco minutos enquanto estávamos procurando uma vaga para estacionar. A escola realmente é perto para vir tão rápido a pé.

As duas se cumprimentam, matando a saudade, e eu apresento minha irmã e meu cunhado que ainda não a conheciam pessoalmente.

A treinadora morava na cidade vizinha a Sedona e ficou apenas um ano dando aula para Naomi antes de aparecer uma oportunidade melhor de trabalho. Com a revolução que fez no time, colocando a equipe pela primeira vez no radar da região em campeonatos, eu imaginei que não ia durar muito vivendo lá.

— Vou apresentar vocês ao dono do prédio, que dará acesso ao estacionamento privativo e ao apê. Só que infelizmente não posso ficar pra ajudar com as malas. Temos uma reunião pedagógica em vinte minutos. Os alunos ainda estão de férias, mas os professores iniciaram a loucura de trabalho.

— Imagina, não se preocupa — digo, tocando seu ombro. — Você já ajudou demais. Damos conta do resto.

Ela reforça como foi um prazer ajudar, e como está feliz com a chegada da Naomi na equipe, e entramos juntos no térreo até a casa do responsável. Fico com vontade de sorrir de novo ao ver que quem atende é um senhor bonitinho de cabelos bem brancos.

Colman estava certo na comparação. Com um pouco de conversa simpática, descobrimos que a maioria dos moradores é mais velha e que o local é bem sossegado.

Quando subimos para o apartamento, meu peito se enche de ar em alívio por estar gostando de verdade de tudo. O local é mais agradável pessoalmente do que em vídeo. A locatária é muito caprichosa, está tudo limpo e bem-organizado.

— Preciso ir antes que me atraso. Segunda, vocês vão lá na escola pra finalizar a matrícula e conhecer o espaço, certo?

— Vamos no primeiro horário — minha filha se apressa a responder.

— Deixei agendado todos os exames médicos necessários e conseguiram nos encaixar na segunda também — acrescento, colocando a minha bolsa em cima do sofá.

— Perfeito! Vou me programar pra ir junto na apresentação do campus. Você vai amar a estrutura esportiva deles, Naomi.

— Não tenho a mínima dúvida, acho que nem vou conseguir dormir mais até começarem as aulas.

— Deus te livre, milha filha, já basta uma pessoa com insônia na família! — brinco, fazendo o sinal da cruz, e todos riem.

Nos despedimos da Fisher e Naomi desce junto com Colman para guardar os veículos na garagem a fim de ficar mais fácil subir com tudo. Eu permaneço com Annie no apartamento por enquanto porque preciso tomar café urgente.

Há três ambientes conjugados logo na entrada: sala de estar, sala de jantar e cozinha. Ao fuçar no segundo armário da cozinha, encontro o que procuro. Santa locatária que deixou duas caixas de cápsulas disponíveis!

Faço um extraforte para mim e para a minha irmã na cafeteira. Preciso de energia para esquecer o cansaço e guardar a bagagem; e ela para encarar a estrada no bate-volta. Todo sábado de manhã Annie dá aula de pintura ao ar livre para turistas e não vai poder ficar aqui por muito tempo.

— O apê é ótimo, Haz, estou muito feliz por vocês — ela comenta, bebericando o líquido quente assim que fica pronto. — Ao que tudo indica, será uma mudança tranquila. A escola é perto, o prédio calmo e na redondeza tem bastante comércio pra buscar um emprego. Porém, se algo der errado, o nervosismo de estar numa cidade grande te pegar ou precisar de mais dinheiro, não hesite em me avisar.

— De coração, obrigada por todo apoio, minha irmã. Se não fosse sua ajuda, eu estaria sufocando com as cobranças da nossa família e a cara de pau do Caleb.

— Você sempre fez muito por mim a vida inteira, estou feliz de ser útil também. — Annie entrelaça nossos dedos com a mão livre e eu acaricio sua pele com meu polegar. — Promete que vai ser sincera comigo e me deixar participar dessa nova fase?

Passei tanto tempo enterrando meus sentimentos, o mais fundo possível no meu peito, que tenho uma dificuldade enorme de me abrir. É mais fácil não incomodar ninguém com meus problemas e ir seguindo a vida.

— Prometo que vou tentar.

— Me aguarde, desta vez serei insistente. — Ela solta minha mão e eu viro uma golada do café já prevendo sua cobrança futura.

— Pode deixar tudo aqui na sala mesmo. — Colman entra todo corcunda pela porta com várias bolsas penduradas nas costas.

Salva pelo gongo!

Ao seu lado, um garoto alto de cabeça raspada surge com o dobro de bagagem nos braços e um sorriso enorme no rosto enquanto comenta algo com Naomi, que também está com os lábios esticados.

— Mãe e tia An, esse é nosso vizinho Kieran. A gente o encontrou na garagem e ele prontamente se dispôs a ajudar subir as coisas.

— Que gentil! — Sorrio e deixo a xícara de café na bancada da cozinha, me aproximando deles. — Eu sou Hazel, muito prazer!

— O prazer é todo meu em conhecê-las. — O garoto pega na nossa mão, educado e soridente, mas logo volta a encarar minha filha. — Sejam bem-vindas no prédio, qualquer coisa que precisarem podem nos chamar na porta ao lado.

Kieran é um garoto bonito, com olhos azuis ainda mais claros que da Naomi. Os dois parecem ter a mesma idade.

— Obrigada pela receptividade, ter bons vizinhos torna a mudança muito melhor.

— Estamos à disposição! Só peço desculpas de antemão pela Bailey se fizer arte. Não recomendo deixarem chinelos na entrada do apê, ela está na fase de vício neles e pode roubar na velocidade da luz durante as saídas pra passear. A sua capacidade de estraçalhar borracha em segundos é impressionante.

— Anotado, nada de chinelos na porta! — brinco, fazendo sinal de *check* com a mão. — Como temos muita coisa pra trazer pra cá no carro, não iremos negar ajuda também. Será ótimo terminar mais rápido, assim minha irmã e meu cunhado descansam um pouco antes de pegarem a estrada de novo.

— Contem comigo, só vou deixar minha mochila em casa, colocar uma bermuda e já volto.

Quando ele vira de costas para sair, Annie e eu acompanhamos divertidas a cabeça da Naomi seguir cada passo do garoto com um sorriso ainda estampado no rosto. Mal ouvimos o barulho da porta ao lado bater, minha irmã não aguenta e provoca a sobrinha.

— Limpa a baba, querida, pra não dar tão na cara!

Ela amplia a risada, fazendo um coque solto no cabelo para agilizar o trabalho.

— Nossa, ele é muito gatinho! Não tem garotos assim em Sedona. — Pelo menos, agora há opções de ver turistas, embora a maioria seja mais velha e alternativa. Na minha época da adolescência nem isso tinha, fora uns forasteiros esporádicos. — Se ele é um aperitivo desta cidade, eu, com certeza absoluta, vou amar cada segundo aqui.

Focada no futebol desde que conheceu o esporte, minha filha passou quase a adolescência inteira sem comentar sobre meninos. Sei que deu uns beijos e amassos com alguns garotos da escola, mas nenhum foi para frente. Não havia ninguém lá que a interessasse ao ponto de se apaixonar.

Deus, ver Naomi apaixonada vai me assustar para caramba.

O medo que se decepcione, que seja machucada como...

Balanço a cabeça, mandando embora qualquer mísera lembrança que tente se infiltrar em meus pensamentos.

Ela não é eu.

Por mais que seja difícil, não posso deixar minhas frustrações podarem as pessoas que amo de viverem suas próprias vidas.



“Eu tive uma intoxicação alimentar severa noite passada por causa da comida horrível que servem neste presídio. A situação ficou tão séria que me levaram pra atendimento médico em um hospital ao invés da enfermaria. Mesmo quando frio, quase inconsciente de dor, você veio imediatamente na minha mente assim que me colocaram no carro. Espero que um dia você cure esse trauma. Espero, mais ainda, que pare de se culpar pela morte da sua mãe.”

Trecho da carta nº 47

Hazel Waters
Passado

Apresso o passo pelo gramado quando a corrente de ar vem mais forte e joga meu cabelo na frente do rosto. Annie agarra minha mão, assustada, e escuto seus murmurários acima do barulho da ventania.

Sedona tem o clima semiárido e chove muito pouco durante o ano. Somos conhecidos pelo céu claro e ensolarado. Ficar completamente encoberto por uma espessa nuvem cinza, como está agora, é raríssimo de acontecer.

Principalmente, no começo de outubro. Nossa outono costuma ser bem seco.

— O papai já está bem ali, olha só! — Observo a minha irmãzinha e aponto com a cabeça para a calçada.

— Está ventando muito forte, eu não gosto desse tempo, Haz... — A voz chorosa logo se transforma em pranto ao ouvirmos o barulho alto de um trovão. — Eu tô com medo, muito medo!

— Para de ser um bebê chorão, é só chuva, Annie! — Connor implica, passando por nós para alcançar primeiro a viatura estacionada.

Quero chamar sua atenção, mas o peso na consciência não deixa. Ele está enfrentando uma fase complicada e, com o pai que temos em cima o tempo todo, não é como se mostrar fragilidade fosse aceitável.

— Vai ficar tudo bem, meu amor — reforço, trazendo o corpo pequeno dela para mais perto do meu, enquanto continuamos andando. — Logo você estará em casa!

— Você precisa vir com a gente no carro, Haz. Não pode ficar na rua com esses trovões! — Ela agarra a minha cintura e me aperta com força.

— Eu não posso... — Engulo em seco, acariciando os fios ruivos do seu cabelo para disfarçar o tremor na minha mão.

— Você tem que entrar no carro, não quero que fique na tempestade. Vai chover muito forte. Vai ter mais trovão. E se... e se você se machucar também?

Às vezes, eu sinto como se tivessem cacos de vidro quebrados dentro do meu peito. Eles ficam parados, causando uma dor constante, porém tolerável, até que alguém os pega e afunda contra a carne.

Nesses momentos é quase insuportável respirar. Traz uma sensação horrível de ser afogada em sangue.

Mesmo que seja um sangue invisível.

— Lembra o que a irmã já conversou com você? — Tento manter um tom firme, mas minha garganta embarga.

— Eu sei que você não gosta mais de andar de carro desde que a mamãe virou estrelinha, só que hoje é diferente. Está muito assustador, eu preciso que fique pertinho de mim.

A forma angustiante com que a palavra “preciso” sai dos seus lábios me quebra.

— Venha logo, gente, eu tenho hora pra voltar pra delegacia! — nosso pai grita de dentro do veículo, que está com a porta aberta e com Connor já sentado no banco de trás.

— Eu vou andar o mais rápido possível, logo chego em casa pra ficar com vocês — explico, buscando seu olhar para tentar passar confiança. — Ficarei longe das árvores, não vai acontecer nada. No máximo, tomarei um pouco de chuva.

— Por favor, Haz. Por favor, vem comigo! — Annie insiste, parando de andar, e o choro aumenta.

Meu coração acelera e o caco de vidro vai mais fundo. Eu odeio vê-la triste.

— Que palhaçada é essa na rua? Entra logo! — meu pai volta a ordenar, irritado pela cena.

Se tem uma coisa que ele odeia é exposição desnecessária. A família do prestigiado policial Waters precisa ser perfeita.

— Você tem que ir, meu amor, o papai vai ficar bravo e eu não quero que brigue contigo.

— Só vou se você for, Haz... — Ela olha para o céu nublado e se encolhe com o clarão que antecede mais um trovão.

— Entra agora, Annie!

Merda! Anthony saiu da viatura e está com aquele semblante de puto ao quadrado, quando perde a paciência totalmente.

— A Haz pre...

O puxão que meu pai dá no braço da menina, interrompendo sua fala, é tão forte que estala o ombro e o barulho ecoa junto com o vento. Instintivamente seguro sua mão, ávida por impedir que a machuque mais sem nenhuma necessidade.

Annie só está com medo, é uma criança de sete anos.

— Não se mete, Hazel! Sabe que odeio birra e choradeira — brada antes mesmo que eu abra a boca, afastando-se do meu contato. Ele praticamente joga minha irmã na viatura à força, ignorando o choro sentido da filha. — Nada disso aconteceria se você parasse com essa frescura de

não andar em veículos fechados. Já faz quase um ano, precisa esquecer e seguir em frente.

Frescura.

O maior trauma da minha vida é resumido em um mero capricho. Como se fosse fácil esquecer. Fecho os olhos e a enxurrada de imagens que inunda minha mente fraqueja minhas pernas e me faz cambalear para o lado.

Faz quase um ano e parece que foi ontem.

Faz quase um ano e ainda é dolorosamente vívido.

Escuto a voz da minha mãe decidindo cortar caminho para chegar mais rápido em casa porque estava muito cansada.

Vejo a estrada de terra mal iluminada que não era habitual para ela.

Sinto o cheiro da poeira sendo levantada por causa da velocidade.

Uma curva. Um segundo de distração.

Em um instante estamos rindo da música brega que toca no rádio; e no outro o veículo perde o controle e cai em uma ribanceira.

O curto tempo que durou a queda foi a segunda coisa mais apavorante que vivi na minha vida. O carro em movimento e os gritos de medo de nós duas latejam no meu ouvido até hoje. A primeira foi sentir o impacto do veículo contra uma árvore e o que se sucedeu em seguida.

O meu airbag funcionou, o dela não. Quando abri os olhos, tinha tanto sangue em seu rosto... tanto silêncio.

O desespero me dominou e não consegui reagir. Não me movi do lugar, nem procurei o celular para chamar o resgate. O espaço fechado estava me consumindo e me queimando.

Tento controlar as lágrimas que se acumulam nos meus olhos por causa da memória, mas se torna impossível impedir que escapem pela minha bochecha.

— O que acabei de falar, Hazel? Chorar não vai resolver nada, só piorar as coisas. — Meu pai entra na frente da visão dos meus irmãos e me encara ainda mais enfurecido. — Ao invés de duas, fico com três crianças pra criar sozinho. Você precisa me ajudar, não me atrapalhar.

A culpa me domina; crua e amarga. Me sinto responsável pela morte da minha mãe, por deixar meus irmãos pequenos órfãos e meu pai viúvo. Se não fosse por mim, não estaríamos naquela estrada. Eu quis fazer um curso de confeitoria na cidade vizinha. Era tão raro algo nessa área pelas redondezas.

Eu insisti para ela me levar, três vezes por semana, durante dois meses à noite, mesmo sabendo da sua rotina puxada como dona de casa e professora de educação primária.

Minha mãe poderia estar viva para mim... principalmente, poderia estar viva para Annie e Connor que tiveram tão pouco tempo ao seu lado.

A culpa me corrói tanto que eu tenho arrancado forças do fundo da minha alma dilacerada para parecer bem. Pelo menos, em público. Me esforço a sorrir. Me desdobre para cuidar de tudo. Chorar com plateia, como agora, não acontece desde o ano passado. Eu me policio constantemente.

Tudo que eu tenho feito, nos últimos meses exaustivos, é para que meus irmãos e meu pai se sintam o máximo possível felizes. Tenho a necessidade de compensar de alguma forma a perda sendo uma boa filha e uma boa irmã.

Mesmo que isso signifique que eu me anule cada dia mais.

— Não vai se repetir, pai. Me desculpa, estou naqueles dias — minto, enxugando o pranto com as duas mãos. — Logo estarei em casa. Vou o mais rápido que conseguir.

Antes que insista para eu entrar no carro, ajeito a mochila nos ombros, viro de costas e começo a marchar novamente. Até ele fazer o retorno e voltar para essa via, espero estar bem longe. São cerca de vinte minutos de caminhada.

Não olho para a Annie porque não vou aguentar ver seu rostinho triste. Daqui a pouco eu peço desculpas e a compenso com pipoca e brincadeiras.

Escuto a porta da viatura se fechar com rispidez e, só então, solto o ar que nem tinha reparado que segurei. A expiração profunda vem junto com mais um trovão, e o sobressalto do meu corpo, ao ver o aluno novo surgir do nada na calçada.

Seu olhar direto no meu me pega desprevenida. Ainda me surpreendo em como são tão cinza, igual a tempestade que está se formando. Nunca vi uma pessoa com essa cor nos olhos. O que ele está fazendo na saída exclusiva das crianças? Será que me viu chorando? Será que presenciou a cena com meu pai?

Como tem acontecido esporadicamente na sala de aula, um magnetismo estranho nos prende um ao outro durante alguns segundos. Nenhum de nós diz nada; nunca dizemos. Se ouvi a sua voz duas vezes, na última semana desde meu aniversário e sua chegada, foi muito.

O garoto é quieto e na dele.

Um pouco esquisito... e bonito também, admito.

As meninas da escola estão loucas com o seu tamanho, o corpo definido e a tatuagem enigmática no braço. Com a camiseta só dá para enxergar algumas penas que parecem asas. Há uma aposta ridícula rolando sobre serem de um anjo da morte; ele não tem cara de bonzinho para um ser celestial comum. Aliás, é justamente esse estilo *bad boy*, tão raro por essas bandas, que mais chama a atenção.

Em outros tempos, um ano atrás, eu provavelmente ficaria intrigada como elas. Hoje tenho questões bem maiores para lidar do que hormônios da adolescência.

Dou um aceno rápido com a cabeça para não ser mal-educada, desvio dele na calçada e continuo andando. Além do meu estado de espírito nada propício a flertes, meu pai me deu um sermão enorme sobre Eduardo Barrett.

Ele me mandou ficar bem longe do garoto, porque além da aparente cara de problema, está morando com Tuck Elms – antigo desafeto dos Waters. Desde criança, me lembro do meu avô contando sobre sua rixa com esse homem.

Os Elms tinham um terreno grande, dentro da área que hoje é a fazenda de citrus dos Brydges. Meu avô estava intermediando a compra do local e, apesar de não terem dinheiro para investir em um negócio lá, Tuck bateu o pé que não queria vender por ser uma herança familiar com significado pessoal para eles.

Os moradores da cidade não apoiaram a decisão e começaram a ficar irritados com a atitude, pois a fazenda em funcionamento traria muitos empregos para Sedona em uma época que a economia do país passava por uma grande recessão.

Segundo meu avô, por causa dessa pressão popular, os pais do Tuck aceitaram assinar os documentos da venda. Todo processo foi feito sem a presença do filho, que era veemente contra, mas a noiva dele na época estava junto e testemunhou a lisura. Depois que os trâmites legais começaram a ser feitos, os pais tentaram voltar atrás e era tarde demais. Havia termos bem rígidos no acordo sobre a quebra do contrato, que demandariam gastos enormes que eles não tinham.

O que fez meu avô e meu pai pegarem ranço do Tuck foram os boatos espalhados na cidade de que os Waters eram pessoas de má índole que exploraram sua família por status. Ele disse que os pais nunca aceitaram vender a área e que tinham sido enganados. Além de reclamar do valor oferecido pelo terreno, considerado injusto pelo tamanho, também alegou que Robert tinha assediado a noiva dele com falsas promessas para conseguir o que queria.

Meu avô já era casado na época com a minha falecida avó, e se meu pai é fissurado com exposição negativa, Robert é o dobro. Ele não mediou esforços para limpar sua imagem, o que fez Tuck se mudar de Sedona por anos.

Na verdade, fiquei curiosa do motivo de ter voltado justo agora. A sua família continuou morando aqui, porém, em uma área mais distante e quase

não chamam a atenção fora a venda de alguns produtos.

Pelo sobrenome, Eduardo não é um familiar dos Elms. Por que virariam foco depois de tanto tempo reclusos? Não é só na escola que o garoto é motivo de insinuações, a cidade inteira fofoca dele e do retorno inesperado do Tuck.

Uma gota grossa de chuva cai no meu rosto e eu percebo que o cinza está ficando cada vez mais escuro rápido demais. Ao invés de focar nos meus pés para serem ágeis, estou perdendo tempo com pensamentos de algo que não é problema meu.

A fim de não ficar encharcada e correr risco com os relâmpagos no meio da rua, troco a caminhada por uma corrida. O trote acelera à medida que novas gotas molham minhas sardas.

Cuidar da minha vida já é trabalhoso o suficiente, não preciso de nenhuma outra distração.



“Quanto mais eu penso nisso, mais tenho certeza que você me estragou pra todas as outras mulheres.
Nunca haverá na minha vida alguém que me faça sentir igual você faz.”

Trecho da carta nº 64

*Eduardo Barrett
Presente*

Aumento o ar-condicionado do quarto e busco o número do Kieran no celular para fazer uma chamada de vídeo com ele e o Tuck. Já são 22h20, o restaurante fechou e devem estar apenas organizando os últimos detalhes antes de ir embora.

Serei bem rápido na ligação, acabei de chegar e quero aproveitar a academia do hotel que fica aberta até às 23h30. Para não me empolgar demais e acabar dormindo muito tarde, é melhor não arriscar correr ao ar livre.

Amanhã preciso estar às cinco da manhã no centro de eventos onde acontecerá a feira. O lugar está localizado nessa mesma quadra, porém com o tanto de trabalho que teremos que fazer, não podem acontecer atrasos nem imprevistos.

No terceiro toque, os olhos azuis do garoto surgem na tela e um sorriso se expande no seu rosto.

— Fala, filho!

— E aí, pai! — Ele faz uma careta e aproxima mais o rosto do aparelho. — A qualidade do vídeo tá muito baixa por causa do seu celular de merda, liga o wi-fi do hotel pra melhorar.

— Tá ótimo, Kieran, não começa a implicar com meu telefone. Vejo você perfeitamente. — Caminho até a cama e me sento um pouco, tirando os sapatos com os próprios pés.

Exceto na curta viagem de avião, eu não sentei nenhuma vez hoje. O dia foi corrido conhecendo a equipe e deixando tudo alinhado para o fim de semana.

— Não vai demorar nem...

— Como estão as coisas aí? — ignoro sua tentativa de me fazer procurar o acesso do wi-fi pelo quarto, sem tempo para perder à toa.

A qualidade do vídeo é o de menos.

— Está tudo em ordem, senhor teimosia. — Eu não sou teimoso, sou prático; mas não terei essa discussão a essa hora da noite. — Os pratos do dia temático foram um sucesso.

— Que bom! O bibimbap^[2] foi o queridinho de novo? — Repetimos várias vezes os países asiáticos no dia temático, pois há uma demanda expressiva de curiosidade em experimentar a culinária do continente.

— Dessa vez o jajangmyeon^[3] teve mais saída e elogios.

— Legal! O pessoal da cozinha levou a demanda numa boa? Houve algum problema sério?

— Eric é ótimo, comandou bem o pessoal. Hoje o dia foi movimentado, mas leve em problemas.

Manter um restaurante não é nada fácil. A rotina é bastante exaustiva e, com frequência, abundante em intercorrências. Não que eu reclame da parte de ocupar o tempo quase que totalitariamente.

Fiz questão de abrir no almoço e no jantar para que meus dias fossem cheios. Quanto mais trabalho, mais a mente fica ocupada.

— Cadê o Tuck? Me diz que ele foi pra casa dar uma descansada durante o dia pelo menos.

— Ah, tá, parece que nem conhece a figura. Ficou aqui o tempo todinho, tive que obrigar a sentar no caixa agora à noite pra não passar a madrugada com dor na coluna.

— Deixa de ser fofoqueiro, Kieran! — ele ralha no fundo e meu filho o mostra na imagem.

— O que eu te falei antes de vir, Tuck? Você não tem mais idade pra tanto esforço, não!

— É só até segunda, não vou morrer; fica tranquilo. E aí, como foi a conversa com a equipe e os primeiros preparativos?

O filho da puta tem a mesma estratégia que eu para ignorar o que não quer falar ou fazer. Pior que não adianta brigar, ele só vai sossegar quando eu chegar. Assim como é para mim, o Clarissa's é muito importante para o Tuck.

— Foi cansativo, mas deu tudo certo. Fizemos testes em todos os pratos e conseguimos nos entrosar bem. — O evento é maior do que eu imaginei que seria, não terei tempo para nada aqui fora trabalhar. — O lado bom é que o Miguel Fontes está apaixonado na minha comida. Ele e seus sócios brasileiros vieram aprovar o menu hoje e amaram. Já estão fazendo planos de futuras parcerias, pode entrar uma grana boa pra gente trocar o apê pela casa nova.

— Cancela essa ideia de mudança! — Kieran se apressa a dizer, abrindo outro sorriso enorme. — Pelo menos pelos próximos seis meses.

— Como assim, cancela? Por que seis meses?

— Por causa da nova vizinha, que vai ficar no apê da Sera até ela voltar do intercâmbio. — Tuck também ri e eu arqueio a sobrancelha, atento nos dois através da tela. — Você tinha que ver esse menino quando chegou aqui para o turno do jantar. Os dentes estavam quase saltando da boca de tanto que ria.

— É solteira desta vez, né, Kieran? Você lembra o caos que foi a última moradora temporária que você se envolveu.

Alguns meses atrás, o abençoado saiu com uma mulher de 31 anos, que foi passar uma temporada com a tia que já era inquilina antiga no prédio. Até aí, tudo bem, ele sabe o que faz da vida e é responsável.

O problema foi que a mulher mentiu que era solteira, estava brigada com o marido e o cara apareceu do nada pegando os dois no flagra. O Kieran só não levou uma surra daquelas porque eu estava em casa e separei a briga.

O saldo foi apenas um olho roxo por alguns dias.

— Aparentemente, é solteira, sim. — Bufo e meu filho estende a mão livre para cima, em sinal de rendição. — Calma, ela é só um ano mais nova e veio pra estudar.

— Menos mal, a chance de dar merda é menor assim.

— Pai do céu, foi louco! Eu sei que nunca nos encontramos antes e, ainda assim, parecia que a conhecia de algum lugar. É a garota mais linda que já vi na vida. Acho que estou apaixonado.

Dou risada da sua cara de bobo, a menina deve ter mesmo causado uma boa primeira impressão. Não que dê para levar a sério o Kieran. A timidez que tinha na infância foi embora no decorrer dos anos da adolescência.

Apesar de não ser muito chegado a esportes e ser repetente, o garoto ficou popular na escola e bastante mulherengo. Já ouvi esse discurso antes (embora não à primeira vista) e não durou um mês.

— Aliás, a mãe dela também é uma ruiva bonita e não tinha aliança no dedo! — O sorriso morre no meu rosto e tento disfarçar olhando para o controle do ar-condicionado ainda na minha mão. Ruivas nem pensar, eu não tenho a mínima condição psicológica de me envolver com alguém que vai me lembrar ainda mais da minha obsessão. — Você tem que aproveitar as mulheres novas que surgem no prédio e não estão na terceira idade, já que dispensou a Nadine, a Sera gosta do mesmo que nós e a Leslie é o sonho de consumo do Drew.

— Eu passo, muito obrigado.

— Não desdenha antes de conhecer, ela parece gente boa como a filha — Kieran insiste, alheio ao motivo da minha recusa. Quase nunca falo da Haz com ninguém. Só Tuck sabe verdadeiramente a nossa história. — Eu as conheci um pouco quando fui pra casa levar a Bailey no passeio da tarde. Fiz uma pausa antes pra ajudar a carregar a bagagem da mudança.

— Não preciso de cupido, fique despreocupado! — alerto, voltando a me levantar para pegar a roupa de corrida dentro da mala. — E vê se vai mais devagar com a garota nova. Ela será nossa vizinha de porta por seis meses, teremos inevitavelmente uma relação mais próxima. Se você fica nessa empolgação momentânea, e depois dá um pé na bunda no final do mês, pode criar um clima ruim à toa.

— É impossível eu enjoar daquela beleza rápido... ela é tão linda!

— Estamos fodidos Edu, pode se preparar pra pedir desculpa pra mãe da menina pelo filho que só pensa com a cabeça de baixo. — Tuck dá de ombros e volta a prestar atenção no caixa atrás dele, onde está contabilizando os ganhos do dia.

— Quando eu voltar pra casa, teremos uma conversinha séria, garoto. Agora eu tenho que sair, quero aproveitar a academia pra correr antes de fechar.

— Tá bom, pai. — O cara de pau ri, ciente de que não tem moral. — Se cuida aí, bom trabalho amanhã!

— Obrigado, pode deixar. Pra vocês também. — Aumento o tom de voz para ser ouvido. — Você, Tuck, vê se descansa, porra; não fique o dia inteiro no Clarissa's.

— A ligação falhou, não tô ouvindo nada. Boa noite, Edu. Tchau! — o desgraçado responde sarcástico, ignorando totalmente minhas palavras.

Ele, sim, é um teimoso!

— Prepare o ouvido que também vai me escutar assim que estiver em Phoenix. Me aguarde!

Com a risada deles de fundo, desligo a chamada e vou trocar de roupa. Tive três perdas enormes na minha vida, segui por caminhos

tortuosos que não esperava e quase fodi com tudo, mas no fim sou grato pelo que tenho.

Tuck e Kieran me bastam, são a minha família reconstruída depois do caos.



“Hoje, durante a visita, Tuck me trouxe um pedaço de bolo red velvet^[4]. Estava delicioso, só que não chegou nem perto do que você fez pra mim no dia do meu aniversário. Espero que se reencontre com o passar dos anos e volte a cozinhar. Você nasceu pra isso, Haz.”

Trecho da carta nº 81

Hazel Waters
Presente

Naomi e eu nos jogamos no sofá quase de forma sincronizada e esticamos um pouco as pernas, mortas de cansaço. Ela diminui o som da televisão, que ficou ligada em um jogo qualquer de futebol durante nossa arrumação, e permanecemos em silêncio por alguns minutos apenas desacelerando o organismo.

Até que dormi relativamente bem essa noite e acordei disposta – foram quatro horas seguidas, e depois mais uma picada –, porém, com o esforço para organizar nossas coisas na casa nova, já me esgotei de novo.

Bom seria ter pelo menos umas oito horas ininterruptas de sono para recarregar as energias de todo estresse mental das últimas semanas, só que não consigo essa proeza desde a morte da minha mãe.

O barulho do celular ecoa pela sala e cessa nosso momento de paz. É a 13^a vez hoje que somos incomodadas pelo toque irritante que minha filha escolheu exclusivamente para aqueles com quem não quer falar.

— É o seu pai? — Naomi ignora a chamada no automático, mal olhando na tela.

— Não, o vô Anthony.

Solto um suspiro resignado e tiro fios molhados de suor do meu pescoço. Os dois têm alternado nas ligações desde ontem à noite. Desliguei meu aparelho e deixei jogado em algum lugar no meu quarto para não ter que perder tempo com isso.

Eles estão enchendo o saco para saber nosso endereço; não dissemos para ninguém fora a Annie e o Colman. Sei que não vai durar muito até descobrirem, no entanto, qualquer mísero dia de paz presencialmente será uma vitória.

Acho que Caleb sequer sabe o nome da escola que Naomi queria se matricular, ele nunca deu atenção para esse pedido.

— Vou tomar um banho e comprar algo pra gente comer, que tal? — minha filha sugere, mudando de assunto e se levantando. Já percebi que ela está fazendo de tudo para não se deixar abalar com a intromissão familiar. Agora que está aqui, seu foco é conquistar o seu sonho. — Minha barriga acabou de roncar.

— Ótima ideia, querida, estou com muita fome também. — Já são quase quatro da tarde e só comemos no café da manhã o resto de alguns lanches que trouxemos ontem.

— Eu vi pela janela do meu quarto que tem um mercadinho no final da rua. Vou pegar pão e pasta de amendoim pra comer agora; e legumes com alguma carne na promoção para o jantar.

Naomi segue uma alimentação mais regrada por causa do futebol. Consumir alimentos saudáveis não fica tão barato quanto optar por fast-food; teremos que realmente garimpar os preços nesse início de nova jornada.

— Amanhã, a gente descobre um supermercado bom e barato pra abastecer a despensa. — Apesar da preguiça, sigo seu exemplo e me levanto também. Tem três sacos de lixo esperando para serem depositados na lixeira do prédio. Segundo o aviso na geladeira, daqui a duas horas tem a retirada semanal do caminhão. — É bom que aproveitamos a caminhada pelo bairro pra começar a prospectar locais oferecendo vaga de emprego.

Minha meta é conseguir algo ainda nesta primeira semana. Não quero abusar do dinheiro da sua tia.

Como não coube no carro minha bicicleta, espero muito achar uma vaga aqui perto. Annie disse que podia vir sem problemas no próximo fim de semana para trazer, porém, eu não quero incomodar dessa forma. Sem contar que a coitada está em um estado lastimável para uma cidade grande como essa.

— Se precisar, eu também posso tentar algo de meio período entre o fim de tarde e o começo da noi...

— Estamos aqui pra você focar no futebol e é isso que irá fazer — a certo antes que termine a frase. — Não se preocupe com o resto, daremos um jeito. Em breve, também começarei a ver as questões do divórcio pra que nossos direitos sejam resguardados.

Só preciso de um pouco de tempo para restabelecer minha saúde mental.

Minha irmã tem uma amiga advogada e, ainda quando estava em Sedona, ela me explicou sobre o divórcio incontestado, que é consensual; e o divórcio contestado, que é litigioso.

O primeiro seria muito mais rápido e econômico, e poderia ficar na surdina entre nós por um tempo, mas tenho certeza pelas suas atitudes atuais que Caleb não vai ser amigável.

Se eu insistir e ameaçá-lo contando a verdade para os seus pais sobre sua traição e o filho fora do casamento, o desgraçado pode até ceder, só que vou perder do mesmo jeito porque terei mais uma tropa do lado deles para me azucrinar o juízo quando tudo vier à tona. Minha filha vai viver um inferno aqui tendo que lidar com tanta gente se metendo.

O melhor seria esperar este ano letivo terminar, vou pensar com calma nos próximos passos depois. A prioridade no momento não é essa.

Naomi concorda com minha sugestão e vai tomar seu banho. Antes de me refrescar também, desço com o lixo e quase sou atropelada na saída do elevador por uma criança que passa correndo igual a um foguete.

— Para de correr, garoto, eu já disse que aqui não pode! — uma mulher grita, surgindo ao meu lado do nada com as mãos cheias de sacolas.

Reparo na sua estatura tão alta quanto a minha e, uau, ela é bonita! Tem o cabelo cacheado, lábios bem carnudos tingidos de vermelho e a pele mais sedosa que já vi na vida. Facilmente, poderia ser uma modelo.

— Me desculpa pelo meu filho, esse garoto tem energia de dez dentro dele. — Ela sorri, simpática, me observando como eu fiz um segundo atrás. Fora a altura, não temos nada em comum. Sou muito mais básica, com toda certeza. — Meu nome é Leslie, muito prazer!

— O prazer é meu, sou a Hazel.

— Hazel, a inquilina que vai ficar seis meses na casa da Sera?

— Sim, eu mesma!

— Ah, seja muito bem-vinda! — O seu sorriso se amplia e seguimos juntas pelo corredor. — Eu ia ontem lá me apresentar, só que tive que cobrir dois turnos e voltei tarde do trabalho. Pra ajudar, deu problema em uma das linhas do metrô e me atrasei ainda mais. Sou muito amiga da Sera, se precisar de alguma coisa não hesite em me avisar. Eu moro no primeiro andar, apê 3.

— Que gentil da sua parte, obrigada, Leslie! — Eu não estava esperando encontrar pessoas tão hospitalícias em uma cidade grande; isso tem me surpreendido. — Me mudei com a minha filha, a gente está se acomodando ainda, mas gostamos muito do local. É bem pertinho da escola que ela vai estudar.

— Este bairro é ótimo, menina, você vai adorar. E o prédio também é bem tranquilo. Eu me mudei há dois anos com o David, viemos ficar com a minha mãe, e tem sido maravilhoso.

— Espero que pra nós seja igual! — Se eu chegasse aqui e começasse a dar tudo errado, não faço ideia de como iria reagir. *Universo, continue colaborando!* — Aproveitando sua oferta de ajuda, tem algum desses supermercados de atacado nas redondezas? Precisamos fazer compras urgente, amanhã cedo.

— Aqui não, mas no bairro vizinho, sim. Fica uns vinte minutinhos de carro. — A pé não será tão perto. Qualquer coisa a Naomi pede um Uber, e volta para a casa com as compras. Será útil, de qualquer forma, porque terei uma gama maior de estabelecimentos para ficar de olho. — David Peck Damon, desça já dessa caçamba!

O novo grito da Leslie me pega tão desprevenida que eu quase tropeço na calçada. O que ela tem de bonita, tem de voz ardida. Acompanho seu olhar aflito e percebo o garotinho que passou correndo por mim empoleirado no objeto grande de metal, quase caindo em dezenas de sacos de lixo fedorentos ou, pior, se espatifando no chão duro do lado de fora.

— Eu sou Spider-Man, mamãe, não vou cair. Tenho minha teia pra me proteger. Sou invencível agora!

Quando ele aponta o pulso virado para o alto na nossa direção, e solta umas linhas acinzentadas no ar, reparo que tem um brinquedo amarrado ali que é o motivo para a sua súbita coragem de enfrentar a caçamba.

— Eu vou matar o Drew! — Leslie murmura desta vez, com o tom comedido. Ao perceber que estou perdida no seu comentário, ela continua falando baixinho: — É um cara que quer ficar comigo; vive dando presentes para o David que o fazem ser legal, e eu a chata que poda sua diversão.

— Mães sempre sofrendo nesse departamento! — Caleb era mestre em se safar na hora de dar uns sermões na filha.

Leslie solta um suspiro cansado e concorda com a cabeça, se aproximando da caçamba. Jogamos o lixo lá dentro e ela pega o pequeno de olhos grandes e cachinhos fofos no colo.

David não deve ter mais do que sete anos.

— Benzinho, lembra o que a mamãe já conversou com você? Super-heróis estão na ficção, eles não existem na vida real. Podemos nos divertir, sim, só que de maneira segura. Se você pular dessa caçamba, corre um alto risco de se machucar muito sério.

A criança para de se mexer e pensa um pouco com o dedo no queixo, como se estivesse se lembrando das palavras dela no passado, e depois faz uma careta.

— Prefiro do meu jeito, assim é muito sem graça. Quero voar, ter superagilidade e soltar teia como o Spider-Man!

— Você acha que essas são as melhores habilidades dele? — comento, sem conseguir me conter, e o garotinho me olha chocado como se eu tivesse um terceiro olho.

Começamos a andar de volta para o prédio.

— É claro que são, você não lê os *quadrinho*?

Na verdade, não. No entanto, lembro muito bem como meu irmão amava os super-heróis. Eu brincava por horas no nosso quintal com Connor e Annie. Depois que a minha mãe morreu, ele ficou mais na dele e era uma das poucas coisas que ainda nos conectava.

— Pra mim, as melhores qualidades do Spider-Man são a coragem diante dos desafios, o bom humor pra levar a vida mais leve, a bondade em ajudar o próximo e sua inteligência de entender como e quando agir. Essas são habilidades muito reais que, se você desenvolver, vai ser um grande homem no nosso mundo como ele é no mundo dos quadrinhos.

— Sério? — Seus olhos se expandem e a careta de reprimenda se transforma em surpresa.

— Seríssimo! Se eu fosse você, começava agora mesmo buscar essas qualidades.

— Mamãe, vamos voltar pra minha tarefa de matemática. Eu vou ser corajoso dessa vez e enfrentar aqueles números.

— Só se for agora! — Leslie abre um sorriso gigante para mim e balbucia um “muito obrigada, você está operando milagres!” que me faz rir também.

— Boa sorte na tarefa, eu tenho certeza que você vai conseguir.

— Eu vou! — ele confirma, confiante de um jeito ainda mais fofo.

Chegamos próximo ao elevador e me despeço dos dois refletindo como eu gosto de criança e sinto falta de conviver com pessoinhas tão surpreendentes. Além da Naomi, praticamente criei meus irmãos – em momentos diferentes, os três foram o que me deram forças para continuar.

Não é por não gostar delas que não quis ter mais filhos. Só não parecia certo... com Caleb. Nossa relacionamento era físico demais para o desdobramento emocional que uma criança gera.

A essa altura, sem nenhuma intenção de me envolver com nenhum outro homem, isso não vai mais acontecer obviamente. Se tivesse tido outra vida, talvez, tudo fosse muito diferente.



Naomi saiu faz quase quarenta minutos e ainda não voltou, estou começando a ficar preocupada. Forço minha mão a desembaraçar os fios molhados com o pente e continuo observando pela janela do meu quarto o movimento na rua.

Como é sábado à tarde, está tudo tranquilo.

Quando termino de pentear meu cabelo e estou seriamente cogitando descer e ir atrás dela, vejo sua cabeça ruiva despontar na esquina. Com uma cabeça raspada ao seu lado.

Minha filha está vindo despreocupada pela calçada com nosso vizinho e um cachorro grande lindo – deve ser a Bailey, comedora de chinelos.

Automaticamente, me vem uma saudade enorme dos quatro Dobermann que ficaram na fazenda. O que eles têm de tamanho e cara intimidante, têm de protetores. Nunca deram nenhum problema com a gente ou os funcionários, minha filha amava correr atrás deles pelos pomares.

Assim que as coisas se ajeitarem, talvez seja uma boa adotar um pet para morar conosco.

Menos de cinco minutos depois, Naomi entra em casa toda esbaforida gritando que chegou. Finjo que não vi nada, nem estava tão preocupada, e sigo para a cozinha onde está guardando a carne na geladeira, que já deve ter descongelado pelo tempo.

— Demorou, filha, o mercadinho estava cheio? — comento despretensiosa.

— Desculpa, eu encontrei o Kieran no caminho, começamos a conversar e perdi a noção do tempo. Acabei dando voltas no quarteirão com ele e a Bailey. — Fico feliz que tenha me contado a verdade, como sempre faz. Temos uma ótima relação e tento manter nosso diálogo aberto para todos os assuntos, como minha mãe fazia comigo, mesmo que às vezes meu medo queira podá-la para evitar sofrimentos. — Você não vai acreditar, ele estuda na mesma escola que eu vou estudar. Sua banda favorita também é o Simple Plan e achei alguém nesse universo que não gosta de pizza como eu.

— Isso é realmente um milagre, todo ser humano em sã consciência gosta de pizza — provoco, rindo, e vou até o armário pegar dois pratos e uma faca para preparar nosso lanche.

— Sério, ele é muito legal. E realmente bonito! — Aquele sorrisinho bobo desponta novamente no seu rosto, empolgada com o garoto.

— É a primeira vez que te vejo tão animada com um menino. — Abro a pasta de amendoim e faço primeiro dois sanduíches para a Naomi.

— Pode rolar alguma coisa, admito, mas não quero nada sério. Ele também não tem cara que fica com uma garota só. Prefiro estar 100% dedicada ao futebol.

— Ah, se fosse assim tão simples! — Entrego um prato na mão dela e lambo o resquício de doce que bateu no meu dedo. — Quando o coração se intromete não tem muito como escapar.

— Acho que o lance aqui será mais físico. Realmente não penso em me envolver fora uns beijos e amassos; talvez perder minha virgindade antes de ir pra universidade para não ser a única virgem no time. Sei que

você foi mais romântica e tal, casou com seu primeiro, só que hoje em dia isso é raro. Dá pra separar bem o desejo dos sentimentos.

A última coisa que tinha envolvido no meu casamento com o seu pai era o coração, mas ela não sabe disso. Apesar de sermos amigas e conversarmos bastante, nunca falei do que aconteceu no meu passado. Muito menos, da minha real relação com Caleb.

Naomi nem sonha que o cara responsável por deixar a sua tia preferida na cadeira de rodas foi o único que amei. Um amor burro e irresponsável, porém, como eu disse, quando o coração se intromete não tem como a gente escapar.

— Não tenha pressa de perder sua virgindade, meu amor. Muito menos pra se encaixar no que outras pessoas fazem. Aproveite bem cada etapa da sua vida, imagina se acaba ficando grávida agora? Todo seu sonho com o futebol vai pra segundo, terceiro, quarto plano...

— Você se arrepende de ter engravidado de mim e depois ficado anos só lá na fazenda?

Eu não tinha mais sonhos para seguir e o que perder naquela época, como minha filha tem hoje, no entanto, isso não justifica eu romantizar a gravidez na adolescência.

— Da gravidez, sim, querida, eu era muito nova pra essa etapa. Acabou que deu tudo certo, eu criei uma linda menina e não me arrependo dos anos que se sucederam. Só que para centenas de outras garotas que passam pelo mesmo a vida vira um caos irreversível. Prometa que vai pensar bem antes de tomar atitudes importantes e que, principalmente, fará por você; nunca pelos outros?

— Eu prometo, mãe.

Dou um beijo na sua testa e continuamos conversando mais um pouco sobre o Kieran, enquanto eu preparamos o meu lanche. Assim que dou a primeira mordida alguém bate na porta da sala. Minha filha engole o pão, com uma golada de suco que pegou para nós na geladeira, e se apressa para atender antes que eu sequer me movea do lugar.

— Oi, de novo! — ela atende empolgada e o jovem vizinho surge no meu campo de visão, sorridente, para variar.

— Você comentou agora há pouco que só estava faltando colocar o suporte da sua TV no quarto pra mudança ficar perfeita, e pensei que isso podia ajudar. — De longe, reparo o garoto levantar o braço e mostrar uma parafusadeira com um pote cheio de parafusos. — Às vezes algum aqui encaixa direitinho e não precisa comprar outro.

Um dos parafusos do suporte da TV da Naomi se perdeu durante a viagem. Eu ia ver amanhã se achava outro parecido para comprar quando saíssemos para o supermercado; e torcer para o administrador do prédio ter uma parafusadeira para emprestar.

Gastar dinheiro com isso, embora seja muito útil, estava fora de cogitação.

— Nossa, você é um anjo! — Minha filha o puxa pelo braço, convidando-o para entrar. — Olha, mãe, se tudo der certo, você terá a TV da sala liberada pra assistir seus filmes e séries agora à noite.

— Amém por isso! Ninguém merece assistir o canal esportivo o dia inteiro. — Sorrio, tomando um gole de suco, e aponto o prato para o garoto. — Está servido, Kieran?

— Obrigado, Hazel! — Ele me olha para agradecer, no entanto, segundos depois seu foco está de volta na Naomi. — Além de jogadora, você é dessas pessoas viciadas em ver tudo de esporte? Quais outros você curte?

— Naomi só respira futebol! Assiste reprises de jogos em cada momento vago do seu dia, às vezes até quando está ocupada! Hoje mesmo fizemos a arrumação aqui do apê com a televisão ligada nisso — deduro, mastigando mais um pedaço do sanduíche.

— Cara, igualzinho meu pai! — Kieran dá risada, parando no meio da sala. — Nos poucos momentos de folga que tem, ele fica enfurnado na TV vendo reprises de jogos de basquete do Lakers ou de lutas históricas.

— Pelo menos, ele tem um foco. Minha filha assiste os jogos mais aleatórios possíveis, tanto do feminino como do masculino. Partida de várzea do interior do Texas? Se está sendo transmitido em algum canal, ela acha e assiste.

— Todo jogo pode me ensinar alguma coisa — Naomi se defende, colocando a mão na cintura. — E, se quer saber, às vezes nos campeonatos amadores é que temos os gols mais fodas. Gosto de aprender desde os times com mais recursos até os pequenos que vão na raça.

— Com essa dedicação toda, eu vou pegar uns cem autógrafos seus e armazenar pra um futuro próximo. Algo me diz que você será um orgulho pra este país. Depois eu vendo tudo no eBay e viro milionário.

— Besta! — Ela dá um tapinha no ombro dele e, de novo, sorriem um para o outro. Esses dois, com certeza, vão acabar tendo algo. *Espero do fundo do meu coração que minha garotinha não se machuque.* — Se der certo, vou cobrar meus royalties.

— Eu ia adorar discutir os detalhes desse plano milionário com você agora, mas infelizmente daqui a pouco preciso voltar para o restaurante. Bora dar uma olhada no suporte da TV primeiro?

— Você trabalha em um restaurante? — pergunto, curiosa, deixando o resto do pão na bancada.

— Sim, no restaurante do meu pai — responde orgulhoso e eu me junto a eles a fim de ajudar a procurar o parafuso certo. — Vocês precisam ir lá um dia, aposto que vão se surpreender com o sabor. É muito diferente da comida... caramba, que maneiro as suas sardas — Kieran muda de assunto bruscamente quando chego mais perto e repara no meu rosto.

Toco a ponta dos dedos na pele, lembrando que esqueci de passar a base depois do banho. Eu tenho muitas sardas.

Muitas, mesmo!

São pequenas pontinhas amarronzadas concentradas no nariz e nas duas bochechas.

— Você não tem? — O garoto volta a atenção para a minha filha e observa minuciosamente seu rosto.

— Tenho, só que não gosto muito de deixar à mostra. Nós duas preferimos cobrir.

— Entendo, é questão de gosto pessoal. Mas se permitem um comentário, eu achei muito bonito.

Na verdade, eu amo minhas sardas. Sempre as achei lindas e responsáveis por dar um toque único no meu rosto. Só que outra pessoa também amava demais – quer dizer, dizia que amava. É provável que nada que saiu da sua boca seja verdade.

O problema é que o estrago foi feito na minha mente e nunca mais consegui me olhar no espelho com as benditas, sem me lembrar do filho da puta que busco mais que tudo esquecer.

A melhor solução que encontrei foi cobri-las de vez, o máximo de tempo possível. Lamento que minha decisão tenha afetado a forma como a minha garotinha passou a enxergá-las, porém, alguns sacrifícios são necessários para o bem da nossa saúde mental.

— Obrigada, Kieran, você é um cavalheiro. — Sorrio para disfarçar meu incômodo com o assunto e toco no seu ombro, apontando para o corredor que vai dar no quarto da Naomi. — Vamos lá tentar resolver o problema porque não queremos que se atrase no trabalho. Assim que a gente se acomodar aqui certinho, será um prazer conhecer o restaurante da sua família.

Por um segundo, meu cérebro traiçoeiro se recorda que o filho da puta que estragou meu amor pelas sardas tinha o sonho de ter um restaurante. Sem que eu me dê conta, nesse mísero instante eu me permito perguntar ao destino se ele conseguiu realizar esse desejo.

Graças a Deus, acaba tão rápido quanto começou.

Ao forçar minha mente focar em toda dor que Barrett me causou, qualquer mínima abertura se fecha na velocidade da luz.

Ele não merece nem um segundo dos meus pensamentos – muito menos, da minha preocupação com seu futuro.



“Tom me entregou uma ficha azul de sobriedade, isso significa que estou há 3 meses sem beber. Esse número é o oficial, com base na data que pedi ajuda pra não cair em tentação aqui dentro. Na verdade, não coloco uma gota de álcool na boca desde o dia que te perdi.”

Trecho da carta nº 103

*Eduardo Barrett
Presente*

Com a cabeça inclinada para cima, os olhos fechados e o corpo escorado na parede, trago em silêncio meu cigarro com o nada dominando minha mente – exatamente como amo. Meu cérebro apenas se concentra na atividade mecânica de aspirar a fumaça, segurar e soltar em seguida.

Quando estou terminando o primeiro, ávido para acender mais um, sinto meu celular vibrar no bolso. Porra, esqueci completamente de avisar que estava tudo bem. Com certeza, é o Kieran preocupado comigo. A última vez que nos falamos foi ontem bem tarde e nem consegui visualizar sua resposta esta manhã.

Apressado, apago o cigarro no cinzeiro e pego o aparelho na calça. Assim que desbloqueio a tela, uma mensagem sua me deixa com peso na consciência.

Tá tudo bem, pai? Dê notícias assim que puder, por favor.

Só conversamos por vídeo na sexta, o resto dos dias foi uma loucura completa que só dava tempo para textos curtos. Este está sendo meu primeiro momento de pausa em horas; assim que cessaram a produção e

iniciaram o discurso de encerramento do evento, eu saí par aliviar um pouco o estresse.

A feira que já seria cheia, teve 20% a mais de público que o esperado. Tem noção do que isso gera em uma cozinha? Foi um caos dar conta de manter a qualidade do menu sob pressão.

Aproveitando que estou sozinho na área de fumantes, decido não responder e, sim, ligar para que me veja bem. Quando Kieran fica preocupado com algo, sua cabeça só consegue focar naquilo de uma forma muito desgastante para ele. No segundo toque, o garoto atende e seu rosto inquieto surge na tela.

— Desculpa não dar notícias, filho, o fim de semana foi insano.

— Pela sua mensagem anterior, eu imaginei que estaria muito ocupado. Eu quem peço desculpas, sei que fico neurótico à toa, mas não consigo me controlar...

— Não fica com peso na consciência, não, Edu, desta vez ele não estava tão preocupado assim — Tuck entra na conversa, sorrindo. Às vezes parece que o homem está dentro da minha mente, é surreal como percebe meus sentimentos sem que eu precise dizer nada. — Kieran também passou o dia ocupado, sem lembrar de te mandar mensagem, porque estava conversando com sua nova paixão. Não sei que tanto assunto achou pra ficar grudado no aparelho por horas.

— Quem vê você falando, pensa que não trabalhei direito — ele retruca, olhando de cara feia para o Tuck. — Teve um evento público na praça do bairro, e o movimento já fraco de domingo, foi ainda mais calmo.

Fiquei tranquilo quanto ao Clarissa's hoje justamente por saber que era o dia mais de boa para trabalhar.

— Ontem, o jantar foi cheio e você chegou atrasado porque estava de novo sendo prestativo com a vizinha.

— Ela precisava instalar a TV no quarto, vocês me ensinam a ser educado e depois querem reclamar?

— Eu não falei pra você ir devagar, Kieran? — implico e o abusado me fita pela tela dando risada.

— Quando você a conhecer, vai me dar razão que é impossível ir devagar. Além de ser a coisa mais linda o mundo, descobri que se mudou pra estudar na mesma escola que eu. Qual a chance de tanta coincidência? Só falta amanhã, ao finalizar a matrícula, ela cair na mesma sala. Será, definitivamente, o universo me dando um sinal. — Tenho que reconhecer que o brilho nos olhos dele está diferente do que nas outras vezes que ficou empolgado com uma garota. Parece bem mais genuíno agora. — Além disso, ela joga futebol e é viciada no esporte. Acho que vocês vão se dar bem, tem a mesma mania de assistir reprise.

— Isso é interessante, ela acaba de ganhar um ponto importante comigo.

Kieran se empolga para contar mais coisas da vizinha, conversamos um pouco sobre como foi o evento e, quando estou brigando com Tuck porque não me escutou e passou horas seguidas no Clarissa's, um grupo de clientes entra no restaurante – comprovado pela imagem que obrigo a me mostrarem.

Assim que desligam para atendê-los, paro na hora e ponho se acendo o segundo cigarro ou volto logo para agilizar o encerramento do meu trabalho.

De repente, a ideia de aproveitar o finalzinho da viagem soa tentador e eu escolho a segunda opção. Talvez seja uma boa ideia ficar com alguém aqui em Los Angeles esta noite. Não preciso, de fato, da ajuda do meu filho de 18 anos para conseguir uma mulher, mas não transo desde a penúltima luta com os Kind.

Duas garçonetes e uma das ajudantes da cozinha me deram seus telefones no fim de semana. Eu poderia escolher uma delas e levar para o hotel agora. Nada como uma boa trepada para anestesiar o corpo estressado.

É isso, preciso transar!

Saio da área de fumantes e sigo pelo corredor ao ar livre, que vai me levar para o salão do evento, pensando qual das mulheres pareceu mais

direta. Eu nunca tenho saco para conversar amenidades com estranhos – na verdade, nem com conhecidos, fora Kieran, Tuck e as crianças do projeto social – e só quero algo rápido que será bom para nós dois liberarmos dopamina na corrente sanguínea.

Estou quase fazendo uma escolha, quando um desses outdoors eletrônicos entra no meu foco e uma palavra me prende a atenção. Fico rígido e minhas pernas paralisam; pisco várias vezes para fazer meu cérebro entender se realmente estou vendo algo real.

Caralho, não é possível!

Ao ler pela quinta vez o que está escrito na tela enorme de LED, constato que é mesmo o nome do meu pai associado a um rosto diferente da última vez que vi, porém, inesquecível para os meus punhos.

Instituo Rowan Barrett.

— Que merda você fez, Kober? — Um rosnado escapa da minha garganta.

A raiva inunda minhas veias de forma tão severa que eu me sinto de novo um garoto de 16 anos, capaz de socar a sua cara como um animal selvagem. Pelo jeito, o filho da puta não se contentou em ser um parasita apenas naquela época. Continua explorando a memória da minha família quase duas décadas depois para o benefício próprio.

Puxo ar aos pulmões, tentando manter a razão, e tiro o aparelho mais uma vez do bolso para fazer uma busca rápida pelo seu nome. Para o azar da minha irritação, quase saindo de controle, descubro que Kober foi vereador e depois prefeito por dois mandatos aqui. Agora está concorrendo para deputado.

Porra, quem é que votou nesse imbecil?

Nunca procurei nada sobre sua vida desde a época que saí da prisão. Prometi que iria me manter distante tanto desse maldito como da Hazel. Não tinha como recomeçar com dois sentimentos tão opostos e intensos, ódio e amor, dominando minha cabeça.

Durante o período de detenção, tive que dar o braço a torcer para não ferrar o Tuck e exigi o que era meu por direito: vendi a minha parte da empresa para o filho da puta. Não tínhamos nenhum outro bem, já que a casa era alugada e o carro do meu pai tinha sido repassado logo depois da sua morte para pagar dívidas do funeral. Usei todo valor, que naquela época não era um absurdo porque a empresa tinha começado há pouco tempo, para pagar o advogado e meus gastos na penitenciária.

Sabia da sua pretensão política, desde que se aproximou da minha família, só que eu podia jurar que nunca ia conseguir chegar tão longe. Como ninguém percebeu como ele é fingido?

Rolo os links que aparecem e noto que o instituto foi criado seis anos atrás, durante o fim do seu primeiro mandato como prefeito, na mesma época que uma das crianças carentes que treinava com meu pai despontou na NBA e se tornou um jogador famoso.

Eu me lembro dele, quando começou a se destacar até comentei com o Tuck que era um garotinho mirrado, ao entrar no time improvisado que Rowan treinava com tanto carinho.

Acompanho basquete apenas assistindo aos jogos, não sou de ver programas esportivos com entrevista, muito menos fuçar na internet. Pelo que noto em uma leitura dinâmica, o jogador falou muito bem do meu pai e isso teve uma grande repercussão aqui em Los Angeles.

Como esteve ao lado do Rowan até a morte, e depois se apossou sozinho da iniciativa para ganhar prestígio na comunidade, Kober não perdeu a oportunidade de promover o seu nome com essa propaganda gratuita. Afinal, as eleições estavam próximas e precisava de um apelo para se reeleger.

O instituto tem três polos na cidade e o sucessor dele na prefeitura está inaugurando o quarto. Certamente, não é para o bem das crianças; apenas por interesses políticos.

Puta que pariu, agora que eu descobri sua cara de pau, não posso simplesmente ir embora e deixar isso para trás.

— Edu, tá tudo bem? — Ouço a voz do Miguel e me viro na sua direção, provavelmente sem conseguir esconder que estou um poço de estresse. — Encerramos oficialmente o evento, fui atrás de você na cozinha e me disseram que tinha saído já há um tempo pra fumar e não voltou.

— Desculpa, aconteceu um imprevisto aqui que me desestabilizou. Preciso ir embora, tenho algo pra resolver antes de voltar amanhã cedo pra Phoenix.

Adeus chance de transar, não vou ter paz se retornar sem ficar frente a frente com Kober.

— Sério? — lamenta, tocando meu ombro. — Eu e meus sócios queríamos muito te convidar pra curtir a noitada com a gente. Um deles tem uma boate no centro que é maravilhosa. Precisamos comemorar o sucesso da feira.

— Agradeço, mas não posso mesmo. — Nem que eu continuasse na ignorância com Kober não iria porque evito espaços com bebida alcoólica. — Vou só pegar minha mochila na cozinha e chamar um táxi. Qualquer coisa que quiser discutir de trabalho, pode me mandar mensagem ou ligar a partir de amanhã. Foi um prazer estar com vocês, parabéns pelo evento!

— Nós que temos que agradecer, bendita hora que eu descobri o Clarissa's andando sem querer naquela rua! Pode ter certeza que nossa parceria vai longe.

Eu quero ficar feliz, anseio aproveitar os elogios depois de horas de dedicação, só que a raiva ainda está esquentando minha pele e apertando meu peito. Kober vai ter que tirar o nome do meu pai do seu instituto.

Custe o que custar.



“Tuck vem conversando muito comigo sobre esquecer o passado e recomeçar quando sair daqui. Você sabe como eu odeio o Kober e, mesmo assim, tenho certeza que será mais fácil ignorar o ódio que sinto por ele do que o amor que sinto por você.”

Trecho da carta nº 138

*Eduardo Barrett
Passado*

Ignoro os olhares e as risadinhas na minha direção e foco na tela do computador, esperando meu melhor amigo Ian ficar online. Combinamos de nos falar todo dia nesse horário, entre o curto intervalo do fim das aulas e a minha chance de usar a biblioteca antes do Tuck vir me buscar.

O sinal da rede móvel e do celular nesta cidade são péssimos, principalmente no fim do mundo onde os Elms moram. Agora acaba sendo minha melhor oportunidade de saber notícias de Los Angeles.

— Oi, Edu! — Uma loira passa perto da mesa que estou sentado, mostrando excessivamente os dentes. Ela está uma classe acima da minha e vive puxando assunto mesmo com meu evidente desinteresse em conversar.
— Já comentaram com você sobre a festa de Halloween na clareira, semana que vem, né?

Aceno com a cabeça, voltando a olhar para o computador.

— Você vai? — A forma como prende o ar no final da pergunta, e a voz diminui um pouco o tom, me mostram sua ansiedade com minha resposta.

Quando não estou sendo tratado como uma doença infecciosa pelos mais velhos e homens de Sedona, sou uma espécie de objeto raro na vitrine que as garotas querem a todo custo ter acesso para se sentirem descoladas.

Eu passo essa porra.

Gosto de transar desde que perdi minha virgindade, ano retrasado, gosto *pra caralho*, só que as meninas daqui não chamam nenhum pouco a minha atenção.

Talvez só a chorona, se não fosse tão chorona.

Concordo com a cabeça mais uma vez, ajeitando a postura e ficando sério ao notar que Ian acabou de se logar.

O único motivo para eu ir é porque ouvi dizer que essa festa mistura pessoas dessa cidade careta com o município vizinho que é menos antiquado. Faz 22 dias que estou aqui e ainda não encontrei uma pessoa minimamente confiável para comprar bebida e cigarro para mim.

Meu estoque de álcool está quase no fim e não posso ficar sem de jeito nenhum.

— Legal, nos vemos lá, então.

Não me dou mais ao trabalho de interagir com a loira, meu foco está totalmente nos dedos que digitam no teclado.

*Demorou pra entrar, cara. Está quase dando a minha hora já.
E aí, conseguiu ir no meu bairro ontem?*

*Foi mal, a professora me deu esculacho no final da aula.
Estão pegando no meu pé por causa das notas baixas.
Eu fui e você não vai gostar do que vi.*

Conheci Ian seis meses depois que meu pai morreu, quando desisti do basquete e me enturmei com outros garotos da escola. Foi na sua casa que passei a maior parte do meu tempo livre a fim de esconder da minha

mãe o que estava sentindo de verdade. Sem o cara jamais teria descoberto como o álcool e o cigarro são capazes de me anestesiar.

Dona Clarissa não estava conseguindo prestar atenção nos detalhes para notar que toda simpatia de Ian com ela era uma máscara para esconder nossos segredos.

Ele deu continuidade na porra da fábrica?

O filho da puta inaugurou no começo dessa semana, irmão.

Desgraçado, não acredito nisso! Faz menos de um mês que a minha mãe morreu e o cretino já está se aproveitando do legado dela para ganhar dinheiro. Pensei que, no mínimo, fosse cancelar seus planos este ano a fim de fingir que se importa.

Ninguém tá comentando que ele nem esperou o corpo esfriar direito?

*Pelo que sondei no bairro, seu padrasto é o rei da lábia.
Fez um discurso emocionante que tem até vídeo na internet.
O pessoal todo comprou a ideia de que era uma homenagem.
A realização do último sonho da sua amada.*

Último sonho o cu dele!

Minha mãe nunca quis inaugurar uma fábrica para vender suas comidas congeladas. Muito pelo contrário, o seu objetivo sempre foi promover um espaço acolhedor para que as pessoas pudessem conviver e comer tranquilas por alguns minutos do dia.

Me manda esse vídeo, preciso assistir antes de ir pra casa.

Ian me manda o link no mesmo instante e eu me despeço dele por hoje, não querendo falar mais nada a não ser alimentar minha raiva por Kober até ter vontade de me teletransportar para Los Angeles e socar seu nariz.

Coloco o fone de ouvido, dou play e, logo ao ouvir sua voz, a fúria sobe borbulhando pelo meu sangue. Seguro firme na borda da mesa, deixando os nós dos meus dedos esbranquiçados pela força, ao buscar me conter para não chamar atenção demais no meio da biblioteca.

“Eu sei que não fui o grande amor da vida da Clarissa; ela conheceu outra pessoa incrível antes de mim que é importante para todos nós na comunidade. Mas ela foi o grande amor da minha e eu sinto uma gratidão enorme por Deus ter me permitido criar uma linda história ao seu lado depois de tanta dor.”

Falso. Fingido. Hipócrita! O que ele sentiu pela minha mãe nunca foi amor. Foi interesse puro, oportunismo.

Kober entrou na vida da minha família um ano antes do meu pai morrer. Ele se mudou para a rua do restaurante e descobri que meus pais eram queridos na comunidade. Sempre com um sorriso fingido e uma prestatividade incômoda para mim, foi se infiltrando na nossa rotina até conseguir um emprego com a gente e se tornar voluntário no projeto social.

Ele era péssimo no basquete, no entanto, queria ir lá aparecer para que os familiares das crianças o vissem.

Desde o primeiro dia que o conheci, não fui com a sua cara. O homem se achava o mais inteligente e fodão de todos. Ostentava que tinha se mudado porque, mesmo vindo da periferia e sendo mais velho, havia conquistado uma bolsa de estudos para estudar administração na universidade local.

Foi nessa área, inclusive, que trabalhou no restaurante por meio período. Quando não estava enchendo o saco dos meus pais para ampliar o negócio, estava tagarelando sobre seu grande sonho de se tornar vereador e ajudar as pessoas carentes como ele tinha sido.

Nunca cai nesse *blá-blá-blá* de pessoa bem-intencionada. Kober tem olhos de cobiça.

Ele quer ter poder e, sem querer, a oportunidade de alcançar mais rápido seus objetivos caiu no seu colo com a morte do meu pai e sua aproximação da minha mãe.

Com paciência, bem no nível de gente meticulosa, ele se fez de amigo na hora difícil até estudar todas as suas fraquezas. Quando eu tinha 14 anos, os dois começaram a namorar. Com 15, o desgraçado estava morando em casa.

Hoje, tenho certeza que foi exclusivamente por minha causa, minha mãe achava que eu precisava de outro pai na fase mais tensa da vida – algo que também estou convicto agora que foi plantando na sua mente machucada por Kober.

Se eu tivesse sido mais enfático que nunca gostei dele, Clarissa poderia estar viva nesse momento...

Uma parte desesperada de mim, a que no fundo sabia que minha mãe nunca ficou bem desde a morte do marido, desejava que fosse feliz de novo mesmo com alguém que eu não curtisse.

Tudo que eu sentia por ele parecia implicância, ciúme por ter outro homem na nossa vida. Mas no fim, eu descobri que não: Kober não valia nada mesmo. Devia ter acreditado nos meus instintos desde o começo.

“Fiz questão de terminar o projeto dessa pequena fábrica por ela. Fiz questão de levantar todo dia cedo da cama, embora passasse a noite chorando de saudade, para honrar sua memória. Todos nós nos apaixonamos pelo tempero da sua comida e, agora, ele será perpetuado não apenas neste bairro, como na cidade inteira. Clarissa ficará para sempre em cada um de nós; irei garantir pessoalmente que todos os preparos sejam feitos passo a passo segundo suas receitas.”

Tenho vontade de vomitar em cima da tela com essa bosta de discurso apelativo. Nunca vi choro mais fingido do que o dele no velório da minha mãe e nesse vídeo.

Clarissa deve estar puta da vida no céu.

Minha mãe só aceitou essa sandice de fábrica porque o restaurante que tanto lhe dava alegria lembrava muito o Rowan. Quando me contou da sugestão do Kober, eu vi nos seus olhos que não gostava, porém, não tinha mais ânimo para ficar cozinhando sem meu pai com toda a sua alegria atendendo no salão.

Para ela, era uma forma de doer menos, apesar de tão diferente do seu objetivo. De comida fresca em ambiente confortável; para comida congelada, produzida em larga escala.

Para meu padrasto, era uma mina de ouro que ele passaria a ter uma porcentagem. Eu só soube exatamente o valor depois da morte da minha mãe, se soubesse antes nunca teria deixado ela aceitar. Apesar de ter a expertise do negócio, a validação dos clientes e a maior parte do dinheiro para investir, Kober convenceu Clarissa a assinar um acordo em que detinha 51% e ele 49% da empresa.

Nem Tuck estava ciente. Muita coisa ela passou a omitir do amigo porque sabia que ele tinha preocupações com o novo relacionamento.

Comercialmente falando, a ideia foi genial. A fábrica vai atender a um público bem maior na cidade e em um formato que os americanos e turistas mais antigos já estão acostumados a consumir. É a proposta de uma refeição gostosa, com comida do Brasil, diretamente na sua casa ou no seu trabalho.

O desgraçado do Kober vai ganhar muito dinheiro com isso.

Percebo que estou em cima da hora, e desligo o vídeo sem terminar de ver o restante da palhaçada. Já estou com raiva o suficiente para me sujeitar a passar mais nervoso com tantas milhas de distância nos separando.

Ainda ignorando os olhares e risadinhas das garotas, saio da biblioteca e sigo pelo campus cortando caminho pela área dos alunos mais novos. Logo que piso no gramado, avisto o chevette dourado chamativo despontar no fim da rua.

Tuck tem atrasado cerca de vinte minutos porque aproveita a viagem de me trazer e levar da escola para dar carona ao seu sobrinho. Ethan passa a manhã inteira aqui no centro vendendo, de porta em porta, os quitutes que a mãe produz.

— O que foi? Por que está com essa cara? — Mal sento no banco de trás e já sou alvejado por seu tino observador.

Minha mãe deve ter ralado para esconder dele tudo que estava acontecendo.

— Nada. — Evito seu olhar atento pelo espelho retrovisor.

— Algum dos Waters ou dos Brydges fizeram alguma coisa?

— Não.

— Tem certeza?

— Não foi nada, Tuck — respondo, impaciente.

Comigo não fizeram nada, porém, claramente há algum problema entre eles. Ainda estou intrigado com a cena que vi duas semanas atrás, quando a chorona saiu do seu papel de impenetrável durante o dia e chorou no meio da rua.

Estou de olho nela à distância sempre que possível e, sinceramente, muito curioso com o fato de levar os irmãos até a viatura do pai e depois seguir a pé. Será que trabalha pelas redondezas? Será que tem algum compromisso diário?

Não entendo por que essa merda me interessa tanto. Com certeza, é a falta do que fazer nesta cidade que me deixa sem opções de entretenimento.

Sua relação com o babão do Caleb Brydges também é estranha. O garoto fica secando ela o dia inteiro, e não consigo enxergar nenhum interesse recíproco. Apenas sorrisos falsos e comedidos.

— Todo santo dia você dá um jeito de perguntar sobre isso. Nesses anos que ficou fora, ninguém mais mexeu com a gente. Para de caçar confusão com eles! — o seu sobrinho retruca do banco do passageiro.

— Não estou caçando confusão nenhuma, só quero garantir que não vão descontar no Eduardo merdas que não dizem respeito a ele só porque tem uma aparência diferente do padrão desta cidade.

— Você está cansado de saber como os moradores de Sedona são, devia ter previsto que ia chamar atenção antes de aparecer do nada.

A irmã do Tuck está genuinamente feliz com sua presença por aqui, já o cunhado e o sobrinho deixam claro cada dia mais que preferiam que nunca tivesse reaparecido – muito menos comigo junto.

Não vejo a hora de poder sair deste lugar e ir cuidar da minha vida sozinho.

Diretamente, não tenho como culpar Kober pela morte da minha mãe. Ele não sacou uma arma e atirou, não colocou veneno na sua comida, nem bateu nela até perder a consciência.

Só que indiretamente a culpa é toda desse babaca.

Meu padrasto ainda vai pagar por ter negligenciado a saúde dela tantas vezes por causa da porra da sua ganância. Posso ter que esperar um tempo, posso ter que engolir uns sapos... mas a hora dele vai chegar.



Estou indo para a cozinha levar meu prato do jantar na pia, nos raros momentos que saio do quarto, quando dou de cara com Briam entrando esbaforido pela porta da sala.

O cunhado do Tuck está tão agitado que assusta a esposa, sentada no sofá assistindo à televisão com o irmão.

— O que aconteceu, homem de Deus?

— Cath, você não vai acreditar na boa notícia! Aquela empreiteira que te contratou pra fazer o lanche dos funcionários ano retrasado vai voltar pra construir uma indústria de embalagens de vidro na cidade vizinha. — Finjo que não estou prestando atenção e vou até a pia lavar o prato, os talheres e o copo que usei. — Eles chamaram a gente pra trabalhar e ainda disseram para o meu patrão que querem que você faça o lanche do almoço e cozinhe marmitas para o jantar. A previsão é de começar na semana do Dia de Ação de Graças e serão pra 50 pessoas por turno, durante cerca de nove meses. Como o terreno está localizado em uma área afastada, eles terão permissão pra fazer obra 24 horas por dia.

Os Elms são trabalhadores. Pelo pouco que estou aqui, percebi que Briam dá duro fazendo bicos de pedreiro em toda redondeza, enquanto a Cath cozinha e o Ethan se esforça para vender seus pães e queijos. De tarde, o homem que não vai com a minha cara, ainda corta madeira para o patrão do pai.

Tuck e eu somos os únicos que estamos ociosos nesta casa. Não por vontade própria.

Nós dois saímos todo dia para procurar emprego nesta mesma cidade vizinha, porque aqui claramente sofreríamos boicote, e até agora nada. Não posso demorar para encontrar algo, porque por mais que eu tivesse um dinheiro guardado quando vim para cá, não vai durar muito.

— Cinquenta por turno, cem por dia? Na cidade vizinha? — ela confirma as informações, chocada. — É muito mais do que da outra vez! Não sei se dou conta de fazer, você sabe que na comida eu improviso algo básico. E se o pessoal for fresco?

— A cidade vizinha nem é tão grande assim, o pessoal também vai ser de boa. Será uma grana extra excelente pra gente.

— Eu sei que será, só que 100 por dia?! É muita coisa, fico com medo de...

— Se eu cozinhar as marmitas do jantar, posso receber uma parte do valor? — me intrometo na conversa, de repente descobrindo como juntar a grana que preciso.

— Você? Cozinhando 50 marmitas sozinho? — Ethan desdenha, rindo.

— Ele é um excelente cozinheiro! — Tuck me defende, pausando a televisão. — Esqueceu que trabalhei no restaurante dos seus pais por anos? Eduardo aprendeu com a melhor.

— Você sabe cozinhar pratos que não sejam do... de qual país era mesmo o restaurante?

— Do Brasil — responde ao Briam. — E, sim, eu aprendi de tudo um pouco. Minha mãe gostava de cozinha no geral.

— Pode dar certo, ele com certeza tem mais experiência que eu nessa parte! — Cath comenta, diminuindo as linhas de expressão que se intensificaram na sua testa. — Se Edu começar a preparar logo que chegar da escola, vai dar tempo comigo auxiliando.

— Eu posso ficar responsável pelas entregas do almoço e do jantar direto na obra enquanto não arrumo um emprego, pra ajudar nos custos da casa! — Tuck se oferece.

— Perfeito, então! — Briam concorda com a sugestão, mais animado do que nunca desde que eu cheguei. — Vou avisar meu patrão pra combinar certinho com a empreiteira.

Seco a louça que lavei, guardo no armário simples da cozinha e volto para o meu quarto ansioso para que essas semanas voem e eu possa, finalmente, começar a juntar o dinheiro necessário para seguir minha vida.

Além de ser a garantia do meu passe-livre daqui a uns meses, ocupar a mente no trabalho também vai tornar a missão temporária de morar aqui menos tediosa. A escola é um saco e as únicas coisa que têm salvado meus dias são o álcool, o cigarro e as corridas noturnas.

As corridas, aliás, viraram uma distração e tanto com a chorona.

Nos últimos três dias, desde que eu soube da inauguração da fábrica do Kober e meu humor ficou mais azedo que o normal, algo também alterou o temperamento da garota.

Ela mudou de posição no gramado e tem ficado mais tempo chorando, perto de umas flores que não consigo enxergar direito de onde estou. Hoje, pela primeira vez, talvez eu desça a colina e me aproxime mais para tentar ouvir se fala alguma coisa sozinha.

No começo, esse pranto todo me deixou estranhamente confortável pela sua capacidade de colocar para fora; depois fiquei intrigado pelo motivo de estar tão triste; mas agora estou quase a sacudindo para parar com isso.

Se Hazel continuar deixando a tristeza sugá-la dessa forma, não vai restar nada dela para contar história.



“Você me viciou no céu estrelado de Sedona, no cheiro de damas-da-noite e nas nossas conversas. Meses se passaram e só consigo dormir se imaginar que nada aconteceu; e ainda sou apenas um garoto irresponsável, ao lado da garota mais incrível que já conheci.”

Trecho da carta nº 177

Hazel Waters
Passado

Todo dia nesse horário eu sinto como se meu corpo estivesse em ebólition, implorando para o fogo ser desligado. Meus músculos ficam tensos e minha mente grita, como o apito da chaleira, avisando que estou além do meu limite.

Sorrir o dia inteiro cansa. Fingir me esgota. Forçar meu cérebro esquecer até a noite me deixa à beira do colapso.

Coloco o último copo na lava-louças no exato momento que meu pai passa pela porta da sala. *Só mais três horas... é o que eu preciso aguentar para poder extravasar.* Ligo o aparelho e acompanho com o olhar Annie pular no seu colo, com um urso de pelúcia debaixo do braço.

Mal ele respira dentro de casa, minha irmãzinha começa a contar todas as brincadeiras que fizemos enquanto estava no trabalho. Meu pai não é muito paciente e apenas acena com a cabeça murmurando “legal, ótimo, bom” por menos de um minuto antes de colocá-la no chão de novo.

— Boa noite! — cumprimento assim que guarda o quepe no aparador ao lado da porta e olha para mim. — Você já quer que esquente a sua comida ou vai comer depois?

— Não vou jantar hoje. A senhora McCann levou frango frito pra toda corporação antes do fim do meu turno. Cadê o seu irmão?

— Está no quarto, foi usar um pouco o computador antes de dormir.

— De novo? Ontem ele fez a mesma coisa. Já disse que não quero víncios nesta casa! O computador é majoritariamente para estudar.

— Ele não usou o dia inteiro, acabamos de jantar e...

Meu pai não me espera terminar de explicar e sai pelo corredor em direção ao quarto que Connor dorme com Annie. Ciente de que não adianta argumentar, foco em guardar na geladeira os potes de refeições que Shelley, nossa ajudante, deixa preparado para a semana.

Mexer na cozinha é algo que não tenho mais nenhuma vontade, sorte que ela está conosco desde antes da minha mãe morrer. Com certeza, Anthony ia implicar com minha recusa, dizendo que é frescura, se eu pedisse que contratasse alguém agora.

— Você não vai em festa na clareira nem por cima do meu cadáver!

— Ouço meu pai gritar instantes depois e corro para ver o que aconteceu, pedindo no meio do caminho para minha irmã ficar quietinha na sala.

— Por que entrou sem bater? Não tenho privacidade nenhuma nesta casa! — Connor retruca no mesmo tom e eu faço uma careta, lamentando por todos nós.

Ele vai virar uma fera.

— Esta casa é minha e eu entro onde quiser, a hora que quiser. Abaixa essa voz pra falar comigo, criança de nove anos não tem que ter privacidade nenhuma!

Assim que chego ao quarto, percebo meu irmão sentado na mesa do computador com um fone pendurado no pescoço. Ele provavelmente estava distraído e não percebeu Anthony chegar de fininho por trás para bisbilhotar o que estava fazendo.

— Você está de olho nos seus irmãos igual o seu nariz, Hazel! — Sua raiva é direcionada para mim assim que percebe minha presença. —

Olha isso aqui, Connor está armando com os amigos pra ir na festa da clareira no Halloween, depois de amanhã.

Pisco, meio tonta com a informação. Meu irmão está um pouco retraído depois da morte da nossa mãe, porém, não é de fazer essas coisas. Ainda mais tão novo. Me aproximo da tela e vejo uma janela de chat em conjunto aberta, com outras pessoas da sua sala.

— Ele faz parecer que a gente ia varar a madrugada lá, bebendo e fumando — Connor se defende, olhando para mim. — Estábamos combinando de ir no final da tarde, só pra ver como é e acompanhar a competição de esculpir abóboras. O irmão do Jonny levaria a gente e traria de volta antes das oito.

Não acho que meu irmão esteja mentindo, seus olhos estão me observando preocupados por causa da reprimenda que levei por sua causa.

Também acho que é verdade porque ele jamais arriscaria não estar em casa no horário que Anthony volta do seu turno. Connor ia inventar algum trabalho na casa dos amigos e eu iria acreditar.

Seria o caos ainda maior se meu pai descobrisse depois.

— Não interessa se seria só até às oito, aquilo não é lugar pra você, nem pra nenhum dos seus amigos. Eu vou ligar para todos os pais e avisar dessa ideia idiota do Jonny.

— Não faz isso, eles vão ficar putos comigo...

— Problema seu, é o meu dever como adulto responsável e policial! Você não faz ideia de quanta merda poderia acontecer naquele antro.

Nunca ouvi falar de nenhum problema real que tenha acontecido nessas festas da clareira, meu pai não gosta do lugar porque fica na divisa da cidade e é frequentada por um pessoal mais liberal do lado de lá.

É claro que não concordo que crianças de nove anos devam ir escondido, só que também acho que ele exagera um pouco com tudo que é diferente do que preza.

— Imagina se você aparece lá, acontece alguma merda e o Bischoff te pega? — meu pai continua falando; a voz se elevando à medida que seu cérebro parece pensar em outros cenários. — Além de correr risco à toa, já era a minha chance de concorrer com ele na eleição de xerife. Vocês são meu espelho, não podem sair da porra da linha!

Bischoff é um policial da cidade vizinha que meu pai não suporta porque, segundo ele, vive empurrando casos para Sedona a fim de melhorar os números de segurança da sua área de policiamento.

A hostilidade entre os dois tem aumentado desde que Anthony e o homem se colocaram na lista de interessados em participar da eleição de xerife, no ano que vem. O atual responsável do condado apoia o Bischoff e o anterior, que tinha permanecido durante anos e tem o respeito da população, o meu pai. Será uma briga boa.

Na verdade, eu não sei bem por que ele quer tanto esse posto. Anthony não gosta de sair de Sedona, e para o novo cargo terá que viajar cerca de quarenta minutos na ida e na volta a fim de coordenar a segurança de sete municípios próximos.

Provavelmente, seja pelo peso que o nome “xerife” dá para o seu status social.

Não duvido que seja mais um pedido do meu avô. Ele tem um negócio próspero, que poderia estar desfrutando com o filho único agora, no entanto, insistiu para que meu pai seguisse outra carreira.

Robert tem uma necessidade de controlar as coisas; e queria ver o sobrenome dos Waters se destacando nas esferas de poder; ele no judiciário como advogado e meu pai no policial.

— Vocês dois estão de castigo! — Anthony sentencia, finalizando o assunto. — Connor pela ideia idiota e Hazel por não ficar de olho direito no seu irmão. Além da proibição do computador 100% do tempo, estão proibidas todas as saídas de casa fora na escola e qualquer visita por um mês.

— Um mês inteiro sem sair e sem computador, pai? É muito tempo! E se tiver trabalho da escola?

— Vai fazer sozinho e pesquisando em livros pra aprender a não dar uma de esperto.

Connor fecha a cara, emburrado, e eu fico calada. Para mim, é quase uma bênção ter que interagir menos com as pessoas.

— O próximo dia que irão sair é na Ação de Graças! Nós vamos passar com os Brydges na fazenda deles este ano.

Ah, merda! Um murmúrio desanimado quase escapa dos meus lábios.

Tudo que eu economizar na interação, vou ter que usar nessa merda de jantar. Meu pai e meu avô ficam insuportáveis ao lado dos Brydges, forçando a gente parecer ainda mais perfeitos.

Eu gosto do Caleb, somos amigos na escola, mas odeio como as nossas famílias nos empurram um para o outro nesses eventos sociais desde crianças.

Haja sorrisos falsos para disfarçar que não tenho o mínimo interesse nele dessa forma.



É automático como meu corpo reage neste lugar.

Eu passo horas fingindo estar bem, mas é só chegar aqui que cedo no mesmo instante. Ver o lago e as flores que minha mãe tanto amava me libertam do sufocamento e eu apenas deixo transbordar o que tem dentro de mim sem represar nada.

Aqui não tem ninguém para ver minha fragilidade. Não tem ninguém para julgar minha fraqueza.

Sinceramente, ainda não consegui decidir o que é pior. Segurar os sentimentos o dia inteiro ou sentar neste gramado e passar horas a fio

chorando. Sinto que estou cavando um buraco fundo demais no meu peito e não vou conseguir sair dele em breve.

— Boa noite, mãe! — sussurro aos prantos, escolhendo ficar perto das trepadeiras de dama-da-noite mais uma vez.

Eu sinto a sua presença muito forte neste lugar, só que neste cantinho é bem maior. Talvez porque fossem as suas preferidas e sempre falasse delas com tanta empolgação. Tínhamos plantado no nosso quintal de fora a fora até seis meses atrás, quando meu pai resolveu podar porque o machucava demais a lembrança da esposa.

Geralmente, eu mantengo um pouco de distância para não sentir o cheiro gostoso que exala, e chorar ainda mais de tristeza pela sua ausência; porém, com a chegada do aniversário de um ano da sua morte, eu necessito dessa sensação de proximidade.

— Faltam só nove dias agora... — Fungo e meus ombros tremem, quase não enxergo com o tanto de lágrimas se acumulando nos meus olhos.

Queria tanto voltar no tempo e impedir que a gente saísse de casa. Queria poder apagar novembro do calendário e garantir que aquele dia nunca aconteceu. Abraço minhas pernas, apoio o queixo no joelho e fico repetindo baixinho “me desculpa” no ar.

As horas passam e eu nem reparo.

Faço isso religiosamente nos últimos onze meses e 21 dias, é a forma que encontrei para seguir em frente sem desabar. Nas duas primeiras semanas após sua morte, tive pesadelos recorrentes com a gente trancada no carro, rodeadas de sangue e imóveis.

Os malditos eram longos, eu não despertava de imediato; ficava ali revivendo aquela cena em um looping infinito. Quando meu corpo não aguentava mais o martírio, acordava com taquicardia e hiperventilação, suando frio.

Não demorou para eu começar a ter insônia e fazer de tudo para não dormir logo. Se desabasse de exaustão era uma coisa, não me lembrava de

nada de tão cansada. Agora se seguisse a rotina de sono normal, era certo meu terror noturno.

Estava pensando como ocupar meu tempo à noite quando me lembrei da conversa que tivemos um dia antes do acidente.

Minha mãe me contou que havia sonhado com este lugar; uma área no meio da floresta e perto da sua antiga casa, que visitávamos bastante quando eu era criança e meus avós maternos ainda moravam aqui.

Ela me confidenciou que, na adolescência, amava fugir na calada da noite para mergulhar no lago, apreciar as estrelas e vigiar o florescer da dama-da-noite. Com a correria do dia a dia, a paixão pelo lugar foi ficando em segundo plano.

“Vamos lá juntas ainda esta semana, depois do seu curso, você vai amar como eu, tenho certeza! Quem sabe vira algo de mãe e filha e a gente escape toda semana pra um mergulho refrescante.”

Passo a mão no rosto, tirando o excesso de lágrimas que escorre pela minha bochecha com a lembrança da sua voz animada conversando comigo. Nunca tivemos a chance de vir juntas, mas realmente amei – pelo menos para observar.

Apesar de ser quase uma hora de caminhada a pé de casa, eu faço questão de estar neste local para pedir perdão e me sentir livre da máscara de fingimento que estou usando pelo meu pai e os meus irmãos.

Ninguém em casa nunca desconfiou, e sinceramente acho que nem vai descobrir. Anthony retorna do seu turno às 20h30 e coloca todos para dormir às dez da noite em ponto. Como bom militar, ele é metódico com horário e rigoroso com rotina. Às 22h30, ao pular a janela do meu quarto, não se ouve o barulho de um mosquito na residência. A cidade é cheia de fofoqueiros, só que eu tenho sorte de me esgueirar pelas áreas verdes sem ser vista. A maioria é mais velha e dorme cedo também.

Chego às 23h30 aqui e estou de volta lá pelas quatro da manhã. O esforço físico da andança, e o mental do choro, me derrubam e consigo capotar até às sete ao levantarmos pontualmente para nos arrumarmos para a aula.

Cric-crac.

O som de galhos se quebrando espantam meus pensamentos e acionam meus instintos de filha de policial imediatamente. Minha coluna fica ereta e meus ouvidos atiçados.

Há muitos animais selvagens no amplo território de Sedona, porém, não aqui no centro perto das residências. Nas florestas da área urbana encontramos no máximo lagartos, cobras e pássaros diversos. Esse barulho não foi de nenhum desses bichos... foram dois estalos, como passos, e depois silêncio absoluto ao notar que escutei.

Tem alguém aqui. Uma pessoa.

Levanto em um rompante e observo ao redor com atenção como meu pai me ensinou. Eu nunca tive medo de andar sozinha à noite porque nos últimos 30 anos não foi registrado nenhum assassinato ou sequestro por essas bandas.

Os problemas mais sérios na delegacia são brigas entre vizinhos e esporadicamente pequenos assaltos nos limites do município – motivo pelo qual Anthony sempre culpa as cidades ao redor de má influência.

Pode ser alguém que me encontrou por acaso e, agora está vendo o que eu faço, para fofocar depois. Todo mundo sabe de quem sou filha.

Continuo observando cada detalhe rapidamente até que vislumbro uma sombra alta à minha esquerda. Abro a boca para avisar a pessoa que saia logo de lá, mas travo ao notar que há algo na sua mão.

Parece um pedaço... um pedaço de madeira. E se for alguém de fora? E se for mesmo perigoso? Meus irmãos não podem me perder também!

Meus batimentos cardíacos disparam e eu sinto um medo real inundando minhas veias. O pânico de pensar em Annie e Connor me faz agir no impulso e eu decido pela coisa mais lógica que meu cérebro assimila.

Viro de costas para a sombra e dou um impulso para correr o mais rápido que eu consigo. Escuto uma voz grossa falar comigo à distância, no

entanto, não entendo nada. Confirmar que é um homem me deixa ainda mais nervosa.

Forço meus pulmões se encherem de ar, e estou prestes a acelerar, quando tropeço no tronco de uma árvore e espatifo no chão.

Puta que pariu, que dor no joelho!

— Eu falei pra não correr no escuro! — A voz agora está mais próxima e grave; eu diria que bem atrás de mim.

Merda. Merda. Merda! Fecho os olhos por um segundo, sentindo meu coração reverberar na minha cabeça de tão forte que está batendo. *Não deixa ele te pegar. Reaja e corra. Esqueça a dor!*

Ao notar que a sua sombra está se abaixando sobre mim, ainda caída no chão, eu apanho um monte de terra entre os dedos e me viro com tudo para surpreendê-lo em um ataque. Arremesso na altura do seu rosto e concentro todo meu medo na perna boa para chutar forte no meio do seu saco.

— Ca.ra.lho! — O corpo enorme cambaleia para trás em um grunhido e eu me esforço para levantar.

A contragosto, constato que estou lenta por causa do joelho dolorido e vou perder em uma corrida. *Pensa rápido, Hazel. Muito rápido.* Ansiosa, tateio o chão até achar uma pedra grande para me proteger minimamente. É o melhor que posso fazer no momento.

Deus, que isso seja suficiente. Não deixe meus irmãos perderem mais alguém. Por favor, por favor...

— Fica longe de mim! — ameaço com a pedra em riste, piscando para enxergar direito diante do nervosismo e do olho inchado pelo choro da noite. — Eu sou filha de policial, você vai se ferrar.

— Eu não vou te machucar, Hazel.

Hazel. A pessoa me conhece.

Semicerro os olhos e dou um passo para frente com a pedra, notando que o corpo alto está encurvado com uma mão no vão das pernas e a outra

no rosto para limpar a terra.

— Calma, garota! — tenta de novo, falando mais baixo. — Não precisa me bater, eu só vim atrás de você pra ver se a queda te machucou. Não queria te assustar.

Quando ele levanta o rosto, eu reconheço instantaneamente os olhos cinzentos, mesmo apenas com a luz do céu noturno ao nosso redor. É Eduardo Barrett, o aluno novo que meu pai não suporta. Ouvi sua voz tão poucas vezes que nem reconheci na hora do pânico.

— O que você está fazendo aqui a essa hora? — questiono firme, sem baixar a pedra.

— Posso te fazer a mesma pergunta... — o abusado retruca, se esforçando para ficar ereto. As aulas de defesa pessoal em casa foram úteis, no fim das contas.

Ele é bem alto, mas eu também sou, e acaba que nossa diferença não é tão gritante como das demais meninas da escola.

— Por que estava me vigiando com um pedaço de madeira na mão?
— sou direta, sem paciência para joguinhos.

— Era um galho que estava no meu caminho e eu tirei, não um pedaço de madeira pra te matar — responde, dando de ombros. — Se eu quisesse te machucar, teria feito isso desde o primeiro dia que cheguei na cidade e te vi aqui.

O... o... o quê?

Ele já me viu aqui antes?

Me viu desde o dia que chegou? Isso faz... merda, faz quase um mês! Como nunca percebi sua presença? Era de longe? Era perto?

O jeito que encara meus olhos me diz que Eduardo sabe exatamente o que eu ando fazendo. O inchaço das pálpebras não esconde nada neste momento, afinal.

A pedra vacila na minha mão e eu preciso arquear o corpo para manter a posição de ataque antes que minha mente surte com essa

constatação. Esse é o meu lugar... meu e da minha mãe. Ninguém deveria me ver frágil assim, nem me julgar mesmo que em pensamento.

— Você tem sardas — ele diz do nada, descendo o foco dos meus olhos para o meu nariz.

Seu semblante naturalmente sério e meio assustador de repente parece curioso com a descoberta. Na escola, não dá para notar mais por causa da maquiagem que eu uso de manhã a fim de esconder o choro da noite.

— Guarde suas cantadas baratas pra outra e pare de ficar me stalteando no meio da noite! — rebato, querendo finalizar logo essa conversa estranha e mandar que fique bem longe daqui.

— Eu saio pra correr e fumar, não pra ficar te perseguindo. É você quem está no meu caminho — afirma desdenhoso, com o foco ainda vidrado nas minhas sardas.

— Pois vá correr e fumar em outro lugar! — O barulho do alarme do celular me interrompe, avisando que já são três da manhã e preciso voltar para casa. Com o joelho dolorido, a caminhada hoje será árdua. Uso a mão livre para desativar o som e aponto a pedra para Eduardo. — É sério, forasteiro, arruma outro lugar pra ir e me deixa em paz. Você já deve saber que meu pai é policial, não vai querer ter problemas com ele.

Antes que possa estudar meu semblante e ver que estou blefando, pois jamais contaria sobre meu local secreto para Anthony, viro meio de lado e começo a andar apressadamente em direção à trilha que vai me levar para casa. Eduardo não fala nada, fica apenas me observando com aquele olhar avaliador.

Meus ouvidos permanecem atentos ao garoto, assim como a pedra na minha mão, mas minha mente está entrando em pane ao assimilar tudo que me disse. E agora, eu ainda poderei vir no lago em paz? Tomara que os Elms tenham falado muito mal da minha família para ele, assim, a ameaça talvez surta efeito.

Eu preciso que funcione. Eu necessito que o forasteiro não volte mais aqui. Não vou aguentar minha rotina se não puder ser verdadeira pelo

menos poucas horas por dia.



“Estou treinando aqui na cadeia pra focar meu lado agressivo apenas na luta esportiva, mas às vezes a raiva vem tão forte no meu sistema que a mente ainda desliga. Eu vou aprender a controlar, juro! Nunca mais... porra, nunca mais quero perder a noção do que estou fazendo seja pelo álcool ou pela raiva.”

Trecho da carta nº 208

*Eduardo Barrett
Presente*

O cabelo e a barba agora têm vários tons de grisalho, e as linhas de expressão no rosto denunciam que está na casa dos 50, mas é só prestar um pouco de atenção que se torna impossível não o reconhecer. Kober manteve o sorriso exagerado demais e a fala mansa falsa exatamente do mesmo jeito.

Troco o peso de uma perna para a outra, ficando mais impaciente a cada segundo que perco esperando a minha vez de apertar a mão do querido candidato. Haja estômago para fingir que sou um eleitor!

Antes de chamar um Uber, pesquisei seu perfil no Instagram e descobri que estava promovendo um evento de campanha no seu comitê, a trinta minutos do local onde aconteceu a feira. Cheguei no final do seu discurso e faz uma hora que estou parado igual trouxa, aguardando na fila de quem quer conversar pessoalmente com ele.

Seria melhor um encontro privado e longe da vista de terceiros, no entanto, com a raiva que eu estou da sua palhaçada, a plateia ao redor irá me lembrar que preciso me controlar. Também é uma forma de garantir que Kober vai me ouvir sem inventar desculpas para me atender – com certeza quer evitar exposição a cerca de três meses das eleições.

— Pode ir agora! — o segurança, mais alto que eu, avisa assim que o casal que estava quase chorando de emoção com um discurso barato sai da mesa improvisada no fundo da sala. — Você tem cinco minutos.

Há uns quatro assessores ao seu lado, com pilhas de material de campanha e tablets para anotar sugestões dos eleitores. Me aproximo dele esfregando as mãos suadas na calça jeans para evitar fechá-las em punho e ser barrado pelo gigante atrás de mim.

— Boa noite, seja bem-vindo ao nosso comitê! É uma honra saber que se interessa pelo meu projeto e gostaria de se engajar na campanha. Qual é o seu nome, meu jovem?

— Não está lembrando, Kober?

É claro que ele não me reconheceu de imediato. Depois que tomou posse do negócio da minha mãe e se livrou de mim, nunca mais deve ter pensado em nenhum dos Barrett – exceto quando lhe foi conveniente com relação ao instituto.

— Me desculpa, converso com tanta gente que...

— Você conhecia bem a minha mãe e o meu pai — o interrompo, segurando o encosto da cadeira à minha frente sem me sentar. — Quer dizer, enchia a boca pra dizer aos outros que era amigo deles.

Acho que o tom de sarcasmo na última frase me denuncia porque suas sobrancelhas se arqueiam e as bochechas perdem sutilmente a cor. Kober escaneia meu rosto e as tatuagens visíveis no meu braço buscando confirmar sua suspeita.

— Eduardo? — questiona baixo para que ninguém ouça à distância.

Até então, ele fazia questão que todos na fila escutassem seus discursos genéricos.

— Pensou que nunca mais ia ter que enfrentar seu passado, não é?
— provoco, sem conseguir conter meu temperamento.

— Eduardo Barrett, o enteado? — um dos assessores se intromete, atento.

— O próprio! — responde, sarcástico.

— Kober fará uma pequena pausa e já voltamos, pessoal! Será bem rápido — outro funcionário avisa aos presentes e se levanta, tocando no braço do chefe para tirá-lo do centro das atenções.

Enquanto o povo murmura em concordância, meu padrasto se inclina na minha direção, com o tom em uma mistura de irritação e pavor.

— Vamos conversar no escritório, nenhum de nós quer um escândalo.

Quase dou risada, ele com certeza não quer. Deve estar imaginando que vou terminar o que comecei anos atrás e armar um show no meio do seu comitê. Sinceramente, vontade não me falta. O filho da puta não mudou nada, na verdade, parece que se tornou ainda mais pilantra.

Sigo Kober e três dos seus homens até uma sala atrás da área onde está a fila de espera dos eleitores. O local é amplo e noto de imediato que o medroso se direciona para o outro canto, bem longe de onde fico escoltado pelos assessores.

— Acredito que não apareceu aqui do nada porque queria me ver — ele começa a falar, mudando o tom para a sua arrogância costumeira. — O que você quer, Eduardo? Soube que sou um político respeitado e empresário de sucesso e veio pedir dinheiro?

Inspiro fundo, lembrando cada partícula do meu corpo que não posso externar minha raiva socando esse idiota. Eu não sou mais essa pessoa que perde a razão, eu sou um adulto agora e tenho muito em que pensar: Kieran, Tuck, Bailey, meu restaurante e as crianças do projeto social. Se eu encostar um dedo nesse cretino, aposto que no segundo seguinte estará cheio de policiais aqui.

O outro assessor que ficou para trás deve estar garantindo neste instante segurança extra sem causar alarde.

— Se pensa que pode fazer exigências de um negócio que não tem mais nenhuma participação há anos, está muito enganado! — Kober continua tagarelando diante do meu momentâneo silêncio.

Enquanto estava no Uber, pesquisei mais o seu nome e descobri que a pequena fábrica de congelados se transformou em uma marca de sucesso em toda Califórnia. São seis filiais no Estado que ampliaram a oferta para pratos famosos de países do mundo inteiro, entregues por delivery.

O desgraçado colocou em prática até a ideia que minha mãe tinha de atender esporadicamente outras culturas, como eu faço uma vez por semana no Clarissa's.

— Estou me fodendo para o seu dinheiro, Kober, é a última coisa que eu quero — digo ríspido, decidindo ser direto para sair logo daqui. Não há força de vontade que aguente ficar olhando para a sua cara sem perder a linha. — O que eu quero é que você deixe a minha família em paz. Eu não te autorizo usar o nome do meu pai, muito menos a imagem dele, como vi que tem pelas fotos do seu instituto. Não quero que alavanque ainda mais sua carreira política usando os Barrett pra isso.

— Eu nunca usei a sua família...

— Me poupe dos seus discursos. Você é baixo, interesseiro e ambicioso! — pontuo, dando um passo para frente que é automaticamente acompanhado pelos assessores me vigiando. — Você só se aproximou de nós pra se dar bem, primeiro com a boa influência do meu pai e depois com o negócio da minha família. Vai me dizer que não bancou todas essas campanhas de vereador, prefeito e agora deputado, com a empresa que criou usando minha mãe?

— Escuta aqui, rapaz, eu não vou ficar escutando merda de ex-presidiário...

— Acalme-se, Kober, não podemos correr o risco de ter infiltrados dos concorrentes lá fora, loucos por uma chance de te ferrarr com a mídia! — o assessor que me reconheceu primeiro sugere, tentando manter a calma do chefe.

Percebo que usar as eleições a meu favor será o melhor jeito de conseguir o que eu quero.

— Ou você tira as fotos e o nome do meu pai do seu instituto ou eu irei a público exigir que isso seja feito do jeito difícil.

— Tente a sorte, vamos ver quem tem mais reputação! — meu padrasto brada, ficando vermelho de raiva. Bem-vindo ao clube, é um sentimento mútuo que geramos um no outro. — Os pais do Rowan autorizaram a homenagem, você não vai ganhar nada além de dor de cabeça levando isso adiante.

Meus avós que há anos não conversavam direito com o meu pai por puro despeito, e nunca quiseram uma aproximação comigo, autorizaram essa palhaçada? A decepção me atinge em cheio, no entanto, não deixo transparecer.

— O aviso está dado, vou procurar um advogado pra formalizar meu pedido e, se não for atendido, irei exigir na justiça essa revogação. Não pouparei esforços pra mostrar na mídia porque não te suporto.

— Tira esse moleque da minha frente! — Kober mais uma vez se exalta, puto com a minha intimidação.

— Não precisa pedir, eu não aguento mais dividir o mesmo espaço que você nem mais um segundo.

Viro de costas, esbarrando nos assessores, e saio a passos largos da sala com os punhos cerrados. Para variar, ele não vai tornar isso fácil, mas para o seu azar, desta vez não irei ignorar.

No passado, eu deixei para lá a minha sede de revidar no intuito de viver minimamente bem. Porém, saber que quase duas décadas depois ainda está se aproveitando da minha família, é demais para mim.

Farei todo possível para que meus pais descansem em paz, sem ter nada a ver com esse cretino.



— Vou pra casa com vocês, estou sem condições de correr hoje.

Seria bom para a minha mente, só que meu corpo está um bagaço. Além do cansaço do trabalho puxado no fim de semana, eu não dormi quase

nada essa noite pensando no Kober. Levantei cedo, peguei o voo de manhã e vim direto para o restaurante assim que o Kieran me buscou no aeroporto.

Precisava contar ao Tuck da infeliz coincidência de ter notícias do meu padrasto na curta passagem por Los Angeles. Ele ficou tão indignado quanto eu com a cara de pau e concordou que, desta vez, não deveria deixar passar.

— Eu posso entregar o resto das comidas que sobrou — Eric se oferece, entrando na conversa. — Fica no meu caminho também. Assim podem ir direto descansar.

— Porra, cara, valeu!

O chevette está na oficina, a moto em casa e apenas um carro disponível aqui. É meu filho quem faz esse trabalho diariamente, entregando as sobras do dia para algumas das famílias carentes que participam do *Child's future*, enquanto estou na corrida. Teríamos que sair juntos e passar por várias casas antes de voltar para a nossa. Hoje a ajuda é muito bem-vinda!

Tuck também está quebrado apesar de não admitir. Mandei que fosse embora durante o dia várias vezes, mas o teimoso ficou preocupado comigo e não arredou o pé do meu lado.

Fui praticamente inútil nos afazeres do restaurante. Minha cabeça ficou cheia durante horas, primeiro conversando com um advogado que eu tinha contato e depois com um segundo, focado na área de direito de imagem, que o Drew indicou especificamente para o meu caso. Segundo a opinião dos dois, não será simples, como eu queria, revogar a autorização dada pelos meus avós.

Se não consegui assustá-lo ontem com a ameaça de ir à imprensa, será uma luta árdua na justiça. Apesar de odiar exposição, talvez tenha mesmo que apelar.

O foda é que eu não duvido que Kober pague para ver e, inclusive, se faça de coitado para criar uma narrativa de injustiçado. O filho da puta pode dizer que eu o agredi, que tentou me dar uma chance e eu acabei sendo preso um tempo depois por ser irresponsável. Não duvido também

que alegue que estou implicando anos depois porque quero dinheiro — mesmo sendo mentira. Seria uma história convincente para o juiz e para a sua campanha.

— A Bailey também agradece, Eric, a essa hora aquela cadela deve estar deixando nossas vizinhas novas loucas com tanto latido — Kieran pontua vindo na minha direção. É verdade, ninguém foi embora para passear com a bagunceira no turno da noite. — Será a primeira coisa que eu vou fazer para o bem dos móveis e do sono no prédio.

Todos rimos e eu aproveito que não tem mais nenhum cliente no restaurante para avisar o pessoal que comece a organizar o fechamento. Só faltam vinte minutos para o fim do expediente e, sinceramente, estou no limite.

Cheguei a pedir para o Drew falar com o seu pai e me encaixar em uma luta o mais rápido possível. Preciso extravasar de alguma forma minha raiva do Kober.

— Falando em vizinhas novas, como tá o lance com a garota? — puxo assunto com meu filho, querendo desacelerar minha mente para tentar chegar em casa, tomar um banho e dormir. — Acabou que foi tanta loucura hoje que nem conversamos sobre isso.

— Ela caiu na mesma sala que eu! — conta entusiasmado, como se estivesse louco para compartilhar a informação com alguém. Ele sabia que eu tive um padrasto e que não gostava dele, mas não tem detalhes da nossa história porque não falo do meu passado. Mesmo sem a dimensão completa de como me afeta a sua atitude com o instituto, Kieran passou o dia preocupado comigo assim como Tuck. — Ela foi na escola essa manhã e me mandou mensagem contando logo depois. Estamos conversando bastante pelo celular, parece que não aguentamos ficar muito tempo sem nos falar. É uma coisa doida e... boa.

Acho que desta vez Kieran pode se ferrar. Pessoalmente, reparo que o brilho no olhar está mais caloroso do que notei pelo telefone, fora o sorriso natural demais só de mencionar a menina. Estive nessa mesma situação quando contava os segundos para chegar à noite e correr para o

lago. Era quieto depois da morte dos meus pais, e com Hazel, não conseguia calar a porra da boca.

Era mesmo algo doido e muito, muito bom.

— Estou ansioso pra conhecê-la! — afirmo, rindo da sua cara. — Pelo andar da carruagem, algo me diz que terei minha primeira nora.

— Nora? O Kieran, finalmente, parou de pegar todas e vai assumir alguém? — Nadine pergunta, curiosa com o assunto.

— Ainda não, mas estou cogitando seriamente a possibilidade... — meu filho responde divertido. — Tô meio apaixonado na nova vizinha.

— Ah, tá explicado porque você anda suspirando no celular os últimos dias.

— Você já viu *ela*?

— Ainda não, quase não parei em casa — Nadine diz, prendendo o cabelo curto com um elástico.

Reparo no seu rosto e vejo olheiras fundas abaixo dos seus olhos verdes. Ela ajudou muito na minha ausência, ficando à disposição nos dois turnos mesmo com a rotina do seu curso EAD de história.

Geralmente, Nadine trabalha apenas durante o dia e se dedica aos estudos à noite. Seu sonho desde criança é ser professora nessa área e o Tom conseguiu com um dos seus contatos uma bolsa com aulas online.

Não tem uma área nesta cidade que os Kind não tenham conhecidos.

— Quando você a vir, saberá porque estou assim. É a coisa mais linda do mundo!

— Ele está repetindo isso igual um papagaio — Tuck implica, revirando os olhos.

— Todos vocês vão me dar razão assim que a conhecerem. É linda por fora e por dentro!

— Você vai entrar na maratona de provas a partir de quarta, certo?
— Ignoro a defesa apaixonada do meu filho e questiono Nadine, recebendo um aceno de concordância. — Tire a folga que não tirou no domingo amanhã pra descansar um pouco e estudar com calma.

— Mas domingo é tranquilo e amanhã é cheio de...

— Me obedeça, Nadine, não seja teimosa como o Tuck. A gente se vira aqui!

— Sério? Não vai atrapalhar mesmo?

— Sério! Você já ajudou muito nesses últimos dias.

— Olha, eu só vou aceitar porque a primeira prova será prática dando uma aula de cinquenta minutos, ao vivo, na chamada de vídeo — murmura, fazendo uma careta. — Estou com dor de barriga de ansiedade desde a semana passada; a última aula que eu dei foi um fiasco por causa do nervosismo. Aliás, não querendo abusar, será que rola me emprestar sua câmera com o tripé? Uma das meninas do curso me disse que treina filmando ela mesma. Segundo sua opinião, isso ajuda demais na segurança e a melhorar alguns pontos da apresentação.

— Claro, eu empresto, sim. A câmera está em casa ou aqui, Kieran?

Investi nesse equipamento porque meu filho adora produzir conteúdos do restaurante para as redes sociais. Pior que funciona bastante, já tivemos muitos clientes vindo através dos vídeos postados online.

— Está lá em casa, eu levei no sábado pra editar um vídeo e não trouxe mais.

— Eu devolvo amanhã à noite sem falta!

— Tranquilo, Nadine, a gente indo embora você já passa no apê e pega. Pode usar à vontade!

— Poxa, obrigada de verdade! Em um futuro próximo, quando estiver ensinando sobre os países da América Latina aos meus alunos, vou trazer todo mundo pra comer no Clarissa's. — Ela ri, tocando meu braço de forma carinhosa.

— Quero só ver, vou cobrar!

Disfarçadamente, eu me afasto do seu toque e vou ajudar o pessoal a encerrar o expediente. Tenho medo que ela fique confusa com meus gestos, acho que ainda nutre algo por mim do que vivemos ano passado.

Jamais quero iludi-la.

Essa mulher já sofreu demais e merece um homem que a ame de todo coração. Eu nunca poderei ser essa pessoa. Só consegui lhe dar orgasmos.



“Cogitei mais cedo como seria te reencontrar em um futuro muito distante. Será que você me reconheceria? Será que ainda me odiaria? Eu tenho plena convicção que, não importa quanto tempo passe, o meu coração sempre será seu.”

Trecho da carta nº 246

Hazel Waters
Presente

— Nossa, mãe, como você está conseguindo ficar na sala com essa barulheira? — Naomi pergunta intrigada e para na minha frente, em pé perto do sofá. — Kieran mandou mensagem pedindo desculpa de antemão, disse que ninguém tinha conseguido vir mais cedo pra levá-la pra passear, mas que estão chegando daqui a pouco.

Paro de escrever no meu caderno e, só então, reparo que o cachorro do vizinho está latindo alto na porta ao lado. Minha cabeça está tão focada nos possíveis postos de trabalho que garimpei ontem, quando saímos para fazer compra no supermercado, que o barulho é o menor dos meus problemas.

— Ainda preocupada com o emprego? Vai dar tudo certo! — ela comenta, ao perceber a lista que estou fazendo. — Hoje foi só o primeiro dia.

— Um péssimo primeiro dia — compartilha, desanimada.

Sei que minha filha está certa, no entanto, não consigo evitar a preocupação. Temo demorar para conseguir um emprego e comprometer a Annie; ou ainda pior, entrar em uma guerra com o Caleb por dinheiro que vai nos deixar loucas aqui com a sua família e a minha.

Depois que visitamos a escola da Naomi de manhã e resolvemos de vez a questão da matrícula, eu fui em três comércios que estavam com vagas imediatas nas redondezas, só que recebi negativa imediata de todos.

“Precisamos de alguém com experiência.”

“A experiência na área é fundamental.”

“Neste momento, não podemos contratar iniciantes.”

É muito frustrante estar com 34 anos e se dar conta de que não tem experiência de nada e é considerada uma iniciante. Terminei o Ensino Médio e nunca sequer fiz um curso online. Passei os últimos anos em Sedona ajudando informalmente apenas na fazenda. Nem um comprovante de emprego eu tenho, isso é lastimável.

Meu avô chamou o Connor para trabalhar com ele logo que terminou a escola, mas nunca fez isso comigo e com a Annie.

— Vamos tomar sorvete pra animar, como você sempre me disse, sorvete ameniza todos os problemas! — Minha filha me puxa pela mão, fazendo o caderno escorregar do meu colo.

Desde criança, eu sempre a animei quando estava tristinha com sorvete. Margot fazia uma receita deliciosa com pistache e não deixava faltar no nosso freezer.

— São mais de dez da noite, Naomi, não vamos sair procurando sorvete por aí! Também não podemos gastar dinheiro com bobagens.

— Três ruas pra trás tem um drive-thru do Mc Donalds, lembra que passamos por ele ontem? Vamos lá rapidinho só pegar uma casquinha, dois dólares não vão nos deixar mais pobres.

— Eu não vou as...

— Vamos, sim, mãe, por favor! — minha filha insiste, fazendo bico de pidona. — O céu daqui não é tão incrível como o de Sedona, mas vi pela janela do meu quarto que está com uma lua cheia linda. A gente aproveita pra dar uma voltinha e tomar um ar.

Não estou com nem um pingo de vontade de sair de casa a essa hora, no entanto, respirar o ar fresco da noite pode de fato ser uma boa. Eu tenho certeza de que vou dormir ainda mais mal do que o normal esta noite de apreensão com as próximas entrevistas de emprego. A caminhada pode ajudar a relaxar pelo menos um pouco.

— Só se for neste instante — concordo, ajeitando a blusa torta no meu corpo. — Se eu tiver que esperar meia hora pra você se arrumar, vou desistir!

— Deixa eu só colocar um vestidinho, será bem rápido.

— Nada é rápido com você, minha filha. Ou vamos assim ou ficamos aqui mesmo.

Não sei de quem ela puxou tanta vaidade. Eu não era desse jeito na adolescência, antes da minha mãe morrer, e muito menos depois disso. Não lembro nem a última vez que saí para comprar roupas para mim.

Meu estilo é o superbásico, com calça jeans de cintura alta e blusas que não marquem demais a gordura localizada na minha barriga nem nos meus braços. De preferência, nas cores escuras. Se não precisasse esconder meu rosto inchado de manhã na juventude, e agora na fase adulta não ficasse tão abalada com as minhas sardas, eu sequer usaria maquiagem.

— Tá bom, vamos logo então.

Calço a sandália rasteirinha que deixei próxima do sofá e pego dois dólares contados no pote de moedas que coloquei no balcão da cozinha. Mesmo que seja pouco, não podemos abusar com gastos supérfluos.

Saio com Naomi em seguida, ouvindo o latido agoniado da Bailey ficar ainda mais forte do lado de fora. Se essa cadela tem mesmo mania de destroçar as coisas, eu imagino a bagunça que fez na casa.

Estou terminando de trancar a porta com a chave quando o elevador para no nosso andar e a voz animada do Kieran invade meus ouvidos.

— Ah, Naomi, que bom encontrar vocês hoje! Queria muito que conhecesse a minha família.

É impressionante como um segundo tem o poder de abalar todas as nossas estruturas. Em um instante, eu era apenas uma pessoa que ia sair para tomar sorvete com a filha; no outro faço um mísero movimento de 90 graus e paro diante da pessoa que eu mais odeio no mundo.

E o pior é que nem há dúvidas do que vejo, infelizmente, meu corpo o reconhece imediatamente.

Não é uma ilusão, nem um maldito sonho que eu tentei fingir que não aconteceu a todo custo. Eduardo... Eduardo Barrett está bem na minha frente. Depois de... cerca de 18 anos.

Quero obrigar meus olhos a se desviarem dele, quero fingir que o ver depois de tanto tempo não me abala, mas falho miseravelmente nas duas missões. Meu corpo trava no lugar e as vozes do Kieran e da minha filha interagindo, totalmente alheios ao meu desespero, se tornam insignificantes.

Não escuto mais nada além do som idiota do meu coração que dispara rápido ecoando pela minha corrente sanguínea. Os batimentos desesperados parecem estar em cada partícula do meu corpo, trazendo junto a sensação de ter a garganta estrangulada e o estômago torturado com dezenas de cubos de gelo.

Não consigo... merda, não consigo respirar.

Não queria ter essa reação, não queria sentir porra nenhuma. Só que Eduardo não facilita porque está me encarando imóvel exatamente da mesma forma. O mundo parece em câmera lenta para nós dois.

Que inferno! Ele está... ele está muito bonito.

O rosto tem os traços mais marcantes, reforçando sua masculinidade, e a barba cerrada lhe caiu muito bem. Há um pequeno brinco de argola preta na sua orelha que o deixa com ainda mais cara de *bad boy*. Os olhos cinzentos estão tão hipnotizantes quanto eu me lembra e o seu cabelo castanho um pouco maior do que a última vez que o vi.

Forço minha garganta engolir a saliva acumulada nos meus lábios ao recordar como eu adorava infiltrar meus dedos nos fios macios enquanto sua boca me devorava com fome.

Deus, eu não posso, não posso permitir que...

Perco a luta contra o bom senso ao interromper meu mantra e descer o olhar para constatar como Eduardo está forte. Os braços torneados têm várias tatuagens novas e o conjunto da obra não aparenta ter uma gordura em excesso.

Pisco várias vezes seguidas ao enxergar uma dama-da-noite acima do seu pulso. Por que... como... Quando minha mente está quase entrando em surto, tentando entender o motivo que o levou a marcar na sua pele uma flor tão importante para mim, alguém se mexe ao lado dele e eu percebo a figura de uma mulher.

Uma linda mulher esbelta, de cabelo curto e olhos claros.

“Queria muito que conhecesse a minha família.”

Minha família!

A falta de ar aumenta com a frase empolgada dita pelo Kieran segundos atrás. Ela é esposa do Eduardo? Mãe do garoto simpático que tem nos ajudado nos últimos dias? Se for, quer dizer que se conheceram de alguma forma no período que esteve preso e a engravidou na cadeia.

Eu demorei três anos para aceitar o pedido de casamento do Caleb porque, de uma forma muito burra, ainda continuava pensando nele, apesar de tudo. Eu imaginei que quando saísse da prisão poderia me procurar, implorar meu perdão, dizer alguma coisa...

Mesmo ciente do que aconteceu, vivendo ao lado do caos que esse homem deixou, eu ainda quis arrumar desculpas para perdoá-lo. Embora jamais me arrependa da minha filha, Naomi só existe porque Eduardo quebrou meu coração em pedaços inimagináveis.

Eu queria esquecer que ele existiu na minha vida e agi em um ato impulsivo. Queria fazê-lo sofrer, pelo menos na versão distorcida que criei na minha cabeça, em que o garoto quebrado se apaixonou pela garota quebrada.

— Não acredito nisso!

Ouço uma voz assustada preencher o ambiente e, então, um senhor calvo de óculos entra no meu campo de visão. Tuck Elms. Estava tão imersa em lembranças que nem havia reparado que chegou junto no elevador. A imagem dele faz o entorpecimento do meu corpo, até então incrédulo e saudoso, começar a reagir.

O choque se transforma em raiva mais uma vez.

O ar volta me dando um novo fôlego.

O frio na barriga derrete com a irritação dominando meus sentidos.

Na última vez que vi Eduardo, o desgraçado me disse que ia sumir no mundo sozinho, assim que estivesse livre, porque não tinha mais nada importante para ele vivo. Para variar, mais uma das suas mentiras.

Ele mora a poucas horas de distância de Sedona.

Tuck é considerado da família.

Eduardo se casou e tem um filho que vai estudar com a minha filha.

O que, de fato, não queria era que eu estivesse na sua vida.

Tola.

Estúpida.

Indignada comigo mesmo, por ter permitido minha mente fraquejar por um momento, quebro o contato visual com todos e viro de costas, abrindo a porta em velocidade recorde.

Escuto Naomi chamar meu nome, tentar falar comigo, mas só entro sem responder nada, indo o mais longe possível da sala e da imagem deles.

É inacreditável que o destino tenha me pregado essa peça! Entre milhares de pessoas neste país, eu me tornei vizinha do homem que já foi o amor da minha vida, e hoje é apenas um grande filho da puta.



“Você está grávida. Grávida do Caleb! Acho que aquele sonho que tive, meses atrás, foi uma premonição do que iria acontecer. Tuck me disse que sua barriga está enorme, mas só teve coragem de me contar hoje durante a visita, com medo da minha reação. Não sei bem o que estou sentindo. Não é raiva de você, longe disso. É mais raiva de mim por ter estragado tudo. Em uma outra vida, eu ia amar ser pai de um filho seu.”

Trecho da carta nº 288

Eduardo Barrett
Presente

Porra. É a Hazel. Caralho. A minha Hazel. Puta que pariu!! Ela está aqui. Em Phoenix. Morando ao lado da minha casa.

Uma vez ouvi que o tempo faz ao amor aquilo que o vento faz ao fogo: apaga o pequeno e inflama o grande. Não há no mundo melhor definição para o que essa mulher causa em mim.

Parece que todos esses anos não se passaram e, paralelamente, há uma carga enorme de sentimento que se amplificou a décima potência.

— Mãe, o que foi? Você esqueceu alguma coisa? Está passando mal? Mãe!

Sem entender nada, a garota pede desculpas e entra atrás da Hazel no apartamento. Ela e Kieran estavam tão entretidos, falando um com o outro nos últimos instantes, que nem perceberam o tornado que nos atingiu.

Me sinto tonto e fraco, como se tivesse sido levado pela força do vento e jogado de um lado para o outro dentro do redemoinho. Não consigo me mover, nem falar, todo meu corpo está concentrado nas batidas desenfreadas no meu peito.

E o filho da puta lateja, irradiando rápido e de forma intensa choques elétricos em mim.

Inspiro fundo, tentando sentir algum resquício do seu cheiro. Nada. Ela surgiu e sumiu das minhas vistas tão rápido que não deu para matar nem 1% da saudade que senti durante esses anos.

Eu nunca imaginei que fosse reencontrá-la de novo – muito menos nessa situação. Pensei que estava alucinando assim que a porta do elevador abriu e dei de cara com uma miragem. Eu já tinha percebido que a filha da Hazel é uma cópia dela quando criança, durante seu casamento, só que agora na adolescência é surreal a semelhança. Por um segundo, foi como se eu estivesse diante da sua visão no lago.

Meu olhar na garota durou apenas um segundo, de fato. Assim que a mulher ao seu lado se virou nada mais importou a não ser Hazel. Fiquei hipnotizado e entorpecido; como um ímã que não tem controle de para onde vai.

Por que você está fazendo isso comigo, destino filho da puta? Por que permitiu que a única mulher que me deixa louco ficasse ainda mais linda?

Enquanto me escaneava com sua íris castanha, parecendo tão atordoada quanto eu, não pude evitar de fazer o mesmo. Seu cabelo ruivo está mais curto, um pouco abaixo do ombro, emoldurando em ondas perfeitas o seu rosto.

Os cílios, a boca e as maçãs proeminentes – o conjunto que por tantas vezes me enlouqueceu – se sobressaem no rosto bonito. Eu amava deixar sua boca inchada com meus beijos, as pupilas dilatadas de tesão e as bochechas coradas querendo mais.

Um mais que nunca tivemos a chance de ter.

Umedeço os lábios com a língua ao recordar do volume cheio que vi nos seus seios, do quadril largo e as coxas grossas agarradas na calça jeans. Inferno, vai ser a maior tortura da minha vida morar ao lado da Hazel sem poder tocá-la.

A única coisa que não vi foram as sardas que tanto amo. Será que continua chorando escondido e encobrindo com maquiagem sua tristeza?

— Vamos entrar, Edu! — É Tuck quem toma a iniciativa de me mover, segurando no meu braço.

Sua voz está assustada. Não digo que ficou tão perplexo como eu, porque isso seria impossível, mas a visão dela também o pegou de surpresa.

Passamos pela porta e, apesar da bagunça visível no tapete, com duas almofadas estraçalhadas por uma cadela que pula na nossa frente, eufórica, ninguém parece se importar com a zona.

— Por que a Cath não disse nada? — Deixo a mala que estava carregando próxima da porta e minha voz finalmente sai.

Se eu tivesse vindo direto do aeroporto para cá sozinho, e desse de cara com a Hazel sem ninguém por perto, acho que eu teria pensado que enlouqueci de vez. Nunca iria acreditar que é real.

— Com Briam doente e o Ethan trabalhando no lugar do pai nas obras, eles não têm ido para o centro de Sedona. Como sua vinda é recente, acredito que minha irmã nem está sabendo das fofocas.

Quando prometi ao Tuck que ia deixar o passado no passado, o fiz me jurar que pediria para a irmã ficar de olho na Hazel. Se acontecesse algo muito grave, eu queria saber.

Não sei exatamente o que faria, mas não podia me desligar totalmente.

Quase duas décadas se passaram sem nenhuma notícia.

Penso nas sardas mais uma vez e meu coração desacelera do turbilhão desenfreado, com medo de como tem sido a sua vida. Será que está triste por causa do divórcio? Não queria vir para Phoenix? Será que tudo foi uma merda depois que eu fodi com nossa história e ela estava escondendo muito bem, como sempre fez?

Porra, eu odeio a dúvida! Odeio não fazer ideia do que está acontecendo.

— O que Naomi te disse mesmo sobre o divórcio dos pais? — pergunto ao Kieran.

Hoje, mais cedo, ele comentou sobre isso, quando estava contando que conversa muito com a vizinha pelo celular. Confesso que escutei, só que não prestei tanta atenção com a cabeça focada no Kober.

— Que merda tá rolando? — Meu filho ajoelha no chão para fazer carinho na Bailey enquanto nos encara. — Você conhece a Hazel?

Ele não citou o nome dela nem da filha nenhuma vez. Se tivesse dito, eu, com certeza, teria desconfiado no primeiro instante. Seria muita coincidência ser ruiva, com esses nomes.

— O que você sabe, Kieran? — insisto, ansioso.

— Primeiro você, o que tá acontecendo pra ficar tão apreensivo do nada?

Apesar de não gostar de falar disso, não vou enrolá-lo. Ainda mais agora que está tão interessado na filha da mulher que me odeia.

— Lembra que eu te disse que fui preso porque estava chapado e atropelei uma criança?

— Não me diga que...

— Era irmã da Hazel e tia da Naomi — confesso e meu filho fica boquiaberto, sem saber como reagir. — Ela quase morreu no acidente, acabou perdendo o movimento das pernas e hoje em dia usa uma cadeira de rodas. A gente tinha um... — Engulo em seco, incapaz de explicar o que a gente tinha com exatidão. — Tínhamos um relacionamento às escondidas na época, não há dúvidas que sou a pessoa que mais odeia no mundo.

— Puta que pariu, pai!

— É a mulher tatuada nas suas costas. — Não é uma pergunta, Nadine reconheceu os mesmos traços que acabou de ver ao vivo.

Concordo com a cabeça. Tatuei o rosto da Hazel um dia depois que fui ao seu casamento com Caleb. Eu só faço isso com coisas que têm um grande significado para mim e seus lindos olhos brilhando ao me encarar,

com aquelas sardas perfeitas salpicando seu nariz e bochechas, precisavam estar no meu corpo.

Se eu não podia tê-la na minha vida, teria pelo menos marcada na minha pele.

A dama-da-noite acima do meu pulso também foi uma homenagem à Haz, feita ainda dentro da cadeia.

— Caralho, é mesmo! — Kieran novamente entreabre a boca, chocado, e se levanta do chão. Agora que nos viu chegar, Bailey parou de latir e está menos agitada. — Por isso eu fiquei com a sensação de conhecer a Naomi de algum lugar. A tattoo é muito parecida. O que ela me falou foi que a família não queria deixar que estudasse aqui pra aperfeiçoar no futebol. Estava até se conformando que ia perder a grande chance da sua vida quando a Hazel decidiu vir junto pra garantir sua segurança na cidade. Na parte do divórcio não aprofundou muito, falou por cima que o pai traiu a mãe e estavam se separando de uma forma não muito amigável.

— Traiu? Filho da puta burro!

Esfrego a mão no rosto e começo a andar na sala sem uma direção específica, apenas precisando me mexer. No fundo, eu sempre soube que Caleb não a amava porra nenhuma, só queria um troféu para exibir. Idiota, como pôde perder uma mulher dessas por causa de uma boceta passageira?

— Será que a Hazel vai proibir Naomi de falar comigo? — Kieran divaga, andando atrás de mim. Merda! Meu filho não merece pagar pelos meus erros, mas depois de tudo que eu fiz, não poderia culpá-la se tomasse essa atitude. — E se pedir transferência da minha sala pra não ficar perto? E se resolverem se mudar só pra não serem nossas vizinhas?

Não gostaria de ser o motivo de mais transtornos na sua vida, recém-colocada de cabeça para baixo.

Eu não sou mais aquele garoto irresponsável que conheceu, talvez a gente possa conviver civilizadamente se eu falar com ela e prometer manter distância. São só seis meses do seu contrato, eu sei que a Sera volta no começo do ano.

O problema será fazer meu cérebro entender que realmente preciso ficar longe agora que está tão perto depois de tanto tempo. No passado, nada entre nós teria acontecido se meu corpo não agisse por contra própria e voltasse, dia após dia naquele lago, ansiando ter um pouco mais dela.

O vício da sua presença é muito perigoso, terei que me lembrar constantemente da bagagem pesada e enorme entre nós. Algumas coisas, por mais que sejam preciosas e incríveis, devemos manter à distância para não estragar.



“Daqui a algumas semanas, vou receber minha ficha improvisada de um ano sem álcool. Se não tivesse decidido parar com tudo, acho que a essa altura eu seria um bêbado fodido e, provavelmente, um usuário de drogas pesadas também. Dei um passo enorme de me render a essa merda e aqui a tentação para não enlouquecer seria muito maior.”

Trecho da carta nº 319

*Eduardo Barrett
Passado*

Um sorriso desponta nos meus lábios quando eu chego no alto da colina e enxergo a chorona em pé lá embaixo, andando de um lado para o outro com as mãos fechadas em punho, pronta para atacar se for preciso. Aposto que está com aquele rostinho lindo enfezado, puta da vida verificando se estou à espreita mais uma vez depois que confessei vigiá-la há semanas.

A desgraçada tem um bom reflexo, me pegou desprevenido ao jogar terra na minha cara e chutar com força as minhas bolas. Passo a mão por cima da calça, como se sentisse de novo meu pau latejando da pior forma possível.

Se pelo menos Hazel me fizesse pulsar de outro jeito...

Meu sorriso se amplia, ao imaginar ela xingando meu pensamento, e desço a colina pelo mesmo caminho que segui ontem. Sei que o certo seria deixar a menina em paz, em um local que claramente é importante na sua vida, porém, eu não consigo evitar.

É oficial: o tédio desta cidade está alterando meu comportamento.

Em condições normais, eu ignoraria sua presença ou, na pior das hipóteses, jamais iria ser pego no flagra. Cheguei tão perto a ponto de ser descoberto porque fiquei intrigado ao perceber que estava sussurrando alguma coisa no ar durante o pranto.

Para quem será que é o pedido de desculpa?

O movimento da sua boca me deixou tão focado que não percebi os galhos a tempo de pegá-los sem fazer barulho antes. Quando ela saiu correndo e se espatifou no chão, foi mais forte do que eu o instinto de verificar se estava tudo bem.

Não era a minha intenção revelar minha identidade, só que agora não estou fazendo mais questão de esconder. Confesso que me diverti como não acontece em anos com seu jeitinho estressado.

Gostei tanto de retrucar, para ver sua testa franzir de raiva, que tenho até um plano para Hazel parar com essa choradeira.

— Eu disse pra você não voltar mais, forasteiro! — ela brada, vindo na minha direção, assim que me vê despontar entre as árvores.

Ainda estou um pouco distante do centro do lago, mas seus olhos são ligeiros. Tenho que reconhecer, a garota é boa de reflexo e de observação.

— Boa noite pra você também! — ironizo, andando calmamente ao seu encontro. — Não estou vendo uma placa escrita “propriedade de Hazel Waters”.

Sua bufada e o fio do cabelo ruivo caindo no seu rosto me fazem rir ainda mais.

— Para de rir da minha cara, seu idiota! Você provavelmente sabe da briga dos Elms com a minha família, quer mesmo arrumar confusão com meu pai?

— Se você pudesse contar ao seu pai que está aqui no meio da noite, já tinha falado e estaria escoltada pela polícia neste momento. Algo me diz que sai escondido, raposinha!

Raposinha é um apelido perfeito para alguém de cabelo ruivo como ela, ágil e observadora.

— Não me chame disso! — Hazel afasta a mecha de cabelo do rosto, e noto sua bochecha vermelha de fúria ao se aproximar de mim. As sardas bonitas não estão tão visíveis hoje, acho que aparece mais quando ela está chorando bastante e sai a maquiagem que usa durante o dia. — Nem perca tempo de graça comigo, garoto, quero distância de você.

— Quem inventou o apelido primeiro não fui eu; se sou forasteiro, posso te chamar como quiser — retruco de novo, amando vê-la brava.

Passo pelo seu corpo parado à minha frente, como se fosse trivial, e sigo andando até o lago. Assim que me sento no gramado, perto do lugar que eu a vi por tantas vezes do alto da colina, Hazel explode de vez.

— Cara, na boa, qual é o seu problema? Se estava mesmo me stalkeando esse tempo todo sabe como me sinto, já viu mais do que eu gostaria e tanto luto pra esconder dos outros! — Por um momento quase me arrependo da minha atitude ao vislumbrar as lágrimas escorrerem por sua bochecha sem controle. Ela tenta limpar antes que caiam, no entanto, se torna impossível refreá-las. — Sedona é enorme em espaço territorial, arruma outro lugar pra ir, por favor.

Não me passa despercebido a dificuldade que o “por favor” sai da sua boca. Ao mesmo tempo que quer me convencer civilizadamente, quer me afogar no lago. Ao invés de respondê-la, tiro o cantil de vodca de um dos bolsos do meu short; e um maço de cigarros e o isqueiro do outro.

— Quer? — Abro a tampa, tomo uma golada e ofereço na sua direção. — Acho que precisa disso tanto quanto eu.

— Você é um babaca inacreditável! — Hazel xinga fungando, e começa a andar na mesma direção que foi embora ontem. — Não. Volte. No. Meu. Lago. Amanhã!

Escuto em alto e bom som o seu grito, antes de sumir pelos arbustos, só que é como se entrasse por um ouvido e saísse pelo outro. Não vou parar de vir pela minha diversão e por empatia.

Ela ainda vai me agradecer um dia. É bem melhor que foque em ficar brava comigo do que soluçar sem parar por horas ininterruptas. Hoje já tivemos um pouco de avanço.



Estou quase me levantando e indo embora para a tal festa de Halloween na clareira, achando que Hazel se enfureceu tanto que decidiu não vir esta noite, quando passos pesados chegam aos meus ouvidos.

— Eu não acredito que você tá aí bebendo e fumando de novo! — ralha, com indignação borbulhando da sua voz alterada.

Pela sua cara, aposto que havia um fio de esperança dentro de si que eu iria ter bom senso de não aparecer ou, então, que tivesse me cansado de esperá-la. Sorrio de lado, para provocar ainda mais sua irritação, e solto a fumaça que estava tragando no ar bem devagar.

— Boa noite, raposinha! Tá atrasada hoje, pensei que ia deixar o seu lago pra mim de vez.

— Já falei pra não me chamar assim, garoto! — Ela passa por onde estou como um foguete e caminha próximo da superfície rochosa da colina, onde eu tinha percebido que se deslocou nos últimos dias antes de decidir descer.

De costas para mim, Hazel para e fica olhando para várias plantas que estão ali. Por alguns poucos minutos, permaneço quieto fitando de volta seu gesto, curioso com a escolha da área.

O lugar onde o lago está localizado é muito bonito, há dezenas de flores coloridas espalhadas em todo redor, e com certeza aquele canto é o mais feio.

As plantas têm o caule grosso e comprido; estão crescendo tortas e verticalmente rente a vegetação. Para piorar, os botões ainda estão fechados em um tom sem graça de branco encardido. Parecem com cobras prontas para dar o bote.

Apago a bituca do cigarro no chão e me levanto do gramado indo ao seu encontro. A coluna dela se enrijece ao perceber minha aproximação e as mãos voltam a ficar em punho. Hazel está doida para me bater de novo e estou quase deixando só para vê-la extravasar.

— Por que está suspirando pra essa coisa que parece um ninho de cobra? — pergunto, genuinamente.

— É claro que o imbecil não consegue ver a beleza além do óbvio... — resmunga, sem me olhar.

Noto seus dedos secarem apressadamente o rosto, ainda está chorando pelo jeito — embora não tão intensamente como de costume.

— Você não quer um pouco mesmo? — Mais uma vez, ofereço meu cantil. Ela devia se sentir lisonjeada, nunca divido minha bebida com ninguém. — A vodca vai te deixar menos chorona.

— Chorona é... é... — Hazel estreita os olhos, se pudesse cuspir fogo me mataria queimado neste instante. — Forasteiro de uma figa!

E, assim, tão rápida como chegou, a raposinha sai pisando duro e some novamente pelos arbustos. Sorrio, acompanhando o cabelo longo bater nas suas costas pela pressa.

Mais do que nunca, eu quero saber tudo da incógnita que é Hazel Waters.



A festa da clareira está longe de chegar perto das que conheci em Los Angeles, porém, de fato, é o melhor que vi em Sedona até agora. A área está lotada de jovens eufóricos, a música é deste século e tem venda de álcool para todo lado.

O bom de ter chegado atrasado é que agora a maioria das pessoas está bêbada e ninguém vai ficar me olhando como carne fresca no pedaço.

Sigo sem zero vontade de pegar nenhuma das meninas que vive de sorrisinhos para mim o dia inteiro naquela escola.

Ajeito a mochila que trouxe nas costas e continuo a observação minuciosa dos presentes a fim de identificar com quem posso comprar sem problemas. Depois de cinco minutos zanzando de um lado ao outro, vejo dois homens mais velhos, e sóbrios, parados de forma estratégica na caçamba de uma picape atrás da fogueira principal. Eu andei bastante tempo com os ditos “problemáticos” para reconhecer quem realmente tem o que preciso.

Quero pessoas discretas, longe do núcleo de alunos da cidade, para que não saiam falando ainda mais de mim ou dos Elms.

— Cara, você tem garrafa de vodca e caixa de cigarro pra vender? — pergunto ao que está mais perto, com um pedaço de mato pendurado na boca.

Ele me observa de cima a baixo, reconhecendo que sou novo na área, mas não faz nenhum comentário idiota sobre isso ou olha mais do que o normal. Assim que é bom. Querem apenas vender sem perguntas, e eu comprar sem dar respostas.

— Os dois! — ele cospe o mato, ajeitando a postura. — Vai querer?

— Quero quatro de cada hoje. — O homem ao seu lado se apressa a separar meu pedido com um sorriso no rosto de quem vai ganhar um bom cliente.

Pego o dinheiro na mochila e a abro para guardar minhas compras sem chamar atenção caso algum dos Elms me pegue no flagra voltando para casa. Até agora, ninguém desconfiou que saio à noite e volto só no final da madrugada.

— Fora de festas aqui na clareira, onde eu consigo encontrar vocês pra comprar mais depois? — Não posso perder a chance de fazer um bom contato, não terei muitas oportunidades neste fim de mundo.

Não tenho tanto dinheiro agora guardado, no entanto, em breve vou começar a fazer as marmitas com a Cath e meu kit sobrevivência ficará

garantido enquanto tiver que viver em Sedona.

— Salva nosso contato aí, somos os irmãos Downey, conhecidos na região pelo melhor produto. Só chamar que a gente se encontra! — Guardo a mercadoria, pago e anoto o número que me falam no celular.

Ter vindo aqui foi a melhor escolha que fiz hoje. Até que enfim um problema resolvido!

— Temos pó do bom também, garoto, se *tiver* a fim — o outro irmão que ainda não tinha falado nada me avisa.

Nunca usei nenhuma droga mais pesada. Sinto que se eu abrir a exceção uma vez, serei sugado de forma irreparável. O álcool e o cigarro me anestesiaram, a cocaína iria me levar para um patamar que não tenho condições de controlar.

— Hoje não, valeu — desconverso, colocando a mochila novamente nas costas. — Assim que precisar reabastecer entro em contato.

Me despeço deles com um aceno e resolvo ir embora de uma vez, já que está tarde porque passei no lago. Não era a minha intenção, de qualquer forma, festear o Halloween.

Não ligo para esse tipo de curtição, a única coisa que me interessa é beber, fumar ou foder. Como não estou a fim do terceiro, e já fiz os dois primeiros hoje, não tenho motivos para ficar aqui no meio dessa barulheira.

Sigo pela lateral da fogueira, a fim de não esbarrar nas dezenas de corpos fantasiados, e estou prestes a voltar para o silêncio da floresta, quando a loira sorridente que deu em cima de mim na biblioteca, dias atrás, convidando para essa festa, surge tropeçando bem na minha frente.

Eu a seguro a tempo de cair no chão e noto imediatamente pela gargalhada desengonçada que passou da fase bêbada no mínimo uma hora atrás.

— *Uaaauuaaauu, que abdô-min defi-nindo, gatino!* — fala de forma arrastada e confusa enquanto aproveita nossa diferença de altura para esfregar as mãos na minha cintura.

Pelo jeito que seu vestido está levantado e uma parte presa na calcinha, acho que estava mijando no mato. Arrumo a peça o mais rápido que consigo para não parecer que estou querendo algo. O pessoal aqui de Sedona confia muito na calmaria da região, a loira estaria vulnerável demais andando por aí com a bunda de fora.

— Não continue bebendo sem tomar água e comer alguma coisa, pode ser perigoso pra você — aviso, tirando suas mãos de mim e me afastando dela.

— *Tãooooo calvalhero, nossaaaa, eu nem...*

Antes de terminar de falar, a garota tem uma ânsia de vômito e, se não fosse pelo meu reflexo mais uma vez, ia vomitar em cima do seu vestido. Apresso o passo e a ajudo se inclinar para frente, prendendo seu cabelo com uma das minhas mãos.

— Com quem você veio para a festa? — pergunto, olhando ao redor para verificar se tem alguém por perto.

Estão todos entretidos com a música e ninguém sequer olha nessa direção.

Assim que termina o vômito, ajudo que se afaste da bagunça e se mantenha em pé. O corpo ficou ainda mais mole, ela precisa encerrar a farra antes que tenha problemas maiores nessa situação.

— Olha aqui pra mim! — Pego seu rosto, obrigando que encare meus olhos. — Com quem você veio? Com quem veio para a festa? — repito devagar para que entenda.

— *Eu sou a Lau...rennnnnn. Vim com Mi...a, Nor...ah, Pa...ty e a Ho...ryyyyy... —* responde, letárgica.

Não faço a mínima ideia de quem seja nenhuma delas. Ah, que beleza! Não posso simplesmente deixá-la aqui sozinha.

— Onde está o seu celular? — Tenho que repetir três vezes a pergunta até que me dê o aparelho e eu mesmo desbloqueie com o seu dedo.

Procuro uma por uma na lista de contatos e ninguém atende a porra do telefone. Ao digitar o H para procurar a última opção, o nome da Hazel aparece na primeira linha da agenda. É mais forte que eu a vontade de saber um pouco mais da chorona.

Não terei outra oportunidade de fazer isso, mesmo que seja filha da putagem da minha parte abusar de uma garota bêbada.

— Você conhece a Hazel Waters há muito tempo? — reforço o questionamento até que comprehenda e acene com a cabeça, dizendo em seguida que a família dela é muito amiga do policial. — Aconteceu alguma coisa na sua vida recentemente? Por que ela parece tão triste?

A resposta demora um pouco para vir, diante da sua tontura e lerdeza de compreensão, no entanto, quando vem me pega desprevenido e totalmente em cheio.

Puta que pariu! Engulo em seco, segurando com força o celular na minha mão.

Apesar de ser um choro doloroso, eu nunca imaginei que estivesse passando pelo mesmo que eu. Cogitei até que fosse um luto, só que não de alguém tão importante como a mãe. Muito menos em um acidente de carro, em que ela estava junto.

De repente, me lembro do dia que não entrou na viatura do pai e saiu chorando pela calçada. Agora faz sentido que vá embora a pé. O “me desculpa” sussurrado no lago também ganha um significado diferente na minha cabeça. Hazel se sente culpada pela morte.

Ligo para Hory no automático e, por sorte, ela atende aliviada de saber notícias da amiga. Como motorista da vez, está sóbria e louca de preocupação com o sumiço da Lauren.

Devolvo o celular da loira, aguardo que a outra venha até nós, mas minha mente fica remoendo a informação que descobri e mal presto atenção no agradecimento exagerado da menina.

Porra, mais do que nunca, a chorona precisa da minha ajuda para sair desse espiral de tristeza. O fundo do poço para esse tipo de luto pode

destruí-la fatalmente.



“Se eu fosse bom, desejaria voltar no tempo e nunca ter insistido tanto com você naquele lago. Como sou um garoto errado, daria tudo pra ter mais cinco minutos lá, raposinha. Eu me arrependo amargamente das consequências que a nossa relação causou, mas é inconcebível me arrepender de me apaixonar por você.”

Trecho da carta nº 344

Hazel Waters
Passado

Eu quero socar os olhos cinza daquele desgraçado! Quero tirar na marra o sorriso sarcástico do seu rosto! Quero deixar as suas bolas roxas de tanto chute! Inferno, eu odeio Eduardo Barrett!

Espero as meninas irem embora, cheias de risadinhas e suspiros, e abro a porta do banheiro de forma ríspida. Estava no limite de fazer barulho e mostrar a Lauren e Hory como eu fiquei afetada com o que disseram.

“Ai, ele é tão lindo.”

“Ai, ele é tão atencioso.”

“Ai, ele estava com cara de preocupado.”

Ia parecer ciúme do idiota, sendo que estou mesmo é com vontade de afogá-lo no lago. Eduardo é insuportável! Não acredito que fez um teatro no dia da festa de Halloween, me torrou a paciência, e, assim que virei as costas, foi se embebedar na clareira.

Aposto que a semana inteira tem sido dessa forma. Logo que consegue me irritar, vai embora como se nada tivesse acontecido. Ele está

fazendo de propósito. Estou perdendo a chance de ficar em paz no meu lugar de calmaria só porque quer se divertir às minhas custas.

Filho da puta, miserável!

Na festa de Halloween, meu pai demorou para dormir, de olho no Connor, e eu esperei o silêncio completo para pular a janela do meu quarto. Pensei que seria uma boa o atraso, afinal, Eduardo poderia achar que desisti e sumir de lá.

Mal pude acreditar quando o encontrei sentado no gramado, bebendo e fumando, todos os últimos malditos sete dias. Antes eu permanecia mais de três horas sozinha lá, agora mal consigo ficar dez minutos vendo as damas-da-noite e falando com a minha mãe em pensamento, antes dele me tirar do sério.

Lavo a mão, prendo meu cabelo em um coque alto e saio do banheiro para não me atrasar de pegar os meus irmãos. Sorte que estamos no final da aula, se fosse em qualquer outro horário, acho que não ia conseguir me segurar sem avançar no forasteiro.

— Por que você está com cara de que assassinaria alguém? — Caleb pergunta assim que estou do lado de fora, procurando ao redor o foco do meu olhar agressivo.

Tinha até me esquecido que o garoto estava me esperando. O motorista dos Brydges teve um problema no carro e meu pai se prontificou a levar o Caleb em casa.

Continuo andando para não ter um ataque histérico, por causa da raiva reprimida no meu peito, e acabar caindo na besteira de contar tudo sobre minhas escapadas à noite e os encontros nada agradáveis com o Eduardo.

Não posso me deixar enganar com Caleb.

Apesar de nos conhecermos desde crianças, e nossas famílias serem como unha e carne, ele não é exatamente um amigo confidante. Se eu falar algo dessa magnitude, ainda hoje vai fofocar para os seus pais, que irão

correndo contar ao meu, com a justificativa de “*estamos preocupados com você, Hazel*”.

Ah, que merda!

Minha única preocupação no momento é voltar tudo como era antes. Ele podia ser um pouco menor, e menos forte também. Acho que eu conseguiria realmente machucá-lo se fosse do porte físico do Caleb.

— Está com raiva porque... — Arranha a garganta, apressando o passo para me acompanhar. — Por que alguém falou algo de amanhã?

Ele sabe que eu não gosto de conversar sobre a minha mãe aqui na escola – na verdade, nunca e com ninguém. Não consigo manter a pose de superação e força que finjo ter se tiver que dizer em voz alta sobre a sua perda.

— Sim — minto porque isso o fará encerrar o assunto.

— Sinto muito, Haz.

Não sei o que vou fazer, mas pelo menos amanhã, tenho que dar um jeito de barrar as gracinhas do Eduardo. Um ano... vai fazer um ano sem a mulher mais maravilhosa que já conheci e que tive a honra de chamar de mãe.

Preciso... necessito ficar sozinha, livre para chorar, com as suas memórias.



1. *Roubar uma algema do meu pai e prendê-lo em uma árvore, longe do lago, com uma fita para calar a sua boca.*

2. *Ir atrás do Tuck, inventar que o idiota está me assediando no meio da noite, e ameaçar contar para a cidade inteira se ele não der um jeito no garoto.*

3. Fingir que caio na dele, aceitar o seu cantil nojento e enfiar escondido lá dentro um remédio para apagar por horas seguidas.

Infelizmente, minhas ideias para me livrar do Eduardo amanhã não foram tão boas, porém, estou cogitando seriamente colocar alguma delas em prática por puro desespero. Chego ao lago e, durante um breve momento de ilusão, acho que o garoto se tocou e não apareceu.

Mas meu alívio não dura nem trinta segundos.

Apresso o passo e logo o vejo em pé, perto das damas-da-noite, encarando os botões fechados como se quisesse resolver uma equação matemática. *Cobras*. Que absurdo comparar a beleza dessa flor com um animal peçonhento e traiçoeiro.

— Aí está você. Boa noite, raposinha! — cumprimenta divertido sem desviar a atenção das trepadeiras.

Observo a contragosto suas costas largas e o tamanho dos seus braços. Para um adolescente, ele é bem forte. Droga! Eu não vou conseguir colocar a ideia 1 em ação. Ele vai me neutralizar com facilidade e, se abusar, inverte o jogo e me deixa presa e indefesa. Não posso correr esse risco.

— O gato comeu a sua língua? — Ele se vira ao perceber que não vou retrucar, ampliando o riso idiota. — Não tem mais adjetivos pra me xingar?

Eduardo não é do tipo que segue regras. Tuck já é quase um idoso, assim como sua irmã e seu cunhado. Se eu ameaçar contando mentiras, além de não adiantar nada, o intrometido pode ir até o meu pai e me dedurar. Odiei que percebeu tão rápido que não posso usar a polícia como um trunfo. Se Anthony descobrir que venho aqui há meses, vai me manter presa dentro de casa até chegar à maioridade. A opção 2 também não é viável.

— Você tá com vontade de ir no banheiro, raposinha? Por que tá fazendo essa cara de quem quer cagar e não consegue? — Irritante como sempre, o garoto estreita o olhar e vem na minha direção.

Misturar álcool com sedativo pode ser muito perigoso. Embora eu queira mesmo afogá-lo, não tenho nenhuma estrutura para ir presa. Ia ser engolida pelo sistema no primeiro dia. No entanto, talvez um remédio para dar dor de barriga não seja tão nocivo.

Se bem que, pelo pouco que o conheço, é capaz que o babaca abaixe as calças e faça na minha frente aqui no gramado mesmo ao invés de ir embora.

Não tenho o que fazer!

Não. Há. Solução.

— Eduardo, preciso te falar uma coisa séria. — Esfrego meu rosto, nervosa, e faço algo que eu tenho evitado a todo custo desde o acidente. Ser sincera e deixar as pessoas me verem por dentro se tornou uma barreira enorme para mim. — Pelo menos amanhã, me deixa sozinha aqui. Eu preciso disso. De verdade.

— Foi mal, não vai dar, não.

— Não tô brincando, e peço que tenha um mínimo de consideração.
— Olho para o chão, sentindo minha vista embaçar e os dedos ficarem suados. — Amanhã é... é aniversário de um ano da morte da minha mãe. Este lugar era importante pra ela, e até você chegar, era o único local que podia desabafar no dia. Não tira isso de mim, preciso de pelo menos uma folga... por favor.

Silêncio.

Durante um longo momento, Eduardo não faz nenhuma piada nem responde ao meu pedido.

— Posso contar que não virá? — Levanto a cabeça e o encaro, tentando aproveitar o que parece uma trégua da parte dele.

— Não vai dar. — O som da sua voz sai baixo e grave, e seus olhos cinzentos ficam mais escuros.

É quase como se fosse doloroso negar. Não entendo esse garoto. Ele me deixa louca!

— Por que tá fazendo isso? — Perco a paciência de novo e começo a andar em círculos. — É tédio e falta de coisa melhor pra fazer?

— Exatamente! — Eduardo tenta soar engraçado, só que o sorriso não é tão amplo como das outras vezes.

— Maldita hora que chegou nesta cidade. Você é muito pior do que as pessoas acham. Se eu pudesse... ah, se eu pudesse te expulsava daqui a base de murros...

— Você quer me bater? — pergunta se aproximando de mim e abaixando um braço, quase como uma oferta. — Pode bater!

— Eu vou bater mesmo, desgraçado! — Dou um soco com toda minha força no seu estômago e ele nem cambaleia. Sem o elemento surpresa, não tenho vantagem. — Pensa que eu não sei que vem aqui só pra me infernizar e vai embora assim que eu saio? Descobri hoje no banheiro suas aventuras na festa de Halloween. É algum revide dos Elms? É divertido pra você me tirar do sério? Tinha alguém pra fazer de idiota em Los Angeles e transferiu pra mim? Tá querendo ver até onde aguento? Deixa eu te contar uma novidade: não aguento mais merda nenhuma! Eu não tenho emocional pra lidar com isso, só quero chorar em paz; sumir por umas horas em paz; lamentar não ter morrido naquele acidente, no lugar da minha mãe, EM PAZ!

Só percebo que estou gritando, chorando e estapeando o seu peito, perto demais dele, quando Eduardo segura minhas duas mãos e respira fundo, jogando o ar quente da sua boca no meu rosto.

Pisco, permitindo que as lágrimas espessas escorram na minha bochecha, e vejo o instante que força a garganta se mover.

Mais um estranho silêncio paira no ar.

— Eu também perdi a minha mãe. Antes de vir pra cá — confessa sério o que parece uma eternidade depois e eu não consigo evitar de ficar boquiaberta. Isso é o que: pouco mais de um mês atrás? Como ele está tão bem? Como age assim? As palavras de acusação se formam e se perdem no instante que continua a falar. — Não quero te irritar, só... só acho que você precisa anestesiá sua mente porque não vai aguentar por muito tempo

assim. Eu fiquei como você quando meu pai morreu e foi... foda. Entre desejar morrer no lugar de alguém, e de fato ir desfalecendo dia após dia afundado em tristeza, é bem diferente. No fundo, seu corpo não quer ir embora de verdade e a luta mental é desgastante demais.

— Você perdeu seu pai e a sua mãe? — minha pergunta sai em um sussurro e o peso na consciência de julgar sua reação bate com tudo na minha cara.

Eduardo apenas balança a cabeça, solta as minhas mãos e dá dois passos para trás. Permaneço imóvel, sem saber o que dizer, vendo-o tirar o cantil do bolso do short.

Essa é a sua forma de “anestesiar”. A bebida, o cigarro...

Antes que tenha a chance de tomar, apanho a garrafa da sua mão e viro o líquido garganta abaixo com os olhos fechados.

O gosto é horrível.

Queima.

Arranha.

Não paro de beber.

Talvez seja a coisa mais burra que eu faça em toda minha vida, mas, neste momento, decido acreditar nas palavras de Eduardo Barrett.



“Cath veio na visita ontem à tarde e, com muito custo, fiz me falar como estavam as coisas em Sedona. Ela contou que seu bebê nasceu e todo mundo diz que é linda – não tenho dúvidas disso, com a mãe estonteante que tem. Cath também me contou que pararam de tentar tratamentos alternativos pra Annie voltar a andar porque nada tem funcionado. Você não faz ideia de como sinto muito pela sua irmãzinha.”

Trecho da carta nº 387

Hazel Waters
Presente

Ando sem rumo na frente da minha cama, ponderando a possibilidade de arrumar outro lugar para ficar. Será que achamos um apartamento parecido aqui perto? Será que a Sera devolve os seis meses de aluguel já pagos pela minha irmã?

Ele não significa mais nada. Não deixe isso te abalar, muito menos, dê o gostinho para aquele convencido achar que te afeta.

Inspiro fundo, tentando conter a vontade de gritar no travesseiro até extravasar a adrenalina percorrendo minha corrente sanguínea. Merda, minha consciência está certa, não posso me mudar!

Seria imaturo da minha parte, ia assinar um atestado que ainda me importo. Sendo que não me importo nenhum pouco com o que o idiota fez da sua vida. Já basta a cena que acabei de proporcionar saindo praticamente correndo da sua frente.

Devia ter empinado o queixo e ficado lá.

Além disso, outra mudança só iria ferrar com minha filha e eu. Teríamos mais trabalho à toa, o lugar é ótimo e bem-localizado. Não irei

perder isso por causa de um babaca. Só preciso que mantenha distância de nós.

É isso! Manter distância.

— Não está me escutando, mãe? Não entendi nada. Você esqueceu algo? Está passando... — Ao entrar no quarto e olhar para as minhas mãos, Naomi corre até onde estou, entrelaça nossos dedos e acaricia minha pele. — Você está gelada e trêmula, o que está acontecendo?

Eu não devia ter nenhuma dessas reações. Fico mais puta de estar me sentindo tão frágil com a sua presença do que, de fato, descobrir que somos vizinhos. Não sou mais uma adolescente que surta ou chora. Como adulta, preciso me acalmar e tomar atitudes lógicas.

Inspiro fundo mais uma vez e decido que a primeira delas é esclarecer para a minha filha com quem estamos lidando. Desta vez, não vou poder poupar detalhes para evitar trazer o passado à tona. É importante que Naomi saiba exatamente quem é Eduardo Barrett.

Eu não saí de Sedona e de perto do Caleb, por achar perigoso com quem estava se metendo, para deixá-la se envolver com um garoto que pode seguir os mesmos passos destrutivos do pai.

Eu não aguentaria... por Deus, não suportaria ver Naomi passando pelo mesmo que passei.

— Senta, filha, precisamos conversar sério.

Vou até a borda da cama e me sento para que faça o mesmo. Ela não larga minha mão.

— Você está me assustando, mãe. O que houve?

— Eu agi dessa forma inesperada porque fiquei em choque ao ver quem é o pai do Kieran — explico, direta. Não adianta ficar enrolando com esse assunto. — Aquele homem é o responsável pelo acidente da Annie na infância.

— O quê? — indaga, chocada. — O pai do Kieran é o cara que te bateu, saiu dirigindo bêbado igual louco e deixou a tia An paraplégica?

— Sim — confirmo, reprimindo com força as lembranças turvas que tentam invadir minha mente. Não gosto de pensar naquela noite. — Sei que nunca falamos muito disso, mas eu quero ser sincera com você agora. Eu também estava bêbada naquele dia e não foi apenas uma vez. Isso vinha acontecendo há meses de forma gradativa. Eduardo se mudou em outubro e descobriu meu esconderijo no lago que sua avó gostava de ficar na juventude. No início, eu não o suportava, só que o garoto era bom de lábia e aos poucos foi me ganhando.

— Pensei que o meu pai tinha sido o seu primeiro namorado. Então esteve com o Eduardo de outubro a junho, quando a tia An foi atropelada?

— Não chamaria de namorado, eu era mais uma distração do tédio de Sedona pra ele. A gente nunca ficou em público à luz do dia, nossos encontros eram sempre de noite e escondido. Demoramos a de fato termos algo como homem e mulher, porém, o estrago estava sendo feito com meu vício rápido demais no álcool.

— Vício no álcool? Nossa, mãe, era tão sério assim? Eu nunca soube disso...

— Seu avô e eu enterramos o mais fundo possível essa história, Naomi. Sabe como é importante a reputação para os Waters, não é? — Minha filha faz uma careta de confirmação, apertando mais firme meus dedos em sinal de apoio. — Todo período das férias de verão, em que a Annie ficou em Prescott fazendo o tratamento de recuperação do acidente, eu fiquei em uma clínica pra desintoxicação. Caleb sabia disso, no entanto, o restante da família Brydges nem sonha com essa possibilidade. Muito menos, os fofoqueiros de Sedona. O pessoal achava que eu estava lá ajudando a cuidar da minha irmã.

— Nem sei o que dizer, mãe, sinto muito por tudo que aconteceu... — ela lamenta em um tom carinhoso e, de repente, seus olhos se arregalam como se tivesse pensado em algo horrível. — Não tem nenhuma chance do Eduardo ser o meu pai não, né? Puta merda, eu poderia estar a fim do meu...

— Não, nenhuma chance! — respondo de prontidão, interrompendo seu pensamento, e ela solta um suspiro audível de alívio. — A gente nunca

chegou aos finalmente. Quando você foi gerada, ele já tinha sido transferido aqui pra Phoenix e estava bem longe de mim.

— Você gostava do meu pai também? Como aconteceu o lance de vocês pra engravidar poucos meses depois do acidente?

Droga, quando decidi ser sincera não pensei que Naomi ia ligar tão rápido os pontos. Escolho bem as palavras para que não ache que fui uma egoísta. Ainda não tenho coragem de assumir para a minha filha que transei com o pai dela para esquecer o idiota do Eduardo. Muito menos, que demorei tanto a de fato ficar com ele, por causa de uma esperança tola com a mesma pessoa depois de tudo que aconteceu.

— Caleb e eu nos conhecemos desde a infância por causa das nossas famílias, estudamos juntos e éramos amigos. Eu gostava dele, sim, claro, mas confesso que no começo não romanticamente. — Acho que nunca se transformou em algo romântico. Nem da minha parte nem da dele. Era uma amizade com benefícios apenas. — Nosso envolvimento foi... uma decisão... meio que natural por causa da intimidade, digamos assim.

Só não tenho remorso porque Caleb também se aproveitou da situação. Ele desejava me comer desde o início da puberdade e foi a oportunidade perfeita para fazer o que seus pais e o meu queriam: provocar um relacionamento entre nós.

Deixei muito claro as coisas, fui sincera quanto ao Eduardo, porém, saber que eu ainda era virgem foi como ganhar um bilhete de loteria. O caçula dos Brydges queria me exibir, queria saber que foi o primeiro – não duvido nada que tenha se gabado para os meninos da escola.

— Nossa, eu nunca imaginei a verdadeira história do acidente e também do seu casamento.

— Desculpa nunca ter mencionado, era complicado demais... espero que não fique chateada comigo, nem ache que não pode mais confiar em mim.

— Eu não estou, mãe, juro! Entendi, e sei muito bem como o vô Anthony é. Você era muito nova, não consigo nem imaginar todo caos que estava sentindo.

Meus olhos se enchem de lágrimas, desta vez de alegria, pela filha maravilhosa que eu tenho. Nunca, em hipótese nenhuma, me arrependeria do rumo que minha vida tomou por causa da Naomi.

— Obrigada por compreender, querida. — Acaricio seu rosto, observando seus belos olhos azuis. — Espero que entenda também as próximas palavras que vou dizer diante desse histórico com Barrett. Sei que Kieran parece um garoto legal em um primeiro momento, mas imploro que tome cuidado. Não quero colocar um peso nas costas do menino nem ser injusta, muitos anos se passaram e o próprio Eduardo pode ser outra pessoa agora. Só que não podemos ignorar o que houve. Viemos aqui pra seguir o seu sonho de jogar futebol e se aperfeiçoar, não quero que se desvie desse caminho.

— Eu também não quero me desviar, mãe, o futebol é a prioridade número 1!

— Sei que sim, porém, quando a gente se envolve com alguém que mexe com a gente como o Kieran está mexendo com você em poucos dias, perdemos um pouco a noção do mundo. — Eu vejo o jeito que olham um para o outro, não é só tesão. Se deixarem rolar, se tornará algo além do físico. — Sinceramente, eu preferia que não se envolvesse com ele. Se isso entre vocês fica sério teríamos um problema enorme. Não perdoou Eduardo pelo que fez, seu avô então iria nos matar. O que já é difícil de lidar, se tornará impossível, se sequer desconfiarem quem mora na casa ao lado.

— Nossa, eu não quero nem imaginar uma coisa dessas! — Naomi esfrega a mão no rosto, parecendo ansiosa. Não vai ser fácil se afastar, sei muito bem essa parte também, infelizmente. — Eu concordo, mãe, é melhor... é melhor cortar o problema pela raiz. Vou me manter distante do Kieran, parar de falar com ele o dia inteiro pelo celular. No máximo, serei cortês ao nos encontrarmos aqui no prédio e na escola.

— Sim, claro! Não estou dizendo pra fingir que ele não existe. Como eu mencionei, seria injusto julgá-lo pelo passado do pai. Só que, diante da história que a família dele tem com nossa, é impossível isso dar certo.

— Eu sei... prometo que vou priorizar o futebol, motivo pelo qual viemos pra cá. E você, mãe? Vai ficar bem morando ao lado do Eduardo?

— Vou, não se preocupe, minha filha! Hoje foi só o choque da descoberta.

A minha voz não sai tão firme quanto eu gostaria, nem meu coração permanece estável como deveria. Mas eu vou, sim! Eduardo Barrett não vai me abalar uma segunda vez.



“A esposa do Tom veio pra visita e bateu nele na frente de todo mundo que estava na sala ao ver a tatuagem do seu rosto no braço do marido. Foi uma cena engraçada! A mulher brava que era uma loucura, e o homem enorme, que luta melhor do que qualquer um que já vi, aceitando os socos com um sorriso no rosto. Me lembrei muito de você, acho que comecei a me apaixonar por causa do seu jeitinho irritado querendo me afogar no lago. Embora nunca veja, e eu não tenha a chance de saber a sua reação, decidi que também quero te marcar assim na minha pele pra sempre. Só vou esperar estar fora daqui pra isso, preciso te ver mais uma vez – mesmo que seja à distância – pra registrar cada polegada sua na minha memória e fazer exatamente igual.”

Trecho da carta nº 410

*Eduardo Barrett
Presente*

— Edu, a gente já fez esse exercício três vezes!

Reparo nos meus braços esticados para cima e me toco que, realmente, já fizemos esse alongamento.

— Todos das pernas também! — outra criança reforça ao notar que ia me abaixar.

Porra, é a primeira vez que eu venho para o projeto social com a cabeça totalmente em outro lugar. Hoje é dia de aula de boxe e não consegui corrigir nenhum golpe direito. Estou relapso desde que pisei aqui há cerca de duas horas.

Na verdade, a distração vem de ontem, quando me encontrei com Hazel, e passei a não me concentrar em mais nada que não seja ela. A situação está preocupante a nível de sonhar com a bendita, coisa que não vinha acontecendo há anos para o bem da minha sanidade.

Saber que tenho que manter distância e respeitar isso vai ser bem diferente de controlar meus pensamentos ao seu respeito. Até mesmo o estresse com Kober ficou em segundo plano, mal lembrei dele o dia inteiro. Estou fodido!

— Vamos encerrar por hoje, criançada! Nos vemos depois de amanhã na aula de basquete.

Os pequenos vêm se despedir com abraços e, pouco a pouco, a sala vai ficando vazia. Quando termino de guardar todos os equipamentos, um dos pais se aproxima eufórico para me cumprimentar.

— Não me diga que...

— Sim, Edu! Agora é oficial! — comemora, com os olhos brilhando de emoção. — Barth acabou de ligar, conseguiu a bolsa.

— Porra, que maravilha! — Bato no seu ombro e nós dois sorrimos com orgulho. — Ele merecia demais. Em breve, teremos um estatístico de renome no mercado.

— Isso não ia acontecer sem a sua ajuda, cara. — Paguei feliz todos os custos da viagem dele para Oklahoma, onde foi fazer os testes físicos finais para entrar na universidade. — É a primeira vez que um Henderson terá ensino superior!

Barth participava do projeto na mesma época que o Kieran entrou. Foi uma criança incrível que, além do talento nato para o basquete, como todos os seus quatro irmãos no decorrer dos anos, tem uma habilidade ainda maior com os números.

Sinto uma satisfação enorme de saber que pude contribuir com essa conquista. Agora ele juntará os dois talentos para seguir na carreira acadêmica e mudar a realidade da sua família.

— Ele vai ser o primeiro de muitos, você vai ver! Todos os seus filhos são excelentes no basquete.

— Eu no basquete e no boxe, vou poder escolher! — o pequeno Jake diz, convencido.

— Pior que vai, é uma ferinha nos dois. — Sorrio, bagunçando o seu cabelo.

— Estou ansioso pra ver todos pegando o diploma universitário! — o pai afirma, esperançoso. — Bom, eu só vim mesmo dar a notícia rapidinho. Preciso ir agora, entro no próximo turno em meia hora.

Ele trabalha em dois empregos para dar conta de cuidar da família grande e, ainda assim, passam muitas necessidades.

— Vai lá, vou pedir para o Kieran levar uns docinhos junto com as marmitas mais tarde, pra dona Ellen comemorar em grande estilo a vitória do filho. Sei que adora as sobremesas do Clarissa's.

— Imagina, Edu, você já faz muito em...

— Eu quero mandar, fica tranquilo! — interrompo, novamente tocando seu ombro. — Hoje vocês merecem uma refeição ainda mais completa pra celebrar.

Sou pego de surpresa ao ser puxado na sua direção para receber um abraço apertado. Por mais que aconteça com frequência com membros das famílias que participam do *Child's future*, eu nunca me acostumo com esses gestos de gratidão.

Ao mesmo tempo que parecem exagerados, porque eu faço tão pouco, fico com o peito agitado ao pensar o que meu pai acharia disso. Acredito que eu esteja seguindo bem o seu legado.

— Obrigado por tudo.

— Não precisa agradecer nada.

— Precisa, sim! Você vem há anos fazendo muito pela minha família, nunca vamos esquecer. — Ele se afasta, me encarando nos olhos. — Que Deus te dê em dobro, e você consiga tudo que desejar na sua vida.

Automaticamente, meu cérebro pensa em Hazel porque não tem mais nada que eu deseje tanto quanto aquela mulher. Mas isso não será possível – pelo menos não nesta vida.

Nos despedimos e eu saio com David da sala para ir embora passear com a Bailey e voltar para o restaurante. A mãe da Leslie não estava se sentindo bem e perguntou se eu podia levar o garotinho embora, já que moramos no mesmo prédio.

Faço o curto trajeto de carro conversando sobre super-heróis. Ele está fissurado nisso e me contou, assim que chegou para o treino, uma lista de coisas que realizou nos últimos dias porque é corajoso como seus ídolos do desenho animado.

Quando toco a campainha do seu apartamento, menos de cinco minutos depois ainda tagarelando sobre o assunto, a criança me deixa no vácuo do nada e sai correndo para a entrada de pedestres do prédio.

— Onde você pensa...

A frase morre na minha boca ao perceber quem o espoleta foi encontrar. Puta merda, à luz do dia Hazel está ainda mais linda do que reparei ontem. O sol da tarde bate nos fios ruivos do seu cabelo solto e contorna as curvas do seu corpo com maestria.

Gostosa.

Caralho, ela está tão gostosa!

Seus longos cílios piscam devagar assim que me vê, no entanto, ela rapidamente desvia a atenção para o menino e me ignora. Troco o peso de uma perna para outra, dando graças a Deus que o som desenfreado dos meus batimentos cardíacos não pode ser ouvido à distância.

Acho que nunca vou me acostumar a dar de cara com a sua imagem aqui, serão seis longos meses.

— Eu fiz *todas tarefa* da semana e ganhei uma estrela na escola por bom comportamento na aula! — David diz empolgado, saltitando na sua frente.

— Isso aí, parabéns, gatinho! — Prendo o ar ao observar o sorriso amplo que ela oferece ao pequeno. Eu amava quando esses sorrisos eram para mim. — Você está copiando os melhores poderes do Spider-Man. Sabia que era capaz.

Então, a história dos super-heróis tem a ver com a Haz? Ela nem chegou direito e já está conquistando todos ao redor com seu jeito doce.

— Eu sou, sim, e vou *fazê* muito mais!

— Quero saber de tudo, vai anotando os seus feitos — responde, atenciosa.

— Ah, meu filho, obrigada por trazer o David. — A mãe da Leslie abre a porta do apartamento, alheia ao que está acontecendo. — Desculpa o incômodo.

— Não foi incômodo nenhum, fique tranquila — afirma, intercalando entre encarar a senhora e a Hazel. Não consigo controlar essa maldita atração. — Está se sentindo melhor?

— Ainda com muita dor nas pernas, a velhice é uma droga. — Ela faz uma careta e sorri ao olhar para frente, só agora se dando conta da presença de outra pessoa no corredor. — Ah, querida, você é a moradora nova, não é? Minha filha falou sobre você. Obrigada pelo que disse ao meu neto, esse menino nunca ficou tão bonzinho.

— Só compartilhei a verdade. David está sendo muito esperto de compreender! — Pisca para a criança, ampliando o sorriso.

Pareço uma mariposa atraída pela luz, fissurado no movimento dos seus lábios carnudos. Além de manter distância, vou ter que aprender a disfarçar minhas reações físicas urgentemente.

— Vou tomar banho agora pra *fazê* a tarefa de amanhã antes da mamãe chegar do trabalho!

— Vai lá, arrasa de novo!

Voltando a correr apressado, ele passa por mim e entra quase derrubando a avó parada na porta.

— Tá vendo? Isso é um milagre! Esse menino pra tomar banho era uma luta. — A senhora acena para nós de forma carinhosa, seguindo com a cabeça o neto dentro de casa. — Me deem licença que, apesar do avanço,

David ainda adora uma bagunça e se deixar joga o sabonete todo dentro da banheira. Obrigada aos dois, mais uma vez.

Assim que entra e nos deixa a sós no corredor, eu fico um pouco sem reação. Subo junto no elevador? Vou pela escada? Finjo que vou sair pela portaria?

Observo Hazel de canto de olho e percebo que está parada na frente do elevador. Embora esteja se esforçando para não se afetar com a minha presença, é notável pela rigidez da sua coluna ereta como está desconfortável.

Talvez se eu for junto, somente desta vez, possa conversar por alguns minutos a sós e garantir que não irei tornar sua moradia um inferno. Também é a chance de dizer que Kieran é um bom garoto e não tem nada a ver com o que fui.

Meu filho passou a manhã chateado olhando para o telefone. Ele me contou que Naomi mandou mensagem ainda ontem à noite, dizendo que pelo bem deles mesmos, é melhor manterem um distanciamento. Entendo que realmente seja melhor, contudo, me sinto na obrigação de defendê-lo.

Decidido a tentar conversar, puxo ar aos pulmões e me aproximo dela. Quase me arrependo quando o cheiro do seu perfume invade minhas narinas – ainda é o mesmo da adolescência, da marca que a sua mãe amava.

— Tudo bem se eu subir com você? — pergunto, em um tom rouco que não pretendia demonstrar.

— O prédio é de todos os moradores, você não tem que pedir permissão pra mim — rebate, ríspida.

Espero que ela entre e aperte o botão do nosso andar para entrar também e ficar do lado oposto. Como temos pouco tempo até chegar ao destino, resolvo não enrolar. Eu só preciso ter essa primeira conversa, depois cada um segue seu caminho.

— Eu sei que esse reencontro foi inesperado e a última coisa que desejava. — Engulo em seco ao mesmo tempo que a observo também mover a sua garganta. Haz observa fixamente a lataria e não me encara. —

Só quero te dizer que eu sou outra pessoa agora, muito diferente daquele moleque irresponsável que conheceu. Não quero criar um clima ruim entre nós, a ponto de você pensar em se mudar.

— Eu não vou me mudar por sua causa, Eduardo. — No instante que sua íris castanha encontra a minha cinzenta mais de perto o coração dispara. Fico dividido entre focar nos olhos e reparar que suas lindas sardas não estão mesmo visíveis. — Odiei descobrir quem é o meu novo vizinho, mas isso não vai me fazer sair daqui. Você não significa nada para mim, contanto que mantenha distância, pouco me importa. Espero que o tempo também tenha te ensinado a respeitar quando alguém diz que quer ficar em paz.

“Você não significa nada para mim.”

“Pouco me importa.”

As frases não são nada menos do que eu mereço, porém, me atingem afiadas como se espadas tivessem sido cravadas no meu peito.

— Não vou ficar no seu caminho, prometo. — O elevador chega ao nosso andar e eu lamento que já tenha que me despedir mais uma vez. — Antes que entre, me permita só esclarecer que o Kieran não tem nenhum dos hábitos ruins que eu tinha. Ele gostou muito da sua filha e está chateado que também terá que se manter distante.

— Me permita duvidar das suas palavras, já que sua diversão no passado foi me contar mentiras — Hazel cutuca, afiada. Porra, eu não devia gostar tanto quando sua testa franze e o tom irritado aparece. *Não posso me viciar nisso de novo!* — Independente que desta vez seja verdade, sabe que um relacionamento entre os dois seria um inferno pra nós. Você tem a sua família; e eu tenho a minha que te odeia. O mais sensato é apenas manterem um contato cordial como vizinhos e colegas de classe. Não vamos ficar aqui por muito tempo.

O jeito que sua voz endurece em “sua família” me faz lembrar da forma como olhou ontem para a Nadine por breves segundos. Acho que Haz entendeu tudo errado e deve pensar que a mulher é a minha esposa e mãe do Kieran, embora seja impossível que eu tivesse um relacionamento durante meu período preso.

Por mais que tenha vontade de desfazer o desentendido, gritar a plenos pulmões que nunca tive ninguém emocionalmente na minha vida fora ela, é melhor deixar que pense assim.

— Eu entendo, infelizmente, Kieran vai pagar pelos meus atos. Mas de fato, meu filho é um bom garoto. — O silêncio paira no ar, e cada um vai para a porta do seu apartamento. Antes que ela entre, esfrego o rosto e a encaro uma última vez olho no olho. — Vou respeitar a partir de agora nosso distanciamento. Eu sinto muito... por tudo, Hazel.

Na última vez que nos vimos, eu cheguei a dizer essas palavras, porém, ela estava brava demais para assimilá-las.

— Não preciso mais das suas desculpas, Eduardo, a única coisa que preciso é que finja que não sou sua vizinha. Mantenha distância de mim, da minha filha e de qualquer pessoa da minha família. Se você ou o Tuck virem alguém aqui atrás da gente, passe longe. Já estamos com problemas demais pra lidar, e eu não quero ter que aguentar o falatório sobre esse reencontro.

— Vou conversar com o Tuck sobre isso, no que depender da gente, faremos o possível pra tornar essa situação menos pior pra você.

Sem me responder mais, Haz desvia o contato e some das minhas vistas. A mágoa clara nas suas feições acaba comigo. Eu queria muito poder consertar todos os meus erros, assim como queria ser capaz de respeitar o seu pedido 100%.

Fingir que não é ela na porta ao lado será impossível.



“Não gosto de escrever pra você sobre o lado ruim da cadeia, mas hoje o sentimento de angústia está foda. Parece que estou neste lugar há uma eternidade, e só agora estou chegando na metade da pena. Não poder, dia após dia, escolher com quem estar, aonde ir e o que comer é um martírio. Se não fosse a proteção do Tom, não iria sobreviver aqui.”

Trecho da carta nº 450

Hazel Waters
Presente

Ignoro os batimentos acelerados no meu peito, de raiva por perder o meu tempo conversando com um idiota, e sigo para o mais longe possível da porta tirando o celular do bolso. O aparelho está vibrando desde que entrei no elevador, mas eu queria aproveitar a oportunidade para deixar bem claro ao Eduardo o que penso a seu respeito e o que quero dele.

Ao ver que é a Annie, atendo no meio do corredor e continuo andando em direção ao meu quarto. Eu pretendia ter contado a péssima novidade ontem ainda, só que ela tinha uma exposição essa manhã com os seus alunos, para encerrar o curso de verão, e achei melhor não a preocupar à toa com tanto a organizar.

Deixei mensagem para que entrasse em contato assim que tudo estivesse mais calmo, com a desculpa de fofocar como foi.

— Você tá ocupada, Haz? — pergunta de imediato. — Qualquer coisa ligo depois.

— Posso falar agora, estava esclarecendo uns pontos importantes com o meu vizinho. Você não faz ideia quem é o pai do garoto que a Naomi ficou babando.

— Pelo seu tom de voz, é alguém chocante... Espera! Como o menino tem lindos olhos azuis, não me diga que é o Peter Ostrum!?

— Claro que não, Annie! — Seu palpite arranca uma risada genuína de mim pela primeira vez desde ontem. — O homem deve ter quase 70 anos hoje em dia.

Minha irmã ficou fissurada em “A fantástica fábrica de chocolate”, depois que achou uma caixa com a fita VHS e dezenas de pôsteres que eu colecionava do filme. Além de assistir no replay sem parar, como sempre fazia na infância quando gostava de algo, ainda desenvolveu um crush no ator Peter Ostrum – que interpretou Charlie Bucket e depois nunca mais atuou no cinema.

— Ele tem 66, com certeza estava na ativa por volta dos 48 anos, pela idade do Kieran. Até onde eu vi, o Pê morava no Texas que é perto do Arizona. Não seria assim tão absurdo ter se mudado e ser seu vizinho.

— Seria, sim. — O sorriso morre nos meus lábios quando eu sento na cama e solto um suspiro cansado.

Minha irmã percebe a mudança no mesmo instante.

— O que foi, Haz? Quem é o vizinho?

Mais um suspiro escapa pelos meus lábios.

— Barrett.

— O Eduardo? Seu Eduardo?

— Nunca foi meu, mas ele mesmo.

— Meu Deus do céu!

Eu contei a verdade para a Annie sobre o acidente e o meu real envolvimento com o responsável por ele assim que ela completou 13 anos. Apesar do meu pai se esforçar tanto para esquecer esse assunto, e me obrigar a fingir que nunca existiu, eu não podia simplesmente esconder isso da minha irmã.

Talvez por ser pequena demais na época, Annie lidou muito bem com a cadeira de rodas, faz parte de quem se tornou, e nunca se revoltou com a vida ou ficou com ódio do motorista bêbado que causou sua paralisia.

Eu me sinto pior, e com muito mais raiva do que aconteceu, do que ela. Minha irmã não tem nenhuma memória daquela noite, a não ser o momento que fugiu de casa e foi para o lago ver as damas-da-noite da nossa mãe.

Se ela não tivesse descoberto o que eu fazia, se eu não a tivesse levado lá uma vez...

Explico como aconteceu o reencontro, a conversa com Naomi e o bate-papo no elevador há pouco. Minha irmã fica preocupada em como nós duas estamos nos sentindo com a descoberta, por isso, não queria avisar ontem à noite.

— Estou com raiva, mas estou bem, fique tranquila — garanto pela segunda vez. — Em um primeiro momento, claro, fiquei tão em choque que queria pegar as minhas coisas e sumir daqui. Só que não irei deixar algo do meu passado me afetar dessa forma, já basta todas as merdas que estamos passando.

— Como você disse que ele está casado agora, pelo menos acredito que não vai ficar te atazanando como antes.

— Sim.

Até porque o seu interesse em mim em Sedona era por não ter mais nada de interessante para fazer na cidade. Aqui ele está na capital, com sua vida e uma linda mulher. Com toda certeza do mundo, também não faço mais seu tipo. Estou totalmente diferente da garota desejada que conheceu no passado.

“Homem é visual, Hazel, achou mesmo que seu marido tão bem-afeiçoadão não ia se sentir atraído por outras quando tem uma gorda em casa?”

Levanto da cama e balanço a cabeça para afastar a lembrança das palavras do meu pai. A última coisa que eu preciso no momento é me diminuir.

— Será que a Naomi vai ficar bem tendo que ver o garoto no prédio e na escola?

— Acho que sim, é muito recente a interação dela com Kieran. Não deu tempo de fazer um estrago maior.

— Você tem o histórico de demorar pra se envolver, porém, há pessoas no mundo com conexões instantâneas, Haz. Eu e o Colman somos um exemplo claro disso.

— Eu sei que há, mas realmente acho que minha filha vai focar no futebol que é o que ama e tem planos para o futuro. Agora mesmo está animada na rua, comprando material escolar e um tênis novo para a volta às aulas.

— Uma coisa não anula a outra... vamos dar tempo ao tempo pra ver como o coração dela irá ficar. Talvez Barrett tenha realmente mudado e Kieran seja um grande partido. Apesar de todo histórico com ele, e de compreender seu lado e a complicação que seria com nossa família, acho injusto que proíba o que pode ser um grande amor.

— Sempre romântica! Você definitivamente puxou isso da nossa mãe.

Annie ri na linha e eu aproveito o clima mais leve para mudar de assunto, perguntando sobre a exposição. É melhor não pensar na possibilidade de Naomi e Kieran se apaixonarem.

Minha irmã começa a contar e é incrível perceber como sua voz muda e a animação toma conta de si. A pintura foi uma das coisas que mais a impulsionou ser essa mulher decidida e autossuficiente. Ao sair da desintoxicação e ficar boa, foquei toda minha energia nela. Passei horas pesquisando em artigos e lendo matérias online sobre o que eu poderia fazer para ajudar e foi aí que a arte entrou no nosso caminho.

Por sorte, com o tempo Sedona se tornou muito visitada e se desenvolveu bastante na área artística e de bem-estar espiritual, dando um negócio próspero para Annie investir.

Depois que descobri da gravidez, a Naomi também contribuiu demais, por isso, a ligação entre as duas é tão maravilhosa. Mesmo ao me mudar para a fazenda do Caleb, cerca de três anos depois do acidente, minha irmã passava o dia inteiro lá após a escola com a gente.

— Nossa, se deixar eu falo da exposição o resto da tarde. Infelizmente, preciso tomar banho e me arrumar. Colman e eu vamos pegar a estrada daqui a pouco, é aniversário da sobrinha dele e iremos jantar com a família da sua irmã em Prescott. — Seguindo seu exemplo, caminho até a suíte do meu quarto e ligo a banheira.

— Também vou tomar um banho. Estou suando de tanto andar no sol quente pra procurar emprego.

— Ah é, até esqueci de perguntar sobre isso. Como foram as entrevistas de ontem e hoje?

— Um fiasco — admito em uma bufada. — Ninguém tem tempo na cidade grande pra perder com inexperientes.

— Calma, Haz, hoje só faz cinco dias que está em Phoenix! Você ainda vai encontrar algo. Talvez seja até o empurrãozinho que o universo está dando pra voltar para o seu sonho inicial.

— Como assim? — Pego saís de banho e jogo na água. Pelo estresse que estou passando, mereço um banho relaxante.

— Você não tem experiência no comércio, mas sabe fazer bolos e doces divinamente bem. Que tal tentar algo assim? Quem sabe até produzir aí no seu apê pra vender nesses aplicativos de refeições online?

— Até parece, não sou boa suficiente pra...

— Claro que é, não se sabote! — minha irmã me interrompe, séria.
— Fique com essa ideia em mente, pode ser uma boa oportunidade.

— Antes de você ir, me atualiza rapidinho como estão as coisas aí em Sedona com nosso pai e o Caleb. Está sabendo de algo? — mudo de assunto de novo, sem querer me imaginar como confeiteira, mesmo que amadora.

Esse sonho já passou e não é mais para mim.

— Estão quietos demais para o meu gosto, certeza que estão tramando algo. — Também estou com essa sensação, não ligaram muito nas últimas horas.

— Quando efetivei a matrícula da Naomi, eu reforcei que proíbo que compartilhem o nosso endereço com qualquer um que procure, inclusive, o pai e o avô dela.

Sei que o nome da escola seria facilmente descoberto por eles, mesmo com Caleb não prestando atenção nas nossas conversas sobre isso.

— O distintivo de aposentado da polícia não vale nada aí em Phoenix, só que nosso pai tem dinheiro e lábia. Infelizmente, acredito que não vai demorar muito pra conseguir por fora com alguém da escola.

— Pois é, hoje eu pedi ao Eduardo que suma de vista se vir qualquer um deles próximo do prédio. Será a terceira guerra mundial se descobrirem quem é o meu vizinho.

— Não vai ser bonito, irmã, mas você dá conta. Lembre-se sempre que é a única dona da sua vida! Continue firme que uma hora eles vão cansar diante das suas sucessivas negativas.

A ambição por status do meu pai e do meu avô, e a necessidade de aprovação do Caleb em relação aos Brydges, os motivarão a tentar me vencer pelo cansaço.

Haja saúde mental, que eu já não tenho, para aguentar isso se arrastar por meses, quiçá, anos a fio.



A batida na porta faz meu coração palpitar de susto e meus olhos se fixarem na direção da sala. Depois que falei com Eduardo, na terça-feira, Naomi e eu não vimos mais ninguém da casa ao lado e está ótimo assim.

Já estou exausta demais, com três novos dias de negativas de emprego na conta, para me preocupar em dar de cara com meu passado o tempo todo.

— Eu vou lá atender — minha filha se prontifica, secando a mão molhada da alface que estava lavando no pano de prato.

Pode ser o administrador do prédio ou a Leslie. Acho que, pelo menos desta vez, Barrett vai cumprir o que diz. Continuo refogando o frango enquanto ela vai ver quem é que está batendo de novo, mais forte desta vez. Assim que a porta é aberta e o cabelo grisalho do meu pai aparece no meu foco, ignoro tudo ao meu redor e marcho a passos largos ao seu encontro.

— Como vocês entraram aqui no prédio? — minha filha indaga, brava.

— No prédio eu não sei, mas aqui em casa não vão! — Chego a tempo de impedir que eles passem pela porta.

Caleb está ao lado do Anthony, olhando irritado para mim como se a culpada por tudo que está acontecendo fosse eu.

— Deixa de ser ridícula, Hazel, saia da frente.

— Não vou sair, pai! Se a gente quisesse que vocês dois viessem aqui, tínhamos atendido as dezenas de ligações que fizeram desde a semana passada.

Se eu abaixar a cabeça para qualquer um deles, vão me atormentar ainda mais. Como bem disse minha irmã, tenho que ficar firme independente da exaustão. A vida é minha!

— Meus irmãos se meteram na confusão pra opinar que é ridículo eu permitir que minha mulher more a milhas de distância, por um ano inteiro, até Naomi acabar o Ensino Médio e ver que isso aqui não leva em

nada. Meus pais estão pressionando que eu desista dessa ideia e volte a focar na fazenda.

— Eu não sou mais sua mulher, Caleb, muito menos faço parte desse seu plano — pontuo, endireitando a postura para mostrar que estou firme no meu propósito. — A forma como sua família se mete na sua vida não é problema meu, nem da sua filha.

— Você tem uma fazenda enorme a seu dispor em Sedona, Hazel, e está neste prédio pequeno e horroroso só pra fazer birra. Vamos acabar logo com isso, Caleb está arrependido, pagamos os chantagistas e já arrumei um contato na polícia pra ficar de olho neles caso começem de graça. O que mais você quer que o homem faça?

Um sorriso de escárnio escapa dos meus lábios com as palavras do meu pai. Ele sempre se supera.

— Quero que siga sua vida e me deixe seguir a minha. Nada que fizerem vai mudar minha decisão, achei que tinha deixado isso muito claro. Precisam que eu desenhe?

— Isso aqui não vai dar certo, cidade grande é muito diferente da vida que levou. Além de sofrer sem necessidade, está criando esperança na nossa filha só pra ela se decepcionar depois.

— Eu vou ser uma jogadora foda um dia, pai, estarei nas Olímpiadas e vou levantar a taça de campeã pelo nosso país — Naomi responde com a voz embargada, antes que eu possa xingar o Caleb. — Não preciso que você, nem o vô nem nenhuma outra pessoa, acredite nisso. Eu acredito em mim, sei do meu potencial.

— Não dou um mês pra vocês caírem na realidade que essa mudança não é o conto de fadas que estão achando — meu pai alfineta. — Quer apostar?

— Chega disso! Já é noite, estamos cansadas e vocês terão uma longa volta pra casa depois de encherem nosso saco. Não adiantou de nada passar uma semana tentando descobrir onde estamos morando, só está causando estresse mútuo. Nos deixem em paz! — encerro o assunto porque não tenho paciência mais para ficar aguentando essa mesma conversa e

porque não quero correr o risco de alguém da casa ao lado aparecer do nada.

Quanto antes isso terminar, melhor para todos nós.

— Escreve o que eu estou dizendo: essa palhaçada vai ser um enorme tempo perdido e só vai servir pra deixar a sua filha deprimida.

— Adeus, não voltem mais aqui! — Seguro a porta com firmeza, pronta para bater na cara deles.

Vermelho de raiva, Caleb nos observa de novo e vira de costas socando a lataria do elevador ao apertar o botão para descer. O olhar de desprezo do meu pai para mim é como se eu fosse a pior filha do mundo, não a que se comportou perfeitamente nos últimos anos.

Queria ignorar a reação dos dois, porém, raiva e tristeza inundam meu sistema. É ridículo que eu tenha que aguentar uma palhaçada dessas depois de tudo que aconteceu.

— Vocês estão bem? — A voz baixa vem da porta da escadaria e noto Tuck aparecer apenas com uma parte da cabeça para fora, atento no elevador fechado e em nós.

— Sim, está tudo bem — Naomi responde.

— Eu estava saindo da garagem quando os vi conversando com o administrador. Seu pai usou a credencial de policial pra assustar o velho e subir — ele diz me encarando e abre a porta de uma vez. — Me escondi rápido e vim por aqui pra não correr o risco de nos encontrarmos.

Eduardo deve ter conversado com ele, afinal de contas. Que bom que uma discussão ainda mais acalorada foi evitada.

— Obrigada, Tuck. Vou conversar com o administrador pra nunca mais permitir a entrada de ninguém sem minha autorização. Se eu bem conheço meu pai, ele não vai desistir fácil. Pode colocar alguém pra nos vigiar e talvez seja de Sedona, não sei. Se puder continuar...

— Edu e eu ficaremos atentos, pode deixar — garante antes que eu termine de falar.

Aceno com a cabeça e ele faz o mesmo, indo em direção ao seu apartamento onde a Bailey late na porta ao reconhecer a voz de um dos seus donos. Tuck entra para dar atenção à cadela e eu para tentar salvar o nosso jantar, que está cheirando a frango queimado.

Não vejo a hora das coisas começarem a dar certo para as pequenas conquistas ofuscarem todo esse estresse dos infernos.



“Cath trouxe mais da terra vermelha das rochas de Sedona, você ficaria surpresa como tenho me sentido bem perto dela. É engraçado como o tempo muda nossas concepções, estou muito tentado a acreditar que sua mãe definitivamente estava certa. Quando sair daqui, plantarei damas-da-noite onde eu morar e pedirei ao universo a dádiva do pedido garantido. Sempre será pra que você seja feliz.”

Trecho da carta nº 481

*Eduardo Barrett
Passado*

Depois de acompanhar essa garota chorar sem parar por semanas seguidas, é terapêutico assistir à gargalhada que reverbera pela sua garganta e faz seus belos olhos castanhos ficarem pequenininhos me encarando.

Não resisto a sorrir também, algo que está se tornando comum demais ao seu lado – seja quando está brava ou quando está leve como agora. O entorpecimento da sua presença é tanto que me deixa estranhamente propício a conversar também.

Quase não acredito que acabei falando da minha mãe. Acho que reconheço até demais a sua dor, então, de alguma forma meu subconsciente quer ajudar que se sinta melhor.

— Nem pensar, raposinha! — Tiro a vodca da sua frente antes que ela pegue mais um pouco. — Você tem que esperar pra beber outra. Isso aqui não é cerveja, não, o teor alcoólico é em torno de 40%.

Trouxe a garrafa na mochila e um copo de dose para controlar sua ingestão. Depois que experimentou ontem e quase vomitou com o gosto forte da bebida, eu pensei que não iria aguentar tomar hoje, mas obedeci ao seu pedido de trazer de novo, mesmo assim.

Ela me surpreendeu ao chegar aqui meia hora atrás e entornar um copo para afastar as lágrimas que estavam prestes a cair por causa do aniversário de um ano da morte da sua mãe.

Para ela, a data era muito significativa. Para mim, o pior dia do luto não é o enterro ou nos aniversários. O pior é um dia normal, em que você está tentando seguir a vida, acontece alguma coisa e sente uma necessidade absurda de compartilhar com alguém que não pode mais te ouvir.

— O seu cantil é bem maior, por que você pode beber mais? — Hazel faz bico e eu me obrigo a não ficar encarando seus lábios carnudos.

— Já sei o meu limite e como meu corpo se comporta. Precisa se acostumar devagar, quer que seu pai descubra?

— Nossa, ele me esfolaria viva se soubesse que bebi. Ainda mais com você! — Ela ri de novo e joga a cabeça para trás.

Pelo jeito, Hazel será do tipo falante e engraçada quando fica alcoolizada. Analisando o seu estado com apenas uma dose, também é propícia a se embebedar mais rápido.

Eu sou muito resistente ao álcool.

O cantil comporta o equivalente a três doses, que é o que eu tomo geralmente por dia. Por causa da minha estrutura óssea e peso, essa quantidade não causa grandes sintomas. Serve para, de fato, me anestesiar trazendo relaxamento.

Só me permito ficar chapado quando não corro o risco de ser descoberto. No dia a dia sou muito cuidadoso.

— Coma isso, e beba isso! — Tiro um biscoito doce e uma garrafinha de água da mochila, entregando os dois no seu colo.

Peguei da despensa da Cath mais cedo a fim de evitar que fique bêbada demais e com ressaca amanhã.

— Não estou com fome nem com sede...

— Se não fizer o que estou mandando, não vou te dar mais! — Aponto com a cabeça para a vodca do meu lado e um novo bico se forma.

— O carboidrato e a água vão retardar a absorção do álcool e a consequente intoxicação que causa a ressaca. Escute a voz da experiência.

— Tem 16 anos nas costas e se acha o fodão! — Hazel revira os olhos, ampliando o sorriso.

— Para a sua informação, faz mais de dois anos que eu bebo e nunca fui pego pela minha mãe. Me mudei pra cá há mais de um mês e ninguém sabe disso, fora você e os caras de quem comprei na clareira.

— Caramba, já faz tempo mesmo. Foi na época que seu pai morreu?

Eu poderia ignorar a sua pergunta, como sempre faço quando alguém puxa assunto sobre minha família, no entanto, a forma que Hazel me observa em expectativa me motiva a responder.

Não é como se ela pudesse sair por aí dizendo que passou a noite comigo bebendo e conversando. O que dissermos aqui, ficará sempre aqui.

— Meu pai morreu quando eu tinha 12 anos, primeiro eu comecei a fumar e só depois a beber. — A garota me escuta atenciosa, abrindo a garrafa de água para se hidratar como sugeriu. — Não queria que minha mãe se preocupasse comigo e ficasse ainda mais triste; mas também não conseguia apenas fingir que estava tudo bem.

— Sinto muito, sua mãe partiu quanto tempo antes de você vir pra cá?

— Eu peguei a estrada logo depois do enterro — afirmo, tateando o bolso do short em busca do cigarro e do isqueiro.

— Sinto muito — ela repete, quase sussurrando desta vez.

— Você quer experimentar o cigarro também? — mudo de assunto para o clima não ficar uma merda. Eu não quero que comece a chorar. — A nicotina amplifica a sensação de bem-estar.

— Tô aceitando tudo que vai me ajudar a esquecer que dia é hoje!

— Hazel coloca a água no gramado e estende a mão em seguida para pegar um. — Eu só não sei como faz.

— Segura o cigarro assim, entre os dedos indicador e médio, com o filtro entre os primeiros nós. — Sorrio pela forma como sua testa franze e seus olhos ficam cerrados para observar e imitar meus gestos. Acendo o meu primeiro e depois o que dei a ela. — Coloca a parte do filtro marrom na boca e puxa um pouco de fumaça. — Exemplifico diante do seu rosto atento ao meu.

Antes que eu consiga terminar de orientá-la, Hazel enfa o cigarro na boca e puxa a fumaça muito rápido, o que desencadeia uma sequência de tosses.

— Espera eu explicar, raposinha! — Minha risada aumenta e eu ganho um tapa no braço enquanto ela tenta se recuperar cuspindo para todo lado. — Se queria compartilhar saliva comigo, sugiro uma outra forma mais prazerosa. Assim tá meio nojento.

— Nos seus sonhos, forasteiro! — Hazel bate no peito e inspira fundo, ajudando seu corpo recuperar o fôlego mais rápido. — Tente alguma gracinha comigo e eu chuto suas bolas de novo.

Sorrio para provocá-la, porém, no fundo, só consigo pensar como a filha da puta fica sexy irritada. Independente de agora ser brincadeira, preciso mesmo me policiar para não fazer merda. Tem muitas garotas menos complicadas disponíveis para mim na cidade.

— Presta atenção no que eu vou fazer até o final. — Aspiro a fumaça e seguro na boca por alguns segundos antes de tragar e soltar suavemente. — Puxe a fumaça devagar para não dar tosse e segure o fumo na boca a fim de apreciar o sabor antes de o levar aos pulmões. Quando tragar, solte devagar para evitar irritações na garganta.

Hazel tenta três vezes tossindo no processo. É só na quarta tentativa que a tragada sai perfeita e um sorriso estampa seu rosto.

— Conseguí! — ela vibra, balançando o tronco de um lado para o outro com o cigarro na mão.

— Isso, esperta! Taca cheiro de fumaça na sua roupa inteira. — Seguro seus ombros, fazendo com que pare de se mexer. Se um dia essa garota ficar realmente bêbada, imagino a carga de energia que percorrerá

sua corrente sanguínea. — Quando chegar em casa, esconda as peças e coloque você mesma pra lavar. Amanhã cedo, levante antes do seu pai, se não tiver um banheiro no seu quarto, e lave o cabelo também porque fica resíduo forte do tabaco.

Quando estava em Los Angeles, tive que me dispor a levar toda semana nossas roupas para a lavanderia porque não havia máquina em casa e minha mãe iria perceber se pegasse. Caso tivesse que repetir alguma peça antes de lavar, eu rodeava a área da churrascaria no restaurante e reclamava de propósito sobre o cheiro de fumaça.

Aqui Cath tem uma máquina velha disponível e eu uso assim que chego da escola e todos estão ocupados nos seus afazeres.

— Vou ter que engolir meu orgulho, você é fodão mesmo. — Hazel volta a gargalhar fechando os olhos para mim.

A resposta de que sou foda em muitas outras coisas coça na ponta da minha língua, só que acabo engolindo com outra tragada.

Se aquiete, Eduardo!

— Beba mais água, beba, raposinha! — Pego a garrafa no gramado e volto a colocar no seu colo.

Ficamos por um tempo olhando para o céu estrelado e conversando amenidades enquanto Hazel se divide entre se hidratar, comer, fumar e entornar mais uma dose.

Quando o nível etílico da segunda remessa de álcool chega ao seu máximo no sangue, ela levanta animada do gramado, vai até a superfície rochosa da colina atrás de nós e começa a cavar um pouco da terra vermelha.

Se não bastasse a esquisitice, a garota joga o que pegou no chão, perto das plantas ninho de cobra, e repete três vezes “meu pedido está garantido” em uma interpretação digna de uma atriz.

— Tenho medo de perguntar o que você tá fazendo. — Sorrio, seguindo-a antes que acabe caindo do nada e se machucando.

— Minha mãe, assim como muitos moradores antigos da cidade, acreditava que Sedona possui grandes pontos magnéticos de energia, chamados de vórtices. — É a primeira vez que ela fala da sua mãe na noite, e sem choro. Isso é um avanço e tanto. — Ela dizia que o arenito presente no nosso solo, essa terra vermelha das rochas, emana misteriosas forças cósmicas capazes de influenciar a natureza e o ser humano. Temos uma... vibe diferente que é impossível não ser sentida assim que se pisa aqui.

A natureza é, sim, indescritível, mas fora isso não senti nada de mais. Fico parado ao seu lado, prestando atenção em cada detalhe da história, apesar de não acreditar nessas credíncias.

— Essa planta que você disse que parece uma cobra é conhecida como *Epiphyllum oxypetalum* ou dama-da-noite. São as flores preferidas da minha mãe. — Ela toca no botão branco encardido e eu me esforço para tentar ver beleza naquilo. Não tenho sucesso na missão, a única coisa boa é o cheiro que exala das trepadeiras. — A sua floração ocorre somente uma vez por ano e dura uma única noite.

— O quê? — confirmo, abismado. — Essa flor vai abrir só uma vez no ano inteirinho?

— Sim, geralmente, acontece no início da primavera e dura umas sete horas. Quando começa a amanhecer ela fecha, e só abre no próximo ano. O cheiro é ainda mais fantástico e, o que você acha feio agora, se torna uma flor belíssima, branca como a neve, com pétalas arredondadas no centro e pontiagudas nas pontas. — Porra, que graça tem uma flor que só fica bonita uma vez por ano? — Também há um misticismo com relação a elas. Acredita-se que são capazes de realizar desejos na época da floração. Minha mãe tinha um ritual a fim de potencializar a rapidez do atendimento; para isso jogava o arenito das rochas aos pés das trepadeiras, pelo menos uma vez por mês, e pedia ao universo uma forcinha. De acordo com dona Gina Waters, todas as vezes que fez isso, a flor nasceu com o miolo amarelinho e o seu desejo veio como um foguete.

— Você acredita nisso também?

— Na floração do ano passado, antes da minha mãe morrer, eu pedi que conseguisse me especializar em confeitaria que tanto amava. Logo

surgiu um curso na cidade vizinha, e nessa região nunca tem nada. Seria um desejo garantido, se durante uma das viagens de volta...

Ela não precisa terminar para eu entender que foi assim que aconteceu o acidente e porque se sente culpada. Merda, me arrependo de ter tocado no assunto assim que vislumbro lágrimas se acumularem nos seus olhos.

— Eu sei cozinhar! Vou fazer marmitas com a Cath, irmã do Tuck, este mês para trabalhadores de uma obra na cidade vizinha — compartilho de supetão para ver se volta ao modo animada.

— Mentira! — A tática funciona, Hazel abre um sorriso e termina de jogar a terra no chão sem permitir que o pranto escorra pela sua bochecha. — Com essa cara de *bad boy*, duvido que saiba fazer uma panqueca.

— Eu sou foda em coisas que você nem imagina ainda, raposinha.
— Não resisto a provocar desta vez, piscando só para ganhar outro tapa no braço. — Minha mãe era brasileira, e tinha um restaurante de comida típica do país em Los Angeles com o meu pai. Cresci na cozinha com ela, tirando doce que não é muito a minha praia, sei fazer de tudo um pouco.

— Só acredito vendo, assim que começar vai ter que trazer um pouco pra eu pro.... — Hazel coloca a mão na frente da bexiga e dá pulinhos sem sair do lugar. — Meu Deus, eu preciso fazer xixi urgente. Já tava com vontade alguns minutos atrás, só que agora piorou demais.

— Esse é o ônus do álcool. Tem tanto arbusto aqui, mijá atrás de um.

— Não vou fazer xixi no meio do mato, ainda mais de noite, sou traumatizada! Quando eu era criança saí para fazer trilha com meus pais, fiquei muito apertada e me rendi. Apareceu uma cobra do nada, saí correndo de susto e me espatifei no chão com a bunda de fora.

— Eu daria tudo pra ver essa cena! — É a minha vez de deixar uma gargalhada sincera ecoar pelo ar para a minha completa surpresa.

A última vez que ri assim meu pai ainda estava vivo.

— Na escola não te vejo dar um vislumbre de sorriso, mas quando é pra tirar sarro da minha cara ou me atormentar, esses dentes brancos saltam da sua cara! — ela implica, irritada, e só me faz dar mais risada. — Merda, eu não vou mesmo aguentar.

— Vai no lago, então.

— Você já sentiu essa água? Apesar de Sedona ser quente praticamente o ano inteiro, todos os lagos e riachos parecem pedra de gelo. Só com a temperatura bem alta que dá pra encarar.

Bufo para a sua frescura e sigo até o arbusto mais próximo. Pego um galho caído no chão e confiro se o local está seguro cutucando o mato.

— Pronto, princesa, vem mijar logo que não tem nada aqui!

— Só vou porque estou no meu limite, fique bem longe. — Começo a andar e volto para o gramado onde está a minha mochila. — Se eu te pegar tentando espiar minha bunda, eu não vou apenas chutar as suas bolas; arranco fora com os dentes!

— Hum... tentador sua boca tão perto do meu...

— Eduardo, tô falando sério, seu babaca! — Hazel ralha, mostrando o dedo do meio para mim.

Se tivesse perto, com certeza, iria apanhar mais uma vez. Nunca pensei que gostaria tanto de uns tapas de mulher. De repente uma imagem nada adequada surge na minha mente, com a raposinha montada em cima de mim me batendo na cara. *Meu rosto arde e subo meus dedos para o seu pescoço, privando-a momentaneamente de ar até ficar com a bochecha rosada. A cada vez que seus cílios longos se fecham, entregues ao tesão, eu invisto mais forte na sua boceta.*

Puta que pariu! O volume na minha calça incha significativamente com a mera sugestão.

Policial Waters. Careca do Tuck. Fígado de boi... fico repetindo na minha cabeça diversas situações broxantes para o filho da puta diminuir.

— Nossa, que alívio, me sinto bem melhor! — Hazel passa por onde estou suspirando e vai até a beira do lago molhar a mão.

Abaixo rapidamente e junto as coisas que eu trouxe, jogando de qualquer jeito na mochila. É hora de ir embora e voltar para a realidade.

— Você já tá indo, forasteiro? — ela pergunta assim que se vira e eu posso jurar que escuto uma nota de pesar na sua voz.

— Nós vamos. — Me levanto e coloco a mochila na frente do corpo de forma discreta. Está diminuindo! — Você bebeu pela primeira vez hoje, vou te acompanhar no trajeto.

— Mas vai ficar muito longe pra você ir a pé e voltar pra casa dos Elms.

— Por isso, vamos sair um pouco antes do seu relógio despertar. Eu venho correndo depois, seu corpo ainda vai demorar a se acostumar com a bebida e é mais seguro ter alguém por perto.

— Tem certeza? — Disfarço e fito o chão para não ficar vendo seus olhos castanhos me observarem com tanta intensidade. É só companhia, nada de mais. — Eu sei dar bons chutes.

— Oh, como sabe! — Com o volume quase imperceptível agora, coloco a mochila nas costas e aponto para a trilha. — Só que é minha responsabilidade ficar de olho. Quando meu melhor amigo Ian me ofereceu bebida pela primeira vez, me ensinou os truques e garantiu minha segurança. Vamos indo, raposinha.

Sem retrucar desta vez, Hazel obedece e me acompanha. Será uma longa caminhada, mas realmente não me sentiria bem em deixá-la sozinha nesse estado agitado.

O esforço vale a pena por ter passado o dia, que seria o mais triste dos últimos meses, anestesiada. A Hazel de hoje já é completamente diferente da garota chorona que conheci.



“Pena que você nunca vai ler essas cartas, acho que ia se surpreender com o bolo que tenho debaixo do meu colchão na cela. Já foram 500. Isso mesmo: 5 centenas e 50 dezenas! Vou me gabar agora imaginando sua risada gostosa. É muito mais do que seus pais trocaram em quatro anos e o seu amado Gerry escreveu pra Holly. Prometo que farei uma por dia até ser liberto da prisão. Falar com você nesse monólogo é a minha salvação diária deste lugar e da saudade enorme que sinto de ti.”

Trecho da carta nº 500

Hazel Waters
Passado

— Eu nunca pensei que frango com vagem pudesse ser tão bom! — elogio de boca aberta, pegando outra garfada generosa. — E olha que nem gosto muito de legumes.

— Admita, finalmente, que eu sou foda na cozinha — Eduardo provoca, convencido.

— Ainda não tenho um veredicto, você precisa trazer mais.

— Hazel, eu trouxe marmita escondido pra você todos os dias desde que comecei a cozinhar com a Cath.

É verdade, essa é a quinta e todas, sem exceção, estavam deliciosas. Ontem e hoje até jantei menos em casa para não ficar cheia e saborear com gosto sua comida. Eu nunca ia adivinhar que o *bad boy* fosse tão habilidoso com as panelas.

— Eu sou a jurada e você o avaliado, talvez eu precise de mais pratos até o final do ano.

— Você é muito cara de pau, isso, sim! — Ele ri, daquele jeito bonito que engloba toda sua expressão facial, e não apenas um simples mover dos lábios.

É surpreendente perceber que o garoto dá risada e consegue ser legal. Na escola, Eduardo é carrancudo, quieto e não dá atenção para ninguém – isso inclui a fila gigantesca de meninas que tenta agradá-lo sem sucesso.

Pelo menos que eu saiba, nenhuma ainda conseguiu.

Mesmo a gente combinando de fingir que se ignora, para não dar bandeira das aventuras noturnas, eu chego a receber mais olhares que qualquer uma delas. Hoje de manhã foi um exemplo. Por breves dez segundos, fui fisgada por sua íris cinzenta ao sair do treino de corrida. Sua pupila estava um pouco dilatada e cheguei até pensar que estava me secando de shortinho curto e blusa colada.

— Pena que amanhã vou ficar sem minha marmita e minhas doses! — volto a falar para espantar os devaneios. Eduardo é bonito e sensual, mas não quero estragar isso que temos por causa de hormônios idiotas. Estou amando a calmaria que o álcool tem me trazido e é só isso que me interessa agora. — Meu pai inventou que vamos jantar com os Brydges na fazenda deles e é sempre um martírio demorado.

Há um pequeno silêncio no ar antes dele comentar algo.

— Você e o Caleb têm um lance?

— Se dependesse da minha família e da família dele, eu estaria casada e com dois filhos aos 16 anos. Porém, eu não o vejo dessa forma, não.

— Você pode não ver; ele com certeza quer te pegar.

— Você não curte o Caleb e os meninos da escola, não é? — Dou risada ao reparar na sua cara de poucos amigos, mastigando uma nova garfada em seguida.

Tenho reparado que Eduardo é ainda mais carrancudo perto dos garotos, não fez nenhum colega mesmo estando matriculado há quase dois

meses. O peito até estufa ao passar por alguns na sala ou no pátio, parece que quer socar a cara de todo mundo.

— Caleb acha que tem um rei na barriga, é insuportável com aquele ar superior. — Pior que nem tenho como defendê-lo, por causa do seu sobrenome, ele realmente é convencido. — O resto é um bando de idiota que só fala merda.

— Você pretende passar o ano letivo inteiro sem fazer amizade com ninguém?

— Com certeza, eu já tenho tudo que preciso.

Pode não ter significado nada suas palavras, mas elas provocam um frio no meu estômago. Eu faço parte desse “tudo”? Ele está falando dos Elms e do seu novo emprego?

Pego o resto da minha dose de vodca e tomo antes que minha cabeça volte a pensar besteira sobre ele. Apesar de continuar queimando minha garganta, eu já me acostumei com o gosto e estou até achando gostoso.

— Quando eu vou poder aumentar pra três doses igual você? Como tenho jantado aqui, não vai subir forte.

Seguindo as dicas do Eduardo à risca, minha única reação por enquanto é um pouco de dor de cabeça de manhã. Meu pai nem reparou nenhuma mudança.

— Está terminando a primeira e já está pensando em aumentar pra três, raposinha viciada? — No começo, eu odiei esse apelido ridículo, agora também me habituei e acho fofo. — Não tenha pressa, temos muitos meses pela frente. Vou permitir que você usufrua da minha vodca enquanto estiver nesta cidade. Não dá pra exagerar todo dia senão dá merda. Daqui um tempo, uma vez por semana, podemos tomar mais pra ver quanto seu corpo aguenta sem causar problemas.

— Se estou ficando viciada, a culpa é sua que me apresentou o álcool e o cigarro, forasteiro!

— Essa culpa eu aceito com prazer, afinal, *“ninguém jamais conquistou alguma coisa com lágrimas”*. A única coisa ruim é que, sem

estar no modo chorona, sua maquiagem não borra e suas lindas sardas não aparecem.

Ele acha as minhas sardas bonitas? Pensei que estivesse só de graça quando comentou a primeira vez.

— Você está citando “Alice no país das Maravilhas”? Eu ouvi direito? — Foco no assunto mais seguro, mastigando a última garfada da marmita.

Fato é que a sensação de ficar entorpecida com a bebida é infinitamente melhor do que o choro. Não gostei tanto do cigarro, no entanto, ele também tem ajudado a fazer meus dias se tornarem mais toleráveis.

— Por que a surpresa? Achou que eu fosse um burro sem cultura?
— Ele arqueia a sobrancelha, me observando divertido. — Minha mãe amava ler e me obrigou a conhecer todas as suas histórias preferidas.

— A minha também amava! — Engulo rápido para poder contar, sentindo meu coração acelerar diante da lembrança da sua felicidade com um livro na mão. — Ela era professora e tinha um projeto de leitura com seus alunos fora do turno escolar. A criançada ia pra casa e se esbaldava na nossa biblioteca, é bem grande. Eu costumava ajudar a controlar os ânimos e, por vezes, depois que todos iam embora, nós duas ficávamos horas lá lendo livros de romance.

— Não acredito, você é dessas românticas?

— Minha mãe, com toda certeza do mundo, era muito mais. Eu, na maioria das vezes, surtava influenciada pelos seus surtos. No último livro que lemos juntas, “P.S: Eu te amo”, ela chorou a nível de precisar tomar calmante pra conseguir dormir.

— Porra, o que tem nesse livro? Os protagonistas morrem no final?

— Só o Gerry, e ele morre bem no início. A história inteira se baseia nas cartas que escreveu, antes de partir, pra guiar a sua amada Holly em um recomeço. Parece meio mórbido, mas juro, é perfeito! Confesso que nesse

livro eu me senti um pouco romântica também, e chorei de soluçar sonhando que alguém me escrevesse palavras de amor tão lindas.

— Só em sonho mesmo! — Eduardo faz uma careta, como se eu tivesse dito a coisa mais brega do mundo, e eu reviro os olhos para ele.

— Não tô pedindo pra você escrever cartas pra mim, idiota!

— Não se iluda com isso, raposinha. Ninguém na vida real fará algo tão arcaico e cafona.

— Não é cafona, é uma demonstração linda de amor! Para a sua informação, meus pais namoraram à distância por quatro anos e trocavam cartas toda semana.

— Eu jamais faria isso, o máximo que dá pra rolar como demonstração de afeto é uma tattoo maneira.

— Ah, não me diga que alguém já ganhou o seu coração e você fez uma tatuagem pra ela? Que não seja o nome ou a cara da pessoa, pelo amor de Deus, isso é a maior burrice do mundo!

Era para ser uma provocação, porém, meu sorriso morre no rosto ao notar que Edu pega o seu cantil e toma um longo gole da vodca. Eu já reparei que ele tem esse hábito mais acentuado quando tocamos em algum assunto da sua família.

Há alguém melhor no mundo para demonstrarmos amor do que nossos pais? Com certeza, não. A sua homenagem é para eles.

Engulo em seco, com um aperto no peito, e reparo no desenho que sai da manga da sua camiseta. Não resisto a tocar o contorno preto com a ponta do indicador delicadamente, esperando para ver se vai querer compartilhar sobre isso.

— Essa no braço é sobre os dois. — Ele levanta o tecido e minha boca se entreabre com a beleza da imagem de um homem e uma mulher acolhidos por belas asas. Em pensar que alguns babacas da escola estavam apostando que era o anjo da morte... — Tenho outra mais antiga na coxa para o meu pai, marca a hora da sua morte.

Se fosse outro momento, eu ficaria sem fôlego com a visão dos músculos torneados bem na minha frente. Contudo, agora a minha garganta embarga pela profundidade que os dois desenhos representam.

— São incríveis, Edu. Muito lindas! — digo, sincera, tomada pela emoção.

Sou um pouco medrosa e dolorida para essas coisas, mas se um dia criasse coragem, seria perfeito tatuar uma dama-da-noite para a minha mãe.

— A próxima que eu quero fazer tem a ver com povos indígenas do Brasil, que a minha mãe gostava desde criança, e depois se apaixonou de vez por causa da questão culinária. Vou tatuar símbolos de perdão, amor e justiça.

— Por que perdão e justiça? — não resisto a questionar.

Eduardo toma mais um gole da vodca antes de responder e eu aproveito para deixar a marmita vazia no gramado e acender um cigarro.

— Assim como você se sente culpada pela morte da sua mãe, eu me sinto pela da minha. Descobri tarde demais que Clarissa estava no limite e não pude prevenir sua partida.

Primeiro Eduardo conta como seu pai morreu, vítima de um latrocínio. A angústia pela história triste logo se transforma em irritação quando descubro que um outro homem entrou na vida da sua mãe e se aproveitou deles em benefício próprio.

— Estábamos nos enganando o tempo inteiro sobre a superação do luto; só que enquanto eu encontrei uma salvação no álcool, a minha mãe se envolveu com um filho da puta. Ela ficou com outro homem achando que era o melhor pra mim e eu aceitei acreditando que era o melhor pra ela seguir em frente.

— Você era muito novo, Edu, estava só tentando apoiá-la...

— Eu perdi muitos sinais, Haz, devia ter sido mais atento. Minha mãe amava muito o meu pai pra morar com outro de repente. Se não estivesse tão desmotivada, jamais teria aceitado isso, e muito menos, desistido do restaurante e deixado todo controle nas mãos do Kober. —

Aperto seu ombro em apoio. Entendo bem esse sentimento de culpa; é um dos piores que existe. — Ela deu todo acesso financeiro pra ele, não tinha nenhum dólar. Tanto é que teve que implorar pra usar o seu dinheiro e ir ao hospital quando estava passando mal.

— Desgraçado! — Com raiva, engulo a fumaça rápido demais e acabo tossindo como da primeira vez que fumei.

— Na noite anterior à sua morte, cheguei em casa tarde e ouvi os dois discutindo sobre isso. Minha mãe estava chorando e disse que precisava ir ao médico pela manhã sem falta. Você acredita que estava há um mês se queixando de fraqueza, tontura, palpitações e falta de ar pra ele? — A cada relato eu fico ainda mais puta e triste por Eduardo, que vivenciou duas fatalidades horríveis. — Para transformar o restaurante em uma pequena fábrica, Kober torrou nossa poupança e estava enrolando a minha mãe, fazendo-a acreditar que seu mal-estar não era nada sério e podia aguardar até a inauguração. Ele teve a cara de pau de dizer que “hospitais sempre exageram em exames pra arrancar nosso dinheiro”.

— Me diga que você deu um soco na cara desse homem, pelo amor de Deus!

— Nesse dia não consegui. Me intrometi na discussão deles cheio de ódio, querendo quebrar a cara do meu padrasto em mil pedaços, mas a minha mãe ficou mais nervosa do que estava e eu parei. Insisti para que fôssemos no hospital naquele momento mesmo, só que por causa do horário, Clarissa resolveu dormir e esperar amanhecer. Foi o maior erro da minha vida aceitar seu pedido. Não houve oportunidade de sequer passar no médico porque ela teve uma morte súbita no final da madrugada.

— Oh, Edu... — Aperto seu ombro mais uma vez, descendo o contato para o braço na altura da tatuagem. — Eu sinto muito, de coração. Descobriram o motivo dos sintomas que ela estava sentindo?

— Enquanto esperávamos a autópsia, Tuck me contou que após a morte do meu pai, Clarissa teve um quadro intenso de estresse, que causou um princípio de depressão e ansiedade. Nessa época, minha mãe chegou a ir ao médico escondido de mim, só que optou por não fazer o tratamento com medo de se viciar em ansiolíticos. — A dor presente nos seus olhos é nítida.

Depois que passa, a gente pensa em mil cenários e todas as nossas falhas. — O relacionamento com Kober foi uma tentativa de dividir obrigações e melhorar isso, porém, no fundo acabou piorando. Ela morreu com a pressão altíssima e, devido ao seu histórico, foi dado como infarto fulminante provocado pelo estresse.

— Tuck e seus pais eram amigos? — Decido amenizar o assunto ao perceber os nós dos seus dedos ficarem brancos segurando com força o cantil.

Eu reparei que ele faz o mesmo comigo, mudando o foco quando algo me deixa desconfortável sobre minha mãe.

— Muito amigos! Clarissa o amava como se fosse seu pai e ele me trata como uma espécie de neto. Como eu disse, no dia anterior não bati no Kober, mas quando a morte dela foi confirmada, quase matei o filho da puta na base da porrada e não me arrependo disso. Se não fosse por Tuck me tirar de cima dele, e depois me trazer pra cá, teria sido denunciado pela agressão e ganharia um processo judicial nas costas.

— Sinceramente, não te julgo. O homem foi mesquinho e irresponsável. — Minhas palavras parecem fazer seus ombros relaxarem um pouco. — E sobre o Tuck, estou surpresa. Esse gesto bonito não parece em nada com a imagem que os Waters e os Brydges tanto gostam de frisar.

— Que merda rolou entre eles?

Explique a versão que sei e Eduardo garante que não acredita nenhum pouco que os Elms tenham sido culpados nessa história. Diante da descrição detalhada que recebo do Tuck, sobre os anos que ficou fora e como ajudou os Barrett, também começo a duvidar.

Ele podia simplesmente deixar que o garoto se virasse sozinho em Los Angeles, no entanto, resolveu dar abrigo para um adolescente machucado e trazê-lo para um lugar que o detesta só para ajudá-lo.

— Se Tuck é inocente mesmo, foi uma injustiça enorme meu avô e a cidade inteira se virarem contra ele. — No fundo, algo em mim não duvida que Robert tenha sido capaz de usar a noiva ingênua para conseguir o que

queria a favor dos Brydges. — E o pior é que se passou tanto tempo que não tem como provar nada, nem mudar a percepção dos outros.

— É foda, tem coisas que não conseguimos provar. O Kober mesmo nunca será responsabilizado pela morte da minha mãe, embora, tenha sido negligente com sua saúde. Ainda não sei como e o que vou fazer, mas assim que me formar, voltarei pra Los Angeles e darei um jeito de conseguir justiça.

Saber que ele não pretende ficar aqui por muito tempo faz meus batimentos cardíacos se agitarem e um incômodo se instalar no meu peito. O sentimento inesperado não é só porque vou ficar sem conseguir álcool e cigarro de um jeito fácil.

De uma forma improvável, nos tornarmos próximos e compartilhar a nossa dor também tem me deixado mais leve.

Quando ele se for, vou sentir falta de Eduardo Barrett pela pessoa que tem se mostrado por baixo da máscara de *bad boy*. Pelo menos por enquanto, não acho que essa nova versão seja uma mentira.



“Desculpa a letra feia e meio ilegível, quebrei o braço direito durante uma briga generalizada entre gangues no refeitório. Estava desatento e só percebi a discussão tarde demais. Adivinha o que eu estava fazendo? Serviram frango com vagem pela primeira vez em meses e fiquei sorrindo igual um idiota com a visão da sua boca cheia elogiando minha comida, sem assumir como sou bom. Você é uma distração perigosa, Haz, mas sempre será muito bem-vinda!”

Trecho da carta nº 533

*Eduardo Barrett
Presente*

Me esquivo de um cruzado de esquerda e volto para a posição de guarda, com um pé para frente, outro para trás, e as pernas separadas. Meus punhos ficam levantados na direção do meu queixo e os cotovelos perto do corpo.

Analiso o adversário, movendo o quadril na busca de um golpe certeiro, mas a porra da minha cabeça não ajuda porque, ao invés de me concentrar nele, traz a todo momento a imagem cabisbaixa da Hazel andando pela calçada.

Seus ombros estavam caídos, o caminhar lento e o olhar perdido no chão, como se o mundo ao seu redor nem existisse. Hoje faz quinze dias que descobri que é a minha nova vizinha e nunca a vi tão desmotivada.

Presenciar essa cena da janela do meu quarto, antes de vir para a luta que Tom me encaixou, foi um péssimo negócio. Não consegui finalizar nos primeiros minutos e a disputa está se arrastando pelos rounds. Faz anos que não levo o combate para o quarto ato – os xingos no galpão provam o desespero de quem está com medo de perder dinheiro comigo esta noite.

Pior que estou cansado e a chance de fracassar é real. A falta de fôlego está prejudicando a minha rapidez de reação e, consequentemente, não encaixo nenhum soco direito.

Será que é por causa do ex-marido e do seu pai que está assim? Tuck me contou da visita indesejada dos dois. Será que é por minha causa, morando tão perto? Será que está enfrentando alguma dificuldade na cidade nova? Será que Naomi não gostou da escola?

As aulas começaram ontem e Kieran me disse de tarde no restaurante que a filha da Hazel está quieta e na dela. Houve um cumprimento discreto à distância, e com os outros está muito diferente da garota simpática e divertida que conheceu quando se mudou.

— Bora, Brazuca! Foco, irmão.

No instante que reconheço a voz do Drew no meio da multidão, o adversário me atinge em cheio com dois socos: o primeiro acerta meu olho e rasga o supercílio, fazendo o sangue escorrer pelo meu rosto e me cegar momentaneamente; e o segundo aproveita essa oportunidade para me nocautear na mandíbula.

Cambaleio para o lado, sentindo o murro reverberar na minha cabeça e a visão ficar cada vez mais turva. Em um segundo estou de pé, tentando voltar para a posição de combate; e no outro sou vencido pela tontura e desabo no chão, com a escuridão dominando meus sentidos e os gritos eufóricos ao redor rasgando meu ouvido.

— Acorda, Edu! Vamos, cara!

Pisco, tentando me acostumar com a luz forte, e só enxergo com um dos olhos, Tom em cima de mim, dando tapas no meu rosto e servindo de contenção da aglomeração no galpão. Drew está do seu lado, com um pano estancando o sangue do supercílio.

Essa merda costuma fazer uma lambança, mesmo que o corte seja pequeno. Observo rapidamente meu torso nu e vejo que tem sangue por toda parte.

— Quanto tempo eu apaguei?

— Menos de um minuto.

— Porra, eu dei mole nesse nocaute. — Apesar de ainda me sentir tonto, forcei meu corpo a sentar antes que as pessoas pisem na minha cabeça.

O lado ruim de não ter nem ringue nessas lutas clandestinas é que, assim que acaba o confronto, todo mundo vem para cima do vencedor e foda-se quem está na frente.

— Deu mole na luta inteira — meu amigo debocha, apoiando minhas costas com a sua mão. — Caralho, em um dia normal esse cara não teria nem chance com você. Ficou pensando na ruiva, não é?

— Ruiva? Não era o padrasto o motivo do seu estresse?

Eu falei para o Drew que reencontrei a garota ruiva do meu passado; só que ainda não tinha tido a oportunidade de conversar com o Tom porque estava viajando com a esposa.

Ele também sabe um pouco sobre a Hazel, afinal, me viu escrevendo centenas de cartas na cadeia.

Os dois me ajudam a levantar e desviamos da multidão até chegar a uma área privada para a organização e os competidores da noite. Embora eu tenha ganhado várias lutas seguidas, o pessoal não poupa as críticas durante o caminho.

Ninguém quer perder dinheiro, eu entendo.

Assim que me sento em um banco improvisado nos fundos do galpão abandonado, também atualizo o Tom das novidades enquanto ele faz a limpeza do corte e uma sutura improvisada.

— Vou te dar um desconto pela distração, se fosse a minha mulher reaparecendo na minha vida depois de anos, eu também não teria foco nenhum.

— Estou na merda, cara! Além de não ter foco e apanhar, vou ter que fugir dela como o diabo foge da cruz. — Passo a ponta dos dedos na têmpora e percebo como está inchado no local. Vai ficar roxo por, no

mínimo, uns cinco dias. — Se Hazel me vir assim, nunca mais vai acreditar que eu mudei da versão que conheceu no passado.

Nas poucas vezes que nos esbarramos no prédio essas últimas duas semanas, eu fiquei na minha e ela na dela, mas houve uma mínima tolerância da sua parte comigo no mesmo ambiente.

Se quebrar a sua confiança, voltaremos para a estaca zero.

Só de imaginá-la se decepcionando comigo, mais uma vez, o desconforto que eu já estou sentindo no peito por causa do cansaço se amplifica. Eu pedi para o Tom adiantar a minha luta de agosto antes de revê-la e, mesmo relapso, não estava esperando esse estrago porque raramente apanho assim.

O jeito é torcer para o destino me dar uma mãozinha.



Drew entra com seu carro na garagem e estaciona na minha vaga para que eu possa subir pela escadaria do primeiro andar, sem chamar atenção usando a portaria principal ou o elevador.

Por causa do olho inchado, tive que deixar a minha moto no galpão. Mais tarde, Tom vai levar para a sua casa e seu filho pegará amanhã para entregar no restaurante próximo da hora do almoço.

Ele adora arrumar desculpas para me visitar e ganhar comida na faixa.

— Você tem algum boné por aqui? — pergunto, virando o corpo para vistoriar o banco traseiro.

— Pra que boné se você vestiu meu moletom com capuz antes de sairmos?

— Você tem? — Ignoro seu comentário e continuo tateando.

— Isso aí é paranoia, cara. — Meu amigo ri, abrindo o porta-luvas para pegar o que eu preciso. — Você me fez esperar quase duas horas pra te trazer, já é madrugada, a mulher não vai ficar perambulando pelo prédio.

— Um homem prevenido vale por dois.

Ainda mais no dia do golpe, onde o inchaço está maior e mais evidente. A partir de amanhã eu vejo como faço; se estiver muito ruim, durmo fora até melhorar.

— Vou subir com você pra garantir sua vida, se encontrar com a ruiva é capaz que tenha um colapso nervoso.

— Se eu não te conhecesse... você está doido pra que eu a encontre só pra ver minha cara.

A gargalhada do desgraçado nem disfarça sua intenção.

— Foi mal, irmão, você me deixou curioso com essa mulher.

Coloco o boné e ajeito pelo espelho retrovisor um ângulo que dê sombra no meu rosto. Volto a vestir o capuz para esconder ainda mais e seguimos em silêncio para acessar o primeiro andar.

Ele vai na frente para me dar cobertura e, assim que saímos da garagem, me sobressalto com o barulho de uma porta se abrindo.

— O que você tá fazendo aqui a essa hora? — É a voz da Leslie. — Quantas vezes já disse pra não aparecer em casa sem avisar?

— Hoje não vim te perturbar, pretinha. Eu só trouxe o...

Drew estica o braço para o lado, tentando impedir que eu saia de trás dele, mas é tarde demais. Não reparo na sua frase interrompida antes do estrago ser feito.

Ia cumprimentar a mãe do David, que conheço há anos e sabe das lutas que participo porque me ajudou na época que trouxe a Nadine para o prédio, só que, quase no mesmo instante, outra mulher sai do seu apartamento e nos encara, perplexa.

Hazel.

Puta que pariu!

A porra dos meus batimentos disparam com a sua visão assustada me observando à distância. Ela checa o inchaço, a sutura e os nós dos meus dedos no braço do Drew, como se quisesse ter certeza de que eu arrumei briga e não apanhei do nada no meio da rua. Esperança, Haz não está querendo acreditar no que vê. Mas logo os punhos se fecham ao lado do corpo ao avaliar que, mais uma vez, estou mentindo.

— Isso é ser diferente do moleque irresponsável que conheci? — Suas palavras estão carregadas de irritação e frustração. — Você não mudou nada, Barrett.

Quero dizer alguma coisa, tentar justificar o que parece injustificável, mas minha boca não se abre e meu corpo não se move. A mente fica em turbilhão pensando qual é o melhor jeito de explicar enquanto o coração não para de acelerar.

Quando o silêncio paira no ar tempo suficiente para ser desconfortável, Hazel bufa e se despede da Leslie, que sai no seu encalço sem entender nada.

A imagem do seu corpo virando as costas para mim, totalmente desapontada, traz um *déjà-vu* horrível da última vez que nos falamos no passado, antes dela desistir de vez do que tivemos.

Letárgico, tento caminhar na sua direção e sou barrado por Drew.

— Agora a ruiva tá puta e não sairá nada de bom dessa conversa, irmão.

— Porra, ela não vai mais acreditar em mim.

Encosto na parede próxima da escadaria, encarando o chão e esfregando a mão no cabelo. Odeio quando seus olhos ficam vazios e, odeio mais ainda, saber que a decepcionei de novo, mesmo que não fosse minha intenção.

— Vai, sim, dê tempo ao tempo.

— Mais tempo do que já tivemos?

— Talvez eu possa me aproximar dela, ajudar diminuir sua raiva...

— Não fode, Drew! — Levanto a cabeça para observá-lo com os dentes cerrados.

— Calma, era pra falar bem de você. — O filho da mãe ri, coçando sua barba rala. — Mesmo que não mereça, já que escondeu o ouro nunca mencionando como a ruiva é uma gata gostosa... a tatuagem não fez jus.

— Não é uma boa hora pra me provocar, cara. Posso estar com o olho inchado, exausto e meio lento, porém, meu punho ainda pode acertar seu nariz.

— Quem diria que você é do tipo ciumento. — Ele volta a rir, abrindo a porta da escadaria para que possamos subir. — Fica tranquilo, irmão, eu não sou fura-olho de amigo meu e já estou apaixonado pela minha pretinha. A ruiva é toda sua!

Eu sou muitas coisas por essa mulher. Coisas que nunca imaginei que fosse sentir ou fazer.

Tudo que eu mais quis um dia foi que realmente fosse minha, porém, estraguei essa chance e meu ciúme teve uma grande parcela de culpa em toda merda que aconteceu.

Não posso voltar para antigos padrões porque isso só fará Hazel me odiar cada dia mais.



“A primeira mentira que eu te contei foi que o álcool e o cigarro podiam ajudar. Hoje eu sei que isso não é verdade. Mas, naquela época, fui tão enganado quanto você pelo que achei ser o certo.”

Trecho da carta nº 577

Hazel Waters
Presente

Uma vez mentiroso, sempre mentiroso! É claro que Eduardo continuaria sendo um idiota imaturo. Foi por pouco... eu estava quase acreditando na sua imagem de bom moço ao vê-lo esporadicamente respeitando o limite que impus.

É tão perigoso se deixar levar por sua lábia que, por um instante, tentei achar justificativas no meu cérebro para estar com um olho inchado, um corte suturado na sobrancelha e os dedos esfolados de briga.

— Você já conhecia o Edu? Como assim, “moleque irresponsável”?
— Leslie entra comigo no elevador, curiosa, e aperto o botão do meu andar para subir logo.

— Infelizmente, sim. Nós nos relacionamos durante a adolescência.

— Caramba, que coincidência se reencontrarem aqui em Phoenix, depois de tantos anos.

— Pois é! Está mais pra um azar filho da puta.

Estou acumulando um monte de coincidências com esse babaca. É como se o universo quisesse jogar algo na minha cara. Agora mesmo eu nem deveria estar fora do meu apartamento para ver essa cena.

Depois de um dia de merda, perdendo mais uma oportunidade de emprego por falta de experiência, eu queria tomar um banho e ficar quieta no meu canto. Só que esbarrei com a Leslie quando estava chegando da rua e, percebendo o meu estado de desânimo, a mulher simpática me convidou para ir ao cinema com ela e o David. Os ingressos estavam comprados há dias, mas sua mãe não estava se sentindo bem para o programa e um ficaria perdido.

O “não” estava na ponta da minha língua, porém, houve tanta insistência da sua parte que acabei concordando. Conversamos bastante, até que foi divertido. É bom ter alguém da minha idade para bater papo. Voltamos a pé faz pouco tempo e eu passei na sua casa para pegar um chá que Leslie garantiu que me ajudaria a dormir melhor – não tenho fé nisso, no entanto, não quis fazer desfeita.

Antes tivesse ido direto para a minha casa, não ficaria tão decepcionada.

Nem sei por que estou incomodada desse jeito. Quem tem que se preocupar com seu comportamento destrutivo são a sua mulher e o seu filho. Foi bom ver a verdade logo, assim, manterei ainda mais distância até o meu contrato de aluguel terminar e depois irei para bem longe deste prédio.

— Será que essa irritação toda não é tão acumulado? O Edu é gostoso, Haz, agora que você está solteira dá pra ter um bom *remember*.

Durante nosso curto passeio, eu contei brevemente para a Leslie sobre a separação com o Caleb e o motivo da minha vinda para a capital.

— Deus me livre e guarde! — Ignoro o incômodo no meu peito por ela achá-lo gostoso. Será que tiveram alguma coisa também? *Não é da sua conta, Hazel!* — Do Barrett eu quero distância, claramente vemos que não deixou de ser inconsequente.

— Ele participa de umas lutas clandestinas, sim. Mas pelo que eu sei, os Kind organizam mais pelas apostas esportivas do que pela bagunça. — Não muda nada, acaba sendo problemático do mesmo jeito que foi com Caleb nos cassinos. — Drew, o cara que te contei que tenho um rolo, é filho

do responsável. Me disse uma vez que o Eduardo conheceu o seu pai na prisão, e compete pra descarregar adrenalina. Todos eles são gente boa.

— Se o Drew é tão bom por que você não quer nada sério com o homem? — Arqueio a sobrancelha e a observo enquanto saímos do elevador. — No fundo, não é medo que ele fique perto do seu filho pequeno e seja uma má influência?

— Tem muito mais a ver comigo do que com ele. Se eu deixasse, o Drew entraria com um processo e mudaria o sobrenome do David para o seu amanhã mesmo; sei que gosta do meu menino. O problema é que fui muito magoada no primeiro casamento, amei demais e não foi algo recíproco. Meu coração criou uma barreira enorme pra se apaixonar de novo.

— Sei bem a sensação de ter o coração partido e a dificuldade em se abrir novamente.

Foi uma luta deixar Caleb entrar e mal chegou perto de me conquistar de verdade.

— Entendo que tenha questões não resolvidas com o Eduardo, mas o cara de fato é gente boa. — Abro a porta de casa e a convido para entrar. Não quero ficar conversando na porta e ter o desprazer de reencontrá-lo no corredor aqui de cima. — Sabia que é voluntário em um projeto social que ensina basquete e boxe pra crianças das redondezas? O David o ama, assim como toda molecada da *Child's future*.

Foi por isso, então, que estava deixando o garotinho com a mãe da Leslie no dia que conversamos. Um lado meu não consegue descartar o orgulho que cresce no meu peito por ter seguido com o restaurante da Clarissa e o projeto social do Rowan.

Independentemente de qualquer coisa, o que dissemos sobre as pessoas que perdemos naquele lago foi real. Nossa dor e saudade dos entes queridos não foi uma mentira.

— Além de ser voluntário há anos, Eduardo adotou informalmente o Kieran que participava das aulas. Quando o garoto veio pra cá, acho que tinha uns dez aninhos e permanece até hoje.

Minha boca se entreabre sem que eu tenha controle da surpresa. Por essa eu não esperava, mesmo que estivesse achando difícil um relacionamento com a sua esposa durante o período da prisão.

Caminho até a cozinha, encho uma chaleira com água e coloco no fogo. O restaurante, o projeto social e o filho são pontos positivos a seu respeito, é um fato, porém, não posso me esquecer da lista enorme de pontos negativos.

Seria muita hipocrisia da minha parte ficar puta com o Caleb por se envolver com pessoas perigosas, e ignorar que o cara que fodeu com minha saúde mental no passado e agora é meu vizinho, chega em casa no meio da madrugada todo machucado porque quer descarregar sua raiva em lutas clandestinas.

Mais do que nunca, o que eu preciso é ficar longe do Eduardo e saber o mínimo possível da sua vida.

— Não me fala mais nada dele, Leslie, por favor — peço, mexendo no potinho de chá na minha mão para disfarçar como me sinto desconfortável com esse assunto.

— Tudo bem, me desculpe. Respeito seu posicionamento. — Ela vem até onde estou e acaricia meu braço. — Foque o resto da sua noite em fazer o chá, dormir e acordar disposta pra ir na entrevista que te indiquei. Se tudo der certo, amanhã você consegue um emprego temporário e fica mais tranquila!

— Amém, eu preciso muito começar de algum jeito pra virar a chave da maré ruim e acionar as coisas boas de novo pra minha vida e da Naomi.

A sobrinha de uma das suas amigas vai entrar de férias na semana que vem e os donos da lanchonete estão com dificuldade de encontrar uma substituta para cobrir. Com a indicação dela, espero que seja mais fácil ser contratada.

— Essa maré logo passará, fica tranquila! Você vai arrumar o emprego, ficar ocupada o dia inteiro e não terá estresse com o Eduardo.

Naomi também logo se enturmará com os alunos da escola nova e companheiras de time.

Assim espero!

As primeiras impressões da minha filha jogaram um balde de água fria na sua empolgação. Segundo me contou, as pessoas já pareciam saber dela e houve uma grande resistência do elenco atual com uma nova atacante na área. A maioria das meninas está na sua sala e o clima ruim se estendeu no campo e nas aulas.

Se nós duas ficarmos desmotivadas, será difícil seguir em frente com esse recomeço.



“Eu soube que estava me apaixonando perdidamente por você quando começou a ir para o lago sem maquiagem porque elogiei as suas sardas. O sorriso que eu te dava assim que chegava, e o que você retribuía toda tímida... porra, era mais lindo que o céu estrelado de Sedona.”

Trecho da carta nº 599

Hazel Waters
Passado

Estou brincando com a Annie no jardim de casa, para aproveitar o dia bonito de início da primavera, quando a viatura do meu pai estaciona no meio-fio de repente e ele sai do veículo com o semblante fechado. Boa coisa, com certeza, não é!

Anthony não tem aparecido mais no meio do expediente, desde que a corrida para xerife começou de verdade, e a disputa com Bischoff para descobrir quem é o profissional mais exemplar do condado se intensificou.

Até buscar meus irmãos na escola ele parou. Estamos vindo nós três a pé, para o desgosto da Annie e do Connor que reclamam diariamente disso.

— Pra dentro, agora, Hazel!

Mordisco o lábio, com os batimentos cardíacos se agitando no meu peito. Será que ele descobriu sobre as fugidas para o lago? Sobre meus encontros noturnos regados de álcool e cigarro com Edu?

Eu tenho tomado tanto cuidado nos últimos meses, não deve ser isso. Se fosse, meu pai não estaria tão calmo apesar da cara irritada. Ele chegaria com o corpo do Barrett nas mãos e uma arma apontada para mim.

Levanto do gramado e sussurro para a minha irmã ir ao seu quarto pelos fundos para não ver uma possível discussão. Sigo meu pai pela varanda e, assim que estamos na sala, viro alvo do seu olhar fulminante.

— Que palhaçada é essa de esquecer de entregar trabalho, pela terceira vez, desde a pausa de fim de ano? — Quase respiro aliviada por causa do rumo do assunto. — A senhora Larsen me mandou mensagem pra comparecer na escola a fim de conversar sobre seu comportamento. Ela disse que sua desatenção é preocupante e que, apesar de manter as notas na média anterior, parece indiferente nas aulas.

Eu deveria ter desconfiado que a coordenadora ia abrir a boca para o meu pai, apesar da conversa que tivemos e o meu pedido para não fazer isso. Nas duas primeiras vezes que os professores relataram meu comportamento, consegui me safar dizendo que era só uma fase ruim por causa do recente aniversário de um ano da morte da minha mãe.

Na terceira vez, ontem de manhã, ela se manteve séria, reforçando que se passaram mais de quatro meses da data, e que estava preocupada comigo. “*Você não era desatenta assim nem nas primeiras semanas após o enterro. O que está diferente?*”

Minha boca salivou para responder que, no primeiro ano inteiro, eu parecia um robô e agora estou, finalmente, respirando melhor por causa do álcool.

— Estou cansada, pai, só isso. Daí às vezes me esqueço de alguns compromissos. O importante não é manter as notas boas? Estou me esforçando bastante.

Eduardo sempre frisa que não podemos exagerar para não chamar atenção. Se minhas notas caíssem, meu pai teria desconfiado que tem algo errado há semanas. Não achei que um pouco de desatenção fosse criar problemas.

A dor de cabeça e as náuseas que surgem de manhã, eu tenho conseguido disfarçar bem.

— O importante é não dar motivo pra coordenadora me mandar mensagem e recomendar que passe no psicólogo. Tudo que eu não preciso

neste momento decisivo da minha carreira são comentários na cidade que tenho uma filha doida.

O preconceito do meu pai com algumas questões me irrita profundamente. Talvez se ele tivesse priorizado minha saúde mental depois do acidente, eu não me sentisse tão despedaçada.

— Me desculpa, eu vou resolver isso — digo com uma entonação de arrependimento, apesar da vontade de gritar com ele.

— Acho bom, Hazel, é o mínimo que você pode fazer.

...já que a sua mãe não está mais aqui por sua causa.

Sempre fico com meu peito dolorido e a consciência pesada quando meu pai faz esse tipo de comentário e deixa minha mente se sabotar imaginando o que paira implícito no ar. Infelizmente, o álcool ameniza o que aconteceu, mas nunca poderá apagar o passado.

No final de todo maldito dia, ainda não terei a minha mãe.



— Boa noite, raposinha.

Sento ao lado do Eduardo no gramado e ele abre o seu sorriso arrebatador, como tem feito todos os dias, ao observar meu rosto limpo. Logo depois do Dia de Ação de Graças eu parei de passar maquiagem de vez.

Quando ele percebeu isso, eu menti afirmando que interrompi o uso para não danificar minha pele, já que não estava chorando a noite inteira mais nem amanhecendo com os olhos fundos de tristeza.

A verdade, no entanto, é que foi por causa do seu comentário. Eu gostei de saber que acha minhas sardas bonitas, assim como eu as acho.

— Boa noite, forasteiro.

Minhas bochechas ruborizam pela forma intensa que encara as pintinhas em tom claro de marrom. Sorrio de volta, só que o observador nato logo percebe que tem algo errado. Edu sempre percebe, o que não ajuda em nada meu coração parar de acelerar por sua causa.

Conto sobre o ocorrido com meu pai mais cedo e como me senti culpada de novo – algo que vinha diminuindo no decorrer dos meses. Ele escuta tudo com atenção; o garoto é o único com quem me sinto à vontade para desabafar e quem adoro ouvir.

— Eu vou te ajudar com os trabalhos, pode deixar que te lembrei sempre sobre os prazos.

— Obrigada. — O sorriso sai mais amplo desta vez e meu coração volta a oscilar. Merda, eu não devia estar sentindo essas coisas por ele. — Por que será que estou ficando desatenta? O álcool parece que nem faz cócegas em você.

— Cada organismo reage de um jeito, Haz. O sexo biológico, a massa corpórea e o metabolismo de quem bebe influencia muito. Homem geralmente é mais tolerante, talvez seja melhor diminuir pra uma dose por dia e cortar por enquanto o abuso semanal.

— Ah, não! — Faço um bico e ele dá risada da minha cara. — Com uma eu nem fico eufórica direito mais, vai arriscar ativar meu lado chorona de novo?

— Você anda muito esperta, garota.

— Estou aprendendo com o melhor professor. — Bato com meu ombro no seu e tiro a garrafa de vodca da sua mochila. — Além do mais, hoje é nosso dia do abuso e eu preciso mais do que nunca desestressar minha mente da conversa com meu pai.

— Coma primeiro, então! — Ele pega a marmita que está com um cheiro delicioso e entrega na minha mão com um garfo. — É frango com vagem, que você também está viciada. A Cath está começando a achar que não sei fazer mais nada, do tanto que repito esse. Por sorte, o pessoal da obra amou.

— Ahhhh, eu quero! É tão, tão gostoso.

Sorrio animada para comer, sendo observada pelo seu olhar divertido. Seguindo nosso ritual diário, conversamos bastante e vou intercalando a bebida com o alimento para não subir o álcool no organismo muito rápido.

Pelas próximas horas, Eduardo bebe junto comigo os goles extras e fica controlando de perto as reações; ele nunca deixa chegar ao ponto de ter falha da coordenação motora ou desconexão da realidade.

No máximo, fico mais desinibida e com os reflexos lentos. No final do mês passado, levantei rápido para fazer o que apelidei de “dança espanta inverno”, porque queria que chegasse logo a primavera para o desabrochar das damas-da-noite, e me espatifei no chão sem dar tempo de ser socorrida.

O resultado foi ralar toda área do antebraço e cotovelo. Sorte que estava frio e eu pude cobrir com uma blusa de manga longa durante o dia.

— Só mais um golezinho?! — Seguro sua mão, tentando pegar a garrafa para mim.

— Já foram quatro, Haz, nosso limite anterior. Melhor não abusar justo agora que seu pai está de olho.

— Um tiquinho de nada. — Faço sinal com os dedos para mostrar a quantidade, rindo e tentando alcançar a garrafa mais uma vez. — Uma viradinha, só pra testar um pouco mais meu corpo. Vamos, vai?!

— Inferno, criei um monstro! — Ele ri, esfregando a mão no rosto.
— O pior é que eu seria capaz de matar alguém por você quando me olha assim.

De repente, é como se a euforia passasse e meu estômago se afundasse com um friozinho gostoso e assustador.

Coloco uma mecha do meu cabelo atrás da orelha, desviando o olhar para o chão ao sentir meu rosto corar. Não saber o que é brincadeira e o que é sério me deixa maluca; na dúvida meus batimentos cardíacos sempre erram o compasso.

Não sei exatamente quando eu comecei a enxergá-lo de outro jeito. Só sei que gosto cada dia mais da sua companhia; frequentemente aprecio o movimento da sua boca, imaginando como seria se tocasse na minha; e tenho tido até ciúme dos comentários das meninas da escola – que continuam sendo ignoradas meses depois.

Ao mesmo tempo que não quero estragar o que construímos, e correr o risco de ficar sem a sua companhia que aprendi apreciar, ou o álcool que tem me salvado do caos; anseio ter um pouco mais de coragem para ver onde isso vai me levar.

Não sou idiota, percebi também a forma como me encara às vezes, tanto aqui como na sala de aula. Acho que o medo tem nos barrado. Talvez o receio dele não seja como o meu, Edu pode temer que eu me apegue demais, o que não parece seu tipo.

A questão é: se a gente arriscasse seria bom ou iríamos nos arrepender amargamente de estragar algo que está perfeito assim?

Eu precisava muito de um sinal do universo para saber o que devo fazer.

— Aqui, raposinha. — Edu entrega o copo na minha mão com uma miséria do líquido. — Em, no máximo, uma hora, você vai comer a barra inteira de chocolate que eu trouxe pra emergências, a fim de subir sua glicose, e nós vamos embora mais cedo para o seu corpo relaxar e não acordar com ressaca.

Todos os dias, desde o aniversário da morte da minha mãe, ele me acompanha até perto de casa e depois percorre todo esse extenso caminho de volta sozinho. Não tem como ignorar como isso é atencioso da sua parte.

Aceno em concordância para refrear os pensamentos e tomo a vodca, achando que a quantidade pequena não vai conseguir mudar muita coisa, porém, cerca de trinta minutos depois, meu corpo fica ainda mais elétrico, não consigo parar de sorrir e tagarelo sem parar.

É como se eu tivesse engolido uma dose enorme de adrenalina pura.

— Quero dar um mergulho, tô com muito calor! — Levanto do nada da grama e Eduardo vem logo atrás de mim para garantir que não irei me ferir à toa.

— Você passou meses me falando todo dia que essa água é fria como gelo; acredite em mim, não quer, não, raposinha. — Ele tenta segurar meu braço para que eu volte a me sentar, mas me desvencilho do seu toque, saltitante.

— Eu vou, sim! No outono e no inverno seria mesmo impossível, só que estamos na estação das damas-da-noite... — Gargalho, me mexendo de um lado para o outro. — Entendeu? É a primavera. Da prima e da vera...

— Espera, repete que eu preciso filmar isso — tira sarro, fingindo que vai pegar o celular no bolso. — Pelo jeito, quatro doses e um gole ativam a Hazel...

Alcanço a barra da minha camiseta e subo o tecido pela pele, arrancando a peça pela cabeça sem esperar Edu terminar de falar. Assim que jogo no chão e volto a encará-lo, percebo seu corpo imóvel olhando fixamente para o algodão branco que cobre meus seios.

Não sai nenhuma palavra da sua boca entreiberta.

Será que a dose a mais de álcool foi a garantia da coragem que eu pensei mais cedo que queria ter?

— Ativam qual Hazel? — pergunto sorrindo de lado, focada no botão da minha calça.

Eu não pensei muito ao fazer isso, não foi calculado como uma estratégia de sedução. A culpa é totalmente da minha embriaguez. No entanto, agora que aconteceu, eu gostei do seu olhar em mim e não consigo evitar a sensação de formigamento dentro de mim.

Coragem. Coragem. Coragem!

Com o mantra na minha mente, abro o zíper da calça e começo a descer o jeans, curiosa, imaginando como será seu olhar na minha calcinha. Só que antes que eu sequer mostre que a cor combina com o sutiã, mãos enormes alcançam as minhas e me impedem de continuar.

Pisco com a imagem do Eduardo inclinado na minha frente, tão perto do meu rosto que eu sinto a sua respiração quente atingir minha bochecha.

— O que você tá fazendo, Hazel? — A voz baixa e profunda arrepia os pelos da minha nuca.

O tom parece que sua boca está seca, sem falar com ninguém há dias.

— Eu disse que quero nadar — sussurro, vidrada na íris acinzentada.

— Não é uma boa ideia. — Ele pigarreia e percebo que está se esforçando para não abaixar o olhar para a minha boca. — Você bebeu muito, é perigoso. Além do mais, não está quente o suficiente e pode ficar doente. Lembra que não queremos chamar a atenção do seu pai?

Ao invés de responder, inspiro fundo e sem querer meu nariz bate na ponta do seu. Mordo meu lábio inferior e Eduardo aperta as mãos que seguram as minhas no cós da calça com mais força.

— Raposinha... — o apelido vem em uma advertência e um pedido.

— Forasteiro...

Precio de um outro sinal do universo. *Por favor, me confirme se a coragem momentânea foi ideia sua! Se não me impedir em três segundos não terá volta.*

Um.

Movo meu nariz, acariciando sua pele e amando a respiração quente aumentando no meu rosto.

Dois.

Umedeço os lábios com a ponta da língua e, finalmente, Edu cede o olhar para a minha boca causando um rebuliço nas batidas desenfreadas do meu peito.

Três.

Solto o cós do meu jeans, e estou prestes a subir meus dedos ansiosos pelo seu pulso, quando um barulho de galho invade meus ouvidos. Estou agitada, no entanto, ainda escuto muito bem o segundo *cric-crac* que quebra o clima.

— Tem alguma coisa aqui. — É o Eduardo quem se afasta primeiro e se vira na direção do som.

Protetoramente, ele tapa a minha visão com seu corpo, do que quer que esteja ao redor, e vasculha com o olhar toda a área. Eu fecho o zíper, me abaixando com rapidez para pegar a camiseta jogada no chão. Da última vez que isso aconteceu, um forasteiro invadiu meu espaço. O nosso final até que está sendo feliz, mas duvido que se outra pessoa nos ver aqui nesse estado, meu pai me manterá viva amanhã.

Antes que eu tenha a chance de passar a camiseta pela minha cabeça e me vestir, Eduardo sai da minha frente apontando para o intruso, desacreditado.

É um esquilo!

Fomos interrompidos por um fofo, marrom e gordinho animal inofensivo, que quase nunca aparece pelas bandas do lago.

— Corremos risco só se ele jogar essa noz na nossa cabeça com força — brinco, permitindo que o lado alcoolizado do meu cérebro caia na gargalhada com a cena.

Por dentro, meus batimentos desaceleram e minha garganta arranha com a resposta que pedi. O medo de estragar tudo sufoca a coragem momentânea. Pelo jeito, o universo quer me impedir de cruzar essa linha.



“A primeira vez que eu te beijei foi como ligar um interruptor dentro de mim. Estava tudo escuro e, de repente, uma a uma, centenas de lâmpadas se acenderam. Meu corpo inteiro foi iluminado por você, raposinha, e desde então essa luz nunca mais se apagou.”

Trecho da carta nº 618

*Eduardo Barrett
Passado*

Coloco duas conchas do creme de milho nos últimos dez pratos e Cath vem atrás de mim, finalizando com salsa e fechando as marmitas. Temos sempre bastante estresse no trabalho, como hoje que uma fornada de cupim assado quase queimou, enquanto tive que correr no mercadinho para comprar mais leite, porém, mesmo assim estou adorando a experiência.

Amando, na verdade, a ponto de saber que é isso que quero para o meu futuro. Vou abrir um restaurante e seguir o legado da minha mãe. Cozinhar tem sido um dos melhores momentos do meu dia, perdendo apenas para os que estou no lago com a Hazel.

— Que sorrisinho é esse? — Cath provoca e fecho a boca, sem notar que estava rindo. Aquela garota está me desarmando com um mero pensamento. — Tá feliz que terminamos sem atraso ou lembrou de alguma mocinha da escola?

Por causa do tempo que passamos juntos na cozinha, criamos uma espécie de coleguismo. Ela é uma boa pessoa, assim como o Tuck, e vira e mexe tenta puxar assunto.

— Como eu já disse antes, nada de meninas. Meu foco é cozinhar — minto pela segunda vez, não querendo chamar atenção.

— Você está escondendo o jogo, Edu. Essa carinha de felicidade aí não nega — Cath insiste, rindo. — Além do mais, bonito desse jeito, duvido que não esteja arrebatando corações. Capaz que até a filha adolescente do policial Waters tenha uma quedinha em você.

Pigarreio, quase engasgando com a saliva que eu forço a descer pela minha garganta. Se Haz tem uma quedinha por mim, ainda não tenho certeza; mas eu sem dúvidas desenvolvi um abismo inteiro por ela.

Ao compartilharmos nossas dores mais profundas ou simplesmente rir de algo aleatório, a beleza foi ficando em segundo plano e eu me vi fissurado na sua pessoa. Isso jamais tinha acontecido antes com uma garota; nunca passei da fase de achar bonita e ficar com tesão.

Caralho, e eu tenho um puta tesão nela! Quero agarrar seus fios de cabelo ruivo, apertar sua cintura e mordiscar seu pescoço... minha mente a imagina de todos os jeitos mais indecentes possíveis e morro de ciúme quando escuto outros garotos com o mesmo desejo.

A questão é que só isso não basta com a Haz e, por medo de estragar a cumplicidade que criamos, venho me podando há meses.

Resistir ao beijo que quase demos no início da semana exigiu todo pouco autocontrole que existe no meu organismo, principalmente depois que tirou a blusa e ficou apenas de sutiã. Tive que gritar na minha mente que ela tinha bebido mais álcool que o normal e poderia estar confusa.

Se não a impedisse de tirar a calça, e o esquilo não aparecesse em seguida, o esforço seria em vão. Não ia conseguir resistir porque Haz parecia querer tanto quanto eu.

Se a gente tivesse se beijado, teríamos ferrado tudo que construímos? A pergunta me deixa confuso *pra caralho*.

Como não aconteceu nada, não ficamos estranhos um com o outro. As conversas e as risadas continuam. Porém, há muito mais olhares perdidos do que antes, da minha parte e da dela, o que me leva ao limite e me faz indagar incessantemente se não deveria arriscar.

Se um dia estiver sóbria e dizer que me quer, tanto quanto eu a quero, nada me impedirá de experimentar o gosto dos seus lábios.

— Ela tem? — Cath pergunta, me cutucando.

— Ela quem? Tem o quê? — devolvo o questionamento, disperso.

— A filha do policial Waters tem uma quedinha em você? — Droga, viajei tanto na minha mente que esqueci até qual foi o assunto que me fez divagar na raposinha.

— Claro que não, ela tem namorado e quero distância de mais problemas. — A palavra “namorado” queima na minha boca ao pensar no idiota do Caleb.

Cath arqueia uma sobrancelha e me avalia, como se fosse capaz de ler a minha alma. Inquieto, viro de costas e vou pegar uma marmita para levar ao lago e dar à Haz.

Por sorte, Tuck entra na cozinha bem na hora que o silêncio avaliativo começa a incomodar.

— Nossa, que cheiro delicioso! — Ele vem até onde estou, separando uma porção de carne assada, e rouba um pedaço da assadeira com o garfo. — E não é só o cheiro que está maravilhoso. Caramba, você tem se superado, Edu.

— Valeu, tenho usado todos os truques da minha mãe — comento para que o clima não volte a ficar estranho.

— Clarissa e Rowan estão orgulhosos de você, pode ter certeza! Orgulhosos do talento e da fase de crescimento. Nunca te vi comendo tão bem. — Como os Elms jantam muito cedo, inventei que estava ficando com fome à noite para poder separar e esquentar a marmita sem levantar suspeitas. — Mas deixe pra arrumar isso daqui a pouco, me ajude a colocar tudo na caixa térmica porque vou precisar sair logo. Tenho que deixar a comida com eles e ir entregar alguns documentos.

Tuck não arranjou um emprego fixo ainda, porém, está fazendo vários bicos de *office boy* para a empresa que contratou as refeições aos funcionários da obra. Os empreiteiros pagam direitinho, estou conseguindo

guardar uma boa quantia mensal; além de comprar o álcool e o cigarro dos irmãos Downey.

— Entregar documentos à noite? Não volte tarde como na semana passada. — *Por favor!* Quando ele se atrasa para chegar, eu demoro a poder fugir pela janela. — Fico apreensiva aqui.

— Não se preocupe, minha irmã, não devo demorar desta vez.

Permanecemos tão entretidos em guardar as marmitas, e falar sobre os locais que Tuck precisa ir, que Cath até esquece o que estávamos falando. Ainda bem! Não posso correr o risco de Haz e eu sermos descobertos, nem sei o que faria se tivesse que parar devê-la no lago todos os dias.



Demoro quase meia hora a mais para sair de casa e, quando chego ao lago ofegante pela corrida apressada, dou de cara com a Haz pulando perto das trepadeiras – isso porque ainda nem bebeu.

— Corre, vem logo! — grita, eufórica. — Nunca quis tanto ter seu número como hoje.

Ela achou melhor não arriscar porque seu pai não lhe dá nenhuma privacidade e confere com frequência o computador e o celular dos filhos, desde que Connor quase foi para a clareira no Halloween.

— Tuck atrasou, o que houve? — Passo pelo gramado onde costumamos nos sentar e sigo direto na sua direção.

Esse atraso já aconteceu algumas vezes, então, ela está ciente de que acabo aparecendo de uma forma ou outra. Nunca deixei de vir nenhuma vez desde que a conheci, exceto no Dia de Ação de Graças, no Natal e no Ano Novo – datas em que foi festejar com a família do idiota do Caleb.

Teve uma semana no inverno que fiquei ruim da gripe e, mesmo assim, fiz questão de estar na sua presença.

— As damas-da-noite estão florescendo, vem ver! — grita de novo, como se eu não estivesse quase do seu lado.

Eu implico com a Haz, mas no fundo amo a sua empolgação com as pequenas coisas.

— Até que enfim! — Paro na frente das trepadeiras e observo com atenção como é. — Fica assim, parecendo um copo com garras?

Está muito mais bonito do que antes, isso é um fato; porém, do tanto que ouvi a seu respeito, esperava algo magnífico.

— Claro que não. — Ela ri, dando um tapa no meu ombro. — Eu disse “estão florescendo”, ainda não terminou. Vai ficar totalmente aberto daqui a pouco e poderemos fazer nosso desejo. — Haz segura o caule e aponta a planta semiaberta para mim. — Olha isso, o miolo está amarelinho. A simpatia da minha mãe funcionou, teremos grandes chances do pedido garantido.

— Quero só ver... não estou muito confiante nisso, não.

— Se você não acreditar, ele nunca será realizado, Edu. A magia do universo faz a sua parte, só que a fé depende de nós. — Ela solta a flor e segura meu braço, me fazendo sentar ao seu lado.

Tiro a mochila das costas e pego a marmita e a vodca. Hazel balança a cabeça em sinal de negativa e guarda de volta.

— Sem comida e bebida hoje? — sondo, surpreso.

Ela nunca nega.

— Até parece, eu vou comer e comemorar com o álcool já, já. Só que primeiro temos que nos concentrar. — Arqueio a sobrancelha aovê-la colocar a mão no peito; inspirar e expirar fundo.

— Sério isso, raposinha?

— Seríssimo! Minha mãe dizia que quanto mais o pedido sair da nossa alma, melhor o universo recebe.

O que eu não faço por essa garota? Obedeço e começo o exercício de respiração, mesmo descrente com a história.

— Acalme os pensamentos e mentalize seu desejo. Assim que terminar o florescimento, ficamos em pé de novo e dizemos em voz alta o que queremos.

Ainda tem que falar com as plantas em voz alta? Que beleza!

Permanecemos em silêncio fazendo o exercício, por cerca de vinte minutos, e tenho que dar o braço a torcer que de feia e encardida a dama-da-noite não tem nada. Se torna realmente uma linda flor — muito mais bonita e cheirosa do que imaginei ao pesquisar na internet da biblioteca por curiosidade.

É como se ela tivesse três camadas: pétalas mais arredondadas no primeiro plano; depois umas pontiagudas na ponta; e por fim folhas que chamei de garras antes, dando o brilho final no fundo.

— É lindo, não é? — Haz comenta, emocionada.

Desvio a atenção para ela e fico imerso na imagem do seu rosto cheio de felicidade, contemplando a flor preferida da sua mãe totalmente aberta.

— A coisa mais linda que já vi — respondo, focado no sorriso que ilumina a sua face.

— Vem, vamos lá fazer nossos pedidos! — Levantamos juntos sem a raposinha perceber a verdadeira intenção das minhas palavras.

Logo que nos aproximamos das trepadeiras, várias mariposas também aparecem, atraídas pelo cheiro ainda mais intenso da planta. O sorriso da Haz se expande e sinto um frio no estômago ao mesmo tempo que meu coração dispara.

Porra, ela é de fato a coisa mais linda que já vi na vida.

— Eu vou começar. — Hazel esfrega as duas mãos ansiosas uma na outra e puxa ar aos pulmões de novo. O sorriso morre um pouco nos seus

lábios, e seu semblante fica mais sério. — Meu desejo é que minha mãe me perdoe por tudo que aconteceu, espero que esteja em um bom lugar agora.

Engulo em seco com a sinceridade crua do seu pedido. Seus olhos se enchem de lágrimas ao terminar de falar e eu não resisto a abraçá-la de lado, pelo ombro – mesmo que a gente nunca tenha feito isso antes.

Um silêncio absoluto paira no ar e Haz encosta a cabeça no meu peito.

De repente, uma mariposa azul voa na nossa frente – a única azul entre várias marrons – e sinto seu corpo tremer sobre o meu.

A raposinha está chorando.

— Não fica triste, por favor — peço, virando-a para mim a fim de encará-la. — Você esperou tanto por esse dia, pense em como sua mãe gostava das damas-da-noite. Fique com as boas lembranças.

— Não é um choro de tristeza, juro... é só... — Coloca a mão no peito e observa o bater de asas da mariposa que está perto. — Azul era a cor preferida dela, acho que... que meu pedido pode ter se realizado.

Embora eu ainda esteja cético, meus lábios se abrem em um sorriso contente pela Haz. Acreditar nesse perdão será muito importante para ela.

— Você é uma garota maravilhosa, tenho certeza que sua mãe nunca achou o contrário.

— Obrigada... não me faça chorar mais. Não quero chorar! — sussurra e limpa as lágrimas com as costas da mão. — O mesmo vale pra você, forasteiro. Apesar de parecer um *bad boy*, no fundo é um bom garoto e seus pais devem estar orgulhosos.

É a segunda pessoa que fala isso hoje, fazendo uma injeção de esperança atingir minha corrente sanguínea. Espero que seja verdade.

— Quero fazer meu pedido agora. Vai que se realiza também... — mudo de assunto para evitar que da alegria a gente passe para a tristeza.

Sinto que se começarmos a falar dos entes queridos hoje, ficaremos muito emotivos e não quero que Haz perca todo avanço que fez nos últimos

meses. Não quero vê-la chorando.

— Se concentra, então, forasteiro... peça de coração.

Olho para a dama-da-noite florescida e, em pensamento, faço o mesmo pedido que a raposinha. Desejo que minha mãe me perdoe e que meus pais estejam juntos e bem onde quer que seja.

Em voz alta, decido dizer a segunda coisa que eu mais anseio ultimamente.

— Meu desejo é descobrir se a Hazel quer o mesmo que eu — declaro em português de propósito para não dar tanto na cara.

— Hã? O que é isso? Só entendi o meu nome.

— Você disse pra falar o desejo em voz alta, não especificou em qual língua.

— Ah, Edu, assim não vale — reclama, emburrada. — É sacanagem, você ouviu o meu. Quero saber qual é o seu. Me dê uma dica...

— Não — responde, divertido.

— Só uma dicazinha?!

— Não.

— Se você não me der uma pista sequer, eu vou... vou... — Dou risada da sua testa franzida pensando em algo bem maquiavélico. — Fazer cócegas em você!

— Você tem quantos anos, Hazel? Quem ameaça com cócegas?

— Quem te conhece bem e sabe que você odeia porque não consegue controlar o riso. Esqueceu que me contou isso, forasteiro? — Merda, tinha me esquecido.

Falamos sobre o assunto quando recordei do único dia na vida que fiquei puto com a minha mãe e não quis falar com ela por 24 horas e 35 minutos. Eu tinha oito anos na época.

— Se você lembra da história, também se lembra do desfecho. Certo? — ameaço, arqueando a sobrancelha.

— Você tem quantos anos, Eduardo? — ela repete a mesma pergunta que eu fiz, perspicaz. — Vai ficar putinho e sem falar comigo por causa de cócegas?

— Garota, às vezes eu tenho vontade de te matar! — brinco, fugindo dos seus dedos ágeis se movendo no ar e se aproximando de mim.

— Dias atrás, você disse que seria capaz de matar por mim, agora quer dar fim na minha vida? A fase de afogarmos um ao outro no lago já passou, não aceito devoluções.

Dou risada do seu comentário e a filha da mãe aproveita o mísero momento de guarda baixa para me atacar. É literalmente um ataque porque foca no meu abdômen sem me dar direito de reação.

Começo a gargalhar e ela vem cada vez mais para cima de mim, rindo e me provocando.

— Me dê uma dica, forasteiro!

Não respondo.

Haz não para as cócegas.

— O que você falou em português? — tenta mais uma vez.

Antes que ela aumente a velocidade dos seus dedos me cutucando, por causa de outro silêncio, eu contra-ataco e forço minhas pernas se moverem para lhe dar uma rasteira.

Ao ver que vai funcionar, seguro sua cintura e giro rapidamente para absorver o impacto da queda com meu corpo por baixo. Nos preciosos segundos que Haz está chocada, assimilando o susto do golpe, mobilizo suas duas mãos em cima do meu peito.

Abro a boca para provocá-la, mostrando como sou mais esperto, no entanto, as palavras se perdem ao perceber que ficamos perto demais nessa posição. Seu rosto está colado no meu, seus seios imprensados em cima da minha mão e suas pernas emaranhadas nas minhas.

A respiração quente dela me atinge, como no dia que a impedi de tirar a roupa, e minha mente fica inebriada de desejo. Haz não ajuda a melhorar, olhando para mim com a pupila dilatada.

Quando se encontram, nossos olhos permanecem absortos por um momento; presos em uma comunicação silenciosa. Puta que pariu, meus batimentos cardíacos começam uma dança única que só pertence a essa garota.

Penso em afastá-la de mim, para evitar que perceba o batuque desenfreado, mas ainda não quero me livrar do seu calor.

— Posso te perguntar uma coisa? — A voz sai tão baixinha que meus olhos se rendem e apreciam o contorno da sua boca.

— Sempre, raposinha.

Ela fita os meus lábios também e eu preciso de todo meu autocontrole para lembrar que só farei algo quando, e se, Hazel quiser.

— Supondo que você acreditasse em sinais do universo, acha que uma pessoa poderia se confundir? Entender uma coisa e, na verdade, não ter nada a ver? — A pergunta chama a minha atenção e eu volto a encarar sua íris castanha.

— Na época que eu passei pela fase dos pesadelos noturnos, meu pai sempre vinha me socorrer e dizia que, quando um sentimento nos domina demais, podemos perder as rédeas e passar a enxergar apenas o que ele quer ver. Se você está com muito medo do escuro, por exemplo, a sombra do guarda-roupa pode facilmente se transformar em um monstro....

— Muito sábio seu pai.

— Ele era — confirmo, saudoso.

Haz não comenta mais nada e desvia o olhar para o lago. Sinto seu peito acima de mim se mover em um suspiro frustrado.

— Algum sentimento está dominando você e te confundindo, raposinha? — sondo, preocupado e ansioso.

Será que tem alguma coisa a ver com a gente? Ou será que ela está se lembrando de algo da sua mãe e estou entendendo errado?

Eu costumo ser observador e esperto com todo mundo à minha volta. Porém, quando diz respeito ao que ando sentindo pela Hazel, pareço o maior dos burros.

— Sim... — a resposta é quase inaudível.

— Qual?

Não há retorno por longos segundos.

— O que está te incomodando? — tento de novo.

Nada.

— Vou te sentar pra gente conversar melhor — aviso a fim de que não se assuste mais.

Solto suas mãos, seguro suas coxas e a ajudo se sentar com o impulso do meu corpo. Uma conversa séria precisa de uma posição adequada, não confio no meu autocontrole com Hazel deitada em cima de mim.

Ficamos de frente um para o outro, com um pouco mais de distância, no entanto, ainda próximos por causa das suas pernas apoiadas no final das minhas coxas. Toco seu rosto com delicadeza e a faço me encarar.

É a primeira vez que temos esse contato também e preciso conter a ânsia dos meus dedos em se render na maciez da sua pele.

— Pode confiar em mim — digo, sério. — Do que você está com medo, minha linda?

Seus olhos brilham com o comentário e as sardas ficam ainda mais visíveis por causa da bochecha corada. Eu já tinha elogiado em voz alta as pintinhas que embelezam seu rosto, mas não ela toda de forma direta.

O que é um erro imperdoável, já que é a mulher mais bonita que conheço.

— Do que estou sentindo... — revela em um murmúrio. — De estragar o que temos.

Caralho, eu estou ouvindo direito? Ela teme o que está sentindo em relação a nós?

Meu coração dá um pico de aceleração tão forte que sinto as batidas reverberarem por todo meu corpo.

De repente, a frase do meu pai volta como um tapa na minha cara. Também estou deixando o medo me dominar. Todas as dúvidas que eu venho tendo e a precaução excessiva são reflexos do receio de ser sincero com a primeira garota que mexe comigo de verdade.

No final das contas, podemos estar os dois perdendo tempo de viver algo incrível por suposições infundadas.

— Meu desejo é descobrir se a Hazel quer o mesmo que eu — repito o que pedi para a dama-da-noite sem desviar do seu olhar.

Se eu já não tivesse certeza que estou rendido nela, descobriria neste momento em que um sorriso estonteante desponta nos seus lábios.

— Sério? — Balanço a cabeça em confirmação e sorrio, tornando o brilho na sua íris mais vívido. — E o que você quer?

— Você — respondo sem nem pensar. — Nunca quis tanto algo na minha vida.

— Edu... — Haz arfa, movendo a garganta devagar. — Eu também quero muito. Mas e se a gente estragar tudo? E se não for o que imaginamos e ficar um clima estranho?

O medo que me bloqueava era avançar um sinal não correspondido. Isso, com certeza, estragaria a amizade que criamos. Agora que eu sei que ela também quer, é como se o temor tivesse sido esmurrado pela força do meu desejo.

— E se a gente não estragar? — devolvo a pergunta. — E se tornar a nossa ligação ainda mais especial? Eu acho impossível não termos química se nos olhamos tão intensamente, conversamos por horas sem parar e rimos

com tanta frequência. Eu tenho mais intimidade com você do que nunca tive com nenhuma outra garota.

— Nem eu com nenhum garoto! — ela garante e uma vibração potente atinge minha corrente sanguínea.

— Se a gente não tentar, nunca vai saber, raposinha. A hora que se sentir pronta, eu estarei aqui ansioso pra mostrar o que podemos ser. É só me pedir...

Haz mordisca o lábio, atraindo minha atenção novamente para o volume cheio e rosado da sua boca.

— Acho que estou pronta pra tentar.

— Agora? — Foco nos seus olhos, tentando captar o que está pensando. Ela balança a cabeça em concordância. — Preciso te ouvir dizer. Tem certeza? Podemos es...

— Me beija, Edu! — ela me interrompe, colocando a sua mão na altura da tatuagem que fiz para os meus pais.

O toque sutil queima a minha pele e faz adrenalina inundar as minhas veias. Haz quer e está sóbria! Sem esperar nenhum segundo a mais, seguro sua nuca e a trago na minha direção cortando qualquer distância entre nós.

— Com todo prazer... — sussurro, umedecendo os lábios.

Roço meu nariz no seu, compartilhando nossas respirações entrecortadas, e sorrio antes de pressionar minha boca na sua sem nenhuma hesitação. Quando ela se abre para me receber, eu me seguro ao máximo para não a assustar com o tamanho da minha impetuosidade.

Fecho os olhos e me movo lentamente no primeiro contato; explorando o calor dos seus lábios, a maciez da sua pele e a textura da sua saliva.

Porra, é muito melhor do que imaginei.

Meu coração acelera ao senti-la se mexer na minha perna, subindo de forma discreta na minha coxa para aproximar mais nossos corpos. O

suspiro ofegante que vem logo em seguida acaba com toda minha intenção de continuar devagar.

Perdido no som que reverbera no meu ouvido, aperto sua cintura com a outra mão e mordisco seu lábio inferior, aprofundando o beijo. Minha língua desliza na sua, pedindo passagem, e não encontra resistência. Muito pelo contrário, é recebida na mesma intensidade.

Em um instante, somos uma pequena chama; e segundos depois nos tornamos um incêndio.

Determinado a nos deixar sem fôlego, infiltro meus dedos no seu cabelo e pressiono os fios, movendo sua cabeça para seguir os meus movimentos. Tomo posse de cada canto da sua boca sem cessar, amando as reações da Haz ao meu ímpeto.

Ela afunda as unhas compridas no meu ombro.

Agarra minha camiseta.

Arqueia o corpo em busca do meu.

Uma sensação indescritível me domina, como se fôssemos duas partes de um quebra-cabeça que se encaixam perfeitamente.

Haz tem gosto de um mar de possibilidades. Felicidade. Como eu nunca mais senti depois da morte dos meus pais. Parece que ela acendeu um interruptor dentro de mim, iluminando a escuridão.

Quando respirar se torna uma necessidade latente, me afasto apenas o necessário para nosso pulmão se preencher de ar, sem deixar minha boca longe dela.

Não consigo largá-la ainda.

Tiro minha mão da sua cintura e contorno seu pescoço com meus dedos, fazendo uma leve pressão, antes de subir mais um pouco e segurar seu rosto pela mandíbula. O som da sua respiração tentando se estabilizar é a porra de uma perdição.

Infiltro meus dedos mais fundo no seu cabelo e inclino sua cabeça até ficar na posição ideal para passar a ponta da língua em toda extensão

dos seus lábios.

— Edu! — A sua voz sai em um gemido rouco que vai direto para o meu pau.

Caralho, eu quero morar nesse momento!

Abro os olhos e o desejo se amplifica na minha corrente sanguínea ao notar sua boca inchada, o rosto vermelho pelo contato intenso e a pupila ainda mais dilatada.

— Linda... — sussurro dentro da sua boca quando a entreabre querendo mais. — Você é meu novo vício preferido.

Restabelecido de ar, e motivado a não deixar a minha garota passar vontade, volto a atacar seus lábios com o mesmo fervor. Dominando os movimentos da sua cabeça, pelo queixo e o cabelo, vou ainda mais fundo como se estivesse morrendo de fome.

Como se pudesse devorá-la.

Perco a noção do tempo, dopado com a sua saliva.

Instintivamente, por causa do tesão que irradia do seu corpo, Haz começa a se mexer ainda mais no meu colo e chega perigosamente perto da minha enorme ereção. Percebo o instante em que sua língua enrijece e os dedos congelam, agarrados na minha camiseta.

Se a gente continuar, ela pode ultrapassar um limite que ainda não experimentou por causa do calor do momento.

Não quero ter pressa. Não com a minha Hazel. Hoje é só o primeiro dia juntos, de muitos que teremos. Já fomos afobados até demais.

Com essa decisão em mente, desacelero gradativamente o beijo para voltar a ser um explorar lento e paciente. Minhas duas mãos vão para o seu rosto e acariciam a sua bochecha enquanto encerro nosso contato com vários selinhos na sua boca.

— Uau! — Haz suspira quando nos afastamos, boquiaberta. Seu semblante maravilhado com a experiência que tivemos me deixa ainda mais feliz. — A química não é um problema.

— Definitivamente, não — concordo sorrindo, e encosto minha testa na sua. Os olhos ficam vidrados um no outro. — E nem vamos estragar tudo, eu prometo. Precisamos apenas ser sinceros a partir de agora, conversar sobre o que sentimos e queremos sem medo. Apesar de esse ter sido, sem sombra de dúvidas, o contato íntimo mais foda que já tive com alguém, no momento que você não quiser mais, eu vou respeitar sua decisão e voltar a ser o garoto pra dividir a vodca, fumar, conversar e rir. Jamais vou me arrepender de ter tentado.

— Nem eu — ela garante decidida, acelerando pela enésima vez na noite meus batimentos cardíacos. — Independente do que acontecer, arriscar nunca terá sido um erro. Mesmo se acabasse agora, ainda assim, teria valido a pena, forasteiro.

— Com toda certeza do mundo, raposinha.

Deixo um beijo suave na sua testa e Haz se apoia no meu peito, descendo a cabeça até se encaixar no vão do meu pescoço. Subo uma mão até os fios ruivos e movimento os dedos no couro cabeludo, devagar desta vez, em uma carícia relaxante enquanto a outra afaga suas costas.

Nunca algo pareceu tão certo como isso.

Ela. Nós.

Terei que rever meus conceitos sobre o que eu acredito. Às vezes, o universo pode realmente conspirar para realizar desejos que a gente nem imaginava que precisava tanto.



“Tive a porra de um pesadelo em que você veio me visitar com o Caleb. Estava com um diamante enorme no dedo e avisou que ia se casar. Raposinha, tem noção de que beijou aquele convencido de merda na minha frente? Nunca acordei suando tão frio como nesta manhã. A verdade é que, mesmo que seja para o seu bem, nunca vou me acostumar a te ver com outro.”

Trecho da carta nº 639

*Eduardo Barrett
Presente*

Bom dia, Leslie. Como foram as entrevistas de ontem?

Digo a pergunta e encosto na bancada atrás de mim, ouvindo ao fundo a panela de pressão cozinhar o frango que irei usar daqui a pouco para fazer uma galinhada no almoço. Geralmente, eu sou o primeiro a chegar e o último a sair do restaurante. Venho cedo para adiantar alguns preparos antes da equipe iniciar o expediente.

Os pontinhos não demoraram a aparecer, mostrando que está online, e logo vem a resposta.

***Bom dia, Edu. Ela recebeu duas negativas.
Tem mais uma entrevista agora de manhã.***

Desde o dia que a Hazel me viu machucado da luta, um mês e meio atrás, Leslie tem sido meu único elo com ela. Toda a mínima tolerância que teve no início foi cortada. Se a vi pessoalmente uma dezena de vezes em todo esse tempo foi muito. Haz percebeu os horários de maior movimento em casa e nos evita a todo custo.

Tuck e Kieran ela ainda cumprimenta de forma rápida quando encontra, eu sou ignorado com sucesso. Estou muito incomodado com a sua nova percepção sobre mim, morrendo de vontade de me reaproximar, mas travo uma luta diária para deixá-la em paz.

Foi o que me pediu desde o começo, e preciso respeitar.

Manter distância da sua imagem física, no entanto, não significa me afastar totalmente. Para não ficar ainda mais disperso do que ocorreu na primeira semana após seu gelo, fui atrás da mãe do David, expliquei por cima nossa situação e pedi que me atualizasse sobre ela a fim de que eu pudesse ajudar de alguma forma na sua adaptação na cidade.

A imagem da Haz triste caminhando na calçada ainda acaba comigo.

Por sorte, Leslie me conhece há anos, gosta de mim devido à relação com seu filho no projeto social e não se negou. Já tinha seu celular e começamos a trocar mensagens todo dia bem cedo, durante o momento que está no metrô indo para o trabalho.

Pessoalmente poderia chamar a atenção da Hazel e eu não quero que perca a confiança na amizade que está construindo.

Algum avanço com a questão dos bolos e doces?

Haz conseguiu um emprego temporário mês passado, no entanto, a vaga só durou 20 dias e depois ela foi dispensada. Infelizmente, a pequena experiência adquirida não tem ajudado em novas oportunidades.

A mãe do David me contou semanas atrás sobre a ideia da Annie de fazer bolos e doces para vender e, desde então, estou repassando informações para que tente convencê-la a ir por esse caminho.

Seria a chance ideal, devido à sua necessidade, de retomar algo que ama.

Vendemos em três plataformas online aqui no Clarissa's e compilei dados de todas elas sobre cadastro, preços e modelos de entrega delivery. Também organizei o passo a passo de como efetivar a legalização desse serviço pela legislação de Phoenix.

Nesses aplicativos mais famosos ela não vai conseguir se cadastrar sem estar com essa parte em dia. No início, será mais fácil usar as redes sociais e participar de sites com classificados de vendas para que os clientes possam fazer encomendas informais direto com ela.

Fiquei tão empolgado que montei até uma planilha de gastos iniciais básicos e pedi para a Leslie oferecer dinheiro emprestado para a Hazel a fim de não achar que vai sobrecarregar a irmã. Se aceitar, repasso com o maior prazer o que for necessário.

*Ela disse que, se a entrevista de agora cedo falhar, vai tentar.
Não podemos confiar 100% porque falou isso na semana passada e desistiu.
Mas acho que realmente está chegando no seu limite físico e mental.*

Hazel está indo cada vez mais longe nas redondezas para tentar um emprego. Quando percebi que a fobia ainda não foi superada, dei uma bicicleta do Kieran que estava parada há meses para Leslie entregar a ela e facilitar pelo menos um pouco mais seu trajeto.

A questão mental infelizmente é mais difícil de amenizar.

Além do estresse com a família e o ex-marido, meu filho me disse, como um observador distante devido ao afastamento da Naomi, que a garota continua cabisbaixa e que a experiência com o time de futebol não tem sido boa.

Ele está a um fio de desobedecer ao pedido da filha da Haz e tentar se reaproximar para que se sinta um pouco melhor. Não posso culpá-lo por isso.

*Você conseguiu convencê-la de fazer algo no sábado?
Vai ser péssimo passar o aniversário sozinha em casa.*

O primeiro jogo da temporada será no fim de semana e o time vai precisar viajar. Sem a filha por perto, a data se tornará um borrão, como foi no ano em que me mudei para Sedona.

Antes da mãe partir, Hazel me confessou durante nossas conversas no lago que amava aniversários. Nunca tivemos a chance de comemorar juntos o seu; e eu que nunca liguei recebi uma celebração incrível aos 17 anos.

*Com muitooooo esforço, estou convencendo!
Se tudo der certo, vamos no El Mago.
Eu ganhei um ingresso VIP com consumação na faixa.
Disse pra Haz que será meu presente de aniversário e não aceito devolução.*

O *El Mago* é um bar mexicano com música ao vivo, que foi inaugurado no começo de setembro a cinco quadras do nosso prédio. Eu escutei uma das funcionárias do restaurante dizendo que foi lá na semana passada e nunca tinha visto um lugar tão cheio de homens “quentes e disponíveis”.

Os americanos são reservados em lugares públicos, já os latinos adoram muito mais contato.

De repente, a imagem de Hazel com outros homens aperta o meu peito e traz um gosto amargo na minha boca. Mal aguentava imaginá-la com Caleb, pensar em uma fila de interessados conseguindo tocar nas suas curvas deliciosas, é um martírio enlouquecedor.

*Espero que se divirtam!
Ela merece demais uma folga de tanto estresse.*

Independente do quanto isso me afete, não consigo deixar de desejar o melhor à Haz. Se ela precisar e quiser estar com outros, cabe a mim aceitar e continuar na sua vida apenas à distância.



— Pai, tem um cara querendo falar com você lá no salão. — Kieran para ao meu lado, eufórico, como há dias não o vejo. — Ele disse que é jornalista em Los Angeles e pode te ajudar contra o Kober.

Ajudar contra aquele desgraçado? Porra! Até que enfim uma boa notícia.

— Vai com ele para o escritório, estou indo em instantes. — Já passamos do horário de pico, porém, prefiro conversar desse assunto em particular.

Chamo Eric para terminar a massa que estou fazendo para o jantar, dou instruções breves a dois ajudantes e tiro meus acessórios, me limpando rapidamente. Passo pelo salão com pressa e vou direto para a área dos fundos, onde mantemos uma pequena sala para resolver questões administrativas ou conversar com fornecedores.

Não é de se admirar a minha ansiedade.

O processo para o pedido de retirada do nome e da imagem do meu pai do instituto ainda segue, mas mesmo com as minhas tentativas de expor o caso na mídia, não tive tanta visibilidade como eu queria e o andamento está lento.

O filho da puta do Kober é bem assessorado e conseguiu minar minha abertura com vários jornalistas, depois de espalhar minha má reputação como agressor, presidiário e praticante de extorsão. Ninguém quer dar palco para um malandro.

O desgraçado está fazendo exatamente o que eu pensei: reverteu o pouco espaço que obtive em simpatia para ele, como vítima.

Cheguei até a conversar com os meus avós paternos, porém, não deu em nada. Também me consideram um caso perdido, sem fazer ideia de quem sou hoje. Acreditaram na mentira que estou fazendo isso como represália por ter tentado pegar dinheiro do nobre político.

Assim que entro, vejo um jovem que deve ter saído da universidade há pouco tempo sentado no sofá perto da janela. Peço para que Kieran volte

ao salão, já que mandei Tuck ir embora porque estava com dor nos joelhos, e me aproximo do jornalista.

— Meu nome é Alan Breck, muito prazer! — Apertamos as mãos e eu me acomodo ao seu lado. — Sou o proprietário do podcast *Alternative fact*, referência na Califórnia em investigação jornalística.

Nunca ouvi falar, mas sei por causa do meu filho, que podcasts são a nova tendência de comunicação. Se ele conseguir me dar visibilidade, pouco me importa sua idade ou o veículo que trabalha.

— É verdade que pode me ajudar? — vou direto ao ponto, ansioso para barrar o idiota do Kober.

— Só depende de você, eu estou mais do que disposto a desmascarar aquele pilantra. — Ele ganha toda a minha simpatia pelo tom de desprezo na voz.

— Então, somos dois.

Breck me explica que estagiou na área de comunicação da prefeitura de Los Angeles, quando Kober estava no segundo mandato. Durante o levantamento de dados para uma campanha publicitária dos investimentos feitos na sua gestão, ele percebeu que alguns números não faziam sentido.

Coisas com um preço x de mercado, superfaturadas em um preço y nos arquivos documentais. Não me surpreendo nem um pouco com isso, nunca acreditei na sua fachada de bom moço.

Assim que notaram que o estagiário estava de olho nos dados, muito além do que lhe foi ordenado, armaram uma situação no gabinete para que o jovem fosse demitido e ainda acusado de roubo de bem público.

Ele não chegou a sofrer um processo, porque o generoso prefeito não denunciou oficialmente, mas nunca mais conseguiu nenhum emprego na área de jornalismo na cidade. Por isso, acabou criando o podcast independente.

Desde então, entre os demais casos que investiga para o seu programa, nunca desistiu de tentar provar o mau caráter do político.

E olha que Kober tem uma lista de contravenções. Fora a corrupção dentro da prefeitura, lavagem de dinheiro, sonegação fiscal na fábrica de congelados e até mesmo assédio de mulheres que trabalharam para ele.

O problema é que Breck chega perto e o filho da puta sempre descobre, dando um jeito de se livrar de provas e calar qualquer um que tente denunciá-lo.

— Eu demorei a te procurar porque queria descobrir se era um malandro como disseram, ou um homem como eu puto com aquele babaca. Seja neste restaurante, no projeto social que é voluntário ou na sua vida pessoal, não encontrei nada que o desabone. Há anos, você é tranquilo e focado. A única parte duvidosa da sua vida são aquelas lutas clandestinas.

— Caramba, ele realmente é bom em investigar. — Com o seu caso, não temos nada para incriminá-lo, infelizmente, no entanto, podemos impedir que ganhe um cargo ainda maior no Estado e continue abusando do seu poder. Acredito que, como você o odeia há tanto tempo, caso ele descubra e queira te comprar ou ameaçar, não há nada que te faça desistir de entrar em um podcast ao vivo pra milhares de pessoas e relatar nos mínimos detalhes tudo que aconteceu no seu passado.

— Não mesmo, eu vou com prazer!

— O meu objetivo é fazer um grande levantamento de material sobre a história da sua família e como eram queridos na comunidade. Vamos colher depoimentos de pessoas que participaram da sua vida antes; e quem ateste sua idoneidade agora. — Não tenho contato com mais ninguém de Los Angeles, no entanto, acredito que não seja difícil achar essas pessoas. A maioria deve estar no mesmo bairro. — Farei um paralelo de onde Kober veio para mostrar que, foi a partir da união com a sua mãe, que começou a ter mais visibilidade e dinheiro. Ele explorou uma viúva deprimida e, após a sua morte, deu um jeito de despachar o único filho e herdeiro para se dar bem.

— O problema é a lábia do Kober, ninguém desconfiava das suas intenções antes. Os entrevistados do passado não vão falar nada contra ele.

— E quem disse que vou citar o nome do Kober? O foco com as entrevistas é mostrar como a sua família era querida e como você era um

bom garoto. Vamos destruir essa imagem de malandro e construir a de um órfão, que ficou desesperado porque a mãe não foi socorrida a tempo e morreu dormindo ao lado do padrasto que não fez nada.

— Você acha que vai dar pra justificar a minha prisão, que ele vem tanto frisando?

— Você só foi preso porque foi tirado da sua casa no dia do enterro da sua mãe e levado para outro Estado ao não conseguir conviver com o padrasto. Que atire a primeira pedra quem nunca fez merda na adolescência.

— Breck é bom, tenho que admitir que estou surpreso. — O seu caso foi grave, não estou ignorando isso. Contudo, você era apenas um garoto triste, que perdeu quem mais amava, e encontrou o caminho errado na bebida. Não é mais essa pessoa agora, a maior prova do seu caráter é que fez seu processo de reabilitação do álcool dentro da prisão tamanha sua força de vontade.

— Quando você quiser gravar, estarei mais do que disponível.

— Para que o podcast tenha sucesso, na missão de atrapalhar a campanha eleitoral, precisamos gravar no finalzinho de outubro. São necessários alguns dias pra proliferar na internet, porém, não tempo demais para que Kober consiga reverter de novo com seu vitimismo. Vou usar esse tempo até lá para conseguir o material de apoio.

Essa gravação pode não ajudar tanto no processo judicial, mas, como bem disse o Breck, pelo menos Kober também perde e não tem acesso a ainda mais poder. Se o programa estourar de audiência, talvez outras pessoas apareçam para contar histórias sobre ele e, finalmente, algum dos seus crimes sejam comprovados.

Para quem esperou tantos anos, eu posso aguardar mais um pouco e comemorar essa pequena vitória.



“Estou me obrigando a parar de imaginar, antes de dormir, que nada aconteceu e sou apenas um garoto irresponsável ao lado da garota mais incrível que já conheci. Tem dias que demoro horas pra pegar no sono por causa disso, mas passei da metade da pena e Tuck disse que tenho que começar a encarar a realidade que me espera. Aos poucos, vou ter que aprender a deixar você ir, raposinha.”

Ps: algo dentro de mim acredita que, mesmo que eu me esforce muito, isso nunca vai acontecer

100%.

Trecho da carta nº 664

Hazel Waters
Presente

Xingo a televisão, inconformada que o time da Naomi acabou de perder a chance de vencer o jogo, porque a capitã fominha resolveu enfrentar três zagueiras adversárias, ao invés de cruzar a bola para a minha filha, que estava em um ótimo ângulo no canto esquerdo.

Claramente é um boicote à menina. Se não vai na raça buscar espaço, ninguém colabora. Eu estava esperançosa que a implicância ficaria apenas nos treinos. Em campo, durante uma partida oficial, uma verdadeira equipe faz de tudo para vencer.

Infelizmente, estava errada.

Meu coração fica apertado ao acompanhar uma experiência que seria incrível para a minha filha, se tornar algo tão desafiador. Naomi está sendo forte e tentando seguir em frente, no entanto, vejo nos seus olhos como anda triste.

A treinadora Fisher está ciente dos problemas, mas por enquanto, dar esporro nas alunas não está funcionando. Tem três jogadoras mais influentes, em especial a capitã, que convencem as outras a entrarem nessa onda de isolamento. Não tem como deixar todo mundo no banco, e jogar apenas com uma atacante.

O juiz apita o final da partida e eu me levanto da cama irritada pelo empate, pegando o meu celular em cima da cômoda para mandar uma mensagem a ela. Minha filha não vai poder ver agora, porém, sempre faço isso quando joga em outras cidades e acompanho apenas online.

É a forma que tenho de mostrar que a apoio e a prestigio. Naomi respeita minha questão de andar em veículos fechados, e nunca pediu que eu fosse. Assistia presencialmente aos jogos que aconteciam em Sedona, e agora irei ver todos que forem aqui em Phoenix.

Hoje eu até cogitei pagar alguém para me levar de moto, porque foi o primeiro jogo da temporada, no entanto, só de me imaginar na estrada à noite fiquei com calafrios. Naomi insistiu que era desnecessário sofrer à toa e gastar um dinheiro alto que não temos. Ainda implorou que eu fosse aproveitar meu aniversário com a Leslie no tal *El Mago*.

Ela me deu de presente um ingresso VIP com consumação na faixa, que ganhou de uma amiga que está saindo com um dos sócios.

Sinceramente, meu ânimo para ir é zero.

Só aceitei porque Leslie tem sido um anjo na minha vida e não quero ser mal-agradecida por tentar me animar. Além de me arrumar um emprego temporário, que infelizmente durou pouco e não me ajudou a encontrar um fixo; deixou a sua bicicleta comigo por tempo indeterminado, compilou um mar de informações para que eu me empolgasse em vender bolos e doces online e até emprestou dinheiro a fim de comprar o básico do básico em equipamentos e ingredientes para começar.

Ir por esse caminho também não estava nos meus planos. Eu tentei postergar ao máximo, só que diante de tantas semanas frustradas, não posso mais ficar sem fazer nada.

Vou produzir alguns cupcakes e brownies amanhã e ver como saem a partir de segunda-feira. Leslie está tão empenhada que criou uma página para mim em um novo guia de produtos e serviços da cidade, onde posso contratar entregadores parceiros direto por ele, além de um canal no Instagram e perfis em classificados.

Apenas se realmente der certo, investirei em formalizar o negócio e entrar nas grandes plataformas de delivery. Tenho medo de gastar demais com isso e ser outro fracasso. Já estou ferrada para pagar o que devo a Annie e a Leslie.

Minha irmã, inclusive, ficou brava por não ter pedido a ela mesmo com uma nova exposição vindo aí. Minha amiga disse que esse dinheiro estava na poupança do David para a faculdade, que só será usada daqui a uma década. Claro que não pretendo abusar, só que o prazo maior me deixou mais calma. Não quero que Annie pare de investir nas suas coisas, e fique apertada, de tanto me repassar quantias e mais quantias semanais.

Mando a mensagem para Naomi, desligo seu notebook e a TV, que ela deixou conectado para assistir melhor ao jogo, e saio do seu quarto indo direto para o meu.

Está ficando tarde e eu preciso tomar banho e me arrumar para não me atrasar. Vamos sair às nove e Leslie que me perdoe, mas no máximo à meia-noite, pretendo estar de volta em casa.



Já são 23h30, acho que posso começar a me despedir mesmo que a caminhada até o prédio não passe de dez minutos. O bar é legal, Leslie está adorável como sempre, querendo me animar, e sua amiga é muito simpática. Mas me sinto como um peixe fora d'água.

O lugar está lotado de homens e mulheres bem-vestidos, que vieram para dançar, flertar e beber. Além do meu look simples, com calça jeans de cintura alta e uma blusa manga preta, com gola em V; não estou no clima para nada que oferecem.

No âmbito da dança, eu não faço isso desde a adolescência. Caleb odeia e, nas poucas vezes que saímos juntos sem a Naomi, passamos longe dessa área. Flertar, então, eu nem sei mais como fazer. Se depender desse dom, continuarei por um bom tempo me divertindo apenas com meu vibrador.

Depois que passei pela reabilitação na adolescência, fiquei anos sem beber. Só voltei a ingerir alguma coisa por volta dos 30 e sempre com baixo teor alcoólico. Hoje tomei dois drinks pequenos, intercalados com uma porção de bolinho de frango, e já não quero mais nada.

— Leslie, eu já vou indo, tá bom? — Cutuco minha amiga, falando alto no seu ouvido para me escutar acima da música ao vivo. — Quero estar em casa quando a Naomi chegar.

— Ela só deve chegar lá pela uma da manhã, fica mais um pouco, Haz.

— Estou cansada e estressada por causa do jogo, quero relaxar um pouco pra acordar disposta pra cozinhar.

— Só vou te liberar porque amanhã é um dia importante e quero mais docinho pra comer. — Leslie experimentou algumas receitas que fiz de teste ontem e lambeu até as panelas. — Vou com você em casa e depois volto pra cá.

— Até parece, não precisa! É perto e ainda está cedo, eu vou sozinha.

— Tem certeza, Haz? Posso te acompanhar.

— Olha o tamanho do seu salto, mulher?! — Olho para baixo e aponto para a sandália enorme. — Não tem necessidade nenhuma disso.

— Me manda mensagem assim que estiver no apê, então.

— Pode deixar. — Dou um abraço nela e acaricio seus belos cachos.

— Obrigada pelo presente de aniversário e por tudo que tem feito.

— Gostamos muito de você, Haz, só queremos te ver bem.

— Também gosto muito de você, da sua mãe e do David. — Ela se afasta do contato e sorri para mim. — Nos vemos amanhã!

Me despeço da sua amiga e sigo em direção à saída me desvencilhando das dezenas de corpos agitados, se movendo no ritmo da música. Passo pela portaria e caminho pela calçada, ainda com pequenos grupos de pessoas do lado de fora.

Quando chego à esquina e estou prestes a contorná-la para seguir na rua reta que leva ao prédio, um homem esbarra com tudo em mim, derramando um pouco do líquido do seu copo na minha blusa.

Pelo cheiro, é álcool e dos fortes.

— Me desculpa, linda. — Sua voz está arrastada. — Foi sem querer, eu me distraí com o celular.

Ele sorri de forma exagerada, e me mostra o aparelho com a tela ligada. Tento me afastar do seu corpo, mas paraliso ao me assustar com a sua mão acima do meu peito, onde a bebida caiu.

— Deixa eu te ajudar, linda.

— Não quero sua ajuda. — Tiro a sua mão de mim e dou um passo para trás. — Me dê licença.

— Eu limpo tudinho, linda. — Tenta de novo, se reaproximando. — Vem aqui, que eu cuido de você.

Cogito seriamente dar um chute nas suas bolas, no entanto, não tenho tempo suficiente para agir porque o louco se joga para frente, em cima de mim mais uma vez, e me faz torcer o pé com um passo em falso na tentativa de manter o equilíbrio.

Puta merda! Sinto a fisgada no tornozelo no mesmo instante.

Apoio a mão na parede ao meu lado e o cara não desiste de me seguir.

— Tira a porra da sua mão de cima dela, agora! — A voz grave faz um arrepiar percorrer toda a extensão da minha coluna.

Eduardo.

Acompanho com o olhar ele parar do meu lado, com os punhos cerrados, pronto para socar o homem se não o obedecer. Acho que a única coisa que o impediu de não ter feito isso assim que chegou é porque estou perto demais.

Ele fez muita merda comigo e minha família, só que sinto de coração que se arrepende de ter perdido o controle durante uma briga e me acertado uma cotovelada no rosto na noite que nos separamos.

Eu não lembro de praticamente nada daquelas últimas horas, mas acredito nas suas palavras quando nos falamos pela última vez, antes dele ser transferido. Foi o que mais pareceu sincero de tudo que me disse, aliás.

Se eu tivesse o mínimo de senso, e de juízo, deveria odiar essa postura de macho alfa que me faz lembrar tanto do *bad boy* que conheci na adolescência. Só que, para o meu completo desespero, era uma das coisas que secretamente mais achava sexy nele.

No passado, eu gostava quando ficava com ciúme e tinha uma necessidade absurda de me tocar, como se precisasse ter certeza que eu ainda era sua.

Claro que agora não é ciúme, ele é casado e tem uma vida... Inferno, nem deveria estar pensando essas coisas!

— Eu não vou falar de novo, cara. Vaza de cima dela!

Talvez pelo tom sério, ou os dois palmos a mais que Eduardo tem em relação ao idiota, ele não paga para ver e obedece. No instante que está longe de mim o suficiente, é arrastado pela camisa para sumir da minha frente.

Tento mover o pé machucado e um murmurio de dor escapa da minha garganta. Merda, acho que inchou. Minha bota está ficando apertada.

— Espera, deixa que eu te ajudo. — Antes que eu me dê conta, Eduardo está de volta e se ajoelha, tocando na minha perna.

Deus, ele se ajoelha.

Toca em mim!

Meus malditos batimentos cardíacos disparam sem que eu tenha nenhuma chance de controlá-los.

— Não precisa fazer isso.

— Pode ter sido uma entorse, me deixa dar uma olhada. — Ele levanta a cabeça e foca no meu rosto. Só então reparo que está de calça e blusa de moletom. Pelo cabelo um pouco molhado, acho que estava correndo. — Por favor.

O “por favor” me desarma. Isso e o fato de eu saber o que é uma entorse porque a Naomi já sofreu uma lesão assim antes e ficou duas semanas de molho.

— Merda, só me falta essa! — a reclamação escapa em voz alta.

— Eu estava do outro lado da rua quando você pisou em falso, à distância não pareceu que o pé torceu muito. É possível que tenha sido apenas um estiramento dos ligamentos, sem a ruptura. — Ele toca no zíper lateral da minha bota de cano baixo, e volta a olhar no meu rosto. — Posso dar uma olhada?

Aceno com a cabeça e engulo em seco com a visão do seu corpo enorme, abaixado na minha frente e tirando meu sapato com uma delicadeza que não combina com suas mãos grandes.

Apoio meu corpo na parede e ele pega o celular do bolso, ligando a lanterna para enxergar melhor.

— Inchou um pouco, mas a notícia boa é que não tem roxos na região do tornozelo. Poderia ter rompimento de vasos sanguíneos.

— Menos mal!

— Tudo bem se eu mover um pouco o seu pé? Se houver um movimento anormal da articulação do tornozelo, é melhor ir ao médico pra ter certeza que pode ser tratado em casa.

Só me falta ter que encerrar a noite do meu aniversário de 35 anos com uma conta inesperada no hospital. Solto um suspiro resignado e

autorizo o teste. Fico tão desanimada com essa possibilidade, que meu corpo nem assimila, como faria em outra situação, os seus dedos resvalarem nos meus ao pedir para segurar a lanterna do celular na sua direção.

Eduardo começa a fazer pequenos movimentos e me pergunta a todo momento o grau de dor que estou sentindo. É desconfortável e incomoda, mas não em excesso.

— A sua sensibilidade ao toque não parece grave, acredito que seja mesmo um estiramento dos ligamentos, sem a ruptura. Talvez hoje, você possa colocar gelo e repousar em casa, e amanhã se não der uma melhorada, aí sim procura o médico. — Seu tom é tão paciente e cuidadoso, que parece que percebeu que eu fiquei balançada com a questão do hospital.

— Certo. — Esfrego a mão no rosto, afastando esse e quaisquer pensamentos inoportunos com Eduardo. — Coloca a bota de volta pra mim, por favor.

Não sei como vou fazer para andar até em casa, são umas cinco quadras de distância.

— É melhor deixar o pé livre, a bota vai apertar o local e aumentar o inchaço. Você também não pode caminhar. Posso buscar uma bicicleta pra te levar na garupa. Ou se, ainda for uma possibilidade pra você, tenho a minha moto. Tudo bem andar na moto?

Como ele sabe que ainda não consigo andar em veículos fechados? Talvez tenha me visto entrando e saindo do prédio, pelas janelas da sua casa com a bicicleta da Leslie, e deduzido.

Tenho fugido dele a todo custo, para evitar qualquer contato, nas últimas semanas.

Tudo isso para o destino colocá-lo no meu caminho quase meia-noite e ser o único que posso contar para voltar para casa. É muito azar! Devo ter sido uma pessoa horrível na última encarnação.

— Pode ser a moto. — A minha vontade de negar a sua ajuda paira na ponta da língua, porém, tenho ciência de que será mais estressante tentar resolver de outra forma.

Fora a minha amiga, alcoolizada neste momento, e a minha filha em outra cidade, as únicas duas outras pessoas no meu círculo são uma criança e uma senhorinha. A essa hora se tentar pedir um Uber só vai aparecer opção de carro.

— Vou em um instante e já volto. — Ele entrega a bota na minha mão, eu devolvo seu celular e ele se levanta. — Não é bom ficar sozinha aqui na esquina.

— Eu ainda sei me cuidar, forasteiro. — O vislumbre de um sorriso desponta no seu rosto ao me ouvir usar o apelido antigo.

Droga de sorriso!

— Tenho certeza que sim, mas para evitar que tenha que chutar as bolas de alguém, e forçar ainda mais seu tornozelo, seria muito útil a presença de uma companhia. Pede pra a Leslie esperar com você um minutinho.

— Como você sabe que vim com a Leslie? — Arqueio a sobrancelha, atenta no seu semblante.

O sorriso que estava para nascer no seu rosto morre e Eduardo movimenta a garganta sutilmente antes de responder.

— Eu vi vocês saindo juntas mais cedo do meu apê.

É possível que seja verdade, no entanto, estranhamente fico com a sensação que é mais uma das suas mentiras.

— Vou mandar uma mensagem pra ela — digo para cortar o assunto e motivá-lo a ir logo buscar a moto.

Quanto antes essa interação indesejada terminar, mais rápido posso voltar para o mundo em que continuo ignorando que o meu vizinho foi o único homem que já amei na vida.



“Peguei um livro de suspense policial na biblioteca pra distrair a cabeça, e cumprir minha meta de diminuir o fluxo de pensamento em você, mas adivinha o que aconteceu? É sério, tem que rir pra não querer matar um. Do nada, a história que era de um bandido fugindo da polícia começou a descrever um caso de amor tórrido do anti-herói. Detalhe: ele escreve cartas pra ela. É foda, raposinha. Parece que o universo conspira pra me trazer você.”

Trecho da carta nº 691

Eduardo Barrett
Presente

A minha frequência cardíaca não quer desacelerar de jeito nenhum. Começou quando eu estendi a corrida mais do que o trajeto normal, e está piorando a cada momento de interação com a Hazel.

Sem falta, tenho que me lembrar de marcar um médico. Se precisava fazer um check-up antes, a necessidade aumentou agora que meu corpo inteiro parece entrar em pane ao seu lado.

Eu tentei ir direto para casa tomar um banho e esperar o Kieran voltar da viagem que fez de carro para assistir ao jogo da Naomi. Com muito esforço, segui o trajeto até lá e subi para o meu andar. O problema foi que, assim que deixei a mochila no aparador e fiz um carinho na Bailey, uma vontade incontrolável me dominou.

Inventei uma desculpa para o Tuck, que claramente desconfiou de mim, e voltei a correr nas proximidades do *El Mago*. Foram voltas e mais voltas no quarteirão, que estavam parecendo uma loucura sem sentido, até que eu a vi tentando se esquivar de um bêbado em cima dela.

Enxerguei tudo preto e atravessei a rua sem sequer observar se estava vindo algum carro. Precisei de todo meu autocontrole para não chegar dando uma bicuda no babaca.

Tocar a sua pele de novo causou um frenesi no meu estômago e cheguei a ficar preocupado com a velocidade dos batimentos no meu coração. O curto trajeto de moto, que eu fiz bem devagar para não a assustar, foi outra tortura mesmo que Hazel se mantivesse longe do meu corpo como se fosse sua missão de vida não encostar em mim.

A ironia do destino é que estamos no primeiro andar do prédio, e só neste instante, nos demos conta que o elevador está em manutenção desde ontem à tarde.

Quando subi os três lances de escada minutos atrás, igual um foguete para buscar a chave da moto, a última coisa que eu lembrei foi que se tornaria um grande problema logo que voltasse.

— Uma encarnação é pouco. — Hazel esfrega o rosto, olhando para a porta da escada com raiva. — Eu devo ter sido uma megera por duas, três gerações, no mínimo...

Quero rir e perguntar do que ela está falando, mas a conheço bem e sei que neste momento não é indicado abusar da sorte.

— Pode ir pra sua casa, obrigada pela carona — volta a dizer, diante do meu silêncio. — Eu vou subir a passos de tartaruga, apoiada no corrimão.

— Primeiro, eu não vou deixar você sozinha. Segundo, não pode subir tudo isso de jeito nenhum. Os poucos passos que deu da garagem até aqui já deixaram o tornozelo mais inchado. — Aponto para o local e Hazel solta um murmurúrio de frustração.

Ela recusou que eu a ajudasse como apoio e veio praticamente se arrastando.

— Não posso ficar esperando arrumarem o elevador.

— E se dormir hoje na casa da Leslie? — sugiro, olhando para a porta do seu apartamento, perto de onde estamos. — Ela queria voltar com

a gente, aposto que retorna pra te receber no momento que mandar uma mensagem.

Se a mãe do David e eu não nos policiarmos mais, daqui a pouco Hazel vai desconfiar que tem algo errado. Fora meu ato falho, ao constatar que sabia com quem estava no bar, assim que voltei com a moto, a mulher não parou de sorrir, olhando para nós dois como se não aguentasse mais guardar segredos.

Leslie vive me dizendo que eu deveria me reaproximar da Hazel e dizer a verdade sobre quem a está ajudando tanto. Essa, definitivamente, não é uma opção.

— Não quero estragar a noite dela, e apesar de adorar sua família, vou me sentir desconfortável. Prefiro ir pra minha casa.

— Eu posso carregar você.

— Nem pensar! — Não falei a opção mais óbvia de cara porque eu sabia que iria arregalar esses olhos intensos e me observar assombrada.

— Por que não? Vai ser muito mais rápido e seguro.

— Você não vai me carregar, Eduardo! — reforça, enfática. — Além de não ser apropriado, eu sou pesada, como pode ver.

— Eu posso ver muitas coisas, Hazel, e “pesada” com toda certeza do mundo não está entre elas. — Não resisto a descer o olhar pelo seu corpo, apreciando os seios fartos, a curva da sua cintura e os quadris largos. Porra, gostosa pra caralho! — Eu tenho outro nome para o que vejo. Esse, sim, inapropriado.

Eu não deveria ir por esse caminho. Era a última coisa que eu deveria fazer, no primeiro dia que tenho uma conversa com Hazel, depois de um mês e meio sendo ignorado. Ela me odeia, não confia em mim e acha que sou casado.

Mas deixá-la pensar que não a vejo como a mulher linda e deliciosa que é? Impossível!

Volto a encarar seu rosto e percebo que seus lábios estão entreabertos e a respiração irregular. Puta que pariu! Ficamos imersos olhando um para o outro, exatamente como aconteceu diversas vezes no passado, até que retoma os sentidos e corta nosso contato visual.

— Me desculpa, não queria te deixar desconfortável — digo sincero, com medo de piorar as coisas entre nós. — Prometo te levar em casa e voltar a respeitar nosso distanciamento.

— Certo — Haz concorda, sem me olhar. — Seja rápido, por favor.

— Pode deixar.

Abro a porta da escadaria e a ajudo passar para que eu possa pegá-la no colo. A fim de não deixar o clima ainda mais carregado, uso todo meu foco na missão de esconder como tocá-la desse jeito mexe tanto comigo.

Deixo seu tronco e sua cabeça para o lado direito a fim de que não se espante com a aceleração do meu coração.

Respiro o mínimo possível para não aspirar seu cheiro e acabar soltando algum murmúrio sem querer.

Subo degrau por degrau o mais rápido que posso, em silêncio, e olhando para frente para não ceder à tentação de vislumbrar seu corpo de novo – desta vez tão perto de mim.

Hazel mantém as mãos no seu colo para não me tocar de volta e também só olha para frente.

Assim que chegamos à porta do seu apartamento, eu a desço no chão e fico esperando que pegue a chave.

— A Naomi está em casa? — pergunto, mesmo sabendo a resposta.

Não vou cometer outro ato falho para ela começar a desconfiar que sou um stalker louco que sabe quase tudo da sua vida.

— Não — afirma monossilábica, ainda sem me olhar.

Droga, consegui piorar uma situação que já era ruim. Só não me arrependo porque disse a maior verdade de todas.

— Vou te deixar no seu quarto, tudo bem?

— Não precisa. Pode ir — diz, apressada, abrindo a porta. — Eu me viro daqui.

— Não me custa terminar de ajudar. Você vai precisar pegar gelo pra fazer uma compressa no local também. Se ficar zanzando dentro de casa tudo que fizemos não vai ter adiantado.

— Pode me deixar na sala, então — concorda, inquieta. — Daqui a pouco a Naomi vai chegar.

— Ok.

Eu a coloco sentada no sofá, empilho duas almofadas e ajudo que se acomode com o pé elevado para favorecer a circulação. Mediante a sua autorização, também me apresso a ir à cozinha separar o gelo dentro de um pano úmido para não queimar a sua pele.

— Pronto! — Entrego na sua mão, morrendo de vontade de esticar o tempo ao seu lado, mas ciente de que deu a minha hora. — Se for necessário ir no hospital amanhã, a minha moto está à disposição. Peça pra Naomi mandar uma mensagem ao Kieran. Caso se sinta mais confortável, ele mesmo pode te levar.

Percebi no seu olhar como ficou transtornada dessa possibilidade por causa dos gastos. Tomara que não seja necessário e melhore rápido para que possa começar logo a produção dos doces e bolos.

— Obrigada, Eduardo. — É a primeira vez que me olha nos olhos desde que aceitou que eu a carregasse.

— Não tem de quê. — Pego o meu celular no bolso e confiro aliviado que faltam dois minutos para acabar o dia. Estou em tempo! — Feliz aniversário, Hazel.

Antes que novamente me perca nos seus olhos e cause mais confusão, viro de costas e saio sem ver como vai reagir. Desejo do fundo do meu coração, que nesse novo ciclo da sua vida que vai começar, tudo entre no eixo e ela seja mais feliz do que nunca, ao lado da sua filha.



— Encomenda!

O som da buzina me faz largar a concha, que eu ia usar para experimentar o tempero final do bobó de camarão, e sair apressado até os fundos onde recebemos nossas compras.

— Deixa que eu pego — aviso um funcionário que já estava quase na porta.

Abro um sorriso enorme para o entregador e dou uma gorjeta tão gorda que ele provavelmente não entende nada. Eu estava ansioso demais por isso! Por causa do pé machucado, Hazel não pôde produzir no domingo e acabou atrasando o início das vendas em um dia.

Com cuidado, volto com as sacolas na mão e coloco tudo na bancada. Pego algumas bandejas que já tinha deixado separado e vou tirando os doces das embalagens para confirmar que não estragou no trajeto.

Estão perfeitos e com um cheiro maravilhoso!

Tive que me controlar para não comprar muito e acabar chamando atenção demais logo no começo. Pedi ao todo 31 cupcakes, entre os sabores de *red velvet*, ganache de chocolate, caramelo salgado e limão com framboesa; além de 15 brownies tradicionais.

— Nossa, estão lindos e parecem deliciosos. — Nadine tenta pegar um cupcake, mas dou um tapa na sua mão.

— A prioridade são os clientes, Haz precisa de divulgação. Tem um a mais apenas, de *red velvet*. Eu divido com você. — Não resisti a relembrar o gosto delicioso do bolo que fez no meu aniversário, anos atrás. — Consegui imprimir no escritório aqueles panfletinhos que o Kieran montou?

Leslie tirou algumas fotos ontem para que meu filho pudesse fazer algo atrativo. Foi o Kieran quem criou também a página dela no Instagram e descobriu o novo guia de produtos e serviços da cidade.

Ele é ótimo porque facilita a contratação de entregadores parceiros. Como não está nas grandes plataformas de delivery, ficar chamando prestadores à parte seria trabalhoso para a Haz.

— Sim, já deixei lá no caixa bem visível.

— Ótimo! — Pego o cupcake excedente e dou uma mordida generosa, quase gemendo de satisfação por causa da massa leve e a cobertura suculenta de *cream cheese*. — Caralho, isso está melhor do que eu me lembra.

— Me dá, deixa eu experimentar a outra metade logo! — Nadine pega da minha mão e eu me arrependo imediatamente de ter oferecido. — Por Deus, está divino mesmo!

— Essa quantidade vai ser muito pouco.

— Tenho certeza, Edu! — concorda de boca cheia, engolindo a última mordida. — Por que você não fala a verdade pra ela e se oferece pra revender aqui? Vai te dar menos trabalho.

— Porque ela não ficaria confortável, conheço bem a Haz. Não quero arriscar que recuse. O seu negócio vai dar muito certo, eu nunca duvidei disso, mas ela precisa de um empurrãozinho nesse início pra ser vista.

Se a minha ajuda garantir que ela bombe mais rápido, eu faço feliz da vida.

Só preciso que não dê atenção aos endereços. O guia que o Kieran achou cria um canal direto entre o cliente e o vendedor dentro do próprio site e também já envia os pedidos aos entregadores parceiros. Como é nova aqui e não conhece nada, minha lógica é que só aperte o botão solicitando um parceiro e pronto.

No campo de mensagem, para justificar o pedido e Haz não ficar pensando demais na quantidade, inventei que chamava Jenna e precisava

urgente dos doces por causa de uma comemoração no meu salão. Tentei ser o mais cauteloso possível com todos os detalhes.

— Eu e mais dois ajudantes moramos aqui pertinho do restaurante, Edu. Qualquer coisa, podemos usar nossos endereços — uma das funcionárias se mete na conversa.

Jamais irei me queixar de uma intromissão assim, mesmo que evite me expor com os funcionários. Eles devem estar curiosos por essa comoção toda.

— Isso seria ótimo, a gente pode intercalar pra não gerar um estranhamento caso ela repare nos endereços.

Eu já tinha pensado em intercalar o endereço dos fundos do restaurante, e o da entrada principal, para disfarçar.

— Comigo não vai dar, né? Eu poderia ir direto na sua casa e dizer que fiquei sabendo no prédio, só que ela já me viu com você e desconfiaria.

— Com certeza não, Nadine, porque a Hazel provavelmente acha que somos casados.

— O quê? — Sua boca se entreabre, surpresa. — Por que ela acharia isso?

— Por causa daquele dia que nos vimos a primeira vez, e o Kieran falou para a Naomi que queria apresentar “sua família”. Ela deu entender duas vezes que acredita nisso.

— Agora faz sentido o jeito que me olhou. Por que você não desmentiu?

— Porque às vezes é melhor as pessoas não saberem a verdade e ficarem com a visão que precisam da gente.

Quantas vezes for necessário, apesar do meu incômodo palpável pela sua opinião sobre mim e a vontade que tudo seja diferente, eu me tornarei o vilão da história da Hazel se for o melhor para ela.



“Apesar de te desejar de uma forma profunda e irracional, agradeço todos os dias por não termos ido longe demais. Você iria se arrepender pelo resto da vida e eu não teria sanidade pra lidar com o amor violento dentro do meu peito; mas as lembranças enlouquecedoras do seu corpo fundido ao meu. O que eu tenho na mente já é doloroso o suficiente.”

Trecho da carta nº 708

Hazel Waters
Passado

Coloco a sacola em cima de uma pedra e me inclino para retirar com cuidado o bolo *red velvet* da embalagem plástica que comprei voltando da escola. Até que aguentou bem a viagem e não estragou a decoração com frutas vermelhas e açúcar de confeiteiro.

Espero que Eduardo goste da surpresa, é a primeira vez desde a morte da minha mãe que eu faço um bolo. Meus irmãos quase não acreditaram quando me viram separando os ingredientes na cozinha e, meu pai ficou me olhando uns cinco minutos sem parar, ao chegar em casa e dar de cara com uma bandeja em cima da mesa.

Tive que fazer duas fornadas, e esconder a principal, para disfarçar o real motivo desse milagre.

Confesso que quase desisti da ideia no meio do caminho. Assim que comecei a bater os ovos, subiu uma angústia sufocante no meu peito e foi inevitável não me lembrar da minha mãe. Parece errado demais voltar para esse universo, que tanto me deixava feliz, se ele foi um dos motivos da sua morte.

Só não abandonei o preparo por causa de um ensinamento da própria dona Gina, que gerou a ideia e depois se repetiu na minha mente para motivar a finalização. Ela falava direto para a Annie, o Connor e eu que a melhor qualidade do ser humano é a reciprocidade.

“Pequenos gestos podem fazer toda diferença no dia de alguém que já salvou o seu alguma vez!”

Desde que descobri que o aniversário do Edu é hoje vinha pensando nisso. Ele comentou que nunca ligou muito para a data, mas seus pais sempre cantavam parabéns e depois faziam alguma atividade juntos da escolha do aniversariante – o que, no final das contas, acabava adorando.

Depois que o Rowan se foi, nem o bolo *red velvet* da sua confeitaria preferida em Los Angeles salvava o dia. Acabavam a mãe e ele tristes pela falta de uma presença essencial na comemoração.

Como esse vai ser o primeiro ano sem os dois, não queria deixar passar em branco nem correr o risco de ficar cabisbaixo. Não depois do tanto que me ajudou nos últimos meses.

Acendo uma velinha, coloco em cima do bolo, e guardo o resto de volta na sacola. Assim que está tudo pronto, saio de trás dos arbustos e sigo pela trilha final que leva ao lago. Eduardo já está lá, como eu havia sondado antes, e se vira na minha direção no instante que escuta meus passos.

Se eu achava que tinha presenciado todos os olhares intensos dele, e seus sorrisos mais bonitos antes, estava totalmente errada. Porque, nossa, a forma como me observa e sorri agora é de tirar o fôlego.

Edu começa a vir na minha direção, e eu fico tão vidrada no seu rosto, que esqueço a letra do “feliz aniversário” que pretendia cantar.

— Você está linda — é a primeira frase que sai da sua boca, ainda à distância.

Queria que o dia fosse tão especial que até me produzi um pouco mais. Escolhi um modelo rodado vermelho, com estampa floral branca. É bem fresquinho para esse dia quente de primavera, com alça fina e comprimento acima dos joelhos.

O sorriso se amplia e seu olhar me varre dos pés à cabeça, esquentando a minha pele e acelerando meu coração. Nunca vou me acostumar com os seus elogios; eu fico radiante com cada um, mesmo que já tenha ouvido dezenas de vezes de outros garotos.

Com Eduardo, tudo é diferente.

Quando estamos próximos, antes que tenha a chance de raciocinar o que fazer, ele se inclina, segura meu rosto com as duas mãos e cola seus lábios nos meus. Não é um beijo rápido nem singelo. Sua boca reivindica a minha, avançando com aquela urgência que me deixa sem ar.

Luto com o desejo de soltar o bolo e liberar os meus dedos para se infiltrarem na maciez do seu cabelo.

Duelo com o formigamento que percorre a minha pele e me faz ter vontade de extinguir qualquer mísera distância entre nós.

A cada avançar da sua língua meu coração dispara ainda mais rápido, bombeando sangue a toda velocidade pelas minhas veias. Desde o dia que nos beijamos pela primeira vez, esse órgão trabalha incansavelmente dia e noite.

Ele mordisca meu lábio inferior e o grunhido que sai da sua boca, junto com nossas respirações ofegantes, deixa minhas pernas bambas. Um arrepió percorre minha coluna com o som sexy e sem querer o bolo desliza um pouco da minha mão e bate no seu abdômen.

— Ai, meu Deus, a vela tá acesa — sussurro nos seus lábios, me afastando a contragosto antes de causar um acidente. — Ainda sujou de *cream cheese* sua camiseta. Desculpa, eu me distraí.

— Eu que peço perdão, raposinha. Fiquei tão fora de mim com a sua visão, linda pra caralho nesse vestido e ainda trazendo um bolo de aniversário, que não aguentei esperar pra te beijar. — Uma hora dessas, quem não vai aguentar é meu pobre coração com tanto pico de aceleração diária. Edu passa o dedo na pequena mancha de cobertura da camiseta e leva à boca. — Puta merda, isso está delicioso! Você coloca raspas de limão e laranja?

— Sim, eu gosto de usar pra dar leveza no toque de acidez.

— Sério, está muito gostoso.

— Espero que a massa também esteja, faz muito tempo que eu não cozinho.

— Tenho certeza que estará divina. — Ele toca na minha bochecha e faz um carinho na pele, olhando fundo nos meus olhos. — Você ter cozinhado, apesar de tudo... porra, Haz, significou muito. Obrigado, minha linda.

— É apenas reciprocidade, em agradecimento ao que tem feito por mim. — Sorrio e dou um passo para trás, esticando o bolo na sua direção.

— Assopre a velinha antes que apague e faça um pedido! Aproveite que o universo está conspirando a nosso favor desde o florescer da dama-da-noite.

Edu apaga a chama, abrindo um novo sorriso magnífico só para mim.

— Eu desejo que, se Hazel for um sonho, eu nunca acorde! E se for real mesmo, que não saia da minha vida. Se rolar um pedido extra, também quero que suma com todas as roupas do seu armário e deixe só vestidos.

Dou uma risada alta com seu comentário e caminho ao seu lado na direção do local onde costumamos sentar.

— Você deveria ter cuidado com o que deseja, forasteiro! Eu posso não sair da sua vida nunca mais. O horóscopo é favorável a um relacionamento duradouro entre touro e libra. Vai me aguentar depois do Ensino Médio?

— “*Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas.*” Você me cativou 100%, já era, raposinha.

Citar “O pequeno príncipe” é golpe baixo!

Minha pulsação volta a aumentar e fico com uma sensação gostosa de frio na barriga. Seria isso as famosas “borboletas no estômago”? Agora parece até loucura o medo que tivemos de nos envolver além da amizade,

semanas atrás. O sentimento tem crescido de forma tão intensa e genuína que desejo muito que não seja mesmo passageiro.

Sentamos no gramado, tiro a sacola do braço e separo os utensílios que eu trouxe para servir as fatias. Parada ao lado do Edu, acompanho ansiosa ele pegar um pedaço generoso para experimentar.

— D.i.v.i.n.o! — Um sorriso enorme me invade ao vê-lo soletrar de boca cheia e separar mais uma garfada, empolgado. — Úmido, macio, saboroso... como diria minha mãe, todos os ingredientes parecem em perfeita sintonia. Você nasceu pra isso, raposinha. Espero que um dia possa retomar esse sonho.

— Fico muito feliz que gostou. — Tiro uma mecha do meu cabelo da frente do rosto e ponho atrás da orelha. — Mas não me vejo mais seguindo esse caminho. Vamos deixar essa parte da cozinha para o *chef* Eduardo Barrett.

— Estive pensando esses dias o quanto quero abrir um restaurante com o nome da minha mãe. Tomara que dê certo daqui uns anos e você repense essa possibilidade. Ia ser incrível se a gente trabalhasse junto.

— Se você me distrai aqui, e quase coloco fogo na sua camiseta, ia ser um desastre passar o dia inteiro ao seu lado na cozinha.

Damos risada, imaginando o prejuízo de ter panelas e mais panelas de comida queimada por causa da nossa distração, porém, no fundo do meu peito, há uma pequena parte de mim que ama essa ideia por causa de uma parte em específico.

“Daqui uns anos.”

Apesar de não me enxergar mais na confeitaria, trabalhar com Edu no seu restaurante significaria um futuro ao seu lado.



— Você também vai manter a tradição de me deixar escolher uma atividade pra fazermos juntos, como os meus pais faziam? — Edu questiona divertido próximo do meu ouvido.

Estou sentada no vão das suas pernas, com o corpo encostado no seu, observando as estrelas. Já comemos, bebemos e fumamos nossa cota do dia e agora apenas curtimos um ao outro.

— Depende. O que você tem em mente? — sondo, virando a cabeça para olhar nos seus olhos.

— Você tem que aceitar primeiro.

— Tudo bem — afirmo, apesar do seu semblante gritar “cilada”.

Quero que seu dia seja perfeito.

— Tem certeza? Depois não poderá voltar atrás. — Aceno em concordância e ele me ajuda a levantar em um rompante de animação. Sinto que vou me arrepender em três, dois... — Então se prepare porque vamos, finalmente, nadar nesse lago!

Droga, sabia que ia me arrepender!

Faço uma careta, antecipando na minha mente a sensação da água gelada corroendo meus ossos. Não está calor suficiente para isso ainda, só que Eduardo parece uma criança comentando seu desejo de nadar desde o primeiro dia da primavera.

É como a insistência do burro que aparece no filme Shrek 2, que Annie ama assistir, apertando o replay nessa frase.

Eu já falei para ele ir sozinho dezenas de vezes, porém, Edu me quebrou argumentando que passa muito tempo durante o dia longe de mim. Quando estamos aqui, não quer perder nenhuma oportunidade de aproveitar junto comigo.

Fofó!

Eu devia ter previsto que ia falar isso e negado. Só não vou me arrepender tanto porque o seu sorriso enorme compensa o sacrifício. Eu seria capaz de tudo para manter seu rosto sempre assim, leve e feliz.

— Olha, eu vou, mas saiba que o gelo da água aqui da ponta não é nada comparado ao do fundo.

— Para de ser chorona, raposinha. Eu vou entrar primeiro e, se você der pra trás, amanhã em algum momento do seu dia encontrará uma barata bem asquerosa e voadora.

— Deus me livre e guarde! — Passo a mão no braço, sentindo um arrepião de repulsa. Ele sabe que tenho pavor desse inseto horroroso. — Não vou dar pra trás, eu juro. Mantenha essa coisa bem longe de mim.

— Então vire-se e me deixe tirar a roupa. — Ele ri, girando meu corpo na direção dos arbustos.

Eduardo tem sido muito respeitador desde o nosso primeiro beijo, principalmente, depois que compartilhei que sou virgem, contei das poucas experiências que tive antes e mencionei como a história dos meus pais me inspira a não aceitar qualquer coisa.

Sempre que o contato físico entre nós esquenta demais, ou ele percebe que pode perder o controle, como agora que inevitavelmente meu olhar esfomeado iria varrer o seu corpo, dá um jeito de parar ou evitar.

Todos os dias isso tem acontecido. Todos os dias ele reforça que não quer ter nenhuma pressa comigo.

Esfrego meu peito e suspiro baixo para que não escute, gostando mais dele apenas por lembrar o seu gesto. Edu me confidenciou que já transou antes algumas vezes, então, imagino que seja ainda mais difícil do que é para mim se segurar.

Eu beijei uns garotos da escola e gostei, porém, odiei o jeito que se gabavam depois pelos corredores. Era como seu eu fosse um objeto de disputa e, por isso, sempre acabava me afastando antes de virar algo sério. Tenho ciência de que chamo a atenção pela aparência, só que me deixa muito desconfortável ser vista apenas pelo físico.

Mesmo não sendo tão romântica quanto a minha mãe, é inevitável não desejar algo parecido com o que meus pais viveram.

O policial Waters pode ter uma lista grande de defeitos, ser uma pessoa difícil de lidar, mas algo que não se pode falar sobre si é que não amou de verdade a minha mãe. O motivo da sua personalidade ainda mais intransigente agora, com certeza, é a falta da parte doce da sua vida.

Ela estava prestes a entrar na faculdade quando se conheceram; e ele retornava da academia de polícia. Apesar da fase oposta e da distância, porque minha mãe ganhou uma bolsa em Nevada, acabaram se apaixonando e não desistiram um do outro.

Por quatro longos anos, se viram apenas nas férias e o resto do tempo conversavam por cartas. Os dois se casaram logo depois da formatura, na mesma semana que minha mãe voltou para Sedona.

Ela me disse que só perdeu a virgindade depois do casamento e que tinha sido a melhor decisão que tomou na vida.

Eu não tenho essa pretensão, não acho que é necessário esperar tanto para conhecer alguém mais intimamente. Basta que a pessoa passe confiança que isso é um acréscimo na relação, não o motivo principal.

Edu me transmite essa confiança de uma forma tão carinhosa e intensa, que sinto que podemos avançar um pouco mais dos beijos. Estou ansiosa e pronta para mais um passo. Talvez mais toques e carícias ousadas, até chegar o momento da minha primeira vez.

— Vou entrar e ficar de costas pra você se trocar, raposinha. Não dê pra trás, aumentarei pra duas baratas se fizer isso.

— Para de falar e vai logo, forasteiro! — ralho, dando risada, e ouço passos da sua corrida apressada.

Logo o som dos respingos da água e dos gritos animados invade meus ouvidos. Aposto que ele vai pagar a língua e ficar tremendo de frio em instantes, porém, jamais irá reclamar para não me dar razão.

Seguro na barra do vestido e estou prestes a subir o tecido para me juntar a ele, quando lembro que não coloquei sutiã. A peça tem alças finas e o busto plissado bem justo, que dispensa a lingerie.

— Ai, merda! — o murmúrio sai alto demais.

— O que foi? — Edu pergunta, preocupado, percebendo que meu tom não é na intenção de enrolar. — Se machucou? Ouviu alguma coisa?

Se eu disser que não estou usando sutiã, ele vai sair do lago no mesmo instante e insistir que a gente não precisa nadar por causa do seu medo de perder o controle. Além do fato que eu quero muito lhe proporcionar este momento, também pode ser a oportunidade que precisamos para dar o próximo passo que venho pensando.

Já reparei que ele precisa saber claramente as minhas decisões antes de fazer algo.

— Nada, não, o vestido enroscou no meu brinco — minto, subindo o tecido pela cintura. — Espera aí que já vou.

Inspiro fundo ao passar pelo busto e o tiro de uma vez, notando meus dedos suados e a boca seca. Não é um nervosismo ruim. Meu corpo está ansioso para descobrir o que mais pode sentir com Eduardo.

Assim que estou apenas de calcinha, corro para a água e mergulho para alcançá-lo de costas, em uma profundidade que cobre todo seu abdômen. A adrenalina da minha decisão percorre a corrente sanguínea tão rápido, que em um primeiro momento, meu cérebro nem assimila a temperatura congelante.

— Pode se virar — aviso com a voz baixa e entrecortada, logo que paro atrás dele.

Afasto os fios de cabelo molhado do meu rosto e do meu tórax, segurando o ar por um momento em expectativa.

— Que exagero essa voz trêmula, raposinha, nem está tão fri... — A provocação morre na sua boca quando ele se vira e os olhos cinza que amo cravam nos meus ombros nus.

Em mim, a água cobre exatamente a metade dos seios. Se eu der uma mexidinha para cima, os mamilos ficarão visíveis.

— Haz... — ele chama meu nome sem conseguir desviar seu foco.
— É melhor a gente sair, não precisa fazer isso só porque...

— Eu quero ficar— interrompo seu discurso e dou um passo para frente, tocando no seu peito.

A respiração dele acelera e sinto seu coração disparado acima da minha mão. É muito bom saber que também causo essa reação, assim como tantas vezes faz comigo.

— Não sei se sou capaz de me controlar com essa visão; muito menos, se for tocado por você nesse momento. — Ele tenta afastar nosso contato e eu me mexo na água de propósito para que meus seios fiquem à mostra.

Edu ofega e umedece os lábios, fazendo o formigamento dentro de mim retornar com tudo. Esse jeito de me olhar... nossa, é definitivamente de tirar o fôlego! Tão sexy que poderia esquentar cada gota de água deste lago.

Pensei que a nudez na sua frente me deixaria tímida, no entanto, o calor que sinto no meu rosto nada tem a ver com vergonha. Como tudo que acontece entre nós, isso também parece certo, e a coragem para ser mais ousada vem naturalmente.

— Quero que perca um pouco do seu controle agora.

Assim como aconteceu no nosso primeiro beijo, algo primitivo muda no seu rosto ao assimilar minhas palavras e confirmar o que eu quero. É como se mantivesse a muito custo uma barragem para conter seu desejo, porém, a cada vez que eu me mostro pronta, a represa transbordasse indomável.

Um arrepião, completamente diferente do causado pelo frio, ouriça os pelos do meu braço ao ser puxada pela cintura e pressionada contra o seu corpo firme. Eduardo fecha os dedos no meu pescoço, fazendo uma leve pressão; e sobe até a mandíbula, controlando meu rosto à sua mercê.

Deus, eu fico molinha quando ele faz isso e devora a minha boca – o que acontece neste exato segundo.

O beijo vem ainda mais forte do que o primeiro que recebi no início da noite, causando um frenesi dentro de mim. Nos movimentamos em

sincronia, buscando um ao outro instintivamente. A fricção de pele com pele intensifica o embate das nossas línguas e inicia um segundo duelo tortuoso das nossas mãos.

As minhas avançam no seu cabelo e nas suas costas, arranhando a sua pele a cada nova sensação inebriante.

As deles descem de onde estavam; uma se apoiando na curva da minha bunda e a outra passando perigosamente na lateral do meu seio.

Quando Eduardo desliza um pouco mais para o centro e fecha os dedos compridos em torno de um dos mamilos, minha coluna arqueia para frente e um gemido reverbera da minha garganta, dentro da sua boca.

A reação parece abrir de vez as comportas da represa porque, em seguida, o seu toque que já era intenso no meu corpo se torna insano.

Edu apalpa meu seio com força, em um limite delicioso entre a dor e o prazer, e desliza os dedos até a ponta provocando o bico intumescido. A sequência de movimentos se repete uma, duas... cinco vezes sem parar.

Não satisfeito com a tortura, ele finca os dedos livres na minha bunda e empurra meu quadril diretamente para a sua ereção enorme.

— Edu... — murmuro nos seus lábios, perdida em meio a tantas sensações novas.

— Haz... — ele grunhe em resposta, sem fôlego, descendo a língua atrevida pelo meu pescoço. — Você é perfeita, porra.

A sua boca trilha uma linha reta de beijos e lambidas na minha pele, que acelera a minha pulsação ao notar onde pretende chegar. O ritmo se torna desenfreado quando se aproxima demais do meu seio e os dedos debaixo d'água decidem contornar a borda da minha calcinha da bunda até a virilha.

Arqueio o corpo de novo, tonta de desejo, e outro gemido sai da minha boca, desta vez mais alto e prolongado, ao sentir um puxão no meu ventre.

O som, que antes havia aberto as comportas, tem um efeito contrário e Eduardo trava na hora, puxando uma respiração tão forte que eu me assusto. Seus dedos param de se mexer e seus lábios cessam a provocação.

— Não para, por favor... — imploro baixinho, afundando minhas unhas nas suas costas para tentar prolongar o formigamento dentro de mim.

— Por hoje... vamos ter que parar. — A voz rouca e profunda comprova como está tão afetado quanto eu. Ele apoia a cabeça na minha clavícula e suas mãos me soltam devagar, como se seu corpo estivesse em uma batalha árdua contra o cérebro sobre essa decisão. — Se você gemer assim mais uma vez, eu não respondo por mim; e o que deveria ser um pouco de falta de controle, vai se tornar incontrolável.

— Eu estava amando, não me arrependi...

— Sei que estava, raposinha. — Edu levanta a cabeça, toca minha bochecha e me encara de forma carinhosa. — Mas você é única, nunca senti isso com nenhuma outra garota. Não sei lidar ainda com a mistura do desejo alucinado que você me traz e o sentimento avassalador que desperta em mim. Preciso que a gente continue indo devagar pra que eu possa aprender a dosar essa loucura e te dar uma primeira vez memorável como merece; não uma rapidinha dentro do lago ou no gramado. Não te quero só pra transar. Eu quero você por inteiro, principalmente, seu coração!

Emocionada com suas palavras, meus olhos se enchem de lágrimas e não consigo dizer nada. Abraço Edu pela cintura e apoio minha cabeça na curva do seu pescoço, onde prontamente ele acaricia os fios do meu cabelo em um silêncio reconfortante.

Eu nunca me apaixonei antes, mas baseado no que via dos meus pais, e o que li em tantos livros de romance; meu coração já é inteiramente dele.

Perto ou longe do forasteiro, basta um simples pensamento para a euforia dominar meus sentidos. É louco para mim também porque, ao mesmo tempo que me incendeia inteira com a força que se espalha, tem o poder de me acalmar.

Sua presença na minha vida se tornou tão essencial que, somente pensar em perdê-lo, abre um buraco ainda mais devastador no meu peito do que tinha antes da sua chegada.



“Acho que Cath torce por nós. Escondido do Tuck, é claro. Mesmo que eu veja a relutância em seus olhos pra não me dar uma esperança falsa ou me magoar, sempre acaba me atualizando sobre você quando vem aqui. Ela me contou que te viu, junto com a sua filha e a Annie, brincando no parque.

Fiquei radiante de saber que as três estavam sorrindo.”

Trecho da carta nº 742

Hazel Waters
Presente

Uma das poucas memórias que tenho da minha primeira infância, sou eu sentada no quintal da casa dos meus pais, com um círculo de areia na minha frente e um pote de morangos que roubei da geladeira, para decorar “o bolo” de aniversário do Boby – um gato siamês que tínhamos na época.

A fim de evitar mais desperdício, e a ira do meu pai que ficou puto por ter estragado três caixas da sua fruta preferida, minha mãe me deu de presente de Natal aquelas cozinhas de brinquedo em tamanho real e uma coleção de massa de modelar com as mais variadas forminhas, no formato de doces e comidas.

Foi aí que começou o meu sonho! Eu simplesmente amava passar horas e mais horas inventando combinações de “ sabores” e jeitos de deixar meus cupcakes mais bonitos.

Aos sete anos, assistimos ao filme “A fantástica fábrica de chocolate” na escola e fui conquistada de vez, ficando completamente obcecada na possibilidade de criar um mundo inteiro de doces para comer de verdade.

Passei a atormentar a ajudante que trabalhava em casa de todas as maneiras possíveis para alimentar minha nova paixão. Sinceramente, não sei como ela não se demitiu porque eu era insistente e bagunceira. Chegava da escola correndo e a primeira coisa que eu fazia era inventar uma ideia nova para testar.

Até os 12 anos, era uma coisa mais interna; eu cozinhava porque era curiosa e gostava de dar vida as criações que estavam na minha cabeça. Após essa idade, descobri que deixar os outros felizes com o que eu fazia duplicava minha alegria. Foi, então, que passei a presentear meus amigos e toda vizinhança.

Acompanhar o momento exato em que o alimento aciona a dopamina no cérebro depois de uma mordida; ou receber o feedback sobre como ele foi capaz de mudar o dia de alguém traz uma satisfação indescritível.

Eu tinha me esquecido completamente como essa satisfação é motivadora e injeta um gás poderoso nas veias. A cada nova mensagem de elogio que recebo a vontade de continuar por esse caminho se intensifica.

E, nossa, tenho recebido muitas nos últimos dias. Ainda não consigo acreditar que está dando certa essa tentativa.

Sinto como se meu corpo tivesse acordado de um coma a todo vapor. Apesar dos anos que se passaram e da óbvia evolução da culinária, é como se eu nunca tivesse parado. A memória muscular e todo conhecimento que tinha adquirido antes ficaram intactos no meu subconsciente.

O único lado ruim é que a culpa também voltou com tudo. Fazer bolos esporádicos, no máximo duas vezes por ano, é muito diferente de cozinhar por duas semanas seguidas. Às vezes, no meio do dia eu travo, e simplesmente não consigo fazer nada, com a minha mente a milhão me julgando por estar me sentindo tão realizada.

O que me salva desses momentos é lembrar que a confeitoraria é a única coisa em que realmente sou boa; e que é ela quem tem dado um respiro essencial para a minha filha e eu recomeçarmos em Phoenix.

No fundo, sei que minha mãe ia querer que eu fizesse tudo que fosse necessário para garantir o sustento da sua neta.

O som de alerta no celular me tira dos devaneios e eu termino de enxaguar os últimos bowls para voltar a focar na produção. A cozinha é tão pequena que se for esperar a lava-louças fazer o serviço vira uma bagunça.

Baixei um aplicativo gratuito de lista de tarefas e o atualizo todo dia de manhã com o que preciso fazer em meros detalhes. Manter uma confeitaria em casa e sozinha é bem desafiador se você não tiver organização. São muitos processos distintos, desde a preparação do ambiente, fabricação, controle de validade e armazenamento.

Por enquanto, estou conseguindo manter estoque fresco por cerca de dois dias dentro de recipientes herméticos, mas se realmente decidir investir na regularização do negócio e entrar nas grandes plataformas de delivery, como venho cogitando cada dia mais, em breve vou precisar me adaptar com congelação e uso de conservantes a fim de garantir um armazenamento maior e seguro.

Leio o alerta do celular com a próxima tarefa e seco as mãos, indo até o forno retirar a assadeira que deixei lá dentro com a porta entreaberta e apenas a luz ligada a fim de agilizar o secamento das minhas modelagens em pasta de açúcar. O ideal seria produzir com uma antecedência de pelo menos dois dias para secar corretamente, porém, como recebi um pedido especial ontem à noite, tive que improvisar.

Esse é o primeiro bolo de encomenda que estou fazendo. Nesse início eu não pretendia ampliar a gama de oferta para nada além de cupcakes e brownies, devido ao tempo e o espaço, só que não resisti por causa do motivo da comemoração e porque são minhas produções preferidas.

A cliente conheceu o meu trabalho por indicação e pediu um bolo arco-íris de seis camadas para celebrar a alta da sua filha de oito anos do hospital. A criança tem leucemia e estava internada há quase um mês no intuito de se recuperar de uma grave infecção.

A expectativa dos médicos era liberar apenas no fim de semana, no entanto, devido à sua melhora significativa ontem, foi adiantada para a

felicidade da menina e dos pais.

Sigo até a bancada onde o bolo pronto, já coberto com pasta de açúcar, está descansando em uma bailarina^[5], e um ansioso sorriso desaponta no meu rosto para iniciar a parte mais divertida da produção. Como primeiro se “come com os olhos”, a arte de decorar é fundamental para conquistar os clientes.

Focada e com todo cuidado, aplico glacê real em cada modelagem e passo a próxima meia hora transformando um bolo redondo, com cobertura branca e sem graça, na cabeça de um lindo e colorido unicórnio.

Fico tão orgulhosa do resultado que pego a bailarina nas mãos e levanto no ar, apreciando toda boba como uma mãe babando no seu bebê.

— Caramba, dona Hazel, isso ficou lindo demais! — Naomi chega do treino bem no momento da minha exibição e elogia da porta.

— Não é?! — confirmo, sorridente. — Estou quase indo ali mostrar na sacada.

Minha filha ri, se aproxima para ver melhor e fica igual eu, boquiaberta admirando os detalhes. Há uma franja no centro, que começa com um pequeno topete e cai no rosto do unicórnio até a altura dos olhos pretos que estão fechados e com cílios. Cada mecha da franja foi tingida nas cores da massa do bolo arco-íris: roxo, azul, verde, amarelo, laranja e vermelho.

Para completar o topo, fiz duas orelhas pontiagudas, um chifre dourado borrifado com glitter comestível e uma tiara de rosas. Na base, há ainda um bonito acabamento trançado em branco e rosa para finalizar a decoração.

— Dá até dó de comer, sério! Amei esse estilo, no meu próximo aniversário quero um campo de futebol com o uniforme dos jogadores nas cores da universidade que me aceitar.

— Que assim seja! Farei com gosto, minha filha.

Para a Annie e a Naomi, nesses últimos anos, eu tenho dado preferência a bolos mais simples a fim de permanecer o menor tempo

possível na cozinha. A pasta de açúcar requer paciência para preparar a massa, tingir, moldar e finalizar todos os detalhes de cada modelagem.

— Por falar em futebol, houve alguma melhora no treino de hoje depois do seu golaço ontem? — Coloco a bailarina de volta na bancada e me viro para ela.

No mesmo instante, percebo seu semblante mudar de contente para cabisbaixo.

— Nada, infelizmente. — Naomi ajeita a mochila nas costas e vai até a geladeira pegar uma garrafa de água.

Já teve mais dois jogos oficiais do campeonato escolar e o time continua a isolando em campo. Ontem, pela primeira vez, minha filha criou uma chance real de gol e não desperdiçou. Até chorei de emoção na arquibancada quando, aos 41 minutos do segundo tempo, garantiu a vitória roubando a bola no meio de campo e dando um chute espetacular que entrou na gaveta.

— Sinto muito, meu amor. — Apanho um copo no armário e entrego na sua mão. — Mas saiba que estou orgulhosa demais da sua resiliência. Sua raça tem aumentado proporcionalmente à dificuldade.

— Obrigada, mãe. Espero ter forças pra jogar na raça o ano letivo inteiro. Meu pai está insuportável ultimamente, só que disse uma verdade dolorosa de engolir: essa situação não vai melhorar.

— Ignore essas mensagens idiotas do seu pai, minha filha — ordeno, irritada.

— A maioria eu ignoro. — Ela enche o copo e toma um longo gole.

— O problema é que às vezes bate um desânimo momentâneo e suas palavras ficam cravadas na minha mente.

Esse homem tem sido uma decepção ambulante. Não atende ao telefone? Agora ele lota de mensagens. Caleb assiste aos jogos online com o único intuito de desmotivar a Naomi depois.

A primeira vez eu dei um esporro nele por ligação por causa dessa palhaçada, só que não adianta. O embate o motiva ainda mais, é isso que

quer: nos desestabilizar. A melhor forma de lidar com um louco, é ser um louco e meio.

Como eu imaginei que iria acontecer, acho que ele e meu pai também tem dado um jeito de nos espionar por aqui. Foi uma sorte grande ainda não terem se dado conta sobre o Tuck e o Eduardo.

Acredito que sejam os dois porque nos primeiros três dias de trabalho como confeiteira, todas as avaliações que recebi nos sites que estou cadastrada foram positivas. Depois disso, aparece reclamação dos produtos com frequência.

É claro que nem todo mundo vai gostar, no entanto, os nomes assinados nas avaliações nunca batem com pessoas que fazem os pedidos. Por sorte, essa conduta não está afetando minhas vendas. Quem gosta, está virando um cliente fiel e espalhando no boca a boca para outros.

— Nós passamos semanas difíceis com a falta de uma renda fixa pra nos manter aqui, e acabou dando tudo certo com persistência. Continue fazendo a sua parte, meu amor, sem se preocupar com a opinião de ninguém ao seu redor!

— Eu vou, prometo! Os momentos de desânimo são pequenos, depois eu sigo em frente, como você me inspira.

Mesmo com o avental sujo de glacê real, abro os braços sorrindo e Naomi vem se aconchegar no meu peito, me dando um abraço apertado. Enquanto tivermos uma à outra é o que basta, o resto damos um jeito de contornar entre altos e baixos.



O interfone toca e o entregador avisa que veio buscar o bolo de unicórnio e mais cinco pedidos que foram feitos no final da tarde. Tiro o avental e a touca, pego as embalagens que já havia deixado prontas, e desço pelo elevador animada imaginando a garotinha feliz por estar com seus amigos e familiares comemorando a recuperação.

Ainda estou com um sorriso nos lábios quando a porta se abre no térreo e dou de cara com Eduardo, esperando para subir com a Bailey do seu lado. Por um pequeno e curto momento, meu corpo trava e a sua voz profunda ecoa no meu cérebro de novo: “*Eu posso ver muitas coisas, Hazel, e ‘pesada’ com toda certeza do mundo não está entre elas. Eu tenho outro nome para o que vejo. Esse, sim, inapropriado.*”

Inferno! Todas as vezes que o vi depois que me carregou na escada foi inevitável controlar essa lembrança e a aceleração da minha pulsação. O jeito que ele me olhou... era quase como se tivéssemos voltado no passado. Mentira ou não, mesmo menosprezando esse comentário, me senti desejada como há anos não acontecia desde que engordei.

Continue a andar agora, Hazel! Ele é um homem de família, e você quer ficar bem longe dele.

De volta à razão, segundos quase imperceptíveis depois, paro de sorrir, dou um passo para frente e apenas o cumprimento com um aceno silencioso. Meus olhos, idiotas, ainda captam a tatuagem da dama-da-noite exposta no seu braço antes de obedecer.

Por que ele tatuou isso? Será uma incógnita que nunca vou entender.

Eu preferia as semanas que fugia dele e ignorava a sua existência, no entanto, por causa da sua ajuda no dia do meu aniversário, minha guarda deu uma leve abaixada. Não consigo mais ser tão indiferente e retomei o padrão anterior de distanciamento tolerável, até porque as constantes descidas de elevador dificultaram me esconder.

Eduardo me cumprimenta de volta com outro aceno, parecendo inabalável como estou me forçando a demonstrar, e como combinamos de nos tratar; mas assim que passamos lado a lado – eu saindo e ele entrando do elevador –, minha visão periférica capta o instante em que abaixa a cabeça e um sorriso discreto surge no canto dos seus olhos ao observar a minha mão cheia de encomendas.

Apesar de tudo que aconteceu, assim como uma parte de mim sente orgulho por ter conseguido abrir o seu restaurante; acho que ele também tem o mesmo sentimento sobre a confeitoria.

Nosso luto e nossos sonhos não entraram na lista das mentiras.



“Sigo falhando na tentativa de pensar menos em ti. Comecei a ler outro livro da biblioteca, esse de super-herói, e teve uma cena em que o mocinho sacrificou a garota que amava pra salvar o mundo.

Ah, se fosse comigo... foda-se o mundo, raposinha! Eu faria qualquer coisa pra salvar você.”

Trecho da carta nº 786

*Eduardo Barrett
Presente*

— Você não tinha médico às cinco? — Tuck pergunta baixo, assim que cruzo a entrada do Clarissa's e passo pelo caixa.

Kieran está por aqui e ele sabe que não quero preocupá-lo à toa com uma consulta de rotina. Eu ia atrasar e dizer que foi algo com as crianças do projeto social.

— Eu tinha, mas a secretária me ligou pedindo pra remarcar porque o médico teve que atender uma emergência. — Toco no seu ombro e aponto para a saída. — Agora você não tem mais desculpa pra me esperar e pode ir embora.

— Ainda tenho...

— Tem nada, Tuck! — ralho, observando o salão no fim de tarde.

— Não tem quase ninguém, finaliza aí e vá descansar que Kieran toma conta do resto.

Ele resmunga, teimoso, e eu sigo para a cozinha a fim de finalizar os pratos do turno do jantar. Quando estou quase cruzando a parede que separa o salão, um sorriso desponta nos meus lábios ao ver um dos clientes elogiar para a mulher ao seu lado o cupcake de caramelo salgado da Haz.

Não estou puxando saco; é um fato incontestável que todo mundo que experimenta seus doces fica apaixonado pelo sabor. Nas duas últimas semanas, eu tenho sondado o tempo inteiro pelo painel de vidro a reação dos clientes.

Tudo que é disponibilizado, acaba em pouquíssimo tempo e tem fidelizado. Percebi que as mesmas pessoas que costumam almoçar aqui estavam comprando todo dia. Como a intenção é diversificar para divulgar, passei a distribuir entre o período da manhã, da tarde e da noite.

Quando a pessoa procura e não tem, Tuck, Kieran ou Nadine entregam o panfleto de divulgação direto dos seus canais de venda. Repasso exatamente pelo mesmo preço de compra porque não tenho intenção nenhuma de lucro.

Pelo que percebi nos nossos encontros pelo prédio, tem dado muito certo as entregas.

Meus batimentos cardíacos aceleram ao recordar do seu rosto exultante saindo do elevador há pouco – ela anda feliz como nunca a tinha visto antes desde que chegou. Foi um sacrifício controlar meus olhos para não encarar demais sua íris brilhante nem a curva da sua boca.

Ela logo ficou séria ao me ver, porém, o fato de não me ignorar mais e voltar ao cumprimento silencioso, é um avanço e tanto. Se permanecermos assim até o final do seu contrato de aluguel na casa da Sera, será perfeito.

Ignoro o aperto no peito, ao pensar que no começo do ano estará longe de novo da minha vida, e entro na cozinha dando de cara com o Kieran parado no meio da passagem. Nossos corpos se trombam e o capacete quase cai da minha mão.

— Nossa, desculpa, pai, me distraí aqui.

Ao ver a tela do celular acesa na sua mão, e o nome da Naomi em destaque, minha sobrancelha se arqueia e o encaro, curioso.

— Vocês voltaram a conversar?

— Desde o jogo de ontem. — O jeito que seus olhos se iluminam ao responder me fazem ter certeza que Kieran está mesmo fodido. — Não aguentei e fui dar os parabéns pelo gol incrível que fez. Acabou que o assunto rendeu mais uma vez e ela puxou assunto de novo hoje.

Meu filho, que nunca foi fã de esporte, está acompanhando de perto todos os jogos do campeonato de futebol feminino da escola. Por causa disso, e da sua preocupação crescente com a garota, eu imaginei que não ia demorar para se reaproximarem.

— Espero que a sua mãe não fique chateada quando souber.

— Naomi estava comentando nesse instante sobre evitar conversar perto dela pra não gerar preocupação, pois precisa focar na confeitaria. — Escondido, como Hazel e eu. Eles têm uma ligação inegável, talvez assim como aconteceu com a gente no passado, se torne impossível não se envolverem. — Também vamos evitar na escola por causa da Tiffany. Não tenho nada com a Naomi, mas tudo que ela não precisa agora, é se tornar alvo de outro grupo influente na escola.

Tiffany é uma das patricinhas do colégio, com quem meu filho ficou por alguns meses e depois terminou. A menina é apaixonada nele até hoje e vive dando crises de ciúme.

— Putz, pode mesmo piorar o isolamento nesse momento.

— Esqueci até de comentar com você, porque ainda não consegui nada de concreto, mas estou tentando descobrir por que as meninas do time estão fazendo isso. É muito estranho implicarem com a Naomi desde o primeiro dia de aula. Ano passado, entrou uma atleta nova, que também joga no ataque, e foi bem recebida.

— O que você está fazendo pra investigar? Também acho estranho essa implicância, se tivesse passado pelo menos um dia de aula era mais justificado. Ninguém conhecia a menina e já estavam pegando no seu pé.

— São três as atletas que mais implicam e influenciam as outras. Nesse primeiro momento, estou sondando com vários conhecidos meus que são mais próximos delas pra tentar caçar algo. Lembra da Tessa Gunn?

— Claro que eu lembro! — Tessa participava do *Child's future* na mesma época que o Kieran; eles eram bastante amigos.

— A gente se reaproximou um tempo atrás, quando nos encontramos em uma festa. Costumamos jogar direto Fortnite. Ontem, ela também estava no jogo e descobri que está de rolo com a capitã. Tessa é a minha melhor chance de informação por ora.

— Você já contou o que está acontecendo com a Naomi?

— Sim, mas nem precisava porque viu ao vivo e em cores como tentam sabotar a menina em campo. Ela concordou em sondar pra mim por que não a curtem.

— Que ótimo, meu filho, tomara que descubram logo e consigam reverter a situação. A Naomi e a sua mãe merecem ter sossego nessa vida nova. — Kieran acena em concordância e eu seguro no braço da Nadine ao perceber ela passando ao nosso lado para ir embora. — Eu vi a Haz com a encomenda do bolo de unicórnio da sua amiga. Valeu por indicar, está ajudando muito esse boca a boca.

— Ela me mostrou agorinha uma foto da filha toda radiante com o bolo, amou demais! — Nadine sorri, mexe no celular e vira a tela para nós. A criança parece realmente feliz, apesar do rosto abatido pelo tempo no hospital. — Amanhã, vou imprimir mais panfletos que o Kieran fez e deixar no pilates na hora que for pra aula. A dona é minha amiga também e autorizou.

— Porra, isso vai ser exce...

Interrompo minha frase e nós três olhamos na direção do salão ao ouvir um murmúrio exaltado. Tuck não levanta a voz para ninguém, muito menos para cliente. O que será que houve?

Preocupados, nós seguimos lado a lado e logo um homem engravatado entra no meu campo de visão. Eu conheço esse cara de algum lugar. Reparo melhor no seu rosto e meu cenho se franze no mesmo instante.

É o assessor do Kober!

— Dê o fora daqui! — digo ríspido, mais baixo, ao notar dois clientes ainda no salão. Eles estão longe da área do caixa, porém, não quero chamar atenção.

É provável que tenham descoberto do podcast, como Breck previu, e Kober o mandou para chantagear.

— Foi o que seu cão de guarda me disse, assim que me apresentei, mas se eu fosse você não me dispensava, não, Barrett. — O sorriso predatório no seu rosto me mostra que vou odiar essa conversa. — Temos assuntos importantes pra tratar, estamos sabendo da sua conversa com Breck.

— Nem perca seu tempo tentando me chantagear ou me comprar. Nada vai me fazer desistir de participar do podcast.

— Tem certeza? Acho que tem, sim. — Sua risada aumenta, ele tira uma pasta da sua bolsa e entrega na minha mão. Deixo o capacete em cima do balcão e a contragosto pego. — Também somos muito bons em investigar, sabia? Aliás, nossos dossiês são muito melhores que do Breck.

Abro a pasta e de cara aparece um recorte de jornal onde a manchete é a minha prisão. O policial Waters está em destaque na foto e a matéria mostra que suas duas filhas foram afetadas pela minha embriaguez naquela noite: uma com agressão física e a outra com atropelamento.

Depois há fotos da Annie em Sedona, dando aulas de pintura na cadeira de rodas; e da Hazel na frente do nosso prédio, deixando pedidos ao entregador.

Filhos da puta, eles sabem que moramos no mesmo lugar!

— Não precisa rosnar pra mim, não, Barrett. Estamos dispostos a um acordo. — Amasso uma parte da pasta entre os dedos, em um esforço enorme para me controlar e não dar um soco nesse homem até tirar o sorriso debochado da sua cara. — Afinal, acreditamos que não quer expor a família da mulher que bateu no passado; e agora tem uma tatuagem do rosto dela nas suas costas e está vendendo seus doces escondidos aqui no restaurante.

— Desgraçados de merda... — Ouço Kieran xingar atrás de mim.

Fico imóvel, a uma respiração de perder o controle e expulsar esse homem à força. Repito incansavelmente na minha mente que amanhã tenho luta agendada com os Kind e poderei descarregar toda minha frustração imaginando o Kober.

— Como claramente não sou bem-vindo aqui, vou resumir pra vocês como vai funcionar. — Ele endireita a postura e me encara com a confiança de quem já venceu essa batalha. — Ou você desiste desse podcast e do processo contra o Kober com relação ao instituto, se comprometendo a não dizer mais nada negativo sobre ele na mídia; ou iremos contra-atacar fazendo um mutirão incansável na internet para proliferar a sua prisão e o que fez com as irmãs Waters. Não ficará só em Los Angeles, você sabe que na internet as coisas se espalham na velocidade da luz para o país inteiro. Velhas feridas serão reabertas, acho que não quer isso pra mulher que está se empenhando tanto em ajudar, pedindo até aos funcionários do restaurante pra comprarem seus doces, certo?

Como ele sabe dos funcionários também? Será que conseguiu subornar alguém aqui dentro para dar essa informação? Eu fui discreto por anos no trabalho, eles com certeza perceberam que ela é importante para mim.

Por isso, Breck não vence o Kober. Ele tem o dinheiro e a influência a seu favor para cavar bem mais fundo.

— Ah, já ia me esquecendo de um detalhe importante — ele acrescenta, em um novo sorriso arrogante. — Se você não colaborar, vamos contar ao policial Waters quem é o vizinho da sua filha. Aposto que ele e o ex dela vão amar saber da novidade!

Puta que pariu, eu não posso fazer isso com a Haz!

De jeito nenhum.

— Vou retirar o processo e desistir do podcast — anuncio em voz alta o que eu já sabia que ia decidir no instante que vi o recorte de jornal.

Me desculpa por isso, pai e mãe!

Agora que as coisas estão começando a melhorar de novo para ela, trazer esse assunto à tona, e a interferência ainda mais acentuada do Anthony e do Caleb, só vão foder com tudo.

O seu bem-estar sempre será prioridade na minha vida, espero que meus pais entendam a minha decisão.

Kober vencerá mais uma batalha.



“Desculpa ter passado quase uma semana sem escrever pra você. Vou compensar fazendo sete hoje porque prometi uma por dia, e também porque estou adorando competir com o Gerry. Brincadeiras à parte, eu levei um susto da porra aqui, Haz. Achei que ia morrer sem ter a chance de te olhar pelo menos mais uma vez. Tentaram iniciar uma rebelião no presídio e, por pouco, não virou literalmente o inferno. Como represália, todos os detentos ficaram presos na cela sem poder sair pra nada. No tempo ainda mais ocioso que tive, decidi que vou deixar uma única carta pra ser entregue a você, caso eu acabe partindo de forma inesperada. Não irei remexer nas feridas do nosso passado, mas precisarei dizer as três palavrinhas que te neguei. Não terei paz em outro lugar se você não souber que eu te amei, te amo e continuarei te amando onde quer que seja. Sempre serei seu, raposinha; só seu.”

Trecho da carta nº 782

Hazel Waters
Presente

Dou um beijo na minha filha e a acompanho entrar no carro com suas duas melhores amigas, ex-companheiras de time em Sedona, e a mãe de uma delas. As quatro vão para San Diego, na Califórnia, acompanhar um amistoso da seleção feminina de futebol.

Naomi estava ansiosa para aproveitar a oportunidade única de assistir ao jogo há meses, mas achou que não ia poder mais viajar por causa da nossa questão financeira. Apesar de ficar preocupada com o trajeto na estrada, de cerca de cinco horas, fiz questão de separar uma quantia agora que as coisas estão melhorando.

Elas vão chegar à cidade hoje por volta da meia-noite, turistar de manhã e assistir à partida à tarde, retornando amanhã mesmo para casa.

Vai fazer muito bem para a minha filha passar um tempo com pessoas que gostam dela de verdade. As meninas da sua nova escola

também se programaram para ir com a treinadora Fisher, já que no fim de semana não há partidas oficiais, porém, ela preferiu não se misturar desta vez e curtir com quem já tinha combinado antes.

— Boa viagem pra vocês, qualquer imprevisto me ligue na mesma hora, por favor. — Aceno da janela e olho diretamente para a responsável da condução.

— Pode deixar, Hazel. — Eu gosto dessa mãe, ela é mais reservada e não é de entrar na onda das fofocas de Sedona. — Vou ficar de olho nas meninas e atenta na estrada; dará tudo certo!

Imploro ao universo que sim!

Acompanho o carro partir e inspiro fundo, esfregando a mão no peito, na tentativa de controlar minha ansiedade. É sempre muito difícil, para mim, separar as minhas experiências traumáticas, com a vida das pessoas ao meu redor e não as sufocar.

Vai ficar tudo bem, continue sua rotina!

Decidida a não entrar em neurose, volto para o prédio e sigo direto para a escadaria porque o elevador está com problema de novo. Subo os degraus, me forçando a distrair na cozinha que preciso limpar, quando, de repente em uma curva, dou de cara com a mulher do Eduardo.

Nossa, eu tinha me esquecido de como ela é linda. Ao contrário do seu marido, do Kieran e do Tuck, é muito difícil a gente se esbarrar.

De fones de ouvido e roupa de ginástica, sua desatenção causa um espanto maior do que o meu pelo encontro inesperado, e ela acaba derrubando alguns papéis que estão na sua mão.

Por reflexo, me abaixo para ajudar recolher, mas travo assim que enxergo o meu nome em todos eles.

Hazel Waters Bolos & Doces.

— O que é isso? — Pego somente um e me endireito, perplexa, sem entender nada.

É um panfleto de divulgação do meu trabalho que eu nunca fiz. Tem um QR Code e até fotos que a Leslie tirou para mim e estão sendo usadas no meu Instagram.

— Meu Deus, o Edu vai me matar! — A mulher se abaixa e recolhe o restante dos papéis, apressada, parecendo pálida.

— Por que te matar? O que está acontecendo? — Seguro no seu braço e busco seu olhar.

Encaramos uma à outra sem nem piscar. Eu tento captar algo que me explique essa situação; e ela parece querer desvendar a minha alma com a profundidade que seus olhos verdes me avaliam.

— Você o amava? — a mulher quebra o silêncio entre nós, me pegando desprevenida com a pergunta.

Merda, tudo que eu não quero é confusão com a esposa do meu vizinho por questões do passado. Será que sabe o que houve? Será que sabe que me deu carona e me carregou por essas mesmas escadas, dias atrás?

Meu coração acelera com a lembrança inoportuna do seu comentário sexy e fico sem reação.

— Por favor... só me diz se o amava antes. Eu preciso saber se era de verdade pra você. — A súplica me parece tão sincera que, sem me dar conta, minha cabeça acena em concordância.

O que eu estou fazendo, meu Deus?

Acho que ela percebe algo no meu olhar porque o seu muda como se estivesse acabado de tomar uma decisão muito importante.

— Vem comigo, preciso te mostrar uma coisa. — Invertendo a posição, ela segura meu braço e começa a subir os degraus. — Eu devo a minha vida a ele e essa é a minha grande chance de retribuir. Espero que o que eu vi nos seus olhos seja mesmo tão forte que entenda o que eu vou falar e não o veja mais apenas como um vilão na sua história. Se depender daquele teimoso, você nunca vai saber de nada.

“Devo a minha vida.”

“Entenda o que eu vou falar.”

“Não o veja mais apenas como um vilão.”

“Nunca vai saber de nada.”

Suas palavras ficam se repetindo na minha mente, deixando tudo ainda mais sem sentido.

O que está acontecendo?

Meu corpo a segue em silêncio, completamente inerte e desesperado para encontrar uma lógica nessa conversa.

Não paramos no terceiro andar, onde moramos. Ela sobe mais e vai até o terraço. Eu nunca tinha vindo aqui em cima antes, então, me surpreendo quando a porta é aberta e enxergo uma espécie de área de lazer; com duas mesas e cadeiras de um lado, alguns vasos de flores na borda e um banco na outra pon...

Espera, não pode ser!

Com a pulsação ainda mais acelerada, meus pés correm até a parede próxima do banco e tocam na trepadeira que toma todo espaço.

São damas-da-noite!

Por quê? Como? Quem plantou?

Tantas, tantas perguntas sem resposta.

— Primeiramente, você precisa saber que meu nome é Nadine, e eu não sou esposa do Edu, Hazel — a mulher conta, se aproximando de mim e buscando meu olhar chocado na planta.

Não é a esposa!

Esse pequeno trecho entra em looping na minha cabeça e faz meu estômago gelar. Como não deixei mais a Leslie tocar no assunto “Eduardo” comigo, nunca tive a chance de comentar minha suspeita. Se percebeu que achei isso, ele também nunca corrigiu.

— Somos apenas amigos, a gente se conheceu nas lutas que participa. Edu e o Drew me salvaram de um relacionamento violento com um dos concorrentes dos Kind.

Fico boquiaberta quando Nadine me conta o que viveu e como os dois a acolheram. Além de ajudar no afastamento imediato, Eduardo deu um emprego para ela no Clarissa's e pagou as primeiras parcelas do aluguel neste prédio.

— No começo, foi muito difícil me afastar do meu ex, mesmo sendo agressivo. Relacionamento tóxico é uma merda e acaba com o nosso juízo de valor sobre a vida e nós mesmos. Teve um dia que vi um cara parecido no restaurante e passei horas chorando. No final da noite, já em casa, Edu apareceu esmurrando a porta e me chamou pra ver uma coisa. Era o florescimento dessa flor, logo reconheci a mesma da tatuagem acima do seu pulso. Ele me contou toda uma história mística sobre a planta, que tinha vindo de um lugar especial e que realizava desejos. — Será que Eduardo trouxe uma muda de Sedona? Do nosso lago para o prédio que mora há anos? Meu coração alcança mais um recorde de batidas rápidas por segundo. — Percebendo como eu estava cética, Edu compartilhou comigo que também era, antes da garota mais incrível que conheceu, lhe provar o contrário e te dar a melhor coisa que aconteceu na sua vida.

Engulo em seco com sua revelação e meus olhos se enchem de lágrimas. Não sei nem o que pensar de tudo isso.

— Naquela época, eu não fazia ideia de quem era essa garota especial, ele é reservado e raramente fala dos seus sentimentos. Mas desde que vi vocês dois juntos pela primeira vez, saindo do elevador, tudo fez sentido. Era a mesma das damas-da-noite, o mesmo rosto tatuado na sua pele...

— Ros... rosto... tatu... tatuado na sua pele? — A voz trêmula sai entrecortada por outro tipo de ansiedade percorrendo minha corrente sanguínea.

— Em toda extensão das suas costas — ela confirma e sorri para mim, como se me achasse a mulher mais sortuda do mundo.

Não é possível... não é possível que ele tenha feito isso!

A recordação do dia que descobri o que eram as asas de anjo no seu braço vêm à mente; junto com a brincadeira que fiz de que seria a maior loucura escrever o nome ou tatuar alguém que gostava no corpo.

Não me parece loucura agora.

Me parece amo... merda, preciso respirar.

Respire fundo, Hazel!

— Não quero te deixar nervosa, me desculpa. — Nadine percebe minha falta de ar e toca nas minhas costas, apreensiva. — Decidi te contar essas coisas, mesmo correndo o risco do Edu me odiar depois, porque acho que o sentimento entre vocês ainda é forte demais. Tenho certeza que aquele homem não pensa em nenhuma outra mulher.

Balanço a cabeça em negativa e puxo ar aos pulmões, tentando não me iludir com suas palavras.

Não posso me iludir com suas palavras!

— Olha, eu vou ser sincera com você. A gente se envolveu alguns meses atrás e eu acabei me apaixonando por ele; quem não se apaixonaria? É um homem lindo, bondoso e íntegro. — Encaro sua íris cristalina e o ciúme deixa um gosto amargo na minha boca. — Foi a primeira pessoa que eu gostei de verdade depois de me curar do relacionamento tóxico. Eu sei que o Edu gosta de mim e se preocupa com meu bem-estar, mas o sentimento acaba aí. Assim que percebeu que eu estava diferente, me pediu desculpas e disse que não podíamos continuar nos vendo daquela forma porque, o que eu merecia receber em troca, ele nunca poderia me dar. Não poderia dar a mais ninguém porque já tinha dona.

— Ah, merda! Não posso me iludir com palavras de novo. — Esgrego o rosto várias vezes, espantando as lágrimas que estão ainda mais desesperadas para ganharem vazão.

— Hazel, minha mãe sempre dizia: “*o que é nosso, nunca erra o caminho*”. Você não acha estranho que, entre todos os milhares de prédios em Phoenix, foi parar justo como vizinha do Edu? — Aceno com a cabeça em concordância, forçando a saliva descer pela minha garganta. — Eu fui

muito magoada pelo meu ex, entendo a gravidade do que aconteceu no passado e as suas ressalvas agora; mas eu nunca vi um homem fazer tanto por uma mulher como ele faz por você. Esses panfletos na minha mão não são nada perto de todo resto. Sinceramente, não acho que ficará iludida, é um fato.

— O que mais Eduardo fez? — pergunto em um fio de voz, buscando seu olhar. — Eu quero saber tudo, por favor, me diz o que sabe.

Novas lágrimas se acumulam nos meus olhos e, desta vez, acabam escorrendo pela minha bochecha, ao descobrir que ele não bebe uma gota de álcool desde a adolescência devido ao que houve; que ontem desistiu de um processo contra o filho da puta do seu padrasto por minha causa; que além de fazer um panfleto está comprando meus cupcakes e brownies para vender no seu restaurante; que a bicicleta que eu acho que é da Leslie, na verdade, era da sua casa; e que todo levantamento de informações sobre vendas online e o dinheiro para começar na confeitoria foi ele quem deu.

“Gostamos muito de você, Haz, só queremos te ver bem.”

Achei que a frase se referia ao David e sua mãe, mas Leslie estava falando dele. Por isso, o seu sorriso meio misterioso e o ato falho do Eduardo no dia do meu aniversário.

Um pequeno lado meu quer ficar chateado com ela por mentir para mim, e com ele por agir pelas minhas costas e ser tão contraditório com a imagem que me deixou no passado. No entanto, tudo é rapidamente sufocado pelo alvoroco que domina meu peito e traz uma sensação de alegria única às minhas veias.

A mesma alegria de 18 anos atrás!

Eu não devia me empolgar. Não quando nosso histórico mostra a merda que isso deu. Só que não consigo controlar meu peito de subir e descer desenfreado e do meu corpo inteiro ficar agitado com essas informações.

— Edu vai lutar esta noite pelos Kind, aqui perto do bairro — Nadine comenta, ao perceber como estou propícia a baixar a guarda. —

Acho que você vai assimilar melhor tudo que eu disse se ver a tattoo linda do seu rosto nas costas dele.

— Onde? — pergunto em um rompante, antes que pense demais.

Não quero pensar demais neste instante! A Hazel do futuro que lide com as consequências dessa decisão imprudente.



O local está bem mais cheio do que eu imaginei que estaria. E muito mais barulhento também. Os presentes gritam eufóricos olhando para frente, de onde é possível ouvir o som de socos e murros se misturando no ar.

Quando Nadine avisou que as lutas aconteciam em galpões abandonados, eu não visualizei um cenário tão apocalíptico. Grande parte do teto desabou e é a luz do céu noturno que ajuda a iluminar a área comprida e espaçosa, junto com alguns poucos refletores espalhados em pontos específicos. Há restos de escombros esparramados nas laterais e o cheiro remete à terra, poeira e mofo.

Ofegante por causa da pedalada em um local íngreme, passo por dezenas de corpos com os braços esticados e vou me esgueirando até o centro onde há duas pessoas lutando.

Não é o Eduardo ainda. Nadine me contou que ele é um dos melhores lutadores dos Kind, então, sempre fica para a reta final.

Enquanto assisto a três combates sangrentos, sendo espremida de um lado para o outro, a adrenalina que dominava meu corpo ao sair de casa cai, e eu passo a me perguntar várias vezes se estou ficando louca.

Quando a razão está quase vencendo, e cogito ir embora fingindo demência, um homem careca que está narrando a plenos pulmões os duelos anuncia a hora do Brazuca.

É o apelido que Nadine também me informou.

Minha pulsação se agita e os pés fincam no chão, como se quisessem me impedir de desistir agora. A gritaria dobra de volume e uma garota que está parada ao meu lado praticamente coloca os seios para fora, do tanto que abaixa o decote.

Meus olhos varrem ao redor e eu noto que não é só ela. Várias outras mulheres ficam muito mais animadas do que estavam nas outras lutas. Parece que vieram aqui só para vê-lo.

O gosto amargo retorna na minha boca e o peito se expande, fazendo a postura ficar ereta. O cérebro, iludido pelas palavras que escutou mais cedo, ecoa a palavra “meu” bem alto na minha mente.

Ele não é seu!

No meio de uma briga interior com minha cabeça, as pessoas começam a chamar seu apelido na direção oposta e eu enxergo o corpo alto e forte do Eduardo despontando na multidão. Apesar de tantos sorrisos e demonstrações de interesse ao seu lado, ele caminha sério e parece alheio a tudo.

— Lindoooo! Gostosoooooooo! — a garota dos peitões elogia aos berros assim que sua visão, e a minha, fica mais clara.

Uau! Agora não dá para argumentar.

Engulo em seco quando meus olhos varrem seus braços musculosos, o peitoral sarado, os gominhos definidos do seu abdômen e descem até o V perfeitamente esculpido na altura da sua virilha.

Minha nossa, o forasteiro virou mesmo um grande gostoso.

Eduardo anda como um vencedor até o centro do galpão, onde eu nem tinha reparado que há um oponente o esperando, e sem rodeios os dois se preparam para a disputa. Em um primeiro momento, a sua posição não me permite ver a tatuagem.

Assim que o narrador careca autoriza o início, uma apreensão percorre a minha espinha com medo dele se machucar como eu vi naquele dia no prédio. Prendo o ar e esfrego às mãos ansiosas na calça jeans, mas

basta o primeiro soco para eu entender porque o Brazuca é tão ovacionado pela plateia.

Eduardo não dá chance ao adversário, indo para cima com uma série de murros e esquivos que me deixa até tonta. Em menos de dez segundos, o cara está com o rosto vermelho de sangue e ele sem nenhum arranhão.

Seu foco na luta, e a força nos seus braços, me deixa tão enfeitiçada que me vejo vibrando junto aos demais para não parar.

E ele não para.

Não vacila.

Usa os punhos com habilidade.

Se livra dos golpes com maestri...

O pensamento cessa no meu cérebro, e minhas mãos torcendo paralisam no ar, quando Eduardo se vira de repente, no meio de um golpe, e a imagem do meu rosto invade o meu campo de visão.

P.u.t.a. m.e.r.d.a!

Eu não estava esperando tão grande, tão linda e tão real.

É como olhar no espelho; ver uma fotografia em preto e branco.

Não há a possibilidade de dizer que não sou eu ali com os olhos brilhantes, as sardas na bochecha e os fios de cabelo esvoaçante ao lado do rosto.

Meu coração falha uma batida e, em seguida, retoma a aceleração a toda potência. É como se tivesse resetado, nunca bombeou tão rápido em toda minha vida.

A torcida vai ao delírio ao redor, me tirando do transe por um momento, e percebo que a luta acabou e o adversário está desmaiado no chão sujo do galpão. Em poucos minutos, Eduardo foi o campeão.

Meu campeão.

Meu.

O pronome possessivo volta com toda força, injetando o dobro de adrenalina nas minhas veias. Nadine estava certa, ver a tatuagem deixou tudo o que me contou ainda mais à flor da pele.

Isso pode se tornar uma catástrofe iminente, no entanto, agora estou dopada demais para pensar com clareza. Principalmente, porque apesar da bagunça à nossa volta, Eduardo me sente na multidão. Em câmera lenta, acompanho sua cabeça se virar e seus olhos cravarem em mim como se realmente estivéssemos em um cenário apocalítico e fôssemos os únicos sobrevidentes do mundo.

Dou um passo para a frente, sem cortar nossa conexão poderosa. Ele vira todo o corpo na minha direção e seguimos os dois apressados um até o outro.

Tenho ciência que agirei por impulso e me arrependerei amargamente depois. Só que, neste instante, tudo em mim grita para fingir que não tivemos um passado. Por hoje, uma noite, uma fração do tempo... eu necessito acreditar que Eduardo é meu de novo, mas sem toda a bagagem ruim que acompanha a nossa história.



“Eu estava tentando fazer o certo sobre a sua primeira vez, mas, no fundo, eu queimava. A ponto de virar um animal selvagem louco de desejo, Haz. Se a gente tivesse passado dessa etapa e continuado juntos, nada mais seria capaz de conter a minha fome em te devorar inteira – de todas as formas possíveis e inimagináveis.”

Trecho da carta nº 797

*Eduardo Barrett
Presente*

Eu não sei explicar como eu soube que Haz está aqui. Logo depois que desferi o golpe final, senti seu olhar em mim e minha coluna arrepiou inteira. Ao virar a cabeça e localizá-la sem dificuldade na massa disforme de pessoas, pensei que estivesse alucinando. Mesmo assim, fui ao seu encontro e aceitei sua mão trêmula estendida sem hesitar.

Agora estou tocando sua pele gelada e ouvindo sua respiração instável, enquanto corremos para o fundo do galpão, mas ainda não tenho certeza se é real.

Tenho medo de descobrir que é verdade, porque não faço ideia do que isso vai significar, como chegou aqui, porque veio a este lugar... e mais ainda de me deparar com uma ilusão.

O jeito que seus olhos estavam me olhando, e o semblante maravilhado com a minha imagem, foi quase como voltar no tempo antes de toda merda acontecer. Não era a Hazel que me odiou por 18 anos que eu enxerguei. Era a minha raposinha cheia de desejo.

Passo pela área improvisada da organização e sigo até o cômodo, onde eu estava instantes atrás com outros competidores, aguardando o

início das lutas. Ao encontrá-lo vazio, deixo Haz entrar e pego um pedaço de escombros jogado no chão para travar a porta.

Se isso não for uma alucinação, não quero ninguém por perto para nos atrapalhar. É a primeira vez que ela vem até mim; para o bem ou para o mal será algo importante.

Estou terminando de escorar o pedaço de madeira na fechadura, quando sinto o deslizar das pontas dos seus dedos nas minhas costas suadas, bem na altura de onde estão tatuadas as suas sardas.

Meu corpo fica imóvel e os batimentos cardíacos, que já estavam acelerados pelo esforço físico e o choque do seu encontro, disparam desenfreados. Não satisfeita em me torturar, o contato suave é substituído pelas unhas, que descem em uma linha reta até o desenho do seu queixo.

— Se você for real, é melhor pensar bem nos seus atos! — alerto em um tom rouco e grave.

Eu estou há 18 anos acumulando uma saudade e um tesão descomunais nessa mulher. Não tenho nenhuma condição de ser sensato se ela der a mínima abertura, mesmo que haja um universo inteiro entre nós.

A promessa de me manter afastado já era. Todo cuidado que tentei ter na adolescência vai por água abaixo. Agora Hazel é uma mulher feita e meu corpo sedento vai ganhar a disputa contra a razão topando qualquer coisa que estiver disposta a me dar.

Um beijo, um amasso, uma rapidinha...

Não era em um galpão sujo e abandonado que eu gostaria de ter esses momentos íntimos, com alguém que habita meus pensamentos há tanto tempo, mas se for só isso que tivermos, aceitarei de bom grado.

Eu não tenho mais forças para negar nada que diz respeito a ela.

Como se ouvisse meus pensamentos e soubesse o seu poder sobre mim, a respiração quente que sai da sua boca entreaberta alcança meus ombros e, ao invés de uma mão, Haz finca as duas na minha pele.

Puta que pariu, meu pau incha contra o short na mesma hora.

Tomado pelo tesão, giro meu corpo em um rompante e a empurro de costas na parede, segurando as suas duas mãos acima da cabeça. Arfante, Hazel arqueia o tronco para frente, tornando a minha missão de se concentrar apenas nos seus olhos muito difícil.

Seu corpo chama o meu.

Seu cheiro me intoxica da melhor maneira possível.

— Me diz o que você quer de mim — sussurro próximo do seu rosto, roçando a ponta do meu nariz onde eu sei que as sardas estão escondidas pela maquiagem.

— Quero ser a mentirosa desta vez... — ela responde apressada, tomado um fôlego profundo, como se não pudesse dar espaço para o arrependimento. — Fingir que não temos um passado e que, no curto período dentro deste cômodo, você é meu. Não me faça perguntas, não me lembre quem somos...

Não sei o que Haz descobriu para aparecer aqui e decidir me pedir isso, mas está claro que é uma atitude temporária e não vai mudar nossa relação.

Mesmo ciente de que fingir que não temos um passado é impossível para mim, e o que rolar nessas quatro paredes desgastadas só vai aumentar meu sentimento, ser dela é tudo o que eu mais quero.

— Eu sou seu agora. — *Sempre fui*. — Pra você fazer o que quiser.

Solto suas mãos e coloco as minhas esticadas na frente do corpo, em sinal de rendição. Os olhos de Haz brilham em resposta, não sei se pelas palavras, pelo gesto ou um pouco dos dois.

Sem dar margem demais às dúvidas que certamente atormentam a sua cabeça, os dedos ansiosos agarram a minha nuca e ela cola seu corpo em mim. No instante que sinto seu toque, avanço na sua cintura e a prenso contra a parede mais uma vez.

Só que agora não há mais conversa.

Minha perna se posiciona estrategicamente pressionada na sua virilha e minha boca não perde tempo em reencontrar a sua.

O primeiro contato dos nossos lábios faz uma onda poderosa de emoção me subjugar porque eles se encaixam como se nunca tivessem se separado. Nossas línguas se reconhecem de imediato e não há nenhuma resistência ao entrarem no duelo que amavam disputar. O meu preferido entre todos!

Sorrio enquanto a beijo, identificando a mesma textura e o mesmo gosto viciante que me lembrava.

Quando nos reencontramos no corredor do nosso andar, semanas atrás, senti que recebia pequenos choques elétricos pelo corpo; neste momento é um curto-circuito inteiro. O coração acelera em uma batida descompassada; e cada célula a reverencia, como se brigasse em uma fila disputada para matar a saudade.

Subo uma mão pela lateral do seu corpo e alcanço seu pescoço, restringindo um pouco seu ar, antes de segurar sua mandíbula e controlar os movimentos do seu rosto.

Haz amava isso e pelo jeito não mudou porque ela começa a se esfregar na minha perna desesperada por alívio. Aumento a potência do beijo e ajudo na fricção, movendo minha coxa na altura do seu clitóris.

Permanecemos assim por longos minutos, testando os limites do nosso fôlego, e deixando o clima entre nós ainda mais quente.

— Edu... — O murmúrio sufocado na garganta aumenta a minha ereção e traz fisgadas doloridas de desejo.

Porra, desde que voltou para a minha vida, eu não transei com mais ninguém. Estou a ponto de entrar em combustão só ouvindo o meu apelido na sua boca, cheio de luxúria.

Movo a minha cabeça para trás o suficiente para encarar seus olhos enquanto estabilizamos a respiração entrecortada.

— Você tá com tesão, Haz? — pergunto baixinho, mesmo sabendo a resposta, só para provocá-la ainda mais.

— Sim... — Ela arfa, mordiscando o lábio inferior inchado.

— E o que você quer que eu faça a respeito? — Sorrio com malícia, inclinando seu queixo para cima.

Na minha mente, suplico em silêncio para que diga que posso continuar. *Por favor.*

— Quero que sinta o quanto!

Isso, minha gostosa!

Se a gente parasse agora, não haveria punheta suficiente para me satisfazer desse fogo.

Substituo meus dedos pela minha boca e mordisco seu queixo, descendo os lábios molhados e entreabertos pelo seu pescoço em um rastro de beijos. Com a mão que estava na sua cintura, desabotoo com habilidade o seu jeans o suficiente para poder invadir a sua calcinha.

— Porra, linda — xingo na sua pele, sentindo meu pau latejar. — Você tá encharcada, que delícia!

Lambuzo dois dedos na sua excitação, afundando-os em seguida dentro dela. Hazel arqueia o corpo, murmurando ofegante, e eu aproveito para dar leves mordidas na curva do seu pescoço, bem abaixo da orelha, onde sei que fica rendida.

— Edu... — chama meu apelido de novo, no meio de um gemido baixo, e se esfrega contra a minha mão.

Inferno de mulher, ela sempre me tira do eixo com esse gemido. Saio e entro da sua boceta molhada, estocando rápido para prolongar o som. Quando estou prestes a provocar seu clitóris com o polegar, algum filho da puta mexe no trinco da porta e tenta entrar.

— Some daqui! — brado em um tom animalesco que mal reconheço.

— É você, Brazuca? Preciso pegar meu capacete, cara.

Hazel segura no meu braço e o move para baixo, me incentivando a não parar o que ia fazer. Safada, gostosa! Pressiono seu ponto inchado; vidrado nos seus olhos me encarando.

— É rapidinho, Brazuca, não vou olhar, não... — Nem fodendo eu permito que alguém entre aqui e a veja assim, tão entregue. — Preciso ir pra casa antes que a patroa dê falta.

Enfio mais um dedo na sua boceta, movimentando o polegar em círculos no clitóris ao mesmo tempo. Seus cílios se fecham, pesados de lascivía. Linda demais!

— Se você tiver amor na sua vida, vai esperar bem longe deste cômodo e não vai deixar mais ninguém me interromper!

O cara resmunga na porta, mas obedece e escuto o som dos seus passos se afastando. Nessa hora, eu não me importo nenhum pouco de ser agressivo e usar minha fama como Brazuca.

— A gente precisa ser rápido antes que outros apareçam! — Hazel afirma necessitada, rebolando na minha mão que não para de masturbá-la.

O pior é que ela tem razão. A última luta deve ter terminado e daqui a pouco vários lutadores, que já tinham lutado e estavam assistindo aos outros confrontos, vão querer ir embora.

O problema é que eu não quero! Quando a gente sair daqui e a adrenalina da luxúria acabar no seu corpo, essa fração de tempo pode nunca mais se repetir.

— Me diz que você tem preservativo, preciso de você dentro de mim! — Haz volta a falar, ainda mais rouca.

Preciso de você.

Dentro de mim.

As combinações de palavras mais fodas do mundo. Ela realmente quer transar!

Aceno com a cabeça e a contragosto meus dedos se afastam da sua intimidade. Hazel se mexe para abaixar a calça e eu corro até um banco

improvisado no canto do cômodo, onde estão o meu capacete e a minha carteira. Enquanto apanho o envelope com uma mão, lambo os resquícios da sua excitação para relembrar o seu gosto delicioso.

Caralho, que saudade de tudo nessa mulher!

Volto apressado para o seu lado já abrindo o preservativo com a boca e tirando o pau para fora do short. Infelizmente, da cintura para baixo quase não dá para enxergar direito neste cômodo. Apenas uma parte do telhado desabou e há muitas copas de árvores fazendo sombra na entrada de luz. Queria tanto ver com riqueza de detalhes eu enterrado dentro dela...

Ansiava também pela experiência completa de chupar sua boceta pingando, beijar todo seu corpo, mamar nos seus peitos, afundar sua boca no meu pau, foder em várias posições diferentes... mas só terei tempo para uma rapidinha em pé.

Então, o que me cabe é tornar o momento memorável para a Haz, diante das circunstâncias. Não tenho dúvidas que para mim será como alcançar as estrelas.

— Eu terei o maior prazer em te dar o que você precisa — murmuro perto da sua boca, segundos antes de enlaçar sua cintura e inverter sua posição. — Empina o quadril pra mim, gostosa, e eu te prometo a melhor rapidinha da sua vida!

Haz arfa e obedece prontamente, apoiando as duas mãos na parede.

— Boa garota! — elogio próximo do seu ouvido, dando um tapa estalado na sua bunda.

Ela geme baixinho mais uma vez, fazendo meu pau pulsar, e eu apalpo seu rabo com força; louco de vontade de me abaixar e enfiar minha cara nele. *Inferno de tempo!*

Me obrigando a não enrolar, seguro o membro ereto e posicionei na sua boceta; lambuzando-o com a sua excitação antes de meter. No instante que Hazel abre a boca para murmurar algo, eu estoco fundo e entro inteiro nela.

— Edu...

— Haz...

Chamamos juntos, perdidos em uma sensação inexplicável, que eu nem cheguei perto de acertar nos meus melhores sonhos.

Puta que pariu, o paraíso existe!

Hazel é apertada.

Úmida.

— Quente *pra caralho*. Que gostosa!

O som do meu gemido de satisfação arranca um novo dela; e a desgraçada estrangula meu pau de tanto se contrair. Começo a me movimentar de forma cadenciada primeiro, entrando e saindo devagar, porque senão vou gozar em menos de um minuto.

Enquanto estou no ritmo lento, subo meus dedos pela sua pele, debaixo da blusa, e apalpo seu peito por cima do sutiã. A outra mão desliza do quadril para a sua intimidade, alcançando o ponto inchado.

— Isso, rebola! — incentivo, amando ver seu corpo ansiar o meu.
— Esfrega esse rabo grande em mim.

Afasto o sutiã e provoco o bico do seu seio, acelerando também a pressão no clitóris. Seu tronco arqueia para trás e, como eu queria, ela se esfrega como uma cadela no cio.

— Ah, Edu... que delícia!

Do lado de fora do cômodo, a realidade me sacode de novo e eu escuto mais vozes se aproximando. Nossa maldita tempo está chegando ao fim!

— Vai ficar ainda melhor agora, linda. Porque eu não vou parar até te sentir tremendo de prazer.

A fim de cumprir minha promessa, reposiciono minhas mãos no seu quadril e penetro em estocadas longas e firmes, chocando sua bunda contra a minha virilha. Nossos corpos batem um contra o outro, e gotas de suor se acumulam na minha têmpora; unindo-se às demais do esforço físico da luta.

A cada investida sinto algo crescer e se expandir sem controle no meu peito. É uma fome nova, que parece enraizada em mim e me devora por dentro.

Quero tudo dela: seus gemidos, seu prazer, sua alma...

Aqui, neste momento, eu tenho certeza de que sempre será uma luta perdida tentar esquecer esse sentimento tão cru e primitivo que Hazel me desperta.

— Eu sabia que sua boceta seria minha perdição — confesso, ofegante. — Não quero parar de te foder!

Nunca mais!

— Não para, Edu. Por favor... — ela implora, totalmente entregue.
— Por favor, me fode mais rápido.

Eu poderia morrer agora que não ia conseguir não atender ao seu pedido antes. Pego um punhado do seu cabelo e puxo sua cabeça para o lado, obrigando-a olhar para mim enquanto intensifico as estocadas.

Meto forte. Duro. Rápido como pediu.

— Ah, meu Deus! — Haz gême tão alto desta vez que o som arrepia a minha nuca.

— É um tesão te ouvir gemer como uma putinha — rosno encarando profundamente seus olhos brilhantes. — Mas só pra mim, eu não vou dividir seus gemidos com nenhum filho da puta neste lugar!

Solto o seu cabelo, para poder tapar a sua boca; e começo a estocar alucinadamente na sua boceta. Me transformo no animal selvagem que eu temia na adolescência.

Louco, insano, cego de luxúria.

Sua respiração quente solta murmúrios nos meus dedos e eu sinto seu corpo tremer, ondulando no limite do prazer. Drogado, eu queria viver nesse momento para o resto da minha vida, mas também não estou aguentando mais.

— Goza! — ordeno fora de mim e as paredes internas dela me sugam com ímpeto. — Agora, Haz! Vem gozar comigo.

Um turbilhão de emoção me golpeia em cheio no peito quando ela obedece e morde meus dedos com força para não gritar. Haz me aperta com seu gozo e meu pau incha no mesmo instante, jorrando a porra em um jato potente dentro da camisinha.

É tão intenso e poderoso dentro de mim que fico tonto.

Caralho, eu não imaginei que seria possível amar mais essa mulher do que eu já amava!

Solto sua boca e o som da nossa respiração ofegante toma conta do cômodo, junto com o cheiro de sexo.

— Puta merda, linda! — Cedo o peso do meu corpo para frente, com o coração acelerado. Dou um beijo no seu ombro e apoio minha testa nele, buscando recuperar o fôlego. — Isso foi... foi a melhor experiência da minha vida.

Assim que as palavras sinceras ecoam no ar, sinto o corpo da Haz enrijecer abaixo de mim. De satisfeita, ela vai para tensa em poucos segundos.

Merda, merda, merda!

Eu não devia ter esquecido que a adrenalina abaixa.

Que ela me pediu apenas uma fração do tempo.

Que temos um universo inteiro entre nós.

Possivelmente, esta foi nossa primeira e será a última vez.



“Eu tive um sonho erótico com você noite passada tão real, mas tão real, que pela primeira vez na vida acordei todo gozado e passei o dia inteiro de pau duro. Se eu pudesse te ter uma vez... uma única vez, é certeza absoluta que seria minha ruína pelo resto da existência.”

Trecho da carta nº 812

Hazel Waters
Presente

“Isso foi a melhor experiência da minha vida.”

Essa maldita frase está se repetindo em looping na minha mente há quase quatro horas, junto com memórias vívidas demais de tudo que Eduardo e eu fizemos naquele galpão.

Estou emotiva e excitada, que merda!

Tentei trabalhar para adiantar as entregas de amanhã e errei a receita duas vezes seguidas. Tentei caminhar dentro de casa para descarregar a ansiedade e só fiquei mais ansiosa. Tentei assistir à televisão e não me concentrei em uma única palavra que estava ouvindo. Tentei recorrer ao remédio para dormir, e ao estoque do chá da Leslie, porém, nada do sono vir.

Não sei mais o que fazer para parar de pensar nisso.

Quando eu decidi ir atrás dele, e joguei o problema para a Hazel do futuro lidar com as consequências, não sabia que iria ficar tão abalada assim. Não tenho como dizer que me arrependo do que fizemos, porque

sem sombras de dúvidas, também foi a melhor experiência da minha vida. Mas é aí que está o problema.

Se não há arrependimento, há o quê? Estou confusa, eufórica, decepcionada, machucada, com medo, ainda cheia de tesão... é uma mistura enorme de situações e sentimentos.

Logo que alcancei o orgasmo, muitas lembranças do que vivemos juntos no passado vieram à tona em uma enxurrada só. Já não era mais tesão apenas; era o sentimento forte que tive por Eduardo retornando com força no meu sistema.

Ao ouvir da sua boca, que também tinha sido tão incrível para ele, foi inevitável não pensar quanto tempo a gente perdeu.

O que foi mentira? O que foi verdade?

Por que ele falou que não me amava e que eu tinha sido uma distração cara demais para a sua vida, mas fez duas tatuagens em minha homenagem?

Por que está me ajudando agora de tantas formas, se queria ficar longe de mim para sempre e seguir seu caminho?

Eu não o entendo! Suas palavras, que vêm me machucando há anos, dizem uma coisa; seus gestos do futuro mostram outro Eduardo.

A situação que mais me destrói do nosso passado foi o dia que, mesmo com a minha irmã internada no hospital por causa do acidente que ele causou; e eu em uma clínica de reabilitação por causa do álcool que ele me viciou; fui para encontrá-lo na cadeia antes de ser transferido.

Annie e eu estávamos sendo tratadas em Prescott para não gerar burburinhos em Sedona – a mesma cidade que o Eduardo ficou detido por umas semanas. Fui a pé, andei milhas de distância e ainda tive que implorar para o Tuck me ajudar a ser aceita na visita.

A minha mente sabia que era melhor ficar longe, como o meu pai insistentemente berrava na minha cabeça todo dia; contudo, o meu coração não conseguia aceitar aquilo.

Eu queria vê-lo, queria que dissesse alguma coisa boa sobre nós, queria que tivesse o poder de resolver o caos que virou nossa história... eu poderia ter perdoado tudo se o sentimento fosse verdadeiro como sentia que era. Não sei como iríamos fazer funcionar naquela época, mas tenho certeza de que estaria disposta a tentar.

Só que nada foi como imaginei. Ao invés de esperança, o garoto que amava destruiu tudo que eu acreditava sobre nós.

Esfrego meu peito, que dói com a recordação de como esse dia acabou comigo; e me levanto da cama me sentindo sufocada pelas paredes do meu quarto. De repente, lembro do terraço e uma vontade inexplicável me invade de ficar perto das damas-da-noite.

Pelo menos de lá, consigo tomar um ar fresco e contemplar o céu ao invés da pintura do teto. Não penso demais ao pegar o robe e sair de pijama mesmo.

Distraída com o silêncio da madrugada e o fluxo alto de pensamentos que continua tomando minha cabeça, não percebo de imediato que tem outra pessoa no espaço ao passar pela porta.

Quando meu dou conta, é tarde demais para fingir que não enxerguei o que invade meu campo de visão e desregula meus batimentos cardíacos. *Não é possível, universo, o que você está querendo me dizer?*

Eduardo aparece com um saco de terra vermelha na mão, inclinado perto do muro para jogar na raiz da trepadeira. Ele está de bermuda, camiseta e chinelo, como se também tivesse perdido o sono e decidisse repentinamente vir para o terraço.

— Você as trouxe de Sedona? — É impossível impedir as palavras de saírem da minha boca.

Ele se vira assustado, disperso na tarefa, e me escaneia dos pés à cabeça antes de responder. Sinto seu olhar quente nas minhas pernas, onde o short do pijama vai até metade das coxas.

Mexo no robe e Eduardo sai do transe, pigarreando e endireitando a coluna.

— A Cath trouxe pra mim a muda e a terra. Ela sempre renova meu estoque quando vem nos visitar pra fazer o ritual do “pedido garantido”.

Inferno, por que ele tem que fazer essas coisas e deixar minha pulsação tão acelerada? O que será que pede todo ano?

Engulo em seco e desvio a atenção para o chão, mexida demais para comentar alguma coisa sobre isso.

— Eu já terminei aqui. Imagino que queira ficar sozinha, então...

— Não precisa ir. — Desta vez as palavras saem rápido demais para o meu bem.

Vejo suas pernas imóveis no mesmo lugar, no entanto, não levanto o olhar para encará-lo. O silêncio nos abraça e eu caminho lentamente até a trepadeira.

Logo depois do orgasmo e da minha travada, escutamos mais barulho dos outros lutadores e acabamos naturalmente nos afastando. Eduardo insistiu para me trazer embora de moto, mas eu precisava ficar sozinha e preferi voltar de bicicleta.

Durante todo trajeto, seu amigo Drew me seguiu à distância de carro para garantir minha segurança e ao mesmo tempo dar o espaço que eu queria dele.

Não conversamos sobre nada, não expliquei por que estava lá; só vim embora.

Agora, por mais que eu saiba que o melhor seria deixá-lo descer e continuar com o afastamento, algo dentro de mim não quer isso.

Ainda estou muito emotiva... droga, muito excitada!

— Me desculpa por mais cedo, não foi minha intenção te deixar chateada ou desconfortável... — ele começa a dizer e eu levanto a cabeça, mais próxima desta vez. Ao notar que estou sem maquiagem, seus olhos se fixam nas pintinhas e noto um tom mais suave na sua voz. — Sei que pediu apenas uma fração do tempo; devia ter respeitado isso sem dizer nada. Se eu soubesse antes tudo que estava na sua cabeça, teria me controlado mais.

— A Nadine te contou? — pergunto, curiosa.

— Sim. Logo que eu cheguei em casa ela me chamou pra conversar e contou. — Ele deixa o saco da terra de Sedona atrás de um vaso no chão e bate as mãos uma na outro para limpar a poeira.

Eduardo não parece que está bravo, como ela havia temido. Seu semblante até denota um pouco de alívio por não precisar mais me esconder essas verdades. Acho que ele tinha medo de uma reação negativa da minha parte e que eu ficasse irritada com a sua interferência na minha vida.

Antes fosse... com certeza não estaria tão confusa.

— Eu não fiquei chateada pela frase em si, que transcendia aquele momento — confesso, desviando o meu foco para os botões fechados de damas-da-noite. — O problema foi que eu terminei querendo muitas outras frações... querendo 18 anos perdidos de tempo com você.

— Haz... — meu nome sai quase como uma súplica da sua boca. Parece que Eduardo quer me contar a história de um livro inteiro, no entanto, acaba repetindo apenas uma pequena frase: — Me desculpa.

Outro breve silêncio paira no ar antes de eu criar coragem para fazer a pergunta que venho remoendo há horas.

— Se a gente decidisse colocar o nosso passado a limpo agora, você estaria pronto para uma conversa sincera sobre tudo? — Volto a encará-lo.
— Doa o que doer, seja o que for?

Eduardo não desvia o olhar do meu e permanece quieto me observando profundamente. Percebo sua garganta se mover com dificuldade antes da sua voz baixa chegar aos meus ouvidos.

— Não... mas eu queria muito poder mudar nossa história.

— Sinceramente, também não estou pronta — confesso em um sussurro. — Não de uma vez, pelo menos. Nem para a conversa nem para uma possível mudança.

Há tantos anos de mágoa entre nós e o presente traz tantas dúvidas e incertezas...

Como lidar com a minha família me vendo envolvida com Eduardo de novo? Annie iria me perdoar por isso? Depois de tudo que eu contei sobre ele, minha filha me acharia louca ou me apoiaria? Eu estaria disposta a entrar em tanto conflito por alguém que passei quase duas décadas longe?

Uma reaproximação precisaria de prudência para saber se vale a pena. Tempo para digerir o passado e tempo para avaliar o presente.

— Eu vou continuar respeitando seu espaço, Haz. Aceitando tudo que você decidir.

Suas palavras são doces, porém, o jeito que ele me olha é de alguém que quer cortar a distância entre nós e avançar em mim. Sua íris cinzenta, mais escura hoje do que nos outros dias que vi à distância, parece estar relembrando cenas bem específicas.

Sua voz rouca no meu ouvido; os dedos compridos na minha mandíbula; a língua atrevida na minha boca; o membro duro e grosso me penetrando até o fundo...

Meu Deus do céu!

— Talvez não adiante negar de imediato e a gente possa avaliar devagar nosso quebra-cabeça; resolvendo as partes mais fáceis primeiro, depois decidindo se desiste das peças ou encara o lado difícil — sugiro em outro rompante de coragem, vidrada nos seus lábios.

Pode ser uma loucura absurdamente perigosa. Porém, é fato que essa química amplificada, que parece irradiar da nossa pele e nos atrair um para o outro desde a rapidinha no galpão, não vai melhorar e nos deixará mais insones.

— E o que seria a parte fácil? — Eduardo dá um passo para frente, encarando a minha boca de volta.

— Somos dois adultos agora, o mais fácil de se resolver é essa atração fodida.

— Nunca pensei que ia amar tanto um quebra-cabeça! — Ele toca na minha bochecha e meu peito vibra de ansiedade. — Quais são os seus termos?

— Vamos deixar isso entre nós por enquanto. Além da Nadine, nenhuma outra pessoa precisa saber. — Nem para a Leslie eu pretendo contar. Ela claramente torce pelo Eduardo e não posso lidar com a expectativa de mais ninguém. Já bastam as minhas. — Não vamos forçar nenhuma aproximação também; quando tiver que rolar, vai rolar naturalmente.

— Tipo agora? — Ele pressiona o polegar áspero no meu lábio inferior e espalha a saliva de um lado para o outro.

— Tipo agora... — Apanho a ponta do seu dedo entre os dentes e mordisco, deslizando a língua em seguida pela sua pele.

Me perco por um momento no prazer de assistir ao tesão se intensificar nos seus olhos.

— Haz! — Edu grunhe, enlaçando a minha cintura; prestes a me beijar.

— Vamos pra minha casa, eu tô sozinha e teremos mais privacidade.
— Solto o ar quente da minha boca perto da sua, com o peito arfante.

Eu não quero mais uma rapidinha. Já que entramos na chuva, podemos nos molhar direito. Certo?

Não é uma boa ideia, Hazel!

— Essa é a melhor ideia do mundo! — Eduardo diz sorrindo e afasta de vez a voz da minha consciência.

Não querendo perder nenhum segundo do clima eletrizante, ficamos em silêncio e descemos apressados um do lado do outro para o terceiro andar. Assim que passamos pela porta e estamos a sós, ele me puxa pela nuca e é como se o tempo estivesse apenas pausado.

O frenesi volta com tudo e Edu se apossa da minha boca com ímpeto.

É surreal como a nossa conexão parece igual a de antes e, ao mesmo tempo, muito melhor. Acho que os livros de romance estavam certos sobre descrever a intensidade de um beijo com saudade.

É mais selvagem e mais sedento. Como se fôssemos morrer se parássemos.

Eu senti isso no galpão e estou sentindo ainda mais forte agora. Edu me segura pela mandíbula também e sou aprisionada por sua língua; viro refém da sua impetuosidade. Beijo após beijo, fôlego após fôlego, vamos nos esbarrando pelos móveis e chocando contra as paredes até chegarmos ao quarto.

Quando minha perna bate na cama, ele arranca o meu robe e desce os seus lábios pelo meu pescoço; enfiando os dedos compridos por baixo do tecido do pijama a fim de arrancá-lo pela minha cabeça.

O gesto ativa de forma imediata as críticas do meu pai no meu cérebro.

“Homem é visual.”

“Gorda.”

Insegura, minhas mãos instintivamente barram as dele; mesmo durante um gemido por causa dos seus dentes arranhando meu ponto mais sensível abaixo da orelha.

— O que foi? — Sua voz é uma mistura sexy de ofegante e preocupada ao se afastar para procurar o meu olhar.

No galpão, estava escuro e não tiramos a roupa completamente. Eu tinha me esquecido, ao ficar excitada mais uma vez no terraço, que sexo com tempo se faz pelada.

— É que... meu corpo está muito diferente de antes. Sou gorda, com estria, celulite... meus peitos não são mais duros e empi...

— Haz, olha como eu estou — Eduardo me interrompe e pega a minha mão, levando diretamente para a sua bermuda; em cima de uma ereção dura e pulsante. — Isso é o que você faz comigo com apenas um beijo! Cada célula do meu corpo te deseja e te acha a porra da mulher mais linda que existe.

“Eu tenho outro nome para o que vejo. Esse, sim, inapropriado.”

Suas palavras me preenchem, junto com a lembrança do dia que me carregou pelas escadas. Edu nunca pareceu incomodado com meu corpo. Não vale a pena deixar os comentários ácidos do meu pai estragarem o momento entre nós.

Sorrio, com os batimentos cardíacos disparados, e aperto seu membro ereto entre meus dedos para autorizar que continue. A resposta é imediata! Ele arfa e traz suas mãos afoitas para a minha pele, arrancando a blusa e o short do pijama.

Me livro da sua camiseta e nós dois caímos na cama quando ele volta a torturar meu pescoço. Apoiada de costas no colchão, minhas pernas se abrem para recebê-lo em cima de mim e sinto minha calcinha molhar a cada roçar da sua bermuda no tecido fino.

— Edu... — gemo baixinho, fechando os olhos de prazer.

Ele não para de lamber meu pescoço e eu começo a me remexer para aumentar a fricção. Cravo minhas unhas nas suas costas e levo a outra mão para a sua bunda, pressionando seu quadril mais para baixo.

Extasiada, choramingo ao perceber que vai se afastar; mas logo meu corpo inteiro se arrepia porque Eduardo desabotoa o fecho do meu sutiã e se ajoelha na cama puxando as alças lentamente pelo meu braço.

— Linda e gostosa! — ele elogia ao ver meus seios nus, apreciando do alto a imagem do meu corpo deitado.

Não consigo enxergar uma gota de mentira nos seus olhos cinza, famintos e cheios de luxúria.

Há anos não me sentia tão desejada e excitada. Não que o sexo com Caleb tenha sido ruim a vida inteira, por muitos anos foi bom. Porém, nem no início, chega aos pés do que aconteceu com Eduardo no galpão e o que está acontecendo aqui.

Acho que o sentimento faz uma puta diferença, a intimidade entre nós dois excede o físico.

Mordo o lábio inferior e também contemplo a visão do homem enorme à minha frente. Cada parte do seu corpo parece esculpida por um

deus. Passo a mão nos gominhos do seu abdômen e desço para contornar o V perfeitamente esculpido na altura da sua virilha.

— Lindo e gostoso! — exalto de volta e Edu sorri de lado, daquele jeito sacana que adoro.

Antes que eu tenha a chance de arrancar sua bermuda, ele se livra da minha mão e se abaixa mais na cama. Arqueio o tronco para cima, fechando os olhos e agarrando o lençol, quando sua boca desencadeia uma sequência torturante de lambidas, beijos e pequenas mordidas na minha pele subindo lentamente.

Bem lentamente.

Enquanto sua língua está de um lado, seus dedos me apalpam de outro em uma provocação sexy pelo pé, panturrilha, joelho, coxa...

— Porra, você já manchou sua calcinha de tão melada — Eduardo rosna, passando o nariz no tecido e arrancando outro gemido meu ao cheirar minha excitação. — E eu ainda nem mamei nos seus peitos deliciosos. Na hora que eu te chupar vai estar babando pra mim; perfeita!

Como se ficasse muito ansioso para isso, ele desvia da minha virilha e continua a trilha dos seus lábios até alcançar meus seios. Primeiro ele apalpa os dois, grunhindo em aprovação ao sentir como estão pesados e inchados de desejo; depois lambe os mamilos com a ponta da língua.

Olho para baixo no momento exato que um é abocanhado com vontade, a ponto de o barulho da sucção ecoar pelo quarto e me fazer gritar embaixo dele.

— Ahhh, Edu! — Agarro seu cabelo, forçando sua cabeça não parar de chupar.

— Agora você pode gritar só pra mim! — murmura na minha pele, mordiscando o bico intumescido. — Pode gemer bem alto, sua puta safada, que os quartos deste prédio têm bom isolamento acústico.

Eu gemo.

Sem reservas a cada vez que mama sedento e alterna o lado, me torturando com suas mãos e sua língua. Ele sabe que eu gosto e não tem pressa para acabar. No passado, foi o mais longe que chegamos, além da masturbação.

Quando Edu percebe que estou me esfregando demais nele, prestes a me render ao orgasmo, desce beijando minha barriga e minha pulsação volta a disparar. Seus dedos engancham no elástico da minha calcinha e o filho da puta me tortura tirando o tecido bem devagar como fez com o sutiã.

— Rápido... quero gozar... — peço, puxando ar aos pulmões, e mexo as pernas para ajudar a arrancar de uma vez.

— Tão linda, toda necessitada de mim! — Ele ri, me deixando um pouco tonta com a visão excitante do seu tronco se posicionando entre as minhas pernas. — Prometo te fazer gozar bem gostoso na minha boca e no meu pau.

Atônita para que a promessa seja cumprida, apoio meu peso nos cotovelos e fico de olhos bem abertos para não perder nenhum movimento.

Eduardo se inclina e roça a barba por fazer no interior das minhas coxas, antes de abri-las bem para lhe dar espaço. Ele volta a me cheirar e eu agarro de novo o lençol ao escutar seus grunhidos de satisfação com o meu odor e o excesso de lubrificação.

— Caralho, que tesão, Haz! — Ele passa dois dedos nos grandes lábios e me mostra como ficam pegajosos. — Você tá literalmente pingando.

Sem aumentar minha agonia, sua língua habilidosa me toca e os pelos do meu braço se eriçam com o choque. Minha nossa... Eduardo não lambe contido como Caleb fazia. Ele praticamente me devora, beijando a boceta como se fosse a minha boca.

A ponta do seu nariz raspa as extremidades; a barba incita a minha virilha. Seus lábios e dentes abocanham, chupam, mordiscam. Sua língua parece estar em toda parte. Edu a penetra várias vezes dentro de mim, e depois lambe com perversidade o caminho até meu clitóris.

De novo. De novo. E de novo.

Rápido e lento. Com muita pressão e pouca pressão. Forte e suave.

Usar o seu rosto inteiro no oral, e ter seus olhos cravados em mim, são dois adicionais que me fazem gemer sem esforço.

Entorpecida, cedo meu corpo no colchão, bagunçando o lençol, e meus dedos se infiltram no seu cabelo; puxando os fios com mais força à medida que vai me deixando à beira do ápice.

Meus olhos fecham, nublados de prazer.

— Eu estou quase, Edu... quase... — Espremo sua cabeça entre as minhas coxas, agoniada para alcançar o êxtase.

Ele foca no clitóris ao ouvir minha lamúria e se dedica ali em uma sucção atordoante, usando a ponta da língua, maleável e molhada, em movimentos circulares, de cima para baixo, de um lado para o outro...

Como se não fosse o suficiente tantos estímulos, dois dos seus dedos também me invadem para finalizar o serviço em grande estilo.

Não duro mais nenhum segundo! O frenesi ensandecido começa no meu dedão do pé e sobe vertiginoso até explodir no meu ventre. Gozo com força, ondulando de prazer de forma intensa.

— Puta que pariu, você é muito gostosa! — Edu elogia mais uma vez, se levantando do vão das minhas pernas. — Te ver gozar assim foi a cena mais erótica que já presenciei na vida.

Abro os olhos e me deparo com a visão do seu rosto focado em mim cheio de tesão. Os lábios inchados e a boca toda melada ativam meu lado predadora e, quando dou por mim, antes mesmo de me recuperar do orgasmo, estou em cima dele trocando nossas posições na cama.

Mal o espero arfar, surpreso, e ataco sua boca louca para experimentar o meu gosto nos seus lábios. Edu tenta enlaçar a minha cintura, envolvido tanto quanto eu no beijo, mas seguro seus dois braços e os prenho na cama.

— É a minha vez! — sussurro antes de me afastar.

— Você vai me matar assim, mulher! — responde ofegante, com o cinza quase desaparecendo do seu olhar por causa do tamanho da pupila dilatada.

Sorrio, adorando vê-lo dessa forma, e começo a tortura igual fez comigo. Meus lábios descem pelo seu queixo, pescoço, ombros, peito e abdômen. Lambo cada gominho, arranhando as minhas unhas na sua pele ao mesmo tempo.

Quando tiro sua bermuda com a cueca junto, salivo ao ver o membro ereto, grosso e longo saltar na minha frente. A cabeça rosada está úmida com o pré-gozo e as veias pulsam de desejo.

— Eu quis tanto fazer isso...

Incapaz de me negar esse prazer imediato, seguro o membro com as duas mãos e me inclino, lambendo o líquido viscoso na glande sem desviar do seu olhar selvagem em mim.

Saboroso como imaginei desde a adolescência. Como tudo nele é!

Ao som do seu gemido incontido, sugo todo o comprimento, até senti-lo na minha garganta.

— Isso, minha putinha! — Eu amo quando a sua voz sai nesse grunhido incontrolável. — Engole meu pau inteiro na sua boca gulosa.

Edu enrola uma mecha do meu cabelo na sua mão, ajudando a controlar a intensidade, e eu me dedico ainda mais motivada por seus gemidos e ruídos graves. Ignoro os olhos lacrimejantes e o fôlego. Subo e desço a cabeça, sem cessar o movimento ágil da minha boca, enquanto as mãos continuam estimulando a base.

Só paro de engolir ao ficar totalmente sem ar, no entanto, logo me inclino mais para baixo, lambendo da glande até as suas bolas. Foco em chupar seus testículos e meus dedos contornam ao redor da espessura para bater uma punheta.

— Para, Haz, senão vou esporrar na sua mão! — ele ordena quando eu acelero, em um tom autoritário, que faz minha intimidade pulsar de novo. Edu me puxa para cima e eu pairo bem próxima do seu rosto. —

Quero gozar na sua boceta, te foder tanto, que você vai me sentir hoje o dia inteiro entre suas pernas!

Arfo, ansiosa para isso acontecer, e ele volta a me beijar. Totalmente pelados agora, o contato pele com pele se intensifica e torna a nossa conexão mais pujante.

Rolamos na cama e eu gemo ao sentir sua ereção brincando com a minha entrada, em um movimento lento por toda a minha extensão sem penetrar. Com a outra mão, Eduardo alcança a sua bermuda que ficou jogada ao nosso lado para pegar uma camisinha.

— Puta merda, subi no terraço sem a minha carteira — diz alarmado, parando de se mover. — Você tem preservativo?

— Não... — choramingo, sem nenhuma condição de parar agora.
— Eu tô limpa e uso DIU, me fala que você nunca transa sem proteção, pelo amor de Deus!?

Uma das primeiras coisas que eu fiz, logo que descobri as traições do Caleb, foi confirmar se eu estava saudável.

— Nunca! — ele me garante e meu corpo se remexe bagunçando o lençol; muito necessitado dele.

— Então, só continua...

Edu ofega e não espera eu dizer mais nada. Se esfrega na minha entrada de novo, só que agora bate com o membro duro bem em cima do meu clitóris. Arqueio o corpo, gemendo mais alto, e ele aproveita esse segundo para me penetrar sem aviso prévio.

— Caralho! — xingamos juntos.

É bem diferente a sensação do seu membro sem nenhuma barreira entre nós. É mais quente, mais molhado, mais profundo. *Muito melhor!*

Eduardo investe em um ritmo cadenciado e procura meus lábios mais uma vez; seus dedos se afundando na carne avantajada do meu quadril e em um dos meus seios.

Arranho seu ombro, apoiando a outra mão na sua nuca.

As línguas duelam o já conhecido embate.

Os batimentos cardíacos disparam, sincronizados.

Respiramos pesadamente entre as estocadas.

Quando o ar exige entrar nos nossos pulmões, ele se ajoelha na cama sem sair de dentro de mim e levanta minhas pernas, uma de cada lado da sua cabeça. Primeiro mantém a mesma velocidade e acaricia minha pele do quadril até os tornozelos; mordiscando na altura da minha panturrilha. Depois, agarra a parte superior das minhas coxas com as duas mãos e inicia a penetração mais rápida.

Apalpo meus seios, louca de prazer, apertando o bico intumescido para me deixar encharcada.

— Que visão da porra! — ele exalta, indo mais fundo. — Esfrega sua bocetinha também, minha gostosa. Quero ver você se tocando.

Obedeço e Eduardo não desvia seu foco dos meus dedos indicador e médio pressionando o clitóris. É tão excitante os dois, junto com suas investidas longas, que eu quase chego ao orgasmo.

— Edu... — retruco, ofegante, quando sai de repente e me vira de lado.

— Ainda não é pra gozar, quero você no limite da insanidade.

Por Deus, e ele consegue!

Meu ventre se contrai desesperado a cada vez que me fode de um jeito diferente. Parece que Eduardo quer gravar na memória nós dois em todas as posições do Kama Sutra.

Eu me embebedo dele.

Minha voz falha de tanto gemer e gritar.

Minha pele fica suada pelo esforço.

Prestes a perder as forças, sou virada de bruços e um tapa ardido estala na minha bunda. A dor, o cansaço e o tesão visceral colocam meu

corpo à beira do colapso.

— Tem que ser agora... agora! — reforço, choramingando de lascívia.

— Vou te dar o que precisa, linda. — Ele mesmo ergue meu quadril ao seu bel prazer. — Também estou desvairado por você. Minha porra vai escorrer pela sua coxa do tanto que vou encher sua boceta!

Estremeço quando Edu bombeia forte, rápido e duro; entrando e saindo até o talo, com o som do seu corpo se chocando na minha bunda, tomando conta do quarto.

Ele não para de meter, naquele mesmo nível do galpão onde parecia estar cego de luxúria. Se lá já foi surreal, agora que estamos em quase uma hora de preliminares o nível que alcança de perfeição é inominável.

Meu Deus, o frenesi no meu ventre chega como uma explosão avassaladora; me fazendo ondular dentro e fora de mim, em espasmos por todo corpo.

No instante que o orgasmo me invade, ele urra maltratando a carne da minha bunda com suas mãos, e também goza em um gemido que me arrepia inteira. Sentir o jato quente me preenchendo, e depois escorrendo como disse que faria, causa um novo tremor no meu corpo e eu cedo o peso no colchão totalmente abatida.

Bem comida.

A letargia na minha corrente sanguínea é tanta que meus olhos começam a ficar pesados, e não consigo mantê-los abertos por muito tempo. Percebo apenas alguns flashes.

Eduardo se levanta da cama.

Pega algo no banheiro.

Limpa o vão das minhas pernas.

Se deita comigo.

Apago totalmente.

Quando desperto de novo, a luz da manhã está entrando pelas frestas da cortina na janela e não há ninguém ao meu lado. Só não acho que foi o sonho mais pervertido que já tive porque estou dolorida e encontro um bilhete na mesa de cabeceira ao meu lado.

Desculpa sair antes de você acordar. Tuck desconfiaria se eu perdesse a hora de ir para o restaurante. Sempre vou bem cedo pra adiantar os preparos, quando ele já está acordado também, lustrando seu chevette na garagem.

Até o próximo acaso, raposinha!

Ps1: tenho uma nova melhor experiência na minha vida.

Ps2: eu amo quando você mostra as suas sardas.

Ps3: ótimo dia de trabalho me sentindo entre suas pernas.

Leio o bilhete três vezes.

Sorrio em todas, sentindo meu coração acelerar por Edu usar meu antigo apelido e citar as sardas.

Eu sei que precisamos ir devagar, e que a cautela deveria ser minha maior amiga nessa reaproximação, mas secretamente não consigo evitar de pensar quando será nosso próximo acaso.

A parte fácil é realmente fácil e viciante.

Quero ver como vou ficar na hora de remexer as grandes feridas.





“Tive uma nova visita da Cath e ela me contou que a Annie fez uma venda de garagem esta semana para expor os quadros que tem pintado. Eu sei que tudo que aconteceu foi um pesadelo, mas se podemos tirar uma coisa boa disso, é o fato da sua irmãzinha ser uma criança esperta e cheia de vida. Acho que com a sua ajuda ela vai superar totalmente o acidente e se transformar em uma grande mulher, Haz.”

Trecho da carta nº 833

*Eduardo Barrett
Passado*

Escondo o cantil de vodca dentro da mochila assim que vejo Haz despontar da trilha com a sua irmã do lado. O que será que aconteceu? Ela nunca comentou a possibilidade de trazer visitantes. A criança está falante, observando a vegetação ao redor e o lago, com a animação típica da sua idade.

Sem ter ideia do que exatamente a menina sabe sobre nós, eu me levanto pronto para fingir que sou apenas uma pessoa aleatória apreciando a paisagem; caso seja necessário para não arrumar problemas para a Hazel.

— Annie, esse é o Edu, o amigo que eu te falei — ela me apresenta logo que se aproxima e a criança abre um sorriso enorme, acenando na minha direção. — Edu, essa é a minha irmãzinha curiosa e insistente, que está sem sono hoje, e me viu pulando a janela.

Ah, agora está explicado. Relaxo o corpo e aceno de volta, com um sorriso discreto.

— A Haz disse que, apesar do papai falar mal de você lá em casa, é uma pessoa legal que está ajudando ela superar a saudade da mamãe. Eu acredito na minha irmã.

— Obrigado pelo voto de confiança, Annie.

— De nada — responde encerrando o assunto, como se fosse simples assim, e volta ao modo saltitante querendo ver as trepadeiras.

— Elas estão bem ali. — Haz aponta para o canto próximo da colina. — Vai lá dar uma olhada.

— Posso jogar a terra na raiz para o pedido garantido?

— Pode, meu amor!

Empolgada, Annie sai correndo e começa a falar com as plantas igual a sua irmã mais velha adora fazer.

— Me desculpa por isso, foi totalmente inesperado. Saí como todos os dias e quando estava quase chegando no vizinho, percebi a bonita atrás de mim. — Sentamos no gramado, próximo da minha mochila, mas infelizmente longe demais um do outro para os padrões atuais do nosso relacionamento. — Caí na besteira de falar sobre a plantação de damas-danoite em um lago que nossa mãe amava, e que estava vindo jogar a terra como ela nos ensinou; e minha irmã ficou louca pra conhecer. Tentei negar, só que Annie começou a chorar e não tive como dizer não porque sei que sente muita falta da Gina. Vamos ficar no máximo uma horinha.

— Não tem nada que pedir desculpa, Haz. Se achar melhor que eu vá embora, permaneço à distância de olho em vocês pra ter certeza que ficará tudo bem.

— Não! — responde de imediato, roçando os dedos nos meus de forma discreta para não chamar a atenção da pequena. — Eu falei pra ela no caminho que você era meu amigo justamente pra não estranhar a sua presença. Annie é boazinha, não vai contar nada. Se não se importar, eu gostaria muito de estar ao seu lado pelo menos; já que não poderei te beijar, nem beber e nem fumar. Estou triste que amanhã não iremos nos encontrar por causa do aniversário do Caleb, não queria ficar dois dias seguidos tão

distante. Esse é o nosso único momento realmente junto, e eu passo o dia inteiro contando os minutos pra isso.

Putz! Nem me lembrava do aniversário daquele idiota. Odeio quando passam mais tempo juntos, fora da escola, por causa da amizade das suas famílias. Afasto a lembrança de como ele olha para ela antes que fique de mau humor.

— Não me importo de maneira alguma, eu também passo o dia inteiro querendo estar com você, minha linda. — Sorrio para ela, focando no que importa e louco de vontade de acariciar sua bochecha na altura das sardas. — Só vai ser um martírio não te tocar, estando tão próximo por uma hora.

— Nem me diga, estava sedenta pela sua boca na minha e, sabe... outros lugares.

O comentário faz meu pau pulsar na calça e meus lábios salivarem de vontade em cumprir o seu desejo.

As últimas semanas, desde o meu aniversário, tem nos aproximado ainda mais. Estamos avançando aos poucos como eu sugeriu e a cada dia fico fissurado por ela de um jeito diferente. Porra, a raposinha parece um sonho!

Já passamos pela fase de tocar e mamar seus peitos, gozar se esfregando no meu pau por cima da roupa e recentemente a masturbação por dentro da sua calcinha. Aumentei mais um vício na lista que está ficando interminável na sua presença: sentir seu gosto nos meus dedos.

Caralho, quando eu chupar essa garota será minha ruína. Estou focado nas descobertas dela e no seu prazer, enquanto vou me acostumando às sensações que me traz, então, até agora não permiti que me retribuisse.

Nunca bati tanta punheta na vida, mas também nunca fui tão feliz.

— Pronto, Haz, eu joguei certinho a terra na raiz! — Annie volta para onde estamos, espantando meus devaneios e me forçando a manter o juízo. — As daqui são muito mais bonitas que aquela trepadeira que estava no nosso muro de casa.

— São lindas, não é? — Hazel concorda, sorrindo, e estica o braço para a irmã se sentar ao seu lado. — É que aqui elas estão no meio da natureza, crescem ainda maiores. Por isso, nossa mãe era apaixonada.

— Posso nadar um pouquinho no lago da mamãe também? Queria fazer tudo que ela amava fazer nesse lugar.

— Isso não, meu amor. Está muito tarde, não quero que pegue um resfriado por ficar com a roupa molhada. Nas férias de verão, voltamos durante o dia alguma hora pra nadar.

— Ah, eu não vou poder vir todos os dias com você pro Edu me ajudar a superar a saudade da mamãe também? — ela faz biquinho, questionando com inocência, e se senta perto da irmã.

— Não pode, querida. — Percebo a voz da Hazel ficar mais baixa e emocionada. A falta que os irmãos sentem da mãe afeta diretamente a culpa que acha que tem no acidente. — Você ainda é muito nova pra sair de noite assim. Hoje foi a única exceção, por favor, preciso que não insista mais. Eu prometo que vou cuidando das trepadeiras da mamãe e, assim que você crescer um pouco, pode vir.

Os olhos da Annie se enchem de lágrimas e os da Haz vão para o mesmo caminho. Antes que as duas começem a chorar, eu tiro a marmita que trouxe da mochila e coloco no colo da menina.

— Não conta pra ninguém porque é segredo, mas eu sou um cozinheiro com dons especiais. A forma que ajudo a sua irmã é com essa comida que a deixa mais feliz. Hoje, ela é toda sua!

— Sério? — Annie pega o pote e abre a tampa, curiosa, de repente esquecendo das lágrimas. — Frango com vagem pode ajudar tanto assim?

— Faz milagres, você deveria experimentar!

Ela franze o cenho, parecendo meio cética, no entanto, acaba experimentando. Sorrio ao ver seus olhos se arregalarem de surpresa com o sabor.

— Meu Deus, está delicioso! Será que vai fazer efeito comendo só uma vez?

— A partir de amanhã, vou trazer duas — afirmo, arrancado um sorriso enorme do rostinho infantil. — A sua irmã guarda pra você comer à distância até crescer um pouco mais e poder vir aqui.

Enquanto Annie comemora, empolgada com meus supostos dons especiais, volto a atenção para a Haz e perco um pouco o fôlego pela forma intensa que está me encarando.

— Obrigada — sussurra, com os olhos brilhantes, e não mais tristes.

Balanço a cabeça em sinal de negativa, afirmando em silêncio que não precisa agradecer por isso, e percebo neste momento que não há nada que eu não faria para ver essa paz no seu semblante.

É isso que queremos para o outro quando amamos alguém.

E, caralho, não tem como negar: eu amo Hazel Waters!



Abro meu armário no vestiário, e estou prestes a pegar minha roupa para a aula de educação física, quando escuto Caleb e o seus amigos entrarem rindo e falando alto.

— Agora ele se apaixona de vez!

— É sério, ela parece mais feliz ultimamente. Viu que porra de sorriso lindo me deu? Ficou até mais gostosa também, nem sei como é possível... — Travo no lugar, segurando a porta do armário com força, ao imaginar de quem o Brydges está falando.

— Ela é uma delícia, cara, não sei como você tá aguentando esse tempo todo. Avança logo nessa merda!

Eu vou matar esse amigo idiota!

— Eu vou resolver isso hoje no meu jantar de aniversário, Haz parece que superou o luto de vez e está aberta a novas experiências. Caralho, eu até sonho como é beijar aquela boca carnuda dela.

Nem fodendo Caleb vai beijar a minha garota! Fecho os dedos em punho, com a raiva inundando minhas veias e me deixando irracional. Dou um passo para frente, sem pensar nas consequências, porém, o professor entra no vestiário antes que eu saia do canto onde nem fui notado pelos recém-chegados e faça merda.

— Rápido, meninos, se troquem logo. Em cinco minutos, todos devem estar na pista de corrida!

Não perca a cabeça e ferre a Haz, Eduardo!

Porra, minha consciência está certa. Como eu vou explicar meu rompante de socar a sua cara logo depois de falar sobre ela? Ia gerar um monte de comentário nesta cidade fofoqueira. Não posso fazer isso aqui no vestiário, com tantas pessoas de testemunha.

Em um esforço enorme para me segurar, visto logo a roupa sem ser notado e vou para a pista de corrida com a cabeça doendo e meus músculos rígidos. A situação piora ao avistar Hazel linda, em um short curto, se aquecendo do outro lado do campo, para praticar salto horizontal com as meninas da sala.

Inferno!

Será que se Caleb a beijasse, ela ia gostar e retribuir?

Será que poderia se apaixonar por ele?

Eu não posso perder a raposinha, mesmo sendo boa demais para ser verdade na minha vida. Ela é a melhor coisa que me aconteceu! O meu sentimento está tão forte que nem tenho pensado tanto na possibilidade de ir embora depois do Ensino Médio.

E se eu esquecesse o filho da puta do Kober e vivesse em Sedona ao seu lado? Apesar das diferenças com o seu pai, acho que a gente poderia fazer dar certo.

Com a raiva e a dúvida no meu sistema, começar a correr e aumentar a adrenalina no organismo se torna uma péssima junção. Ao perceber que Caleb está secando sua bunda, meu lado insensato fala mais alto e acelero de propósito para poder esbarrar nele com força.

O Brydges cai com tudo e, como eu previa, se levanta cheio de ira querendo tirar satisfação.

— Qual é o seu problema, idiota? — Ele vem para cima de mim e cogita apontar o dedo na minha cara.

— Eu só estava correndo, seu babaca. — Abaixo sua mão com um tapa e estufo o peito na sua direção. — Se estivesse prestando atenção no exercício, ia me ver.

— Mentirosa, você está doido pra caçar briga há semanas nos olhando com essa cara feia. Está entediado de Sedona e sua essência de marginal está vindo à tona? Volta para o buraco de onde veio, Barrett, de preferência o primeiro, longe do nosso país!

Caleb cai na besteira de encostar no meu braço, querendo me empurrar, no entanto meu reflexo pega sua intenção antes, e eu o jogo de volta no chão em menos de cinco segundos.

Com a desculpa que eu queria para arrumar briga resolvida, tirando o foco do verdadeiro motivo, fecho os dedos em punho e me inclino para dar um murro bem dado no meio do seu nariz.

Só não concluo a intenção porque sou segurado pela cintura e arrastado para trás pelo professor que chega bem na hora.

— Que merda está acontecendo aqui? O que você pensa que está fazendo, Barrett?

Antes que eu tenha a chance de abrir a boca, os puxa-sacos me detonam dizendo exatamente o que Caleb falou sobre caçar briga porque sou um marginal. Do lado do cara rico da cidade, é claro, sou punido pelo professor e o Brydges passa ileso.

— Se troque no vestiário e vá direto para a detenção!

Nem perco tempo de argumentar, obedeço ainda com a irritação correndo rápido pelas minhas veias. Assim que alcanço meu armário, abro a mochila e pego meu cantil escondido no fundo da bolsa para ver se o álcool me ajuda a acalmar um pouco.

Estou no segundo gole quando enxergo os fios ruivos do cabelo da Haz despontarem na entrada do vestiário.

— Forasteiro? — ela chama baixinho, como se temesse ser pega no flagra.

— Tô aqui! — Aceno para que ela saia da porta e venha se esconder em um canto mais reservado.

Haz se apressa a me alcançar e logo toca meu rosto com preocupação, o que acelera meus batimentos cardíacos.

— O que aconteceu? Por que você e o Caleb estavam brigando?

— Não é seguro conversar aqui, raposinha, podem nos pegar e dar confusão pra você. — Seguro sua cintura, necessitado de tocá-la, e acaricio uma parte da sua pele que está visível acima do short.

— Eu fingi que torci o pé na hora do salto, por ter me assustado com a briga inesperada do outro lado do campo. Ninguém vai desconfiar. O que houve? — ela insiste.

Olho profundamente para a sua íris castanha e o medo de perdê-la retoma ainda mais forte no meu peito. Cogito inventar alguma desculpa e não falar nada, mas prometemos ser sinceros um com o outro.

— Fiquei com ciúme de você, ele chegou aqui no vestiário se gabando do sorriso que recebeu e de como estava cada dia mais gostosa. Pra piorar, ainda falou que aproveitaria o jantar de aniversário hoje pra mudar o status entre vocês dois. — Os olhos de Haz se suavizam e ela sobe a carícia do meu rosto para o meu cabelo. — Tentei me controlar pra não criarem fofocas entre nós, só que lá na pista ele continuou te secando e não aguentei. Tive que arrumar outra desculpa porque eu queria muito dar um soco na sua cara.

— Edu, eu jamais vou dar abertura para o Caleb mudar nada comigo. Se ele tentar me beijar à força, pode ter certeza que eu mesmo dou um chute bem dado no saco dele. Não arrume mais holofote negativo à toa. Eu só quero você, forasteiro! — Haz sorri, me encarando com os olhos brilhantes que tanto amo.

— Repete isso, por favor — peço, puxando-a pela cintura para colar seu corpo no meu.

— Eu quero você, Edu, só você! — Minha pulsação dispara. — Estou mais feliz do que o normal, e por isso ele deve ter cismado com meu sorriso, porque soube essa manhã que meu pai vai viajar daqui a duas semanas, durante três dias inteiros, pra um evento de policiais do condado que será importante na sua disputa de xerife com o Bischoff. — Haz pega o cantil da minha mão e toma um gole generoso, como se quisesse compensar a falta de ontem e comemorar a notícia. — Em tese, eu cuidaria dos meus irmãos, mas vou inventar uma virose das bravas pro meu avô precisar cuidar deles. Seu Robert tem pavor de gente doente, tenho certeza absoluta que não vai insistir que eu fique junto na sua casa.

— Isso quer dizer que teremos três dias seguidos sem pressa pra ir embora? — pergunto e meus lábios se expandem ao ver sua cabeça confirmar duas vezes seguidas.

— Podemos ficar lá em casa o tempo inteiro, você só precisa arrumar alguma desculpa com os Elms.

— Considere feito, raposinha, eu não perderia essa oportunidade por nada!

Sei que não deveríamos abusar dentro da escola, no entanto, não aguento e beijo sua boca carnuda, linda e minha – com gosto de álcool e de felicidade.

Minha.

Haz é toda minha!



“Faltam apenas 250 dias agora para o fim da minha pena. Eu deveria estar feliz e aliviado de sair deste inferno, mas a verdade é que estou morrendo de medo de como será uma vida aí fora sem você.”

Trecho da carta nº 850

*Eduardo Barrett
Presente*

O restaurante está abarrotado de gente quando eu passo apressado pela entrada. Aproveito que o único cliente no caixa está saindo e vou direto na direção do Tuck para saber como estão as coisas.

— Nossa, acabou que os compromissos tomaram minha manhã inteira. Tá tudo sob controle aqui?

— Tá sim, fica tranquilo. Eric está administrando bem a cozinha com o que você deixou pré-preparado. Como foi no médico?

— Basicamente, fui lá pra ele me passar uma bateria de exames de rotina.

— É assim mesmo quando a idade chega. — Tuck ri, guardando o dinheiro que está na sua mão na caixa registradora. — E a reunião com o Miguel, era um novo evento?

— Era sim, daqui a dois meses. Só que desta vez ainda maior, focado em capacitar brasileiros no mercado americano. Serão cinco dias de congresso à frente da cozinha.

O empresário pediu que eu me encontrasse com ele na filial de uma das suas empresas aqui em Phoenix, no começo da semana, e eu já previa

que seria uma nova parceria.

— Que maravilha, Edu, como Miguel está avisando com antecedência desta vez, conseguiremos nos organizar com calma.

— Sim, ele já me passou todos os detalhes, por isso, demorou tanto.

— Pego meu celular do bolso da calça e confiro as horas, soltando um sorriso espontâneo sem querer, ao confirmar que vai dar tempo de fazer o que pensei antes de ir para a *Child's future*. — Está quase na hora do projeto social, e eu precisava resolver um assunto. Será que você e a Nadine aguentam as pontas mais um pouco até o Kieran chegar da escola?

— Claro, pode ir! — ele afirma, mas me encara atento, com seus olhos observadores.

— Valeu, eu vou dar uma olhadinha no pessoal da cozinha e sair então; volto mais tarde.

Aproveito a deixa de um novo cliente se aproximando do caixa e me despeço antes que o Tuck tenha tempo de pensar demais. Eu não sou de rir à toa, e isso tem acontecido com muita frequência nos últimos dias, por uma razão que ele não faz a mínima ideia.

É só me lembrar da imagem dela pelada, dormindo nos meus braços, que o sorriso desponta no meu rosto. É tão nítido na minha memória que consigo até sentir o cheiro bom de sexo empesteando o quarto. Não consegui levantar por mais de uma hora naquele dia, depois que ela apagou, exausta da nossa maratona, porque fiquei acariciando o seu cabelo e velando seu sono.

Nem mesmo o aviso do advogado ontem, sobre a retirada do processo contra o Kober, me deixou abalado. Breck está decepcionado comigo porque ele segue crescendo nas pesquisas, porém, para continuar vendo a Haz mais leve, vale a pena abrir mão dessa luta.

Eu acredito que, em breve, o jornalista vai conseguir provar suas falcatruas e meu padrasto irá pagar pelas merdas que fez – pelo menos alguma delas.

Confirmo que está tudo certo na cozinha e pego um prato com escondidinho de frango e creme de milho para viagem. Levar comida para a Haz não é exatamente deixar o acaso nos reaproximar, contudo, como eu tenho uma boa desculpa para vê-la agora, posso fingir demência.

Descobri sem querer uma oportunidade de venda incrível para ela durante a reunião com Miguel. Um pedido de 200 cupcakes, que serão entregues como brinde para os funcionários das suas três empresas no Dia de Ação de Graças, foi cancelado pela confeitoria que contratou devido a problemas pessoais da dona.

Antes que a secretária dele terminasse de avisar, eu estava me metendo na conversa para dizer que conheço uma profissional maravilhosa que poderia atendê-lo.

Hazel sabe disso? Ainda não; talvez queira me matar pelo trabalho extra. No entanto, é uma ótima oportunidade para dar um novo passo no seu negócio e criar laços comerciais promissores.

Peguei o contato da secretaria e vou lá avisá-la da novidade antes de ir para o meu compromisso. Se aceitar, Haz terá algumas semanas pela frente e poderá se organizar certinho.

Com a sacola do Clarissa's na mão, volto para o salão e sigo apressado até a saída. Esbarro com Nadine no caminho e trocamos um sorriso cúmplice de quem imagina que estou aprontando.

Não dei detalhes do que decidimos, no entanto, está estampado na minha cara que sua interferência foi positiva. Eu nunca falaria nada para Haz, mas confesso que fiquei aliviado por descobrir algumas verdades e reagir bem a elas.

Não deu para brigar com Nadine quando isso significou ter a mulher da minha vida, na minha vida de novo.

Pelo menos por enquanto...

Talvez eu esteja empolgado demais com a parte fácil do quebra-cabeça, só que não consigo evitar. A raposinha é mais forte do que eu e o

meu bom senso. Também não consigo parar de pensar que o universo está nos dando uma segunda chance.

Antes a gente não poderia lidar com toda nossa bagagem... agora talvez seja possível.

É por isso que eu sempre senti que não deveria me mudar do prédio. Acho que todas as vezes que desejei que Haz fosse feliz, para as damas-danoite que plantei no terraço, estão convergindo nesse momento atual.

Na hora da parte difícil, você nunca poderá dar o que Hazel pediu. E aí, tudo isso que estão vivendo, se tornará mais mágoa.

Afasto a maldita voz da consciência e foco nas palavras sinceras que disse a ela: eu queria muito poder mudar a nossa história. Daria tudo para ter um futuro ao seu lado, sem a parte sombria do passado.

Vou pagar para ver se conseguiremos contornar nossos problemas e criar algo a partir daqui.

Eu preciso desesperadamente acreditar que vamos.



Paro na frente do seu apartamento e meus batimentos cardíacos disparam apenas pela expectativa de tocar a campainha e conversar com ela mais uma vez.

É esse o poder da Haz em mim.

Hoje é o quarto dia desde que estivemos juntos e já estou em uma abstinência absurda de senti-la; morrendo de saudade da sua pele. Agora apenas cruzar rapidamente pelos corredores do prédio não basta – ainda mais que nossos olhares têm se procurado instintivamente, mesmo quando outras pessoas estão por perto.

A química e conexão que tínhamos há 18 anos voltaram com tudo.

Seria hipócrita da minha parte se não confessasse que contei com essa margem no horário com segundas intenções. Espero que ela fique feliz com a novidade a ponto de me deixar beijar a sua boca gostosa.

Descobrir de repente que alguém precisa de 200 cupcakes é o acaso, certo?

Toco a campainha de uma vez e ajeito a postura, atento na porta de madeira.

— Só um minuto, estou terminando de guardar um bolo na embalagem! — ela avisa do lado de dentro.

— Tudo bem, eu espero.

Silêncio. Por um instante, Haz não fala nada.

— É você, Eduardo?

— Sim. — O seu tom parece assustado, melhor deixar claro de uma vez o que vim fazer. — Desculpa incomodar, preciso te falar algo de trabalho rapidinho.

Demora menos de um minuto para ela terminar o que está fazendo e abrir a porta, mas se tornam os segundos mais longos da história de tanta expectativa que eu fico para saber se foi uma boa ou uma péssima ideia agir tão no impulso assim.

Quando escuto o barulho na fechadura, eu espero agir naturalmente para não piorar as coisas, no entanto, fico atônito com a imagem impressionante que surge no meu campo de visão.

É impossível controlar os meus olhos de avaliarem com minúcia cada parte do seu corpo.

Haz está usando um vestido azul-claro, de tecido leve, que vai até metade das suas coxas grossas; e um avental preto por cima, com pequenas manchas do que parece chocolate, trigo e cobertura branca. O decote quadrado está um pouco justo, me fazendo salivar pela forma que abraça seus peitos.

Eu não a tinha visto de vestido desde que se mudou. Suas roupas geralmente são em tons escuros, e na grande maioria das vezes com calça jeans. Esse modelo é simples, porém, perfeito nela.

— Vestido... sardas... linda! — Ao ver que as pintinhas não estão escondidas por maquiagem no meio do dia, meu peito infla de felicidade e o elogio acaba saindo em voz alta.

— Escorreguei na cozinha mais cedo e derrubei uma tigela de massa de brownie em mim. Tive que tomar banho às pressas, caçar uma roupa limpa no meu armário, com cestos pra levar na lavanderia, e acabei esquecendo de retocar a maquiagem de novo. — A explicação sai da sua boca às presas e com palavras amontoadas; como se precisasse deixar claro que não tem nada a ver comigo.

Ela sabe que amo quando usa vestidos e mostra as suas sardas. Principalmente, porque reforcei isso de novo no bilhete que deixei antes de ir embora no sábado.

— Você se machucou?

— O quê? — questiona aérea, colocando uma mecha do cabelo atrás da orelha.

— Da queda na sua cozinha... você se machucou?

— Ah, não. Só um ralado no cotovelo porque bati no armário.

Porra, eu devia observar apenas o machucado que ela me mostra, no entanto, não consigo ignorar como seus seios saltam na minha cara quando pressionados sem querer pelo seu braço.

— O que você... o que você queria mesmo? — Percebo na voz falha e nervosa que está se esforçando para se concentrar também.

Respira fundo, Eduardo! Primeiro dê a boa notícia.

Focado só no seu rosto, para não cair em tentação, entro no apartamento e conto como conheci o Miguel, o evento que fiz na semana que ela chegou a Phoenix e o próximo que fui contratado hoje. Ao mencionar sobre os cupcakes, sua boca se entreabre, apreensiva.

— Meu Deus, seria uma demanda grande além do que já tenho dos pedidos diários. E ainda pra uma empresa, será que vai ser bom o suficiente? Retomei há tão pouco tempo na confeitoria...

— Claro que vai, seus bolos e doces são os mais gostosos que já comi. E juro que não estou puxando o saco porque é você!

Ela me autorizou continuar vendendo seus produtos no Clarissa's e agora eu posso pedir a mais, sem medo de chamar a sua atenção. Todos os dias não resisto a experimentar um sabor novo.

— Obrigada, pelo elogio e pela recomendação... — Haz caminha até a cozinha e pega o seu celular que está na bancada, próximo de dois bolos prontos e lindos.

Luto para não olhar para a sua bunda, mas é uma luta perdida.

Tão gostosa, caralho!

— Estou vendo aqui que ninguém encomendou bolo de aniversário na semana que antecede o Dia de Ação de Graças. Eles que me dão mais trabalho. Se eu me organizar certinho, acredito que consigo fazer, sim.

— O Miguel é muito gente boa e, quando ele gosta de algo, realmente fecha uma parceria que tem tudo pra ser duradoura. Acredito que será ótimo pra você! — Caminho até onde está, pego a minha carteira no bolso e tiro o cartão da secretária. — Fale com ela pra esclarecer as suas dúvidas. Se achar melhor experimentarem antes, eu posso levar algumas degustações.

— É uma ótima ideia, vou ficar mais segura se aprovarem antes! — Haz sorri e eu ganho a porra do dia.

— Faz o seguinte então: conversa com a secretária enquanto eu estiver dando aula pra criançada no projeto social. Depois que eu voltar do passeio com a Bailey, passo aqui e pego com você pra deixar lá antes de voltar para o restaurante.

— Não vai te atrapalhar? Sair muito da sua rota?

— Não vai me atrapalhar, fica tranquila. — A rota é totalmente diferente do Clarissa's, mas isso Haz não precisa saber.

— Obrigada, de novo. Eu vou falar com a secretária e separar os cupcakes de degustação.

Um breve silêncio paira no ar e ela parece relaxar. Do mesmo jeito que a encarei assim que cheguei, seu olhar desce apreciando a camisa social azul-marinho e a calça jeans preta que eu coloquei para ir à reunião. Haz observa com o vislumbre de um sorriso a tatuagem da dama-da-noite, visível na manga dobrada, e seu foco vai para a sacola na minha mão.

— Trouxe pra você. — Aproveito a deixa favorável para entregar a comida. — Não é com vagem, mas tem frango e creme de milho; outra dupla que também ama.

— Você ainda se lembra? — pergunta, surpresa.

— Você se assustaria se soubesse quantas coisas eu lembro sobre você, com riqueza de detalhes, raposinha.

Sei que não deveria falar isso e cutucar o passado, porém, vale a pena quando Haz se rende ao comentário, suspira e morde o lábio inferior. Ela observa a tela do celular mais uma vez e deixa a sacola e o aparelho em cima do balcão.

— Acho que esse encontro pode ser considerado um acaso... — Corto a distância entre nós, sem esperar que termine de falar, e minhas mãos vão direto para a sua cintura. *Era tudo que eu queria ouvir!* — Naomi só volta mais tarde do treino e eu tenho trinta minutos antes do entregador vir buscar uma leva de pedidos. Aproveite vinte, forasteiro...

— É tempo o suficiente pra te fazer gozar gostoso! — sussurro próximo da sua boca, girando o seu corpo ao mesmo tempo que umas das minhas mãos agarra a sua coxa para impulsioná-la para cima.

Haz arfa, excitada, e se segura pelo colarinho da camisa social. Suas pernas enlaçam a minha cintura e eu a prenso contra a parede; roçando sua virilha na minha ereção para sentir como já estou pronto para ela.

Minha boca, saudosa, corre para a sua em um beijo intenso como sempre acontece quando nossas línguas se encontram.

— Vamos... sofá... — murmura ao ficarmos sem ar. — Quero você!

“Quero você!”

Isso é música para os meus ouvidos.

Desço meus lábios molhados pelo seu pescoço, beijando a pele com ânsia, enquanto desamarro o seu avental. Eu entendo que ela não queira fazer nada perto da cozinha por causa do seu trabalho, mas não resisto a um detalhe ao deixar o tecido em cima do armário que está do nosso lado, antes de ir para a sala.

— Essa cobertura no saco de confeitar é *cream cheese* que usa no *red velvet*? — questiono com um sorriso malicioso e sua pupila se dilata em expectativa.

— Sim, eu estava terminando de embalar um bolo e ia decorar uma leva de cupcakes antes de você chegar. Por quê? — Haz morde o lábio inferior de novo, se remexendo no meu colo.

— De repente me deu muita vontade de experimentar meus dois sabores preferidos juntos... essa cobertura e o gosto da sua boceta!

— Edu... — ela geme baixinho, rebolando com vontade agora para aumentar a fricção do seu corpo no meu.

Entendendo seu gesto como um “sim”, amplio o sorriso, pego o saco de confeitar e apresso o passo até o sofá com Haz enlaçada na minha cintura. Posiciono seu corpo de lado, apoiado no braço do móvel, e sem perder tempo embolo seu vestido na cintura e me livro da sua calcinha.

— Isso vai ficar comigo desta vez! — Ao me ver ajoelhar na sua frente, cheirar a lingerie e guardar no bolso da calça, seu peito sobe e desce pesadamente.

Resvalo minhas mãos por suas pernas e aprecio orgulhoso a pele se arrepiar quando eu a deixo toda aberta para mim. Umedeço os lábios com

saliva ao ver que a pequena faixa triangular, de pelos ruivos e curtos, está úmida da sua excitação.

Pego o saco de confeitar, coloco uma quantia generosa da cobertura nos dedos e esparramo em uma linha reta na sua boceta.

Faço contato visual segundos antes de cair de boca, reverenciando os sabores mais deliciosos que existem. Eu chupo sem pudor nenhum. Me lambuzo dela sem frescura, dedicado a não perder nenhuma gota dos dois.

— Gos... gostou da junção? — O questionamento ecoa sufocado pelos seus murmuríos de luxúria.

— Divino, porra! — rosno na sua pele, penetrando minha língua na sua entrada quente e apertada.

Sem desviar o olhar do meu, Hazel mergulha os dedos no meu cabelo e puxa com força — ora me empurrando mais para baixo; ora tão extasiada que parece querer me tirar dela porque não está aguentando o prazer.

Ela tenta juntar as pernas, se contorcendo no sofá, e eu as abro ainda mais; intercalando entre sugar, lamber e afundar minha língua, o mais fundo possível, na sua intimidade.

Escutamos barulho dos outros vizinhos no corredor, conversando sem saber o que fazemos aqui, e eu a encaro profundamente para que tape a boca e não deixe ninguém ouvir os seus gemidos.

Na sala, o isolamento é ruim e não quero ninguém com acesso ao que é só meu.

Obediente, Haz faz o que meus olhos ordenam e eu a recompenso devotando minha atenção 100% no seu clitóris. Ainda tem um pouco de *cream cheese* ali e eu me delicio com a suculência e o toque levemente ácido da mistura dele e dela.

Não paro de provocar com a ponta da língua quando suas coxas tremulam.

Acelero os movimentos circulares, depois para cima e para baixo, ao ver sua cabeça se inclinar para trás e sentir suas unhas cravadas no meu couro cabeludo.

Hazel goza no momento exato que a voz dos vizinhos cessa, provavelmente descendo o elevador.

— Minha nossa... isso só... só fica melhor... como pode? — ela comenta, ofegante; me observando inebriada enquanto tenta se recuperar do orgasmo.

— Eu tenho 18 anos de tesão reprimido pra extravasar com você. Vai ficar cada vez melhor, minha linda. — Me levanto e limpo a boca com as costas da mão; sentando ao seu lado no sofá e batendo nas minhas coxas.
— Coloca esse rabo gostoso aqui, que vou te provar o quanto é verdade.

Haz mal me espera terminar. Ansiosa por mais, sobe no meu colo e apoia as duas pernas ao lado do meu corpo. Seus dedos abrem o cinto e o zíper com habilidade, liberando meu pau ereto em segundos.

A safada espalha o líquido pré-ejaculatório da glande pelo comprimento e, antes que eu cogite mencionar o preservativo, se encaixa sozinha e desliza triunfante por todo meu eixo.

— Puta que pariu, que delícia! — Finco meus dedos na sua bunda, apalpando a carne macia com força.

Vai ser um sonho gozar na sua boceta sem nada para me impedir de senti-la plenamente de novo. Eu nunca experimentei um prazer tão prolongado como da última vez por causa disso. Ver a porra escorrer do seu canal no final foi a cereja do bolo: fez um animal rugir dentro de mim, possessivo e realizado.

Deixo que Hazel assuma o controle e fico esperando, com os batimentos cardíacos reverberando na garganta, ela aumentar a intensidade aos poucos. Sua boceta me engole inteiro até o fundo, e depois sai quase na ponta; apertando meu membro com suas paredes internas.

É uma visão do paraísovê-la assim em cima de mim, com os peitos empinados na minha cara.

Abaixo o busto do seu vestido e libero os seios grandes, esmagando-os entre os dedos. Minha língua percorre o caminho até o mamilo e sugo com fúria, louco de tesão, um de cada vez.

Motivada pela minha mamada, Haz joga o seu corpo para a frente e deixa apenas seu quadril comandar a penetração. Os murmuríos de lascívia se intensificam e ela começa a esfregar o clitóris sofregamente em mim.

— Isso, minha putinha! Cavalga no seu homem.

Ela quica e rebola.

Se esfrega.

Me beija.

Vai rápido e desacelera para estender a expectativa.

Se esfrega de novo.

Porra, não há nada mais gostoso que a minha mulher!

Volto as mãos para a sua bunda e deixo um tapa estalado antes de abrir bem as nádegas, brincando com o orifício do seu cu. Hazel geme alto com a provocação e eu a encaro sério, desafiando-a a me desobedecer quanto a isso.

Ela não desobece. Maltrata o lábio inferior no seu dente, sentindo o dedo passar no seu buraco pulsante; mas não extravasa além do que só eu possa ouvir.

— Boa garota! Eu vou meter agora até gozar no meu pau. — Cuspo na ponta dos meus dedos, ajudando com a lubrificação. — Quero você olhando pra mim o tempo inteiro, bem quietinha. Ouviu?

Ela acena a cabeça, linda com a bochecha rosada pelo esforço físico; e apoia as mãos nos meus ombros. Assumo o controle e soco forte e duro; amando sentir seus peitos balançarem para cima e para baixo no meu rosto.

O tesão do ato, e de chegar à beira do ápice a observando dessa forma, faz meu pau inchar, dolorido em cada veia, como se todo sangue do meu corpo se concentrasse no membro.

Enfio um dedo molhado no seu cu e Hazel vibra inteira, me penetrando fundo quando o seu corpo encontra o alívio pela segunda vez e impulsiona para baixo, de encontro ao meu.

Arqueio a coluna contra o sofá e não contengo um gemido abafado. Vou junto no mesmo instante; a porra explodindo com força no seu canal, ativando todos os pontos sensíveis da minha pele.

Não desviamos o contato em nenhum momento. Sorrimos um para o outro ainda ofegantes, totalmente saciados.

Haz me observa como se eu fosse o único capaz de preencher o seu corpo e o seu ser. O que, eu não tenho dúvida nenhuma, também reluz em neon e letras garrafais do meu olhar.





“Eu não confio nos Waters e nos Brydges desde que soube o que fizeram aos Elms. Espero que eu esteja errado sobre o caráter deles, raposinha, e nem seu pai, nem seu avô, nem seu marido nunca decepcionem você.”

Trecho da carta nº 874

Hazel Waters
Presente

— Você está tão animada ultimamente, Haz, dá gosto de ver. Ficou até mais bonita depois que começou a trabalhar com o que ama.

Sorrio para Leslie, em agradecimento ao seu elogio, e termino de fazer uma pitanga com o saco de confeitar na leva de cupcakes que estou decorando. O sorriso se amplia ao observar o objeto. Há dias não consigo mais olhar para esse utensílio essencial no meu trabalho sem me lembrar dele.

Por Deus... Eduardo é quente!

Estivemos intimamente juntos mais duas vezes, não tão por acaso assim, e não posso negar que o motivo da minha empolgação recente também é o forasteiro.

Ainda estou com medo do que virá, mas é impossível resistir à atração incontrolável que nos puxa um para o outro. Estar ao seu lado parece tão certo, que é incrível e apavorante ao mesmo tempo.

A leveza tem sido tanta que passei o aniversário de morte da minha mãe ontem sem aquela angústia sufocante que me acompanhava durante a data. Por quase duas décadas, enfrentei o dia doloroso visitando o lago com

a Annie – a única vez no ano, depois de tudo que aconteceu. Fiquei triste, claro, mas não desmotivada a ponto de não ter vontade de fazer nada.

Trabalhei o dia todo e recebi a visita do Eduardo no almoço para me entregar uma marmita do Clarissa's – ele se lembrava da data e não houve nenhuma conotação sexual no seu gesto. Só queria mesmo checar se eu estava bem.

Significou muito isso. Muito mais do que eu gostaria de admitir.

— Só de estar pagando as contas e sanando as dívidas já tira um peso enorme das minhas costas! — puxo assunto a fim de não ficar pensando nos meus sentimentos. Eu estou empurrando com a barriga, apenas ansiosa pelo lado bom e fugindo do complexo. — Fazer isso com algo que me deixa realizada melhora ainda mais os dias.

A primeira coisa que eu fiz, assim que o dinheiro começou a entrar, foi pagar uma parte do que a Annie me emprestou e outra que o Eduardo repassou fingindo ser a Leslie.

— Comigo não precisava ter se preocupado, disse que estava tranquilo — ela mente, achando que não sei a verdade.

Eu, de fato, não estou chateada com a Leslie por causa dessa encenação. Gostei dela desde o começo, e acredito que é recíproco. Minha amiga só está tentando me ajudar a seguir em frente nesse recomeço difícil na cidade grande.

— Quero zerar tudo e começar a crescer a partir daí. Vai entrar um extra muito bom, da encomenda daquela empresa que te falei, e irei usar para abater o resto que te devo.

Eduardo insistiu para que eu o pagasse só no ano que vem, e assim usasse o valor para investir no negócio, no entanto, eu ia me sentir muito desconfortável. Prefiro quitar primeiro tudo que devo tanto a ele como à minha irmã.

Conversamos mais um pouco, enquanto ela belisca vários doces, até que o interfone toca e preciso descer com uma penca de pedidos.

— Eu te ajudo a levar e aproveito pra ir embora. Estou enrolando pra fazer faxina em casa, mas tenho que utilizar minha folga pra algo útil, além de devorar suas delícias.

— Leva uns brownies para o David, ele gosta tanto! — Separo três pacotes e coloco em um saquinho para ela.

— Pare de nos mimar, mulher, isso é uma tentação! Ele te leva à falência.

Saímos do apartamento dando risada, com as mãos cheias de embalagens, quando de repente a porta do elevador se abre e Eduardo aparece no meu campo de visão. Por um momento, automaticamente meu cérebro tem vontade de sorrir ainda mais. Porém, algo na sua feição me faz ficar séria e observá-lo atentamente.

Apesar de nos cumprimentar de forma rápida e cordial, pela primeira vez desde que nos vimos neste prédio, ele parece não estar confortável na minha presença. Se apressa a pegar a chave e abrir a porta, desesperado para entrar em casa e não ter que lidar comigo.

Seus olhos cinza estão opacos e há uma linha de expressão muito demarcada na sua testa. A pele está sem brilho, como se tivesse recebido uma notícia ruim e não conseguisse processar direito.

O que será que aconteceu? Será que está tudo bem com a sua família? Será que houve algum problema no restaurante? Esse horário ele nunca costuma ficar no prédio.

Leslie percebe a mudança no meu rosto, e provavelmente achando que é por causa da nossa rusga do passado, tenta disfarçar e descer logo, puxando meu braço com discrição. Eu tenho vontade de correr até ele e perguntar o que houve.

Eduardo está tão apático que seu olhar nem se demora no meu.

Sigo para o primeiro andar e repasso os pedidos para o entregador aérea. Mal presto atenção no que Leslie fala ao se despedir. Ao voltar para o meu apartamento, as mãos comicham para tocar a campainha da sua casa e checar o seu estado.

O único motivo que me impede é a dúvida se está sozinho. Às vezes é o Tuck o motivo da sua preocupação e precisa cuidar dele de alguma forma.

Pelos próximos trinta minutos, retomo os afazeres de olho na porta o tempo inteiro – secretamente esperando que Eduardo venha atrás de mim e diga alguma coisa.

Só que não é ele quem aparece. Me pegando totalmente de surpresa, minha filha entra aos prantos com Kieran a apoiando pelos braços.

— O que aconteceu, Naomi? — Largo tudo no balcão da cozinha e saio correndo na sua direção. — Por que você está chorando desse jeito, meu amor?

Seus olhos estão inchados e vermelhos de uma forma intensa que reconheço de imediato. Não é um pranto passageiro ou por motivo aleatório. É do tipo que dói na alma.

— Não... fi... bra... po... vor... — Mal dá para entender suas palavras com os soluços.

— Eu não vou ficar brava, querida. Preciso que se acalme. — Passo a mão nas suas costas e a trago para perto de mim. — Kieran, pega um copo de água pra ela na geladeira, por favor.

Ele me ajuda a colocá-la no sofá da sala e sai apressado para fazer o que pedi. Seu rosto está tomado pela apreensão. Os dois deveriam estar na escola nesse horário. Será que aconteceu algum problema com as garotas do time?

— Kie... eu... brimos... tudo...

— Respira fundo, minha filha. — Puxo ar pelos pulmões e solto devagar pela boca, incentivando-a a fazer o mesmo. — Toma essa água primeiro.

Kieran entrega o copo para ela e ajuda a segurar, observando-a com tanto carinho que com certeza esses dois voltaram a conversar – quiçá não acabaram se envolvendo de vez.

Deve ser por isso que ela disse para eu não ficar brava, porque aparentemente descobriram alguma coisa juntos.

Na atual realidade em que me encontro, seria muito hipócrita da minha parte dar sermão ou proibi-los de se relacionarem. Parece que às vezes o destino faz mesmo de tudo para unir duas pessoas.

Apesar de reparar minha filha mais animadinha nos últimos dias, pensei que fosse por causa do passeio que fez com as amigas de Sedona. Se soubesse que Kieran estava envolvido no motivo, tinha voltado atrás no meu pedido que se mantivesse afastada.

Com tantos problemas no time, achei que Naomi nem estava mais pensando nele.

— Consegue falar agora? Está se sentindo melhor?

Minha filha abre a boca para tentar explicar, no entanto, o pranto volta com força e ela vai ficando cada vez mais nervosa — o que causa o mesmo efeito em mim porque nunca vi a Naomi tão abalada na vida.

Geralmente, ela é como a Annie: forte e decidida.

— O que houve, Kieran? Conta você! Já estou ficando apavorada de ver minha filha desse jeito.

— Posso falar? — Ele olha para ela para pedir permissão; entrelaçando seus dedos.

Naomi balança a cabeça três vezes seguidas, fungando, sem soltar a mão do vizinho.

— Há algumas semanas, eu tenho investigado por que as meninas do time de futebol estavam tratando a Naomi com tanta indiferença. Nós dois voltamos a conversar recentemente e compartilhei com ela minha busca. — Gosto um pouco mais dele por isso, é muito gentil da sua parte fazer essa investigação. — Uma das minhas principais apostas era em uma amiga de infância, que estava começando a ficar com a capitã. Demorou um pouco pra descobrir algo útil, só que noite passada elas iam para uma festa juntas e presenciou uma briga. A capitã queria usar o carro da família para sair, e a mãe não deixou, então, jogou na cara que se não fosse por ela nem

teriam o veículo. Como são da periferia e o carro era muito chique, a minha amiga desconfiou e me alertou sobre isso.

— Merda, eu estou odiando o rumo dessa conversa...

Me levanto do sofá e arranco a touca do cabelo, esfregando os fios ruivos em ansiedade. Não é possível que... não!

Não seria possível!

— Eu pesquisei o número da placa inicialmente, só que já estava transferido para os dados da mãe. Tenho um amigo nerd que sabe alguns truques de hacker e pedi ajuda pra ir mais a fundo no dono original do veículo. Naomi e eu matamos aula e ficamos na sua casa aguardando uma resposta até que veio agora há pouco.

O choro da minha filha se intensifica e cada poro do meu corpo sabe o que isso significa antes que o Kieran diga em voz alta.

— Era propriedade do escritório de advocacia dos Waters.

“Propriedade.”

“Waters.”

Ódio, puro e violento, invade as minhas veias quando as palavras são assimiladas pelo meu cérebro. Eu não acredito que meu pai, meu avô e Caleb fizeram isso com a Naomi por despeito. Não acredito que pegaram um patrimônio da nossa família e deram para a família de uma garota de 17 anos a fim de fazer a gente desistir de Phoenix e voltar para Sedona.

— Baixos, sem caráter, filhos da puta! — xingo em voz alta, andando em círculos em frente ao sofá. — Eu vou acabar com o Anthony e esfolar o Caleb vivo! Foda-se ter paz, minha filha, nós vamos contar tudo que seu pai fez para o seu avô e espalhar isso pra Sedona inteira. Todo mundo vai saber exatamente qual é a índole do estimado policial Waters e do querido herdeiro Brydges.

Naomi balança a cabeça, concordando com meu plano, e seus soluços ecoam pela sala. Eu entendo a dor das suas lágrimas agora: é de decepção com as pessoas que deveriam amá-la e respeitá-la. O barulho fica

tão alto que logo escutamos uma batida na porta, Eduardo não resiste a vir checar o que está acontecendo.

— Está tudo bem? Vocês precisam de ajuda?

Abro a porta sem pensar demais e seu rosto, que já estava preocupado, fica ainda mais apreensivo.

— Pai, o que você está fazendo aqui no prédio a essa hora? — Até o próprio filho estranha o mesmo que eu.

— O que houve? Está tudo bem? — Ele ignora a pergunta, focando diretamente em mim e na Naomi.

Para a surpresa dos dois adolescentes, que pensam que não o suporto e quero distância do cara que me machucou tanto no passado, me vejo resumindo tudo para Eduardo em desespero para compartilhar minha ira com alguém que sempre me escutou.

Depois eu converso com Naomi e explico o que está acontecendo. Uma hora eu teria que encarar os próximos passos do quebra-cabeça, de qualquer forma.

— Quero ir pra Sedona hoje mesmo, não vou esperar mais nenhum dia pra acabar com essa palhaçada! — declaro, enfática, ao fim do meu relato efusivo.

— Eu posso levar você de moto, e o Kieran vai com a Naomi de carro. Fico esperando na casa da Cath pra evitar mais dor de cabeça.

— Sério? Mas e o restaurante?

Seria muito mais rápido e fácil do que esperar a Annie se deslocar até aqui.

As vendas, eu posso encerrar por hoje e deixar as últimas entregas para a Leslie entregar para mim. Porém, o Clarissa's não pode parar de funcionar.

— O Tuck e a Nadine dão conta de tudo. Se você quiser ir, pode contar comigo.

Minha pulsação se altera com suas palavras que parecem tão sinceras.

— Obrigada, eu aceito sua ajuda. — Me aproximo dele, louca de vontade de puxá-lo para um abraço e acalmar um pouco a raiva que corre na minha corrente sanguínea. Minha voz sai mais baixa quando abro a boca de novo. — Está tudo bem? Você parecia afetado mais cedo.

— Está... — Uma veia salta na sua garganta e desta vez não soa sincero. — Não se preocupe, Haz. Vamos cuidar do seu problema.

Eduardo pode até não querer compartilhar comigo neste momento, mas com certeza há algum problema e eu vou descobrir para ajudá-lo também.



A gana de desmascarar meu pai e o Caleb tornou o trajeto mais rápido que a ida para Phoenix. Fizemos em três horas, com poucas pausas para respirar e pisar um pouco no chão firme.

Apesar de estar exausta e ter ficado aflita com o trânsito durante todo caminho, a presença do Eduardo amenizou bastante a minha tensão. Ele conversou comigo o tempo inteiro na moto e, sempre que possível, colocou a sua mão esquerda na minha perna em uma carícia discreta.

— A Annie já chegou. — Colman aponta com a cabeça na direção do carro da namorada, assim que estaciona na entrada da fazenda.

— Ótimo, quero resolver essa merda logo e voltar pra casa.

Liguei para a minha irmã antes de sair do apartamento, contei o que aconteceu e combinamos que o Colman ia me buscar na casa da Cath assim que eu chegassem em Sedona. Ela se incumbiu de trazer o meu pai até a fazenda, inventando uma desculpa que estava preocupada com a Naomi e queria falar com os dois para ajudar no nosso retorno.

Vou confrontá-los de uma vez, e de quebra contar tudo ao meu ex-sogro, que vai estar em chamada de vídeo com a minha filha o tempo inteiro. Ela também falou com ele antes de pegarmos a estrada e disse que tinha algo muito importante para revelar.

Não fosse a distância, seria ótimo se estivesse aqui pessoalmente para o show.

Escuto barulho de pneu, no cascalho atrás da gente, e logo Naomi desce do carro com Kieran. Como ninguém conhece o garoto, não tem como o relacionarem com os Elms.

— Já ligue para o seu avô, meu amor. Vamos entrar com o telefone na mão pra ele ouvir tudo.

Assim que minha filha faz o que eu pedi, deixamos os dois na porteira e seguimos juntas até a casa principal com um velho impaciente na linha. Vários funcionários nos encontram pelo caminho e tentam puxar assunto, surpresos com a nossa presença, mas desviamos e avisamos que temos um assunto urgente para tratar com Caleb.

Quero que a fofoca comece e se espalhe na velocidade da luz.

Quando o homem com quem passei os últimos anos da minha vida me vê entrando pela porta da sala, o sangue some do seu rosto e ele fica pálido na hora. Além das nossas feições, claramente irritadas, Caleb sabe que eu não enfrentaria uma viagem longa dessas à toa.

— O que vocês estão aprontando? — Meu pai analisa, esperto, a minha postura, da Naomi e da Annie que vem para o nosso lado. — Isso aqui claramente foi uma desculpa pra nos encontrarmos juntos.

— Foi, sim, policial Waters. Viemos discutir com você sobre o ato ilícito do suborno, induzindo terceiros a praticar condutas inescrupulosas — falo bem alto para quem quiser ouvir na fazenda, usando sua denominação como policial de propósito. — E também sobre a moralidade de um agente público pagar alguém pra fazer injúria e difamação com a própria neta!

— Como você descobriu isso? Temos um acordo de confidencialidade! — Anthony fecha os dedos em punho, puto com a minha

descoberta.

É claro que tem! Se não fosse a desconfiança do Kieran e a ajuda da amiga dele, provavelmente nunca saberíamos sobre esse suborno. Naomi passaria o resto do ano sofrendo na mão da capitã, que influencia as outras meninas a tratarem como inferior.

— Hazel, a gente pode explicar... — Caleb tenta se meter, com aquele tom ridículo de coitado.

— Eu não vim aqui pra dar satisfação de como descobrimos, e muito menos pra ouvir desculpas esfarrapadas. — Aponto na direção dos dois, transformando toda minha raiva em frieza para ser bem clara com as palavras. — Saí da minha casa, e viajei mais de três horas pra olhar na cara de vocês, porque estou dando o basta que devia ter dado no dia que descobri as traições e um filho fora do casamento.

— Filho fora do casamento? — Pela primeira vez, a voz do senhor Brydges ecoa pelo cômodo.

— O que você está fazendo, Naomi? É o meu pai na linha? — Ele tenta avançar na filha para desligar o aparelho, porém, a voz grave e alta o impede no mesmo instante.

— Não ouse, Caleb! Você tem um minuto pra me explicar que porra de história é essa.

— Pai, eu... eu... não é...

— Pode deixar que eu explico! — Pego o telefone da minha filha e coloco no alto para que possa filmar o meu rosto e o do Caleb ao meu lado, além do corpo imóvel do meu pai atrás. — Esquece tudo que ele disse pra você até agora sobre a minha ida e da Naomi para Phoenix. Seu filho está torrando o dinheiro da fazenda há cerca de sete anos em um cassino em Prescott, arrumou várias amantes e engravidou uma delas. Uma menina de 22 anos, diga-se de passagem.

— Caleb, eu vou te matar, seu desgraçado! Como ousa colocar o nome da nossa família em risco dessa forma? Como ousa colocar o legado

da fazenda em risco gastando dinheiro em cassino? É por isso que só da merda nesse lugar.

— Piora, senhor Brydges! — continuo a contar diante da inércia do meu ex-marido, que parece uma criança acuada com o tom do pai. — Caleb e Anthony pagaram pra calar a boca da garota grávida e do irmão dela, que são dois chantagistas e com certeza darão trabalho em um futuro próximo. Eles armaram juntos todas as mentiras que foram ditas a você nos últimos meses.

— Que decepção, Waters. Não acredito que estava acobertando as burradas do Caleb pelas minhas costas.

Meu pai também fica quieto, porém, a fúria que está sentindo por dentro exala pela sala inteira. Se pudesse calar a minha boca à força neste momento, tenho certeza que faria.

Entrego o telefone para a minha filha continuar filmando e fico de lado para que possa ter os três homens no meu foco de visão.

— Eu vou falar só uma vez, e não irei repetir: chega da interferência dos Waters e dos Brydges na minha vida e da Naomi. Darei andamento no pedido de divórcio ainda esta semana e exigirei na justiça todos os nossos direitos sem um dólar a mais, nem um dólar a menos. Foda-se se a fazenda está passando por um momento difícil! Não é mais problema meu. — Minha postura é tão firme e séria que vejo pela visão periférica Annie abrir um sorriso enorme de orgulho. — Naomi e eu não vamos voltar, apesar das tentativas sujas de sabotagem do seu sonho e do meu trabalho como confeiteira. Sedona não é mais nossa casa, e cuidar da fazenda nunca será o desejo da minha filha. Esqueçam isso de uma vez por todas! Ainda hoje irei trocar os nossos números de telefone e não toleraremos nunca mais ligações e mensagens de desaforo. Se forem atrás de nós para tumultuar, vou chamar a polícia. Se enviarem e-mails ou textos online, vou chamar a polícia. Qualquer um que perguntar pra mim o motivo da separação, eu vou dizer em alto e bom tom sem esconder mais nada.

— Calma, Hazel, também não precisa ser assim. Nós temos uma reputa...

— Precisa ser exatamente assim, senhor Brydges! — corto antes que ele termine de falar. — Eu não estou abrindo uma negociação, estou apenas informando o que será feito. Cansei dessa perseguição e interferência de terceiros na minha vida, sempre andando na corda bamba do que fazer e o que falar. Tentei resolver pelo jeito civilizado e manso, não deu certo. Agora será pelo modo rude e jurídico.

— Vocês dois morreram pra mim no instante que tive a confirmação do dono original do carro. — Naomi encara diretamente Caleb e Anthony, com os olhos cheios de lágrimas. — Vou seguir minha vida como se não tivesse pai, nem avô e bisavô materno. Não percam tempo de tentar mudar isso. — Ela vira a câmera, também mandando um recado ao avô paterno. — Se vocês respeitarem a minha decisão de seguir no futebol em algum momento, irei dar uma chance de reaproximação. Se continuarem intransigentes, o aviso é o mesmo. Podem ficar com os outros netos que tanto lhe dão orgulho.

O silêncio impera no ar e nenhum dos três, normalmente falantes e intrometidos, diz nada. Estão chocados com o ultimato.

Eu poderia pegar a minha filha e ir embora neste exato momento, mas decido ser sincera e decidida com um último assunto. Não preciso dar satisfação para ninguém, porém, se eu for clara desde agora, evitarei que descubram, manipulem e usem contra mim no processo de divórcio.

— Para encerrar esse bate-papo esclarecedor, e eu poder voltar para a minha casa, quero informar que Eduardo mora no mesmo prédio que nós em Phoenix, especificamente é o meu vizinho.

— Barrett?

— Aquele marginal?

De repente, as vozes do Caleb e do meu pai voltam a funcionar em um passe de mágica.

— Nós temos conversado e foi ele e o seu filho, inclusive, que nos trouxeram aqui hoje. Não há nada definido entre nós, ainda temos muitas questões a tratar, porém, se no futuro eu decidir ficar com Barrett, não

aceitarei a interferência de ninguém. Sou uma mulher livre e decido o que é melhor pra mim.

— Você fez esse escândalo por causa de um suborno, em prol do futuro da sua família, e vem me dizer que pode perdoar o cara que fodeu a sua vida no passado e quase matou a sua irmã? — A cara de nojo dele quase me afeta.

Quase.

— Éramos adolescentes, pai, e não tínhamos nenhum laço entre nós fora a atração juvenil. Você é um homem com anos de experiência nas costas, tem o meu sangue e da Naomi nas veias; e mesmo assim decidiu sabotar as nossas vidas de acordo com o que quer pra sua. A maturidade do Eduardo eu estou conhecendo agora. A sua, infelizmente, percebi que não tem.

— Foi isso que você sempre quis, não foi? O marginal nunca saiu da sua cabeça! — Caleb desdenha, tentando virar o jogo. — Eu devia era ter arrumado outra mulher ao invés de dar uma de herói pra não manchar sua reputação. No fim das contas, insistir em você não valeu nenhum pouco a pena. Foi só decepção com uma filha que não quer meu legado e uma esposa que virou uma desleixada.

Seu comentário poderia me entristecer, como entristeceu quando ouvi da boca do Anthony semanas atrás, porém, agora que fui tão desejada e cuidada por Eduardo, independente do peso, não tem o mesmo efeito.

— Eu nunca pedi pra ninguém me salvar, Caleb. Você que quis assumir esse posto de herói pra se aproveitar da minha fragilidade e conseguir o que seus pais tanto desejavam. Pode tentar me ofender o quanto quiser, eu sei muito bem a mulher que fui nos últimos 18 anos. Estive ao seu lado, apoiei seu trabalho e cuidei da nossa família. — Me aproximo da Naomi e toco no seu ombro, nos preparando para ir embora deste lugar. — Eu estou saindo dessa relação de cabeça erguida, já você teve coragem de boicotar a própria filha. Arque com as consequências das suas escolhas, que eu arcarei com as que tomar. Não me interessa o que vocês vão pensar das minhas decisões.

Naomi desliga o telefone sem dizer mais nada ao avô, nós damos as mãos e saímos juntas da casa, com Annie ao nosso lado.

Não olhamos para trás.

Eu, de fato, pouco me importo agora com a opinião deles sobre a separação definitiva e, principalmente, sobre Eduardo. As únicas pessoas que contam e somam na minha vida são a minha irmã e a minha filha.



Na varanda da casa da Cath, converso de um lado com Naomi e Annie sobre tudo que aconteceu entre Eduardo e eu nas últimas semanas; enquanto ele nos observa atento do outro, na companhia da irmã do Tuck, do seu marido, do Kieran e do Colman.

A recepção delas foi melhor do que eu imaginei, ninguém me julgou pela escolha de me reaproximar aos poucos – em especial, ao descobrirem tudo que Edu tem feito para me ajudar.

Assim que cheguei da fazenda, comentei rapidamente como foi a conversa e falei que tinha deixado claro de uma vez por todas sobre nosso reencontro para evitar interferências futuras, caso a gente prosseguisse juntos.

Em um primeiro momento, ele pareceu tão feliz que quase era o mesmo Eduardo de ontem, que me levou uma marmita para melhorar meu dia difícil. Porém, à medida que a adrenalina da informação está baixando, as rugas de preocupação na sua testa retornaram.

— Talvez ele esteja tão nervoso agora por causa da minha presença — Annie comenta, observando o mesmo que eu. — É a primeira vez que ficamos frente a frente desde o acidente. Seria bom ele saber que não tenho nenhum rancor.

— Ótima observação, é verdade. — Embora eu saiba que tem algo além disso entre nós, a ideia da minha irmã é realmente boa.

— Eu vou lá chamá-lo e dar privacidade aos três nessa conversa. — Naomi solta a minha mão e sorri para mim, muito mais calma depois de colocarmos um ponto final na relação tóxica com nossa família.

Como eu imaginei que estava acontecendo, ela confessou durante a minha revelação que também está ficando com Kieran. Acabou rolando naturalmente enquanto investigavam o seu boicote, sem que tivesse controle dos seus atos.

Eu entendo bem de sentimentos incontroláveis.

Acompanho minha filha ir apressada, até o filho do homem que não sai da minha cabeça, e ele caminhar sem jeito na nossa direção em seguida. Fica claro para mim sua tensão pela forma que para rígido ao meu lado, engolindo em seco.

— Eu sinto muito por tudo que aconteceu, Annie — Edu se desculpa, antes que minha irmã tenha a chance de falar algo. — Eu queria poder mudar nosso passado.

— Acredito no seu arrependimento, Barrett. E é por isso que estou fazendo questão de falar com você antes de irem embora. Eu não tenho nenhuma mágoa da pessoa que me atropelou e me deixou nessa cadeira de rodas. Sequer lembro daquela noite, fora a vontade de ver as trepadeiras da minha mãe mais uma vez. Mas você sabe de uma coisa que eu lembro bem?

— O quê? — ele pergunta baixo, encarando Annie com atenção.

— Eu lembro que você disse ter dons especiais e passou a mandar marmitas extras pra mim todo dia através da Haz. — Meus olhos se enchem de lágrimas, emocionados com a revelação. Minha irmã nunca comentou comigo que se lembrava disso. — Não tenho como odiar uma pessoa atenciosa assim. Além do mais, eu acredito veemente em propósitos. Talvez se eu não tivesse sido atropelada, a Hazel nunca teria me incentivado com a pintura, e eu jamais teria descoberto minha vocação. As coisas acontecem, como precisam acontecer, para o nosso crescimento como ser humano.

— Obrigado, Annie. Significa muito saber que você me perdoa.

— Fica em paz quanto a isso, Eduardo. Se você e a minha irmã realmente decidirem prosseguir juntos, é importante que todos os pontos em aberto do passado estejam resolvidos. No que diz respeito a mim, saibam que têm a minha bênção; se for o que a Haz realmente quiser.

— Obrigada, minha irmã — é a minha vez de agradecer, e eu me abajo para abraçá-la pelos ombros. — Nós ainda temos um longo caminho de pontos a resolver, mas esse com certeza, era um dos principais pra mim. O seu apoio é primordial nessa possível futura relação.

O momento difícil do nosso quebra-cabeça está se aproximando mais rápido do que eu previa, porém, talvez seja bom entender de uma vez por todas se teremos um amanhã juntos ou não.

Da mesma forma que não quero lidar com Caleb e meu pai se metendo na minha vida, não aguento mais mentiras e segredos entre nós.

Fingir que não tenho sentimentos por ele e focar apenas no sexo, só porque é mais fácil, é uma escolha burra da minha parte. E eu não sou burra.



“Eu odeio ter dito que não te amava, quando minha alma inteira foi consumida por você desde que te vi do alto daquela colina. Me desculpa, meu amor, era o único jeito de te fazer me desprezar.”

Trecho da carta nº 898

*Eduardo Barrett
Presente*

Com um aperto no peito por mentir de novo, me aproximo do Kieran, já do lado de fora do restaurante, e finjo casualidade ao entregar a caixa com as últimas sobras do dia que serão doadas.

— Pode dormir sossegado, eu vou chegar tarde hoje de novo. Miguel quer se reunir pra discutir sobre o congresso.

Se eu não aviso, meu filho fica preocupado achando que aconteceu algo na corrida e tem uma crise de ansiedade em casa.

— Você não resolveu tudo desse evento dias atrás? — Ele franze o cenho, desconfiado da minha desculpa.

— Sim, mas Miguel mudou algumas coisas do cardápio e quer me deixar a par. Faremos uma degustação do menu em breve.

— Quer te deixar a par mais de dez da noite? — insiste, buscando meu olhar.

— É a hora que nós dois tivemos a agenda livre esta semana, meu filho.

— Deixa eu adivinhar: amanhã cedo, quando eu levantar pra ir pra escola, não haverá nem sinal de que você dormiu em casa. De novo!

Hoje está indo para a terceira noite que eu não durmo no apartamento, apesar de fingir para ele que só estou chegando tarde. A primeira foi logo que retornamos de Sedona.

— Que implicância é essa? — Disfarço o incômodo limpando uma sujeira invisível do meu moletom. — Eu sempre levanto antes de você e venho trabalhar.

— Mas deixa mil sinais pra trás: a caneca de café no balcão ao invés da pia, a escova de dente molhada no armário, a toalha de banho úmida no boxe... há duas manhãs eu acordo e não tem nada disso em casa.

Filho da mãe, observador!

— É neurose da sua cabeça, Kieran. Eu estou dormindo em casa normalmente, só chego tarde e saio cedo — reforço a minha mentira.

— Sabia que você é um péssimo mentiroso, pai? — Ele arqueia a sobrancelha e me encara em desafio. — A verdade é que está esquisito pra caralho desde que fomos pra Sedona. Aposto que está inventando esse monte de compromissos só pra não esbarrar com a mãe da Naomi. Ela está preocupada com você. Por que está fugindo da mulher justo quando enfrentou a sua família e assumiu que tinha te reencontrado? A irmã dela que foi atropelada não deu a bênção?

“Ela está preocupada com você.”

Porra, isso me destrói! A última coisa que eu quero é magoar ainda mais a Haz.

— Não estou fugindo da Hazel, eu realmente estou ocupado. Aproveitei pra dar espaço a ela a fim de que organize tudo que precisa, diante das decisões que tomou em Sedona.

Mentira! Tenho dormido no carro, no estacionamento do Clarissa's, só para não precisarvê-la.

— Pra cima de mim, pai? Isso não faz o menor sentido! Você daria tudo pra estar ao lado dela, até dois dias atrás.

Eu daria mesmo...

Queria muito estar ao seu lado para repetir que tudo vai ficar bem, agora que confrontou o seu pai e os Brydges.

Queria comemorar que o suborno foi revelado na escola e a capitã foi expulsa do time de futebol.

Queria celebrar com Haz as primeiras conversas decentes da Naomi com os colegas da sala; e a revelação de todas as mentiras que foram contadas pela capitã para afastar os demais dela.

Só que não é tão simples assim. Como vou celebrar a revelação das verdades de outra pessoa, se tenho mentiras que nunca poderei revelar?

“Se você e a minha irmã realmente decidirem prosseguir juntos, é importante que todos os pontos em aberto do passado estejam resolvidos.”

A frase da Annie não sai da minha cabeça!

Haz está cada dia mais pronta para a parte difícil do quebra-cabeça; e eu me iludi achando que daria para contornar nosso passado omitindo informações. Não vai dar!

Nunca seremos realmente felizes sem a sinceridade que ela tanto precisa.

Diante do meu silêncio ao seu último comentário, Kieran bufá e entra no carona do chevette do Tuck para esperá-lo. Volto para o restaurante e dou de cara com o velho careca, que sempre esteve ao meu lado, escutando tudo atrás da porta.

— Você não pode ficar dormindo aqui pra sempre, Edu. Pensa com mais carinho sobre o que eu te disse ontem: a verdade nos dois casos vai ser libertador. Conversa com eles!

— Não posso, Tuck. — A minha garganta aperta e o peito comprime com a realidade que me espera. — Kieran vai definhá com essa informação de tanto nervosismo; e não é justo arrastar a Haz para um relacionamento comigo que nunca será sincero, e ainda não terá futuro.

— Sempre fui o primeiro a te dizer pra esquecer esse amor e seguir em frente, mas o tempo mostrou que ele é muito mais forte do que qualquer

obstáculo, meu filho. Não podem ignorar isso de novo!

— Eu não queria, cada célula do meu corpo não quer... só que não tem jeito, Tuck. Ela é o amor da minha vida, e não pra minha vida. Se o universo realmente quisesse que a gente, enfim, ficasse junto não tinha me jogado mais uma merda pra lidar. — Sufocado com outra realidade dolorosa, não aguentei guardar só para mim e contei tudo ao meu fiel amigo na noite que cheguei de Sedona. — Eu vou dar um jeito de me afastar dela, e de deixar o meu filho no escuro enquanto puder. Só preciso de mais um tempo pra assimilar as coisas. Você será o único que saberá dos meus dois segredos.

— Ah, meu menino. Isso é tão injusto! — Tuck me puxa para um abraço e minha vista embaça com a emoção que me toma. — Você é o homem mais íntegro que conheço, merecia a felicidade plena mais do que ninguém.

Eu sonhei com ela por 18 anos... fiquei a um passo de tê-la por completo, com meu filho e a Hazel do meu lado, mas agora posso perder os dois de uma vez.

A qualquer momento.

Como vou dizer que tudo vai ficar bem, se nem sei se estarei vivo amanhã?

A falta de ar e o incômodo no peito, que venho sentindo há meses, não são apenas sinais da minha idade chegando. Anteontem recebi o resultado dos exames de rotina e o pedido do médico para uma conversa urgente no seu consultório.

Miocardiopatia hipertrófica.

Eu tenho o caralho de uma doença cardíaca, genética e hereditária.

A enfermidade causa o aumento da espessura do músculo cardíaco, deixando-o mais rígido e com maior dificuldade de bombear o sangue. É uma importante causadora de morte súbita em pacientes jovens – inclusive, muitos atletas.

Por ser uma doença silenciosa, em que as pessoas apresentam poucos ou nenhum sintoma, frequentemente não é diagnosticada. Como minha mãe nunca foi, nem na autópsia, por ter sido considerada uma paciente com comorbidade pré-existente de ansiedade, estresse e pressão alta.

Diante do histórico que eu contei ao médico, ele não tem dúvidas que a Clarissa morreu dessa merda – o que me fez odiar ainda mais o Kober. Apesar de não ter cura, o diagnóstico precoce ia lhe dar mais tempo de vida.

Ia me precaver muito antes.

Agora o que me resta é o tratamento com uma penca de remédios que vai ajudar a aliviar os sintomas e rezar para não ter uma morte súbita como a minha mãe. Comecei a tomar os primeiros anticoagulantes imediatamente e voltei ao médico hoje cedo para novos exames. O doutor quer avaliar com precisão, qual é o grau que está o meu caso, para saber se há necessidade de um procedimento cirúrgico a fim de evitar o agravamento do problema.

Apesar de odiar todas as mentiras que já contei, vou ter que continuar dizendo-as pelo bem das pessoas que eu mais amo na minha vida.



Reviso pela terceira vez o cardápio do resto do mês no tablet, enquanto aguardo a panela de pressão cozinhar o frango que eu coloquei no fogo. São quase onze da noite e eu não deveria estar mexendo nisso, mas a ansiedade está me deixando maluco.

Não posso ficar com a Haz.

Não posso correr nem lutar, porque o médico orientou esportes de menor impacto até ter uma avaliação melhor do meu quadro.

Não posso mais fumar de jeito nenhum.

A única coisa que restou para não surtar é cozinhar e me dedicar no restaurante.

Estou abrindo uma planilha para rascunhar opções para o Natal, no mês que vem, quando escuto o barulho de socos na porta dos fundos. Cismado, me aproximo devagar a fim de tentar enxergar pela janela lateral quem está do lado de fora.

Minha pulsação dispara ao reconhecer a bicicleta do Kieran.

— Haz, o que você está fazendo aqui a essa hora? — Abro a porta às pressas e avisto seu cabelo esvoaçante bater no rosto por causa do vento.
— E ainda sem casaco, esfriou muito essa tarde. Vem, entra!

Seguro na sua cintura e a direciono até a cozinha, onde o calor do fogo está mantendo a temperatura amena. Pego na barra do moletom para tirar e entregar a ela, no entanto, Hazel nega antes que eu sequer levante o tecido.

— Não estou com frio, vim tão rápido de bicicleta que, na verdade, estou até com calor. Saí de casa às pressas assim que o Kieran foi visitar a Naomi e disse que você estava aqui. — Fofoqueiro, vou matar esse menino!
— O que está acontecendo, Edu? Eu percebi que está diferente desde a manhã que fomos pra Sedona e agora está me evitando.

— Não estou evitando você — minto descaradamente.

— Assim que chegamos no prédio, você praticamente correu pra longe e não apareceu mais. Me deixa entrar, eu quero que a gente dê certo, Edu. A única coisa que eu peço é a sua sinceridade.

— Não tem nada errado, eu só estava respeitando o seu momento depois de tudo que aconteceu em Sedona.

— Mentira! Mais uma vez, você está mentindo. — Seu semblante muda de compreensivo para decepcionado. — Me fala o que houve, Eduardo. É sério, não faz isso comigo.

Sei que deveria aproveitar a deixa para ser duro com ela, a fim de que se afaste de vez; porém, a porra do meu coração não consegue fazer isso de novo.

Fico em silêncio, encarando seus olhos se encherem de lágrimas. Que inferno, caralho! Eu odeio ser o responsável do seu sofrimento.

— Vai ficar me olhando sem falar nada?

Silêncio. Meus batimentos cardíacos aceleram.

— Se você não quer ser sincero comigo sobre algo que está sendo um empecilho no presente, como vamos resolver o passado? — Uma expressão vazia percorre o seu rosto, e ela dá um passo cambaleante para trás, quando algo parece vir à sua mente. — Você nunca pensou realmente em ser sincero, não é?

Não.

Infelizmente, não.

Continuo quieto. As batidas no meu peito se tornam mais erráticas ao ver o pranto escorrendo pela sua bochecha.

— Eu não acredito que ia continuar mentindo pra mim depois de tanto tempo! — O tom da sua voz aumenta, em uma mistura dolorosa de raiva e profunda tristeza. — O objetivo era só me foder?

Não aguento enxergar tanta mágoa na sua íris castanha, tomada pela espessa camada de água.

— No fundo, você sabe a resposta. Sabe que não.

— O que eu sei é que você disse na minha cara que não me amava e, mesmo assim, caí na sua lábia de novo. — Haz aponta o dedo no meu rosto, chorando ainda mais.

O ritmo das palpitações não para de acelerar, e uma dormência estranha formiga pelo meu braço esquerdo. De repente, uma dor intensa também começa a irradiar do centro do meu peito e preciso firmar as pernas no chão para não ceder ao peso que parece ser jogado contra o meu tórax.

Não é apenas uma sensação causada por estar perto dela. É o meu coração. Meu coração danificado em colapso!

Caralho, eu não queria passar mal na sua frente. Não queria que soubesse que estou doente nem que ficasse nervosa. Também não queria dizer nada que fodesse ainda mais nosso histórico complicado e a deixasse confusa.

Mas a mera hipótese de ir embora para sempre dessa vida, sem que essa mulher saiba o que eu sinto por ela, causa uma dor ainda mais insuportável.

— De todas as mentiras que contei, não te amar foi a maior delas — declaro em um rompante, segurando as suas mãos e as trazendo para perto do meu coração descompassado. — Eu te amo a cada maldito dia dos últimos 18 anos!

Haz entreabre os lábios, chocada com minhas palavras, porém, mal tem tempo de assimilá-las porque o aperto contra o meu peito piora demais e eu fico com falta de ar.

Muita. Falta. De. Ar.

Merda! A dor é nauseante e vem junto com crises de tosse.

— Edu! O que tá acontecendo? — Pisco, me sentindo tonto. — Edu, fica acordado, por favor. Tenta respirar fundo. Fica comigo!

Pisco de novo, com a visão turva, e vejo Haz pegar o celular no bolso.

— Filho da puta, está sem bateria! — Ela joga o aparelho longe, nervosa, e enxerga a chave do meu carro em cima do balcão principal da cozinha. — Eu vi seu carro no estacionamento lá fora, vamos para o hospital! Tem um a apenas quatro quadras daqui, passei por ele quando estava vindo de bicicleta. De qualquer forma, vai ser mais rápido do que esperar o socorro do 911.

Hazel me apoia nos seus braços e bate a mão no fogão para desligar a panela. A dor se intensifica, ao pensar no que entrar em um veículo significa para ela. Faço um esforço enorme para falar.

— Não! Você... não pode... o carro... não.

— Você precisa! — rebate, firme, e continua andando pelo caminho que vai levar pela porta dos fundos.

Haz faz silêncio e não para de andar me puxando o mais rápido que consegue. Assim que alcança o carro, ela abaixa o banco do carona, me coloca sentado no passageiro com agilidade e arranca o meu moletom para aliviar a sensação de falta de ar.

Suas mãos estão tremendo tanto que fazem as minhas se mexerem por instinto à procura delas. Sei que está apavorada pela situação comigo e por precisar dirigir.

— Eu vou conseguir, Edu! Eu prometo, a gente vai chegar na emergência. Aguenta mais um pouco, amor.

“Amor.”

A pequena palavra de apenas quatro letras entra poderosa pelo meu sistema, me atingindo como o choque de um desfibrilador.

Mesmo se não for suficiente... mesmo que hoje seja meu último dia aqui na Terra... eu agora posso ir em paz.

Apesar de tudo... valeu a pena amar e ser amado... valeu a pena viver na mesma fração de tempo que Hazel Waters.

Eu nunca me arrependeria dela.





“Estou lendo um livro novo de suspense que se passa em um mosteiro, durante o ano de 1327. Pensei que dessa vez ia ficar ilesa sobre pensar em você, mas apareceu uma frase na história que, puta que pariu, arrepiou a minha coluna inteira: ‘Nem todas as verdades são para todos os ouvidos, nem todas as mentiras podem ser reconhecidas como tais’. Eu menti pra você, sim, é um fato. Mas só porque não aguentaria a verdade do que realmente aconteceu no acidente da sua irmã. Eu jamais permitiria que você quebrasse de novo, raposinha.”

Trecho da carta nº 919

Hazel Waters
Presente

Abro a janela do carona, para ventilar no rosto do Edu durante o curto trajeto até o hospital, e fecho a porta. Ao dar a volta no veículo correndo, respiro fundo várias vezes seguidas e represso o choro, para não piorar ainda mais a minha tremedeira.

Não consigo parar de tremer.

Estou suando frio; meu coração dá trancos contra a caixa torácica de tão desesperado.

Eu vou conseguir!

O Edu precisa de mim.

A sua vida depende que eu entre neste carro e dê partida.

Ao chegar do lado do motorista, entro no impulso e pulo no banco sem pensar demais. Se eu pensar um segundo, vou travar e não irei sequer ligar o motor.

— Aguenta firme, amor. Por favor, aguenta firme! — Confiro sua respiração e seu pulso de novo, constatando que estão fracos; mas estão aqui.

Ele segura a minha perna, como se precisasse me tocar de alguma forma para sobreviver. Aciono a chave na ignição e respiro fundo mais uma vez. Fecho a porta.

A respiração falha no mesmo instante que fico trancada no espaço fechado.

Seguro no volante e minhas mãos escorregam no couro de tão molhadas.

Tento puxar ar novamente e não vem.

Tento e não vem.

De novo, e nada.

Fecho os olhos e é como se me teletransportasse para o pior dia da minha vida. Tão real que minha pele arde, como se estivesse queimando de dentro para fora.

Os gritos da minha mãe latejam no meu ouvido.

O cheiro de sangue infesta minhas narinas.

Meu corpo se move para frente e para trás, como se estivesse sofrendo o impacto na árvore de novo.

Não consigo sair da visão... minha garganta fecha com o sufocamento.

— Haz... não é real... não é real, amor. Estou aqui... aqui com você. — Ao sentir o aperto dos dedos do Edu na minha perna e ouvir a sua voz ofegante minha mente volta para a realidade.

Olho para ele desesperada e só então percebo que estava chorando com a lembrança; a vista turva com a sua imagem no banco.

— Eu vou conseguir, eu vou conseguir! Eu prometo — repito como um mantra.

Coloco a minha mão por cima da sua, para não parar de sentir o que é real e o quanto ele precisa de mim agora. Seco a outra molhada na minha calça jeans e foco em acionar os pedais.

Faz tanto tempo que não dirijo que tenho medo de nem saber mais. Minha mãe estava me ensinando antes de morrer. Eu treinava praticamente toda semana nos descampados de Sedona porque ia ganhar um carro no aniversário de 16 anos do meu pai, junto com a minha licença de motorista.

O primeiro movimento do carro dá um tranco para frente pela brusquidão dos meus movimentos, mas logo consigo fazê-lo andar em linha reta.

— A gente já vai chegar, Edu. Aguenta firme, é menos de cinco minutinhos!

Consigo sair do estacionamento em segurança e acelero na via, aproveitando que pelo horário e dia de semana tem poucos veículos na rua. O balanço das rodas na estrada tenta me jogar de novo na memória com a minha mãe, no entanto, eu me agarro aos dedos do Eduardo que se entrelaçam aos meus.

Queima, mas de um jeito suportável.

Prende meu ar, mas não o suficiente para me paralisar.

Continuo dirigindo.

O mais rápido que eu consigo.

Não paro de dizer a ele que vai ficar tudo bem.

Assim que enxergo a fachada do hospital, e estou prestes a comemorar que conseguimos, sinto seus dedos deslizarem pelo meu colo e caírem no vão do banco. Confiro desesperada o seu pulso e percebo que está sem.

Não.

Não.

Não.

Acelero ainda mais, buzinando igual a uma louca e cortando todos os poucos carros que surgem na minha frente. Paro na calçada do hospital gritando desesperadamente, e logo três profissionais aparecem para socorrê-lo.

— O nome dele é Eduardo, 35 anos, saudável até onde eu sei. Acho que está tendo um infarto... — falo ofegante, dando informações antes que consigam retirá-lo do carro. — Edu parou de respirar menos de um minuto atrás. Pelo amor de Deus, salvem a vida dele. Não deixem meu amor morrer!

— Iniciar RCP agora! Paciente em parada cardiorrespiratória!

Eduardo é colocado em uma maca às pressas e um dos enfermeiros sobe no seu colo, fazendo massagem cardíaca enquanto os outros o levam para dentro do hospital. Sigo o seu corpo imóvel lado a lado, tentando tocar na sua pele, no entanto, sou impedida de me aproximar.

— Senhora, preciso que espere na recepção, por favor. Vamos fazer de tudo pra salvar o Eduardo.

Caminhar nunca me custou tanto; assim que ele sai do meu campo de visão parece que minhas pernas são feitas de chumbo. A adrenalina abaixa e o choro vem desenfreado; me fazendo soluçar como há anos não acontecia.

Eu não posso... não posso perder o que acabei de receber de volta.

Esqueço todo desentendimento que tivemos nos últimos minutos e foco repetidamente na sua voz carinhosa confessando que, a maior mentira que me contou, foi dizer que não me amava.

Ele me ama! Apesar de externar minhas dúvidas, sinto no meu âmago que ama profundamente.

Assim que Edu ficar bem, daremos um jeito de viver o nosso amor. Eu juro que vamos!

Ciente de que preciso avisar Kieran e Tuck sobre o acontecido, tento me acalmar e peço o telefone emprestado para uma mulher que também está esperando notícias na recepção.

Comunico Naomi para que venha com os dois, mas poucos minutos depois da chamada, o celular toca de novo em uma ligação para mim. Minha cabeça lateja ao ouvir Tuck me pedir para informar aos médicos que Edu foi diagnosticado recentemente com miocardiopatia hipertrófica.

É por isso que estava me afastando nos últimos dias; o motivo do seu nervosismo anteontem é uma doença cardíaca!

Por que, meu Deus? Por que fazer isso com alguém que já enfrentou tantos obstáculos?

Corro para avisar aos médicos e assim que volto continuo usando o celular para pesquisar sobre a doença. Uso todo meu nervosismo para abrir cada uma das páginas que aparece para mim, e consumir o máximo de informações possíveis a fim de auxiliá-lo depois da recuperação.

Ele vai se recuperar!

Não posso nem pensar em outra possibilidade porque vou desmoronar.

Quando Kieran e Tuck chegam com Naomi, meu peito se aperta de novo ao ver o estado de desespero do filho do Edu. Mesmo amparado pelos braços da minha filha, ele não para de chorar.

— Ainda bem que você foi atrás dele, Hazel — Kieran diz ao me puxar para um abraço. — Se meu pai... se ele estivesse sozinho... poderia ter morrido assim como a sua mãe em uma morte súbita.

Pensar na Clarissa e na sua partida me fazem engolir em seco e empurrar as lágrimas com força. *Edu não vai morrer!* Hoje não; não até ficarmos velhinhos rindo e implicando um com o outro.

— Vai ficar tudo bem, querido. Seu pai é forte! — reforço para nós dois, acariciando as suas costas.

Abraço Tuck também e ficamos os quatro agoniados na recepção por mais de uma hora aguardando informações. Só há realmente um respiro de todos nós quando o médico aparece para dar informações e diz que ele sobreviveu à parada cardiorrespiratória.

— Agora teremos que fazer uma cirurgia pra desobstrução da artéria comprometida no infarto. Vamos implantar um stent no seu coração, uma espécie de tubo de metal que mantém o vaso aberto e permite a passagem do sangue.

— E é segura essa cirurgia? Ele corre mais riscos com ela ou sem ela? — Kieran questiona, apreensivo com a notícia.

— Ele precisa fazer, é fundamental desobstruir a artéria para evitar novos quadros como o de hoje. Claro que todo procedimento cirúrgico tem seus riscos, porém, esse tem baixos índices de complicações. O pior Eduardo já enfrentou!

O pior já foi, graças a Deus! Abro um sorriso enorme, esfregando meu peito em alívio.

Tuck sai para assinar alguns documentos e continuamos na recepção aguardando novas notícias. Quase uma hora depois, quando começo a ficar preocupada com a sua demora, ele reaparece pela porta principal.

Pego um copo extra na máquina de café e sigo ao seu encontro.

— O que houve? Você não está se sentindo bem e precisou de um tempo sozinho?

— Eu fui em casa pegar uma coisa importante.

Olho para sua mão e noto uma pasta preta, daquelas estilo catálogo com folhas de plástico presas. Entrego um copo na sua mão e nos sentamos um pouco distantes da Naomi e do Kieran.

— O que é isso? Exames do Edu? Deu pra fazer tudo isso em tão poucos dias?

— Não são exames. — Ele coloca no meu colo e me observa com... esperança? Há algo muito diferente por trás da armação desgastada de seus

óculos. — São pra você.

— Pra mim?

Tomo um gole generoso do café e deixo o copo no banco vazio ao meu lado, curiosa para saber do que se trata. Assim que abro e reconheço a letra do Eduardo, meu estômago gela e meu peito infla.

— Ele... ele me escreveu... cartas? — pergunto, com a voz embargada.

— 1110.

— 1100 cartas? — confirmo, em choque.

— Uma pra cada dia que ficou preso.

— Por que estão queimadas assim? — Nas duas divisórias de cada folha há apenas pedaços de papel corroídos pelo fogo nas bordas.

— Depois que foi no seu casamento com Caleb e fez a tatuagem nas costas, ele achou melhor queimar para que nunca chegasse até você de alguma forma. Sinceramente, não sei por que corri para salvar algumas. Algo dentro de mim só sentiu que era... o certo. Como se um dia eu precisasse delas. Edu queria que você tivesse seu recomeço e fosse feliz, sem as sombras do passado.

— Ele foi no meu casamento com Caleb? Na fazenda? — O sangue corre mais rápido nas minhas veias e parece ir direto para o coração, que retumba forte dentro de mim.

— Sim; ele queria te ver uma última vez antes de tentar seguir a sua vida também.

O arrepião na nuca que eu tive naquele dia, logo que passei pelo biombo, não foi loucura da minha cabeça. Meu corpo de alguma forma sentiu a sua presença.

— Por que ele nunca me enviou nenhuma carta? Por que não tentou falar comigo depois que foi solto? Eu demorei mais de três anos pra casar com Caleb, justamente porque meu coração estava esperando um contato seu. — Passo a mão em cima do plástico, contornando sua letra bonita.

— As cartas foram uma forma que Edu arrumou de matar a saudade e aguentar aquele inferno, mas ele sabia que você precisava seguir o seu caminho longe dele. Enviá-las ou te procurar depois só ia fomentar o amor que sentiam um pelo outro.

— Isso que eu não entendo! Ele disse hoje que me ama há 18 anos, por que me fez ir embora se sabia que eu também o amava? Eu ia perdoá-lo pelo seu erro, mesmo com todo mundo contra... foi por isso que fui visitá-lo antes da transferência.

— Ele sabe que o amor de vocês seria mais forte, por isso, mentiu que não te amava e falou aquele monte de merda.

— Mas por quê? Eu ainda não entendo! — Seco uma lágrima que escorre pela minha bochecha, folheando as cartas com a garganta embargada.

Tuck não conseguiu salvar todas as 1100, mas tem várias aqui. Vários trechos que vou decorar cada linha.

— Eu jurei ao Eduardo que nunca revelaria o seu segredo, porém, hoje eu quase perdi o meu menino e nunca senti uma tristeza tão profunda na vida. Ele poderia ter morrido sem ser plenamente feliz como merece e não é justo isso, Hazel. Nada justo!

Tuck começa a chorar e eu não aguento vê-lo tão vulnerável. O pranto também escorre doloroso pelo meu rosto. Não conheço tão bem esse homem como Edu, mas ele sempre pareceu uma rocha.

— A Nadine se envolveu pra você enxergar o que ele tem feito no presente; o Kieran se envolveu pra vocês se confrontarem do futuro; e agora eu vou ter que me envolver pra você saber a verdade do passado. Sem ele resolvido, nunca vai dar certo esse amor. Se depender daquele homem lá dentro, você nunca vai saber e ele sempre vai encontrar empecilhos pra achar que não é digno da felicidade por causa das mentiras que esconde e não pode te revelar.

— Quais mentiras? Me conta, por favor! Tudo que eu mais quero é dar um jeito de resolver nossa história. Eu quero o Eduardo na minha vida; eu também nunca deixei de amá-lo em 18 anos.

— Eu espero que você realmente encontre um jeito de lidar com a verdade; entenda o lado dele e use esses 18 anos separados não como um problema; mas como a solução que o destino arrumou pra amenizar a dor. Naquela época, eu concordo com Edu, nunca daria certo. Ele precisava se afastar e eu fui o que mais o cobrou disso. Mas agora... agora há uma chance e depende de você.

— De mim? Me conta, Tuck. Qual é o segredo do Eduardo?

— Não foi ele que atropelou a sua irmã — ele fala rápido, antes que se arrependa das palavras.

— O quê? — Minha boca se entreabre e meus batimentos voltam a disparar, frenéticos. — Ele foi preso por isso durante três anos, custou o nosso amor por quase duas décadas! Quem foi o responsável, então?

Há uma pausa antes dele responder, como se estivesse em um embate interior ponderando as consequências dessa revelação.

— Você — Tuck afirma em um sussurro, segurando a minha mão com força. — Ele foi preso por você.



“Eu me arrependo muito de ter viciado você no álcool e no cigarro. Não fui eu que estava no volante naquele dia, mas a culpa é toda minha, raposinha. Me perdoa por, naquela época, não saber um jeito melhor de anestesiar nossa dor.”

Trecho da carta nº 944

*Eduardo Barrett
Passado*

— Coloca esse boné pra disfarçar mais o seu rosto. — Tiro da minha cabeça e encaixo entre o rabo de cavalo do seu cabelo; ajeitando a aba para fazer sombra nos lugares certos. — Podem ter conhecidos seus lá que vão adorar te dedurar para o seu pai.

— A gente permanece mais no canto; eu prometo me comportar. Só quero dançar um pouco com você... e beber... e te beijar... — Ela sorri, saltitante, rodando a barra do seu vestido florido.

Eu estou com uma sensação ruim. Preferia ficar aqui e curtir apenas nós dois, o primeiro dia do fim de semana livre, por causa da viagem de trabalho do seu pai. O problema é que Haz ficou tão animada quando viu a mensagem que recebi dos irmãos Downey, sobre uma festa de boas-vindas às férias de verão hoje na clareira, que não consegui recusar o seu pedido.

Agora que está no nível alegre do álcool é mais difícil ainda porque eu amo o seu sorriso e como fica feliz com pequenas coisas. Ela nunca foi lá e está muito empolgada para se divertir um pouco como a garota de 16 anos que é.

— Eu estou bonita, forasteiro?

— Maravilhosa, a garota mais linda que existe, raposinha! — Enlaço a sua cintura e dou um beijo na sua boca, me controlando para não me empolgar demais.

Quanto antes a gente for, mais rápido podemos voltar e namorar.

Talvez eu esteja pronto para chupar a sua boceta neste fim de semana; e deixar ela me bater uma punheta. Estou louco para que veja a porra quente escorrendo do meu pau por sua causa.

— Vai ligar para o seu avô do telefone fixo, faz o que combinamos e diz que está indo deitar porque deu uma piorada. Não esquece de perguntar se está tudo certo com seus irmãos. — Me afasto a contragosto e dou um tapa na sua bunda. — Cuidado pra não rir, agora tem que ficar quietinha e com voz desanimada.

— Desanimada assim? — ela imita da forma que eu pedi e dou risada.

— Perfeito!

Eu enrolei o Tuck me inscrevendo em um curso rápido e integral de verão, sobre gastronomia, em uma das cidades próximas daqui. Demorei uma eternidade para encontrar algo que não levantasse suspeitas, e cheguei até a pagar para que não desconfiasse que ia ficar por lá três dias inteiros.

Deu trabalho e custou caro a farsa, mas qualquer coisa vale a pena se o prêmio é a minha garota. O coitado acreditou e ainda ficou cheio de alegria que eu estava mostrando interesse em estudar.

Enquanto Haz ganha um passe livre para o resto da noite com seu avô, confiro pela janela do seu quarto se a barra está limpa. O lado bom de morar neste fim de mundo é que os moradores se recolhem em casa cedo e ficam poucas almas vivas na rua.

— Nossa, podemos curtir sem preocupação! — ela conta feliz assim que desliga o telefone. — Meus irmãos já foram deitar e o meu avô falou que o Caleb vai passar lá daqui a pouco pra levar um pouco da cachaça artesanal que seu pai fez na fazenda. Seu Robert não é de beber muito, mas

adora uma pinga e capota com uma dose. Não vai lembrar da minha existência até amanhã.

— Ótimo, então, vamos embora logo porque a caminhada é longa.

Percorremos o trajeto sem nenhum problema, rindo e conversando de mãos dadas. Por um momento, eu até esqueço que estava com uma sensação ruim sobre a noite, porém, ela volta com tudo ao pisar na clareira e ver o local abarrotado de gente. Tem mais pessoas do que na festa de Halloween.

É tipo um presságio... estou com receio do pai dela descobrir de alguma forma essa fugida e proibi-la de ficar comigo.

Porra, eu não sei mais o que fazer sem a Haz nos meus dias.

— Vamos contornar a fogueira e ficar do lado de lá. É o canto do pessoal da cidade vizinha, menos chance de esbarrar com o povo da escola — falo alto para que possa escutar, acima do barulho da música, e a raposinha concorda remexendo todo o corpo.

Seus olhos brilham de entusiasmo, daquele tipo empolgante de quando fazemos algo pela primeira vez.

— Se tudo isso que tenho vivido nos últimos meses for um sonho, minta pra mim que é verdade! — Ela gira, ainda mais saltitante. — Por favor, forasteiro... eu não posso nunca mais voltar pra escuridão que eu estava antes. Você promete?

— Prometo, minha linda. Sempre vou cuidar pra que fique feliz.

Nos conduzo para um lugar minimamente seguro e Haz se liberta.

Dança.

Canta.

Bebe.

Me beija.

Linda!

Exatamente o que disse que faria, só que em repetições cada vez mais intensas.

Fico tão fissurado nos seus movimentos e no seu sorriso amplo que me distraio do tempo que passa e da quantidade de bebida que está ingerindo. Bebidas misturadas que podem subir muito mais rápido no organismo do que a vodca que costumamos tomar juntos.

— Vamos maneirar no álcool, raposinha. Que tal fumar um pouco?
— Eu estou bebendo também, porém, em uma quantidade mais moderada para ficar de olho nela.

— Estouuuuuu tãoooooo felizzzzz, Eduuuu. Que...ro be...ber ma...is... — Merda, já subiu. — E fu..mar aaaqui...looooooo a...li.

Olha para uma garota que está próxima e percebo que é maconha.

— Não acho que seja uma boa ideia, raposinha!
— Por faaaaaa...vor... eu seiiiiii... que é ma...co...nhaaaaaa...
Que...ro expe...rimen... tarrrrrrr...

Por que ela sorri assim?

Por que me olha desse jeito?

Inferno, Haz me tem nas mãos!

— Eu tenho das boas aqui, Barrett. — O mais velho dos Downey se aproxima, atento a tudo para não perder vendas. — É de qualidade e segura. Deixa a filha do policial Waters curtir um pouco.

Faço um sinal de silêncio com os dedos, antes que outras pessoas escutem. Agora os presentes já estão bem mais bêbados do que uma hora atrás, contudo, ainda assim é arriscado.

— Não espalha isso, cara, a gente só quer curtir na boa.
Discretamente.

— Pode deixar, tá suave. Vão querer?

— Aaaaaaaaaaaa gen...teeeeeeee quer. Quer, quer, quer! — Haz se remexe desengonçada, descendo até o chão.

Sorrio, esfregando a mão no rosto. Não queria dar abertura nem para a maconha; porque dela para as mais pesadas é um pulo. Mas... o que eu não faço pela alegria da minha garota?

— Só duas, Downey.

Porra, se arrependimento matasse!

Hazel fica eufórica e soridente com todo mundo depois dos tragos.

Eu, um paranoico.

A sensação ruim que eu estava sentindo se quadriplica e passo a achar que tudo e todos vão acabar nos colocando em risco e a tirar da minha vida.

— O...lhaaaaa coooooo...mo meu ce...lu...larrrrr toooooooo...ca al...tooooooooo! — Vejo Haz tirando o aparelho do bolso e apontando para frente, onde um grupo de outras meninas bêbadas está dançando com ela.

Antes que acabe sendo roubada, e precise dar satisfação para o seu...

Puta que pariu!

Ao pegar o celular da sua mão para guardar, vejo na tela 112 ligações perdidas.

112!

Tem do policial Waters e do filho da puta do Caleb.

— Haz, desbloqueia a tela aqui pra mim, linda — peço, com as mãos oscilantes.

Não posso perder minha raposinha.

Não posso perder minha linda garota!

Ajudo-a a se equilibrar para liberar meu acesso no telefone e os batimentos cardíacos entram em um compasso errático assim que leio as mensagens que foram deixadas pelo Caleb.

23h48

*Onde você está, Haz?
Seu avô me deu a chave.*

*Eu queria checar se estava melhor, antes de
voltar pra fazenda, mas não tem ninguém aqui.
Tem uma mochila com roupa de homem no seu quarto.
Fede a vodca, estou muito preocupado.*

00h10

*Não te achei em lugar nenhum!
Voltei no seu avô pra avisar e ele tinha apagado.
Vou ter que ligar para o seu pai. Me desculpa, estou preocupado.*

00h13

*Liguei para o seu pai e ele está possesso.
Está saindo de Flagstaff agora pra voltar pra casa.
Ele mandou eu ficar aqui esperando, caso apareça.
Não quer que ninguém mais saiba pra não criar alarde na cidade.*

Confiro também as mensagens do policial Waters, para o meu completo desespero.

00h14

*Hazel, onde você se meteu, garota?
Atende essa merda de celular agora!*

00h15

*Se você não atender a próxima chamada,
vai ficar de castigo até os 30!*

00h17

*Já saí do evento e estou na estrada,
você está me fazendo perder uma*

*oportunidade de ouro na disputa pra xerife.
Que valha a pena, Hazel.*

00h21

*Acabei de descobrir que tem festa na clareira hoje.
Garota, que você esteja rastejando no vômito com
dor, quando eu te achar. Porque, se mentiu e foi pra
essa merda de lugar, vai se arrepender pro resto da vida.*

Puta merda, ele vai vir direto para cá! Observo a tela do celular e já são 00h41. Se eu não me engano, Flagstaff dá uns 45 minutos de carro até Sedona. O policial Waters não vai demorar para chegar; ainda mais se estiver de viatura.

Levanto a cabeça para chamar a Hazel, e a gente ir embora urgente, no entanto, meus olhos turvam ao notar um engraçadinho tentando puxá-la pela cintura. Ele está indo com a maldita boca na direção da dela; bêbada demais para perceber que não sou eu.

Filho da puta, ninguém toca no que é meu!

Possuído de raiva e de ciúme, nem penso no que estou fazendo. Vou para cima dele na mesma hora e o arranco de perto dela. O cara, alterado com cocaína ou algo mais forte, revida com um soco na minha cara de imediato.

Com a adrenalina no pico, eu mal consigo enxergar nada à minha volta e só foco em o atingir também. Fico tão cego que não percebo a Haz se aproximando por trás de mim, na tentativa de me afastar dele.

No que eu levanto o cotovelo, a fim de criar o impulso necessário para um soco, atinjo em cheio o seu rosto. O grito, de susto e de dor pelo golpe, entra rasgando pelos meus ouvidos e me deixa perplexo.

Meu peito arde.

Minha boca pesa com um gosto amargo ao ver sangue no seu nariz.

Porra, eu não fiz isso!

Não bati na garota que eu amo!

— Amor, me perdoa! — A voz sai baixa e aflita. — Caralho, me desculpa! Eu não vi...

Antes que eu tenha a chance de terminar de falar, recebo um murro na têmpora que me faz cair no chão. Pisco, atônito, tentando me levantar, quando mais duas brigas começam ao redor.

Inferno!

O caos generalizado se inicia em seguida e a multidão fica em polvorosa, em um empurra-empurra insano, para fugir da confusão. Preocupado com a Haz, me esforço para levantar e aproveito minha altura avantajada para achar meu boné e seus fios ruivos no mar de gente.

Quando a encontro, perto demais da picape aberta dos irmãos Downey, sinto um frio aterrorizante na espinha.

— Hazel, para, Hazel! — grito a plenos pulmões; me desvencilhando de todo ser humano que entra na minha frente com brusquidão. — Não faça isso, para!

Ela não para.

Cacete, ela entra no carro!

Tão bêbada que seu corpo nem remete ao trauma. Tão bêbada que provavelmente não faz a mínima ideia do que está fazendo e para onde vai.

O veículo dá partida no exato momento que o mais novo dos Downey, que deveria estar vigiando a mercadoria, mas estava entretido vendo a confusão, percebe o roubo. Corro me chocando contra os corpos e o alcanço antes que saia furioso atrás dela.

— Eu vou, ela tá comigo! — Tiro o cara de cima de uma moto aleatória, que acabou de fazer ligação direta, e subo apressado.

— Traz meu carro e a mercadoria intacta de volta, Barrett! — grita, transtornado. — Meu irmão vai me matar!

Nem me dou o trabalho de responder. Acelero e saio derrapando pela terra seca, morrendo de medo do que pode acontecer se a Haz não parar aquele veículo.

Eu devia ter insistido para que ficássemos em casa no primeiro sinal de sensação ruim.

Hazel veio na clareira por minha culpa.

Hazel bebeu demais por minha culpa.

Hazel usou maconha por minha culpa.

É minha culpa estar com o rosto machucado!

Avisto o carro à frente, ziguezagueando sem controle, e piso no acelerador forçando o motor trabalhar a toda potência. Ela também está correndo, merda! Foi um milagre ter saído da clareira sem causar nenhum estrago; não dá para correr mais riscos mesmo na estrada vazia.

Eu nunca vou me perdoar se algo de ruim acontecer com a Haz por minha culpa.

Assim que esse pensamento me invade, como uma espécie de lei da atração fodida, acompanho à distância, em câmera lenta, o carro frear bruscamente e derrapar para a lateral indo direto em uma árvore.

Meu corpo entra em apagão momentâneo tamanho o choque.

Em uma fração de segundo estou vendo de longe, no outro estou do lado do veículo completamente sem reação ao perceber que Haz freou de forma súbita porque atropelou alguém.

Uma criança.

Sua irmãzinha!

Porra, isso não é real! Não pode ser real!

Meu coração para de bater por uns instantes.

O pavor domina minha corrente sanguínea.

Antes que meu cérebro trave de vez, dou um soco no meu peito para me despertar do transe, e movo as pernas a fim de checar com urgência os sinais vitais das duas.

Por mais que meu coração implore para ver Haz primeiro, ao constatar que o airbag foi acionado, corro para a Annie que parece em um estado mais grave. Seu corpinho pequeno está em uma posição estranha no chão, mas, por sorte, não há nenhum sangramento grande visível fora escoriações pela queda.

— Vai ficar tudo bem, Annie. Você vai se recuperar, eu prometo! — sussurro próximo do seu rosto ao confirmar que há pulso e respiração.

Corro para a minha garota e o alívio enche meus olhos de lágrimas ao descobrir que ela também está com os sinais vitais estáveis. Seu corpo está desacordado provavelmente por causa da quantidade de álcool nas veias e o pico de adrenalina que o acidente causou.

Ninguém vai morrer. Ninguém!

Com o primeiro problema resolvido, pego o celular da Haz que ficou comigo e uso seu dedo para desbloquear a tela mais uma vez. Não há nenhuma dúvida do que preciso fazer no meu interior, quando vou na lista de contatos e ligo para o seu pai.

O policial Waters atende no segundo toque, furioso.

— Hazel, onde você está?

— Aqui é Eduardo Barrett. — Ele brada, em protesto. — Houve um acidente, venha o mais rápido possível!

Envio a localização por mensagem de texto e desligo a chamada durante seus xingamentos porque não vai ajudar em nada bater boca agora. Enquanto espero ele chegar, me livro da moto que usei e a escondo no meio do mato. Também tiro todo o álcool e as drogas dos irmãos Downey do carro às pressas para um problema grave não se tornar ainda mais sério.

Quando estou confirmando os sinais vitais da Annie pela terceira vez, o seu pai estaciona desnorteado e sai da viatura aos berros comigo. Não passou nem cinco minutos.

— O que você fez, seu marginal? — Ele me afasta da filha caçula com um empurrão e se abaixa para fazer o mesmo que eu estava fazendo.
— Você atropelou a minha Annie, desgraçado? O que minha filha está fazendo fora de casa a essa hora? Por que não chamou a porra do resgate? Cadê a Hazel?

— Preciso da sua ajuda em algo urgente antes de chamar o resgate.

— Foda-se, garoto! Você está acabado na minha mão. Não tem nada mais urgente que...

O policial Waters me fuzila com o olhar quando toco o seu braço, mas imediatamente a vermelhidão da raiva some do seu rosto, vencida pelo branco empalecido, ao perceber para onde estou olhando.

— A Hazel... a Hazel que atropelou a irmã? — Ele corre para próximo do veículo e também confere os sinais dela. — Como? Como está dirigindo se tem pavor de entrar em carros desde a morte da mãe?

— Não temos tempo a perder, senhor Waters. Vou resumir de um jeito breve, escute em silêncio. Deixa pra ficar puto comigo depois que as duas estiverem em segurança — digo sério, me aproximando dele. Agora que a merda está feita não adianta esconder informações; preciso que saiba de tudo para cuidar dela por mim. — Hazel está muito bêbada e fumou maconha; a chance de se lembrar que entrou no carro quando estiver sóbria é mínima. Acredito que ela jamais vai cogitar essa hipótese por causa do seu pavor. As lembranças ficarão confusas e vai acreditar no discurso que for dito. Não é a primeira vez que a Haz bebe, estamos há meses nos encontrando escondido no lago que a sua esposa gostava de ir. Tomamos vodca e fumamos diariamente. Dias atrás, Annie viu a Hazel pulando a janela e foi atrás por causa das damas-da-noite que tem lá. Provavelmente, a menina está neste local agora porque fugiu da casa do avô e aproveitou a oportunidade de visitar o lago sozinha.

— Você fez a minha filha adolescente virar uma alcoólatra, seu irresponsável de...

— Depois, senhor Waters. Tem muita coisa pra gente fechar ainda, porra. Me escuta! — Seu rosto se contorce de ódio, mas ele sabe que precisa de informações para descobrir como lidar com a situação, então,

fica quieto. — Você precisa colocar a Hazel na reabilitação com urgência. Se não fizer isso, ela vai se afundar em uma depressão ainda pior da que estava meses atrás, juntando o luto da mãe e o que vai achar que aconteceu esta noite. A Annie é muito pequena, está escuro e provavelmente andava distraída, não enxergou o motorista e não vai levantar suspeitas.

— O que exatamente você está querendo dizer, Barrett?

— Estou dizendo que você vai me ajudar a tirar a Haz com segurança do banco do motorista e deixá-la no carona. Eu vou assumir a culpa do acidente. — Mesmo irado comigo, seus olhos se arregalam de surpresa ao ouvir minhas palavras. — Dê um jeito de encobrir as pistas, vai ter sinal de pneu de moto na estrada porque vim igual um louco atrás dela. O veículo está escondido no mato junto com várias drogas e bebidas dos irmãos Downey, traficantes pequenos da cidade vizinha. Um deles reconheceu a Hazel durante a festa na clareira e ela roubou esse carro deles. Você tem que ir lá pressioná-lo para manter a boca fechada. Na hora que a Haz saiu, estava um caos no lugar por causa de briga, acredito que ninguém mais a reconheceu.

— O que você ganha assumindo a culpa, Barrett? É um tipo de jogo? Vai me subornar depois?

— O senhor pode não acreditar nas minhas palavras, mas eu amo a sua filha. Prometi que nunca mais ia deixá-la voltar pra escuridão e vou cumprir. Se souber que atropelou a Annie, vai surtar com certeza. — A culpa é toda minha! Ela não merece sofrer as consequências de algo que apresentei na sua vida. — Fora que, apesar de ser policial e ter o poder nas mãos, está em uma disputa acirrada pra xerife. As regras são outras! Tudo que o tal do Bischoff precisa pra te ferrar é dar o exemplo prendendo a filha do seu maior concorrente por direção perigosa, uso de álcool e drogas e lesão corporal. A noite caótica começou na clareira, na divisa das cidades; ele pode lutar por jurisdição no caso e pressionar pra não ser arquivado.

Na pior das hipóteses, se Annie não aguentar os ferimentos ou os irmãos não colaborarem, acrescenta-se nessa lista de crimes: homicídio culposo ao volante e roubo.

Hazel não pode correr nenhum risco de ir pra cadeia, ela seria engolida lá dentro.

— Puta que pariu, nem tinha pensado nele. O Bischoff com certeza iria usar isso contra mim.

— Vem, vamos tirá-la logo da direção porque as duas precisam de cuidados médicos o quanto antes. — A garganta embarga ao observar seu lindo rosto, que não vou ver mais por um longo tempo. — Feche todas as pontas soltas que eu falei e não se esqueça da reabilitação. Reforce sempre pra Haz que eu sou inconsequente e agressivo... que atropelei a sua irmã, bêbado, que bati nela esta noite, que arrumei briga na clareira e espanquei meu próprio padrasto... deixe que ela fique com muito ódio de mim.

— Você não é nenhum herói, Barrett, não fique se achando com esse altruísmo todo — ele grunhe, irritado. — No fim das contas, a culpa é realmente sua por colocar a minha filha no seu mundinho sujo! O mínimo que pode fazer é assumir essa responsabilidade e não permitir que a reputação da minha filha e da minha família vá pra lama.

— Sei que a culpa é minha, e estou longe de ser um herói. Só quero garantir que Hazel fique bem. A melhor forma disso acontecer agora é bem longe de mim e de toda influência ruim que trouxe pra sua vida.

— Agora e sempre! Pode ter certeza que eu farei ela te odiar.

“Minta pra mim.”

Ouço mais uma vez o seu pedido na minha mente e, com o coração despedaçado, aceito meu destino. Eu mentirei para ela quantas vezes for necessário, mesmo ganhando seu ódio no caminho.



CAPÍTULO 43

“Faltam apenas 100 dias agora; e hoje eu acordei nostálgico pensando como queria ter tido mais tempo pra memórias com você... Nossa último beijo foi muito rápido, nosso último abraço, tão triste... Quando terminei de te colocar no banco do carona, meu peito ficou alinhado ao seu. Estábamos tão perto, por causa do airbag, que eu senti o seu coração batendo fraco de encontro ao meu – em um lento sofrimento por tudo que aquilo significava. Tum, tum. Tum, tum. Sincronizados! Juro, raposinha, parecia um abraço de despedida dos nossos corações.”

Trecho da carta nº 1000

*Eduardo Barrett
Presente*

Pisco várias vezes, tentando me acostumar com a claridade nos olhos. As pálpebras estão pesadas e minha cabeça dolorida. Assim que consigo abri-los, o branco do quarto toma conta da minha visão.

Dor aguda no peito.

Haz dirigindo.

Perda de consciência.

Estou em um hospital.

Sobrevivi. Porra, eu sobrevivi!

Sinto alguém se mexer perto do meu ombro, e o monitor cardíaco ao meu lado aumenta o som, ao constatar que é a Hazel na cama comigo. Do meu lado e ainda segurando meus dedos com ternura.

Pela luz clara que entra pelas frestas da cortina, já amanheceu. Será que ela dormiu comigo a noite todinha?

— Edu, você está bem? — Ela se senta em um rompante, tocando meu rosto com preocupação. — O que você está sentindo?

Seus olhos assustados vão de mim para o monitor cardíaco. Franzo o cenho ao reparar um curativo na sua mão, bem próximo da veia geralmente usada para tomar soro; e o inchaço evidente no seu rosto.

Está mais inchado do que na época que ela passava horas chorando sem parar à noite, escondida no lago. Será que teve uma crise depois que a adrenalina abaixou por causa de dirigir? Será que ficou nervosa por minha causa?

O monitor volta a aumentar o volume.

— Parece que tem paciente acordando agitado! — Uma enfermeira entra no quarto, sorridente, e vem na minha direção. — Acalma esse coração, rapaz, sua garota está aí do seu lado.

— Acelerou duas vezes seguidas. Está tudo bem, né? — Haz comenta, ansiosa. — Não é nenhuma complicação, certo?

— Por que seus olhos estão tão inchados e você tem uma entrada venosa pra soro? — Umedeço os lábios ao senti-los ressecados e a encaro, preocupado.

Hazel entreolha a enfermeira e engole em seco.

— O que houve? Você teve uma crise por ter andado no carro?

— É... mas já melhorou. Não se preocupe comigo.

Se Kieran acha que sou um péssimo mentiroso, ele não viu a Haz. Ela é transparente como água.

— Não mente pra mim, Haz. O que houve?

Sei que estou sendo a pessoa mais hipócrita do mundo agora, já que venho mentindo para ela há anos; mas acabei de sobreviver a um infarto e Hazel não vai querer brigar comigo.

— Eu vou ficar bem. Só preciso de... tempo. — Ela pega na minha mão de novo e acaricia a pele. Desta vez, sinto a verdade no seu tom. —

Quando você estiver recuperado da cirurgia, a gente conversa melhor.

— Mas...

— Sem “mas”, rapaz! — A enfermeira confere os dados em outro monitor perto do cardíaco. — Se quiser ir pra casa logo, tem que evitar estresse e ansiedade. Joga conversa fora, vai maratonar umas séries e filmes, fazer Sudoku... relaxa!

Para quem passou 18 anos na correria, ocupando-se dia e noite, é muito difícil relaxar. Até quando o corpo para, a mente não cessa.

— Mantenha sua frequência cardíaca boa e o médico libera a fila enorme de pessoas querendo te visitar lá fora.

— Que exagero!

— Não é, não, você é muito querido, Edu. — Hazel ajeita a postura e coloca uma pasta preta que estava na cama no seu colo. — Tuck, Kieran, Naomi, Drew, Tom, Leslie, David, Nadine, lutadores, funcionários do restaurante, famílias do projeto social... devem ter umas 30 pessoas na recepção, sem brincadeira.

Caramba! Fico muito feliz com esse carinho comigo.

— E o Kieran? Está bem? — pergunto para Haz ao lembrar como fica nervoso. — O meu filho tem sérios problemas com pessoas que adoecem.

O monitor dá uma nova acelerada e Hazel me conforta com um carinho na cabeça.

— Está, sim, não se preocupe com o Kieran! Ele ficou muito nervoso no começo, só que relaxou ao acompanhar sua melhora significativa. A Naomi consegue deixá-lo mais calmo.

— Igual você faz comigo... — Um sorriso escapa dos meus lábios e Haz corresponde. A enfermeira nos encara, divertida, e brinca que vai deixar o casal a sós.

Casal. Eu queria tanto ser o homem da minha mulher!

Há um evidente peso no seu semblante; mas há também aquele brilho inconfundível nos seus olhos. O brilho do seu amor por mim.

Eu amo enxergar isso nela.

— Espero conseguir te manter bem calminho pelos próximos cinco dias.

— Cinco? Tudo isso?

— Você teve um infarto e uma parada cardíaca; pensou que ia embora hoje ainda?

— Eu queria! — Faço uma careta, desanimado.

— Vamos seguir o conselho da enfermeira e maratonar uns filmes e séries. Tem uma biblioteca aqui, também posso pegar uns livros pra gente ler.

— Você vai, literalmente, ficar comigo durante toda minha internação? — O sorriso se amplia no meu rosto, mas logo uma veia de preocupação salta na testa. — E os pedidos?

— O Kieran pausou os anúncios para mim e já colocamos um informativo nas redes sociais. Tenho dois bolos pra entregar essa semana, só esses que irei cumprir a agenda; faço e volto rapidinho.

— Não quero te atrapalhar, Haz...

— Eu quero ficar aqui com você, Edu! — ela fala com tanta convicção e carinho que o monitor dá um novo pico.

Acho que revelar que a amo mudou algo importante entre nós. Pena que ainda existem coisas que não vão mudar... *agora não é hora de pensar nisso!* Realmente não tenho condições de ficar ansioso neste momento.

Por mais uns dias, eu posso fingir que está tudo bem e estamos no quebra-cabeça fácil... sem complicações.

— Vamos procurar algo pra assistir, então! — Alcanço o controle na mesa ao lado da cama e abro o aplicativo de filmes na TV.

Enquanto vou passando o catálogo e fazendo comentários com a Haz, não consigo deixar de olhar para o seu rosto focado nas opções, com um novo sorriso nos lábios.

Não quero nem imaginar a conta enorme que vou pagar de hospital depois, mas estar em um quarto privado se torna uma bênção ao poder curtir, com a mulher que amo, algo simples que nunca fizemos juntos.

— Ah, meu Deus, tem “P.S: Eu te amo”! — Seus olhos se enchem de lágrimas só de ver a capa.

— Pronto, vamos ver esse. Está decidido!

— Tem certeza? Acho que não vai gostar muito. — Ela segura a pasta preta que estava no seu colo perto do peito e depois coloca na mesa.

Eu já vi o filme várias vezes nos últimos anos; sempre que tinha muita saudade dela.

— É impossível não gostar, com você deitadinha aqui do meu lado. — Bato no colchão e Haz se aconchega no mesmo instante no meu braço. Porra, não há lugar melhor para estar. — Mas já aviso, não fique chorando por causa desse Gerry. Tenho ciúme do cara.

Haz abre a boca, como se quisesse me dizer algo, no entanto, a fecha em seguida e apenas sorri.

Um sorriso amplo e genuinamente feliz.

Se isso for um sonho, desta vez, sou eu que preciso que ela minta para mim.



Sonolento, abro os olhos devagar, mas logo procuro Haz pelo quarto. Como tem acontecido muito durante o dia, quando acabo cochilando por causa da medicação, ela está sentada em uma poltrona no fundo do cômodo; mexendo na bendita pasta preta.

— Você não vai mesmo me dizer o que tanto vê aí? — pergunto pela enésima vez, com um sorriso preguiçoso nos lábios, pronto para rir das coisas que vai inventar.

Ontem, ela me disse que era um dossiê com fotos comprometedores minhas, babando durante o ronco.

Quando seu olhar encontra com o meu, intenso e cheio de lágrimas; me ajeito na cama apressado e o sono até vai embora. Não há brincadeiras desta vez.

— O que houve, Haz? Aconteceu alguma coisa?

Será que, assim como eu fiquei hoje mais cedo, antes de pegar no sono, ela está pensando como vamos interagir ao voltar para casa? A realidade dura virá com tudo ou ainda não? Iremos nos separar inevitavelmente ou ainda não?

Por incrível que pareça, eu não queria ir embora deste hospital.

Pensei que os cinco dias seriam uma tortura para uma pessoa agitada como eu, no entanto, foram incríveis por causa dela.

Assistimos a muitos filmes.

Maratonamos três séries.

Lemos um livro.

Brincamos até de jogos de tabuleiro juntos.

A conversa, que fluía fácil e variada na adolescência, retomou com naturalidade. Tivemos certeza nesta semana que nossa conexão não sofreu nenhuma alteração em 18 anos – nem na intimidade nem na amizade.

Ela se levanta da poltrona e vem lentamente na minha direção; com os olhos intensos reluzindo amor. O monitor cardíaco se altera e se estabiliza. Se altera e se estabiliza. Em uma dança só nossa.

— A gente precisa resolver um assunto muito importante antes de você receber alta. Tuck e eu falamos com os médicos e eles acharam melhor acontecer ainda aqui, no hospital, caso precisem intervir de alguma forma.

— Haz senta na beira do colchão e acaricia minha barba que está bem maior. — O betabloqueador que tomou antes do cochilo, já é uma forma de ajudar no controle da ansiedade e do estresse no coração. Quero que a gente saia deste lugar sem mais segredos, meu amor.

“Meu amor.”

“Sem mais segredos.”

Puta que pariu, não sei qual das duas frases me deixa mais abalado. Ela me chamando de amor de novo, ou a conversa difícil que eu vou ter que mentir mais uma vez.

— Haz, me desculpa, mas acho que não estou pronto pra conversar...

— Não vamos conversar, você vai ler. — Ela coloca a pasta preta no meu colo e uma lágrima escorre do seu rosto, junto com um sorriso. — Em uma história com tantas mentiras faladas em voz alta pra sufocar nosso amor; e verdades escritas pra libertá-lo, acho que a gente vai conseguir se resolver melhor com as palavras no papel.

— Co... como vo... você sabe das cartas?

— Só leia, Edu. — Haz acaricia meu rosto e se levanta, caminhando em direção à saída sem falar mais nada.

Assim que ela encosta a porta, com as mãos suadas, eu abro a pasta. Meus batimentos disparam ao reconhecer algumas das cartas que eu queimei guardadas entre as divisórias de plástico.

No meio do arquivo, há uma folha de papel com a letra da Haz e uma caneta. Acho que todos esses dias ela vinha escrevendo um pouquinho do que queria me dizer.

Sem conseguir conter a ânsia, inspiro fundo e sento na cama criando coragem para ler.

Esta é a sétima carta que eu tento fazer pra você – todas as outras seis estão no lixo da recepção, perto da máquina de café. Não é tão fácil,

como você fez parecer, escrevendo 1100 durante o tempo que ficou preso.

Aliás, uau, eu amei todas que o Tuck conseguiu salvar! A sinceridade, que eu sempre senti no fundo da alma com a nossa relação, está escancarada em cada linha e, foi por isso, que eu decidi escrever uma também.

Como não tem um jeito fácil de introduzir o assunto, vou ser bem direta com você (mas antes que surte, se lembre dos nossos últimos cinco dias juntos).

Eu descobri a verdade que você tanto teme me contar enquanto estava na sala de cirurgia. Sei que foi preso no meu lugar.

O monitor cardíaco acelera e eu me esforço a puxar ar aos pulmões, tentando me lembrar de como respirar.

Não acredito que o Tuck disse a ela... o Anthony não foi, com certeza. Mesmo com ódio da filha, jamais correria o risco de colocar o sobrenome Waters em outro escândalo.

Eu não teria contado para mais ninguém, morreria no túmulo entre o pai da Haz e eu; mas Tuck viu como eu fiquei no dia que ela foi me ver antes da transferência.

Não queria aceitar seu pedido de visita, porém, sabia que precisava colocar um ponto final definitivo na nossa história. Se ela estava ali depois de tudo, o amor que sentíamos, podia me perdoar e, naquele momento, éramos péssimos um para o outro.

Se continuássemos no vício do álcool, cada vez mais experimentando novas drogas para se divertir; não sairia nada de bom disso. Estábamos piorando.

Não tinha conseguido chorar nenhuma vez desde a morte do meu pai, mas quando ela disse que me amava, que podíamos superar, e tive que afastá-la de vez, não aguentei.

Foi Haz virar as costas, gritando aos prantos que eu era um filho da puta mentiroso, que eu chorei como uma criança. Parecia que meus

músculos estavam sendo rasgados e meu coração tirado à força do corpo.

Tuck soube na hora, e eu estava tão sensível que não neguei diante do seu juramento em jamais revelar a ninguém esse segredo.

Como ele teve coragem?

Por que guardou as cartas?

E se a Haz nunca se perdoar?

E se me odiar por ter escondido uma verdade tão dura?

E se ela entrar em um espiral de depressão de novo por saber que é a culpada pela paraplegia da sua irmã?

Enquanto um lado do meu cérebro se desespera, pensando nas hipóteses mais catastróficas; o outro reafirma as palavras na carta: “*antes que surte, se lembre dos nossos últimos cinco dias juntos*”.

Se Haz sabe desde o infarto, tem passado a semana ao meu lado sem me odiar. Muito pelo contrário, nunca senti tão forte o seu amor.

Embora houvesse aquela tristeza no seu semblante, também havia o brilho no olhar.

Continuo a ler, desesperado pelo que mais tem a me dizer.

Deus está de prova que não foi fácil receber essa notícia. Assim que Tuck me contou, eu senti como se eu fosse um pedaço de vidro sendo estraçalhado no chão. Doeu, doeua pra caralho a verdade.

Chorei como nunca tinha chorado na vida. Cheguei a desmaiar e, por isso, estava com o acesso de soro.

Mas, isso tudo foi o choque inicial.

Fui levada para um quarto também, me medicaram e enviaram uma psicóloga para conversar comigo. Nunca uma hora com um estranho foi tão esclarecedor. Organizei meus pensamentos e você estava em todo lugar.

Depois que meu corpo assimilou e descarregou 18 anos de mentiras, o que dominou o meu sistema foi a força do seu amor. Ele transbordou de mim de uma forma tão potente que a gratidão se apossou do meu peito.

Eu estou tão, tão, tão grata por você que jamais conseguirei demonstrar o tanto.

Com 16 anos, eu jamais ia conseguir lidar com essa verdade. Ainda mais com um pai como o meu que me faria sufocar os sentimentos. O vício na bebida ia piorar e eu não gosto nem de pensar na versão de mim que teria me transformado.

Aos 16, eu não saberia a mulher foda que a Annie se tornaria e mais um arrependimento teria corroído a minha alma.

Agora com 35, não quer dizer que vai ser fácil. O seu amor não vai curar tudo. A culpa não evaporou do meu corpo. Mas consigo ver em um ângulo maior e não focar apenas nas coisas ruins.

Eu me arrependo de ter ido atrás do Caleb, logo que saí da reabilitação, em uma “vingança” contra você. Transei sucessivas vezes para obrigar meu corpo a te esquecer. Só que isso também trouxe a minha filha, então, jamais poderia me arrepender dela.

Se a gente tivesse ficado junto naquela época, eu não teria a Naomi e você não teria encontrado o Kieran. Tenho certeza que entende o tipo de amor pelos filhos que transcende nossos erros.

Se nenhum acidente tivesse acontecido, teríamos virado dois alcoólatras; quiçá dependentes químicos. Uma hora o álcool ia perder a diversão e ia se tornar o perigo que ele, na verdade, é.

Do amor, poderíamos virar manchete de jornal. Duas tragédias anunciadas.

No final das contas, se formos sinceros, a separação foi o melhor caminho. Tudo aconteceu como tinha que ser.

Afastados, nós dois paramos de beber. Focamos em nossas famílias. Demos o nosso melhor. Pode não ter sido uma vida plenamente feliz,

porque faltava uma parte grande de nós, mas foi necessária para chegarmos onde estamos agora. Buscando nossas melhores versões. Se reconectando com a parte boa de quem fomos um dia.

Nossa história deu voltas, e mais voltas; nos fez complicados, e agora temos a chance de seguir lado a lado mais uma vez.

Eu estou disposta a trabalhar essas novas páginas. Ainda nesses últimos cinco dias que estivemos aqui no hospital, agendei uma terapeuta indicada pela profissional que me socorreu na hora do surto.

Quero me perdoar 100% e, principalmente, quero aprender a deixar o passado e o futuro onde eles pertencem.

Não nos cabe mais o peso de ontem, meu amor, nem as dúvidas do amanhã. Vamos aprender a lidar com nossa bagagem e o medo da sua doença, juntos. No presente.

Eu quero te amar eternamente hoje.

Você quer? (aguardo ansiosa sua resposta atrás da porta).

Com amor, sempre sua, raposinha.

— Haz! — chamo seu nome com a voz embargada, e noto meu rosto banhado de lágrimas.

Ela entra no mesmo instante e arregala seus lindos olhos castanhos, também molhados pela emoção; me encarando em expectativa.

— Eu quero te amar eternamente hoje.

Ao abrir meus braços, sorrindo para o amor da minha vida, ela corre para mim e se encaixa no meu abraço. Sinto seu coração bater no meu peito, e ecoar pelo monitor cardíaco, exatamente no mesmo compasso que o meu.

Tum, tum. Tum, tum.

Depois de 18 anos, eles, finalmente, se abraçaram de volta. Mais fortes do que nunca.



“Nossa despedida está mais perto do que nunca... é inevitável. Mas não se esqueça que, mesmo que eu não esteja te escrevendo nem te olhando, você sempre será tudo que eu vejo. Estarei com você em pensamento do anoitecer ao amanhecer.”

Trecho da carta nº 1037

*Hazel Waters
4 meses depois*

Sentada na mesa de jantar da sala do Edu, não paro de sorrir enquanto conversamos e devoramos deliciosas pizzas de pepperoni. Ele decidiu não abrir mais aos domingos; e eu também não aceito pedidos na Raposinha Bolos e Doces para curtirmos juntos.

Ora sozinhos, ora acompanhados da grande família que nos tornamos, é sempre maravilhoso cada momento.

Nunca estive tão realizada. Trabalho com o que amo, estou com o homem da minha vida ao meu lado, tenho pessoas incríveis no meu círculo de amizade e ainda mantengo a saúde mental em dia.

A terapia foi uma das melhores decisões que já tomei. Tem me ajudado muito a lidar com questões antigas, que fui abafando no decorrer dos anos; e as verdades recentes que descobri.

É claro que nem todos os dias são um mar de rosas; às vezes tenho crises de choro; às vezes me saboto; às vezes penso no “e se”... Mas de uma maneira geral, eu tenho lidado bem com os problemas.

Colabora muito nessa aceitação o fato de que, Eduardo reforce diariamente, que nunca se arrepende da escolha que fez; e que Annie repita

sempre que não culpava o Edu e não vai me culpar pelo acidente. A informação nova só a fez respeitar mais o homem que amo.

— Vamos assistir àquele documentário que você queria, princesa?

— Vamos! — Naomi engole o último pedaço de pizza que estava na sua mão correndo e se levanta antes que o Kieran desista. — Quer assistir, Tuck? Parece muito legal. Destaca a história de várias mulheres com o futebol pelo mundo, inclusive um grupo de avós, na Espanha, que continua a jogar aos 70 e 80 anos de idade. Tem também a Marta, uma lenda do futebol brasileiro; e uma oficial de justiça que usa o esporte para afastar adolescentes problemáticos de gangues na Califórnia.

— Olha, essa última parte me interessou. Parece legal mesmo.

Amplio o riso, ao ver como a minha filha aos poucos está conseguindo fazer todo mundo ao nosso redor amar futebol. Até a Bailey senta ao seu lado quietinha quando está concentrada assistindo a algo relacionado à bola.

— Vamos também, mãe? Podemos esticar a noite da pizza para o sofá.

— Meu amor, esqueceu que Edu e eu estamos vigiando o florescer da dama-da-noite? Vamos ficar um tempo lá no terraço de olho, se não rolar, a gente desce e vê o final com vocês.

— Ahhh, é mesmo.

— Se abrir, manda mensagem quando tiver finalizado! — Kieran pede, levando pratos e copos sujos para a pia da cozinha. — Preciso fazer meu pedido este ano com muito afinco.

Nem preciso ouvir em voz alta para imaginar do que se trata. Namorando a minha filha desde o ano passado, o relacionamento deles se mostra intenso como foi o meu e do Eduardo na juventude.

Acontece que em junho, assim que chegarem as férias de verão, Naomi vai se mudar para Nova Jersey, literalmente do outro lado do país. São quase 2500 milhas de distância, o que dá cerca de 35 horas de viagem

de carro. Ela foi aceita no programa de atletas da Universidade de Princeton, uma das melhores do país na área de futebol feminino.

Depois que o suborno da capitã foi revelado, ela voou com o time. Se destacou em todos os jogos, se tornou artilheira de dois campeonatos que a escola participou e marcou impressionantes 24 gols.

Kieran está radiante por ela, mas diante do seu antigo problema sobre abandono, fica claro em vários momentos seu receio de um namoro à distância não dar certo. Nunca vi Naomi tão feliz e apaixonada como agora, eu sou a prova viva de que, quando é para ser, realmente é.

Tomara que os dois não vivam uma história tão turbulenta antes do final feliz.

Por causa do namoro do Kieran e da Naomi; e também do contrato com a Sera que foi estendido até junho devido à ampliação do seu intercâmbio, achei melhor cada um continuar na sua casa. É gostoso curtir um pouco dessa fase de namoro; algo que nunca tive oportunidade nem com Edu nem com Caleb porque a vida tomou seus próprios rumos.

Nadine, possivelmente, se muda no final de maio, ela está na fase final do processo seletivo de uma excelente oportunidade de emprego na área que está se formando. Edu comentou comigo que Tuck e Kieran estão querendo ficar com o apê dela, e assim poderíamos morar juntos no dele.

Devido a toda energia neste prédio, e a forma como nos reencontramos, não queremos mudar daqui. Já é uma parte fundamental da nossa história.

— Vou no banheiro rapidinho e a gente já sobe, tá, minha linda? — Ele deixa um beijo na minha têmpora antes de se levantar também.

— Tá bom, amor.

O seu problema cardíaco está estável no momento, graças a Deus. Só é necessário fazer um acompanhamento frequente no médico, e tomar uma série de remédios todos os dias.

Houve algumas mudanças na rotina também. Eduardo não pode mais participar das lutas clandestinas – o que achei uma pena, ele ficava um

tesão lutando; nem fumar. Como já usava bem menos cigarros do que antes, não foi tão difícil a adaptação.

O que está sendo muito difícil, para nós dois, é ficar sem transar com essa delícia de homem dormindo na minha cama quase todos os dias. Os médicos indicaram uma pausa de seis meses para estabilizar a doença antes de voltar a fazer sexo. Faltam longos 60 dias!

Edu me chupa com luxúria, me faz gozar com os dedos, com o vibrador, até com o chuveirinho do banheiro... só que estou sentindo muita falta dele enterrado dentro de mim.

Separo o resto da bagunça na mesa, para colocar na lava-louças, mas paro com os pratos no ar ao ver que a Naomi ligou a televisão e entrou automático em um canal da TV aberta.

— Aumenta o volume, é a atualização do caso do Kober no noticiário nacional — peço e Edu também para antes de seguir para o corredor, atento na notícia.

“O deputado eleito de Los Angeles, Kurt Kober, teve hoje os bens pessoais e administrativos bloqueados para investigação de uma denúncia de ocultação de mais de US\$ 5 milhões em ativos da Receita Federal. De acordo com o exposto pelo jornalista Alan Breck, do podcast Alternative fact, esses ativos estavam sendo ocultados há mais de sete anos em dezenas de contas bancárias secretas na Suíça.”

— Agora ele vai ser pego, amor! — comemoro diante do sorriso no rosto do Eduardo. — A denúncia está ganhando força na mídia nacional, não apenas em Los Angeles onde ele controla.

— Porra, até que enfim esse filho da puta vai pagar por algo. Eu sabia que o Breck ia conseguir!

Faz duas semanas que essas denúncias foram divulgadas, porém, ele ainda não estava comemorando tanto porque Kober sempre consegue reverter. A questão é que agora está tomando proporções muito maiores.

— Assim que o desgraçado for detido, você pode entrar com o processo de novo pra tirar o nome do seu pai dos institutos — Tuck

comenta, também sorridente.

— Eu não vejo a hora de fazer isso, quero meus pais descansando em paz sem ter nada a ver com esse cara!

Terminamos de assistir à reportagem, Edu vai ao banheiro e, para completar de vez a noite espetacular, assim que entramos no terraço, percebemos que as damas-da-noite estão abrindo.

Sento no banco descalço, com as duas pernas para cima, e Edu se encaixa no meio delas; de frente para a trepadeira, com as costas apoiadas em mim para podermos mentalizar nossos pedidos e apreciar a vista.

Eu tenho amado ficar com ele nessa posição, seja na cama, no sofá ou aqui, porque dá acesso perfeito do meu braço no seu peito. Meu novo vício é acariciar a sua pele na altura do coração; em um agradecimento ao órgão vital por continuar batendo, firme e forte.

— Vamos fazer os nossos, aí depois a gente chama o resto do pessoal — Edu comenta assim que o florescimento é finalizado.

— Ótimo, vamos ter nosso momento de privacidade como fãs da planta. Praticamente o prédio inteiro pediu pra ser avisado, depois que eles souberam que pra gente funciona tão bem. — Sorrio e Eduardo se vira no banco, sentando de frente para mim.

Levanto minhas pernas e coloco por cima das dele para que possamos ficar bem pertinho.

— Primeiro as damas! — Ele apoia um braço no meu joelho flexionado e fica me observando com atenção.

Eu amo a forma apaixonada que ele me olha.

— Eu desejo que o seu coração fique sempre saudável, para que eu possa amá-lo eternamente todo dia. De preferência, com a gente batendo recorde no *Guiness Book* de casal mais velho do mundo.

— Se eu não me engano, o recorde de pessoa mais velha é de uma brasileira de 119 anos. — Ele ri, aproximando seu rosto do meu. — Será que vamos bater os 120? Você vai me aguentar mais 85 anos nesta vida?

Uma vez, uma pessoa muito sábia, me disse que temos que tomar cuidado com o que pedimos.

— O que eu mais quero é tempo com você, meu amor. Todo tempo que perdemos, em dobro, triplo, quadruplo... Envelhecer ao lado do meu melhor amigo, e mais incrível amante, será ganhar uma dádiva do universo.

— Que bom que você disse isso porque o meu desejo, raposinha, tem tudo a ver com envelhecer ao seu lado. — Edu tira uma caixinha de veludo do bolso da calça e meus olhos se enchem de lágrimas imediatamente ao perceber que é um diamante no formato de dama-danoite. Delicado e único, com certeza feito sob medida para mim.

— Que lindo, amor!

Aposto que foi por isso que inventou de ir ao banheiro; pensando bem, todos os dias ele me distrai antes da nossa ronda noturna. Edu tem subido com a caixinha esperando esse momento significativo para a nossa história. Como não amar esse homem?

— Durante os 18 anos que ficamos separados, eu vim aqui todo ano e desejei que você fosse feliz. Agora, quero que eu seja o motivo da sua felicidade. E que você continue sendo minha para o resto das nossas vidas. Hazel Waters, você aceita se casar comigo?

— Eu te amo, com toda minha alma! — declaro em lágrimas, e ele toca no meu rosto com reverência. — Mesmo quando te odiei, eu te amava. É claro que eu quero ser a sua mulher, Eduardo Barrett. É uma honra pra mim ser amada pelo homem mais extraordinário que existe.

— Amar você foi, é e sempre será a minha melhor escolha, Hazel. Só há você em mim!

Sempre será a minha melhor escolha também!

Tocar a alma de alguém não acontece com frequência e requer uma conexão especial com essa pessoa. É uma compreensão além das palavras, e além da vida.

Eu não tenho dúvidas que Edu e eu ainda teremos uma longa jornada pela frente.



2 meses depois

Estou entretida, rindo da implicância do Kieran e da Cath, com o vício do Tuck em miniaturas de chevette, quando observo os raios do entardecer abraçarem o lago e, novamente, uma única mariposa azul aparecer no meu campo de visão.

Engulo o camafeu de nozes delicioso que estava comendo; e atraída pelo animal, como ele é pela luz, me afasto da mesa vidrada nas suas asas. Ela gira no ar, voa e volta, como se estivesse radiante, comemorando comigo.

Meus olhos se enchem de lágrimas e meu coração tem certeza de que de alguma forma o espírito da minha mãe está abençoando essa união.

— Tudo bem, senhora Barrett? — Edu me abraça por trás e deixa um beijo carinhoso na minha bochecha.

— Tudo esplêndido, senhor Barrett! — Sorrio amplamente para ele, segurando seus braços para me apertar ainda mais firme. — Olha quem veio dar sua bênção.

Aponto com a cabeça para o animal voando e um sorriso de felicidade estampa seu rosto. Ele se lembra do que eu falei sobre isso, anos atrás — Edu sempre se lembra de tudo sobre nós, o que só me deixa mais perdidamente apaixonada.

— Espero que meus pais também estejam felizes com a nossa união. Que tenham orgulho do homem que me tornei. — Assim que suas palavras saem em voz alta, a mariposa azul voa do lago e vem diretamente na nossa direção.

Pousa especificamente no seu ombro.

E dá duas exatas batidas de asas.

Meu coração sente a mesma coisa: de alguma forma, Clarissa e Rowan estão confirmando suas palavras. Edu não faz nenhum comentário, porém, ao olhar para o lado percebo sua íris acinzentada marejada pela emoção.

— Já querem encerrar a festa pra tre... lua de mel, né, fala a verdade?! — Nos vendo agarradinhos, Drew se aproxima e quase fala merda na frente do David.

Eduardo cai na risada, e a mariposa se despede de nós.

— O que é “tre-lua de mel”, Drew? — o garotinho pergunta, curioso, e eu dou risada também, aguardando ansiosamente a sua resposta.

Ele é a pior pessoa do mundo para explicar as coisas para uma criança.

— É... sabe o... aquele... — O homem gesticula com as mãos, gaguejando sem conseguir terminar uma frase, e acaba gritando a Leslie para socorrê-lo. — É melhor a sua mãe explicar, campeão. Agora que eu ganhei o coração da minha pretinha, não quero correr o risco de ser expulso a pauladas.

David sai correndo para perguntar à Leslie e, assim que a palavra ecoa em voz alta a todos os presentes, ela fuzila o Drew com o olhar.

Eu estou muito feliz que a minha amiga, finalmente, está se abrindo ao amor. Na cerimônia intimista que celebramos há pouco para marcar oficialmente nosso casamento, Leslie, Nadine, Naomi e Annie foram minhas damas de honra.

Sem as duas primeiras intermediando nossa relação, não sei se Edu e eu estaríamos aqui agora. Sou muito grata a elas; assim como a minha filha e a minha irmã por apoiarem incondicionalmente minhas escolhas.

— Ah, porra, vou ouvir sermão na volta. Não dá pra me deixar dormir na casinha da Bailey aqui fora hoje, não, Edu? Prometo que não atrapalho o casal! — ele brinca, para provocar o amigo.

Os dois são uma figura juntos.

— Nem pensar! Estou há seis meses sem tocar a minha mulher direito. Não quero ninguém por perto em um raio de dez milhas.

Olho para a cabana, recém-construída como presente de casamento, e mordo o lábio inferior, já ansiosa para todos irem embora e eu aproveitar a liberação médica do meu marido.

Não foi por acaso a escolha desta data.

Edu disse que queria oficializar nossa união, no dia que pudesse gozar dentro de mim e colocar um filho dele na minha barriga. Tirei o DIU na semana seguinte da sua declaração. A gente tem conversado sobre isso com frequência e, Deus, com a pessoa certa eu quero tanto!

Cheguei até a sonhar dias atrás com uma miniatura sua, de olhos de tempestade e sorriso abrasador. Vai ser maravilhoso se acabar acontecendo mesmo, em especial neste lugar que é um marco da nossa história.

Nem acredei quando Eduardo me contou que conseguiu uma licença para construir a cabana aqui. Ela está rente à colina, bem ao lado das trepadeiras. É inteira de madeira, simples e aconchegante. Tem apenas um quarto por enquanto, mas é perfeita para nós.

A proximidade de Phoenix é outra vantagem. Podemos vir aos fins de semana, sempre que quisermos. Bailey amou o local espaçoso, não parou de correr e latir desde que estacionamos.

Eu também amei, principalmente, porque o Edu se permitiu voltar a Sedona comigo sem se importar com os outros.

Segundo minha irmã, somos a fofoca atual preferida da cidade. Só se fala do segundo casamento, da filha do policial aposentado Waters, com o marginal que atropelou sua irmã na adolescência.

Na época que tudo aconteceu, ninguém cogitou que eu estava apaixonada. A única versão que se propagava era que Edu estava se vingando pelos Elms, me enganou e me embobedou com as piores intenções. Como todo mundo sabia meu pavor de entrar em carros, não foi difícil acreditar nessa versão.

Hoje sei que meu pai foi o maior incentivador dessas *fake news*. Ele aproveitou que ganhou o cargo de xerife por um tempo para não deixar meu nome ser ligado ao do Eduardo fora desse discurso de vingança de jeito nenhum.

Até porque somente isso iria evitar burburinhos com os Brydges do real motivo da minha fuga de casa com o forasteiro. Eles me apoiaram e incentivaram ainda mais o relacionamento com Caleb porque, afinal, os Waters os estavam defendendo quando tudo aconteceu com os Elms. Anthony não dá ponto sem nó, pensa em tudo quando diz respeito a sua imagem.

Se nos Estados Unidos tivesse a prescrição de crimes, eu esfregaria a verdade em um alto-falante pela cidade inteira apenas para saberem a honra que eu tenho de ter Eduardo para mim.

É uma das coisas que eu tenho trabalhado bastante na terapia. Como lidar com o fato de que não paguei por um crime que cometi, outra pessoa ficou presa três anos no meu lugar e ainda é vista como um monstro?

Tenho tentado seguir o conselho da psicóloga de só me importar com a opinião de quem é importante para mim. E, segundo Edu, ele faria mil vezes, se fosse necessário. O processo de deixar ir o que não me cabe mais é difícil na prática, mas libertador.

Não ter nenhum contato mais com meu pai, meu avô e até mesmo o meu irmão, que era indiferente desde que virou adulto, está me trazendo uma paz enorme também. Sei que ajudam a espalhar as fofocas aqui e estão putos com minha relação com Eduardo, contudo, não dou nenhuma abertura para se intrometerem na minha vida.

Do Caleb, desde que meu divórcio foi homologado, nem tenho notícia. A última vez que soube, o irmão mais velho tinha assumido a fazenda de citrus e ele tinha ido morar com os pais para fugir das cobranças da mãe do seu outro filho.

Naomi nem menciona o seu nome. Não vejo a hora da minha menina brilhar na universidade, entrar no time principal do país e calar a boca de todos que duvidaram dela.

Entrelaço meus dedos nos de Edu e voltamos para as mesas postas, ao redor da cabana, rindo e nos divertindo com nossos amigos e familiares até o cair da noite.

Assim que a última pessoa se vai, Edu me segura pelo braço e, ao invés de entrar, começa a me puxar para a direção do lago de novo, perto de onde seu carro está estacionado.

— O que você tá fazendo? — Sorrio, quase tropeçando nas pedrinhas de tão rápido que anda.

— Lembra a sugestão da sua terapeuta pra criar memórias felizes dentro do carro a fim de substituir de vez as ruins que te gatilhavam?

— Sim, claro.

Faz seis meses que eu estou indo duas vezes por semana na terapia e, desde o início, tratamos a questão das memórias que voltavam à minha mente sobre o acidente da minha mãe.

Levar o Edu ao hospital e ajudar a salvar sua vida foi o começo de uma mudança importante. Não dirigi mais, porém, há um mês eu tenho conseguido entrar no banco do carona sem ter nenhum gatilho.

— Desde o dia que você falou, estou alucinado com uma ideia; querendo te comer no meu carro, vestida de noiva. Acho que memória mais espetacular não vamos ter.

Minha respiração fica entrecortada com suas palavras.

— Concordo plenamente! — Sorrio para ele, confirmando que estou mesmo bem com isso, e Eduardo abre a porta, apressado.

— Caralho, estou de pau duro o casamento inteiro por causa dessa fenda na sua perna, tão gostosa! Você está exuberante de noiva, meu amor.

É, no mínimo, a vigésima vez que ele elogia.

Meu vestido é de musseline, ombro a ombro, justo no busto e soltinho abaixo da cintura com uma fenda na perna direita que começa no meio da coxa. Leslie me ajudou com um penteado deixando os fios ruivos

presos de lado, com um pouco de cachos. A maquiagem está bem leve, apenas nos olhos e na boca para que as sardas fiquem visíveis.

Edu se joga no banco do carona, empurrando o banco para trás, e me puxa para ficar rente à porta. Ele infiltra seus dedos onde foi sua tentação nas últimas horas; subindo o vestido longo e branco com ânsia. O tecido fica embolado perto da fenda.

— Vem sentar no seu homem. Se tornou a porra da minha posição preferida te assistir cavalgando no meu cacete!

Mordo meu lábio inferior e obedeço prontamente. Me concentro na minha respiração, como a psicóloga ensinou, e mantendo minha mente no presente. Encaixo minhas pernas uma de cada lado do seu corpo e me inclino, entrando no veículo. Quando eu mesmo bato a porta e nos deixo presos na lataria fechada, nenhuma memória ruim vem.

Só consigo ouvir o ar quente do meu marido no meu rosto e sentir seu olhar predador em mim. Passo a me concentrar no som da respiração de nós dois, aumentando a minha excitação.

Edu está duro abaixo de mim, tão inchado que não resisto a acariciá-lo por cima da calça de alfaiataria, que o deixou ainda mais lindo. Ele aproveita enquanto o toco para me explorar também. Suas mãos sobem pelas minhas coxas e entram por baixo do tecido.

— Que porra é essa, Hazel? — Eduardo rosna um barulho sexy delicioso ao apalpar minha bunda e perceber a lingerie especial que comprei para o casamento. — A calcinha tá enfiada no seu rabo, que tesão!

Minha autoestima está muito alta desde que começamos a nos relacionar. Eu me sinto linda e gostosa ao seu lado – uma mulher completa.

— Gostou, amor? — Sorrio, provocativa, me encaixando mais no seu colo.

— Se eu gostei? Vou tirar com a boca assim que a gente entrar naquela cabana e te mostrar o quanto.

Arfo, excitada. Esta noite promete... o fim de semana, aliás, será uma maratona de sexo e amor com o meu marido.

Puxo Edu para um beijo e ele vem, esfomeado. A descarga de adrenalina corre pela minha corrente sanguínea por causa da maciez dos seus lábios e a habilidade da sua língua. Ele invade minha boca com a experiência de quem conhece minhas preferências de cor.

Agarro a gola da sua camisa social branca ao sentir o tecido minúsculo que cobre minha intimidade ser afastado para o lado, e o seu indicador deslizar na umidade sem aviso prévio; aumentando ainda mais a intensidade do beijo ao mesmo tempo.

Me movo para frente instintivamente, ajudando o dedo a se afundar mais em mim. Eduardo entende o recado e acrescenta um segundo ao martírio, estimulando-me lentamente.

— Edu... — murmuro seu apelido quando estamos sem fôlego; tonta de prazer.

Ele desce a boca molhada das nossas salivas pelo lado do meu pescoço que está livre e roça a barba na pele da minha clavícula. Rebolo contra ele, ajudando a aumentar a fricção dos seus dedos me estocando.

Ao sentir sua língua contornar o decote bonito do vestido de noiva, um gemido abafado meu ecoa no veículo e a sua mão que está ajudando a segurar o tecido embolado afunda na minha coxa.

— Coloca esse peitinho na minha boca, Haz — manda, buscando meu olhar com sua pupila dilatada. — Segura pra eu mamar enquanto te masturbo.

Abaixo o decote com ânsia e posicionei o bico intumescido nos seus lábios. Não desgrudamos o olhar um do outro enquanto ele abocanha com vontade, fazendo o barulho de sucção estalar no ar e nos meus ouvidos.

O som e a intensidade dos movimentos me deixam mais melada do que estou, pronta para recebê-lo.

— Você tá ensopando meu dedo, sua puta safada! — Troco o seio, para o outro não ficar com ciúme, e calo a sua boca levando o mamilo na direção da sua língua.

Não sei como é possível, mas Edu chupa com ainda mais ímpeto. Seu polegar alcança meu clitóris e sinto os pelos do meu braço se arrepiarem; tamanho prazer me toma.

— Preciso de você dentro de mim... quero molhar seu pau ao invés dos seus dedos!

Grunhindo em aprovação, Edu se afasta do meu centro e lambe cada gota da minha excitação enquanto eu me dedico em desabotoar sua calça. Ao ter a ereção pulsante liberada, nenhum de nós perde tempo.

Ele afasta a calcinha para o lado e eu seguro a base para direcioná-lo até a minha entrada. Observo o rosto do meu marido ao descer devagar e aprecio mais uma vez o momento que sua pupila se dilata.

— Ah, nossa! Como... como eu senti saudade de você assim.

— Caralho, Haz, eu também! Seis meses... cacete, você está tão quente e úmida.

Para ajudar a me mexer com precisão, e provar toda minha saudade, apoio uma das mãos no banco e a outra no ombro dele. Preenchida por completo, inicio a cavalgada subindo e descendo; ora lento, ora rápido.

Faço isso várias vezes seguidas, até começar a sentir suor se acumular na minha testa. Edu finca seus dedos na minha bunda e apalpa a carne; eu encaixo meu quadril rebolando e quicando em um ritmo para deixá-lo no limite.

— Tão gostosa... eu não tô aguentando mais. Minhas bolas estão doloridas de tanto tesão em você.

— Goza, amor — sussurro perto do seu ouvido, mordiscando sua orelha. — Cumpre sua promessa e coloca um filho nosso na minha barriga.

A frase deixa meu marido ensandecido.

Assumindo o controle desta vez, Edu mete forte e rápido fazendo meu corpo chacoalhar e minha cabeça resvalar no teto do carro. O veículo balança com o fervor dos movimentos, com toda certeza, criando uma memória incrível para a minha nova coleção.

Desço a minha mão do ombro para o seu antebraço, arranhando a pele por onde passo, tamanho desejo me atinge. Os batimentos cardíacos aceleram e a fricção do meu corpo contra o dele se intensifica na mesma proporção.

Uma, duas, três... gememos juntos. Edu investe ágil e bruto.

Quando sou tomada pelo orgasmo, ondulando de prazer; ele vem logo em seguida preenchendo meu canal com seu sêmen e meu coração de felicidade.

Eu não sei como sei... mas tenho toda convicção do meu ser: em breve, mais um coração baterá junto com o nosso.



“Chegamos ao fim da nossa história, raposinha. A partir daqui, seguirei sozinho torcendo todo dia pela sua felicidade. As estações vão mudar. Os dias vão acabar. Os anos vão voar com a fluidez da vida... A única coisa imutável será o amor que sinto por você, juro! Espero ansiosamente a oportunidade de viver esse sentimento de novo ao seu lado – mesmo que seja em outra vida. Pra sempre seu, forasteiro.”

Trecho da carta nº 1100

Eduardo Barrett
5 anos depois

— Mamãe, de novo! De novo!

Da sombra, encostado em uma árvore, sorrio ao ver Hazel pegar a Phoebe no colo, pela quinta vez seguida, e estender seu corpinho pequeno no ar. Os fios de cabelo ruivo estão grudados no seu rosto e pescoço, por causa da água, e minha filha tira apressada para não atrapalhar a diversão.

— Bem-vindos, senhoras e senhores, ao voo número 1852, partindo do aeroporto de Phoenix com destino ao aeroporto de Sedona. Nossso tempo de voo é de aproximadamente quarenta minutos. Afivelem os cintos e boa-viagem!

Assim que termina de falar, a raposinha caminha pela água do lago, de um lado para o outro, com a pequena nos braços fingindo ser um avião. A gargalhada gostosa da Phoebe tem um acesso direto no meu peito, e bombeia forte o sangue no meu coração.

Um coração que segue doente, porém, que sinto cada dia mais vivo.

— Vamos pousar, se prepare!

— Eu tô pronta, mamãe. — Ela estufa a bochecha de um jeito fofo para prender o ar e balança as pernas, se aquecendo.

— Um, dois, três e...

No “já”, Hazel mergulha a filha na água, até cobrir todo corpo, e solta nossa garotinha para nadar. Por virmos muito aqui, colocamos a criança na aula de natação desde bebê como prevenção de acidente.

Hoje, com quatro aninhos, ela parece um peixe. É só estacionarmos na cabana que já começa a implorar para mim ou para a mãe por companhia. A raposinha estava certa, fora dias como hoje, de verão muito quente, este lugar é congelante. Só a Phoebe mesmo para gostar sem nem tremer os dentes.

Quando as vejo saindo da água, uma hora depois, guardo o livro que estava lendo em cima da toalha estendida no chão e uma sensação enorme de *déjà vu* vem ao observar a capa azul.

De onde eu me lembro disso?

— Papai, você viu como eu nadei igual a Ariel?

— Eu vi, meu amor. É a princesa mais linda do papai.

Phoebe se senta do meu lado, toda animada, e abre uma cesta de piquenique com cupcakes de ganache de chocolate.

Minha pulsação acelera com tudo e meu peito infla, tomado por surpresa e choque.

— O que foi, amor? Você não está se sentindo bem?

Hazel se apressa para nos alcançar e ajoelha na toalha, tocando meu rosto. Olho para a minha linda mulher, abismado com essa cena se desenrolando à minha frente, e um sorriso enorme desponta nos meus lábios.

— Haz, você não vai acreditar! Eu sonhei com esse momento na cadeia, há 23 anos. Não um simples sonho vago. Um sonho cheio de detalhes! Foi antes de eu saber sobre a sua gravidez da Naomi, então, quando Tuck me contou, eu achei que era sobre vocês duas.

— Como assim, Edu? — Ela se senta na toalha, me encarando com os olhos marejados de emoção.

— Eu coloquei o livro que estava lendo no chão e a capa azul acionou a sensação de lembrança, mas não entendi direito. Tive certeza ao ver Phoebe abrir a cesta de cupcakes de ganache de chocolate. No sonho, tinha uma criança linda de cabelo ruivo, era verão...

— Um dia muito quente... — ela completa por mim, boquiaberta.

— Você citou esse sonho nas cartas! Eu lembro agora! Passei horas nadando feliz com a criança. Uau, que incrível essa quantidade de detalhes e acontecer exatamente igual. Eu tive um sonho com Luke, só que não foi assim, tão minucioso. Ele era uma miniatura sua, de olhos de tempestade e sorriso abrasador. Nasceu igualzinho.

Olho para o bebê dormindo relaxado no meu colo e, como se soubesse que estamos falando dele, sua íris acinzentada como as minhas nos encara. É impressionante como os dois filhos não se parecem em nada. Phoebe é uma cópia da mãe e da Naomi. Luke, de nove meses, se parece muito comigo.

— Eu lembro que no meu sonho eu quis muito ter tido o privilégio de ter uma família com você... e olha agora onde estamos! É como você me disse na sua carta aquela vez, tudo aconteceu como tinha que ser.

— Exatamente como estava escrito! — Ela acaricia minha barba, um pouco grisalha agora que cheguei aos 40, e se inclina para deixar um beijo na minha testa. — Eu tenho certeza que encontrei a minha alma gêmea todas as vezes que olho diretamente dentro dos seus olhos e vejo o meu reflexo de felicidade.

— Te amo, raposinha. — Trago seu corpo molhado para perto do meu, e a aninho no lado livre do peito.

— Te amo, forasteiro. — Ela coloca a mão no meu coração e sente as batidas fortes; dela.

Amá-la é tão fácil e necessário quanto respirar.

Não há dúvidas que é minha alma gêmea. O destino nos uniu há muito tempo, e desde então, não há nada nem ninguém que possa separar o

grande amor que sentimos um pelo amor.

Ele pode ser complicado, separado e testado... mas sempre encontra o caminho de volta.

FIM



Ufa, nem acredito que cheguei até aqui! Foram semanas cansativas de trabalho, 10000% mergulhada no universo de Eduardo e Hazel. Como eu disse na nota da autora, fazia tempo que eu não me sentia tão consumida por uma história.

E isso também significa muitas e muitas e muitas horas de trabalho. Confesso, estou quase morrendo em pé pela exaustão dos últimos dias insanos, mas muito feliz com o resultado deste livro. Espero de coração que tenha valido a pena para vocês também.

Por aguentar meus surtos, o primeiro agradecimento é para a minha psicóloga Tatielli Bento Gonçalves. A mulher tem feito milagres! Façam terapia, é vida.

Por terem sido tão pacientes com a esposa e a mãe ausente, também agradeço ao meu marido Ednelson Prado e aos meus filhos Arthur e Matheus. Sem o apoio de vocês, a minha carreira não seria possível.

Obrigada ainda às minhas betas maravilhosas Danielle Barreto, Daisy Capistrano, Elida da Silva e Pollyana Fonseca – amo vocês e sou muito grata por surtarem tanto comigo nessa história.

À minha revisora, Barbara Pinheiro, gratidão pela paciência e amizade de sempre. Desta vez, não trabalhei nada bonitinho como na última; vivemos na emoção dos 49 do segundo tempo, mas deu tudo certo! Obrigada por sempre me apoiar.

Por fim, e não menos importante, agradeço ao carinho das parceiras e das leitoras incríveis que fazem parte do grupo Lindezas da Ari no

WhatsApp e as que me acompanham pelas redes sociais. Obrigada por serem as melhores leitoras que um escritor poderia ter.

Se você gostou desta história, não deixe de me mandar mensagem no Instagram @arianefonseca. Estou muito tentada a aproveitar as Olímpiadas e criar um romance lindo para a nossa bebê Naomi e o príncipe Kieran. Que tal?

Sobre mim



Meu nome é Ariane Fonseca, mas pode me chamar de Ari. Moro em Ubatuba (SP), com dois filhos e o marido. Tenho 34 anos, sou formada em Jornalismo e pós-graduada em Gestão da Comunicação em Mídias Digitais. Apaixonada por livros desde criança, decidi em 2017 criar minhas próprias histórias no Wattpad e não parei mais!

Quero convidá-los a conhecer outras obras minhas, todas são recheadas de emoção, amor, sensualidade e reviravoltas de deixar o coração quentinho.

Livros na Amazon

- Infinito enquanto dure
- Não te darei meu coração (spin-off de Infinito enquanto dure)
- Transcendente: Pra você guardei o amor
- Inspire | Série Sentidos 1
- Veja | Série Sentidos 2
- Ouça | Série Sentidos 3
- Prove | Série Sentidos 4
- Toque | Série Sentidos 5
- Experimento
- Libertos (spin-off de Experimento)
- The best game

- A fúria do lobo | Cartel Loágar 1
- Nas asas da águia | Cartel Loágar 2
- Enquanto houver sol
- Game over: Play again?
- Nosso segredo: O caso secreto do CEO

Novelas na Amazon

Minha lista de desejos
Cupido estagiário

Contos na Amazon

Não tenha medo
Sem ar

Saiba mais

Site: www.autoraarianefonseca.com.br
Instagram: www.instagram.com/arianefonseca
Twitter: www.twitter.com/arianefbooks

[1] A mais famosa e tradicional corrida de longa distância realizada anualmente em todo o mundo, disputada em 42,195 km.

[2] Mistura de arroz, pasta de pimenta, legumes, carne e ovo frito.

[3] Macarrão coberto com um molho espesso feito de pasta de soja, carne de porco em cubos e vegetais.

[4] Bolo de textura muito leve e macia (aveludada), de sabor amanteigado, com recheio e cobertura de creme de queijo branco.

[5] Utensílio da confeitoraria composto por uma base e uma superfície ligadas por um eixo central e rolamentos. Isso permite que o bolo em construção seja colocado sobre a superfície e girado em qualquer direção.